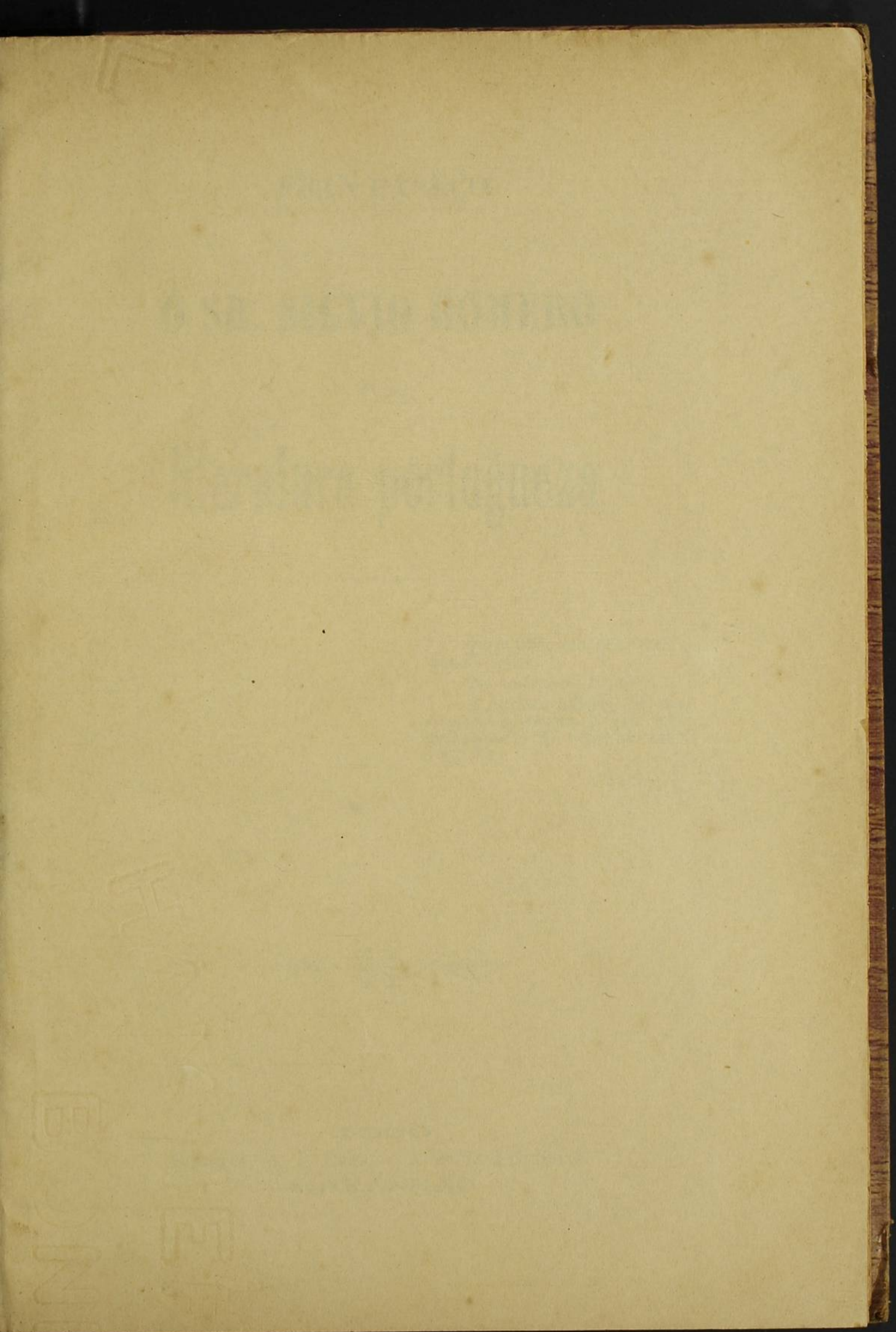


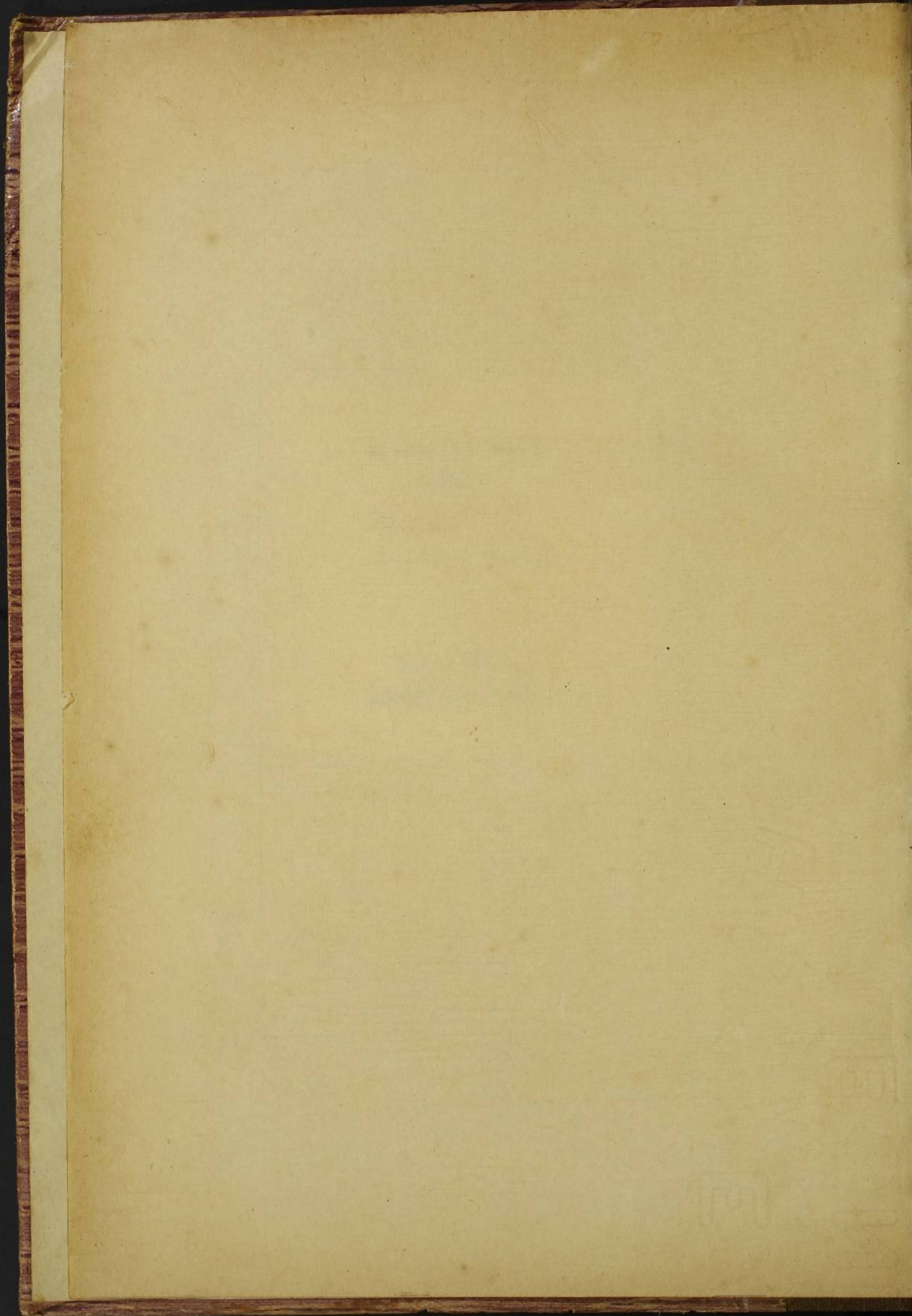
Je ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





FRAN PAXECO

O SR. SILVIO ROMERO

E A

literatura portugueza

Quem diz o que quer ouve o
que não quer.

Da Sabedoria Popular.

E' estilista bilioso, diz com
a'fouteza grosseira o que sabe;
mas acontece ás vezes não saber
o que diz.

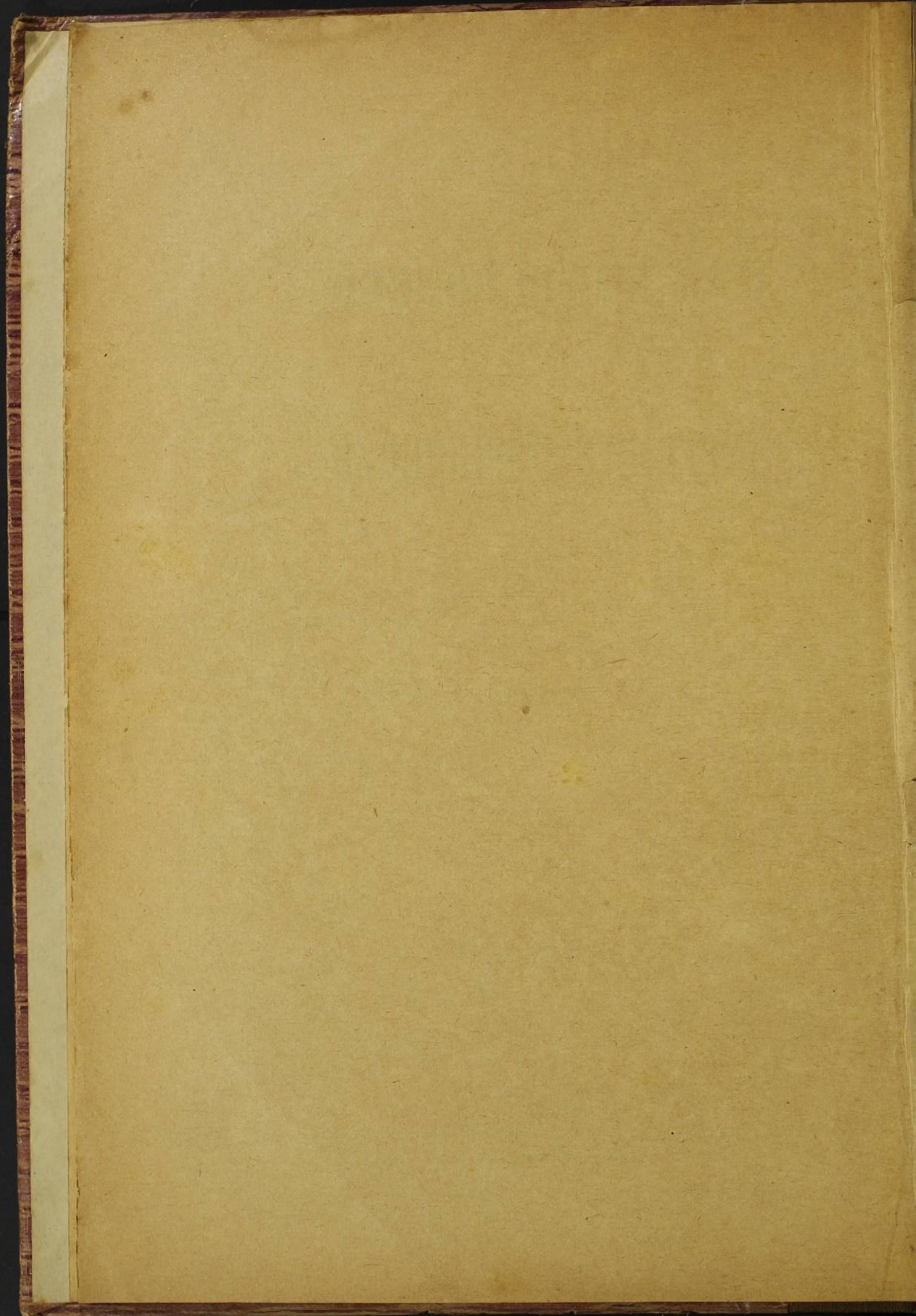
Camillo.



1900

Editores—A. P. Ramos d'Almeida & C. Succs.

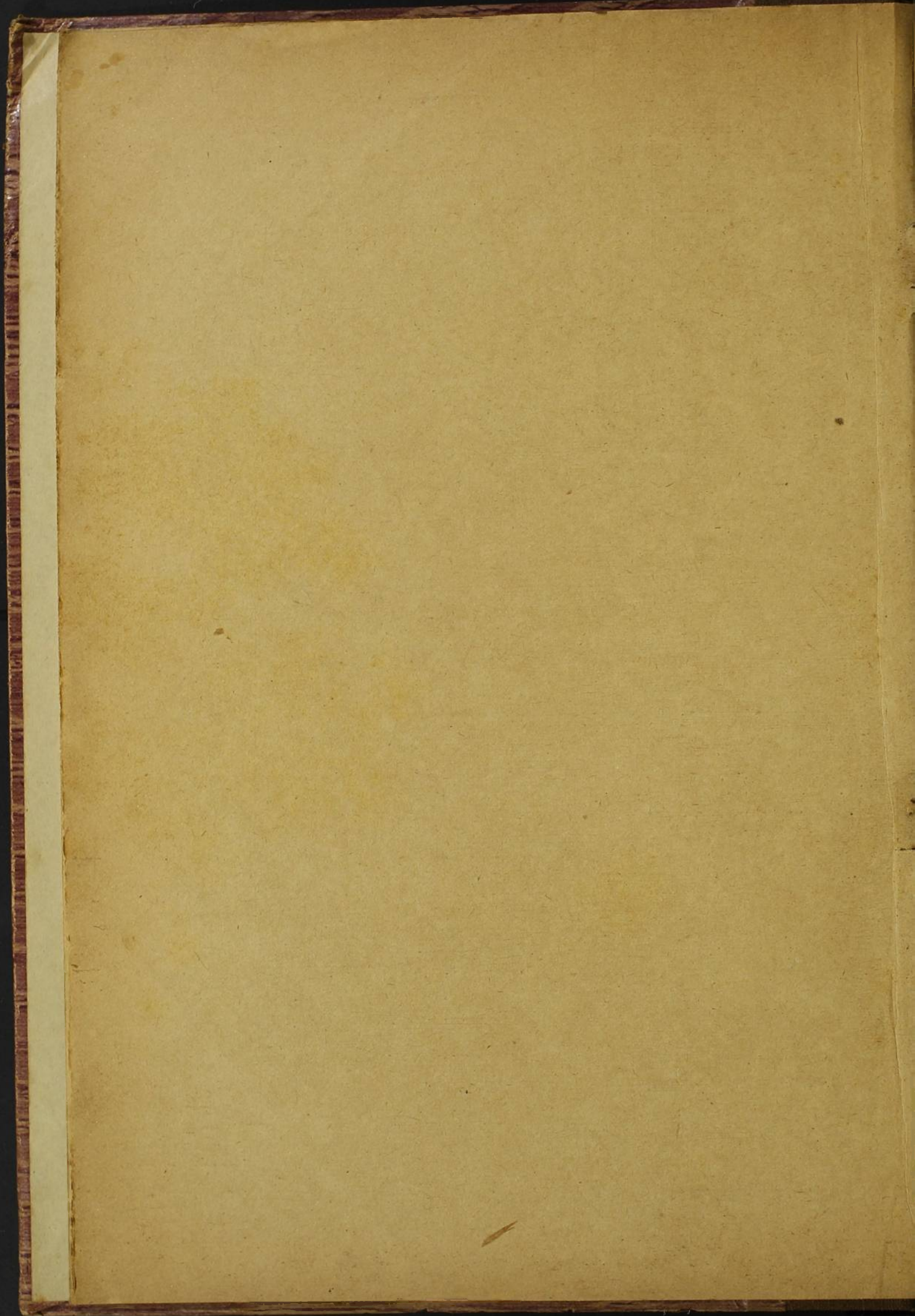
MARANHÃO



A' memoria de

ADOLFO CAMINHA,

infeliz amigo, devotado camarada, um dos mais puros
caractéres da literatura brasileira.



A

TEIXEIRA MENDES,

o maior pensador que o Brazil tem produzido até hoje.

A

JULIO DE CASTILHOS,

o primeiro entre os primeiros estadistas brasileiros, em todos os tempos.

A

PEDRO FREIRE,

politico immaculado e publicista notavel, a quem o Amazonas deve grande parte do seu desenvolvimento.

A

FROTA PESSOA,

joven confrade, o sagaz crítico da evolução literaria do
Brazil.

A

OLIVEIRA GOMES,

amigo leal, um dos talentos reaes da nova jeração bra-
zileira.

A

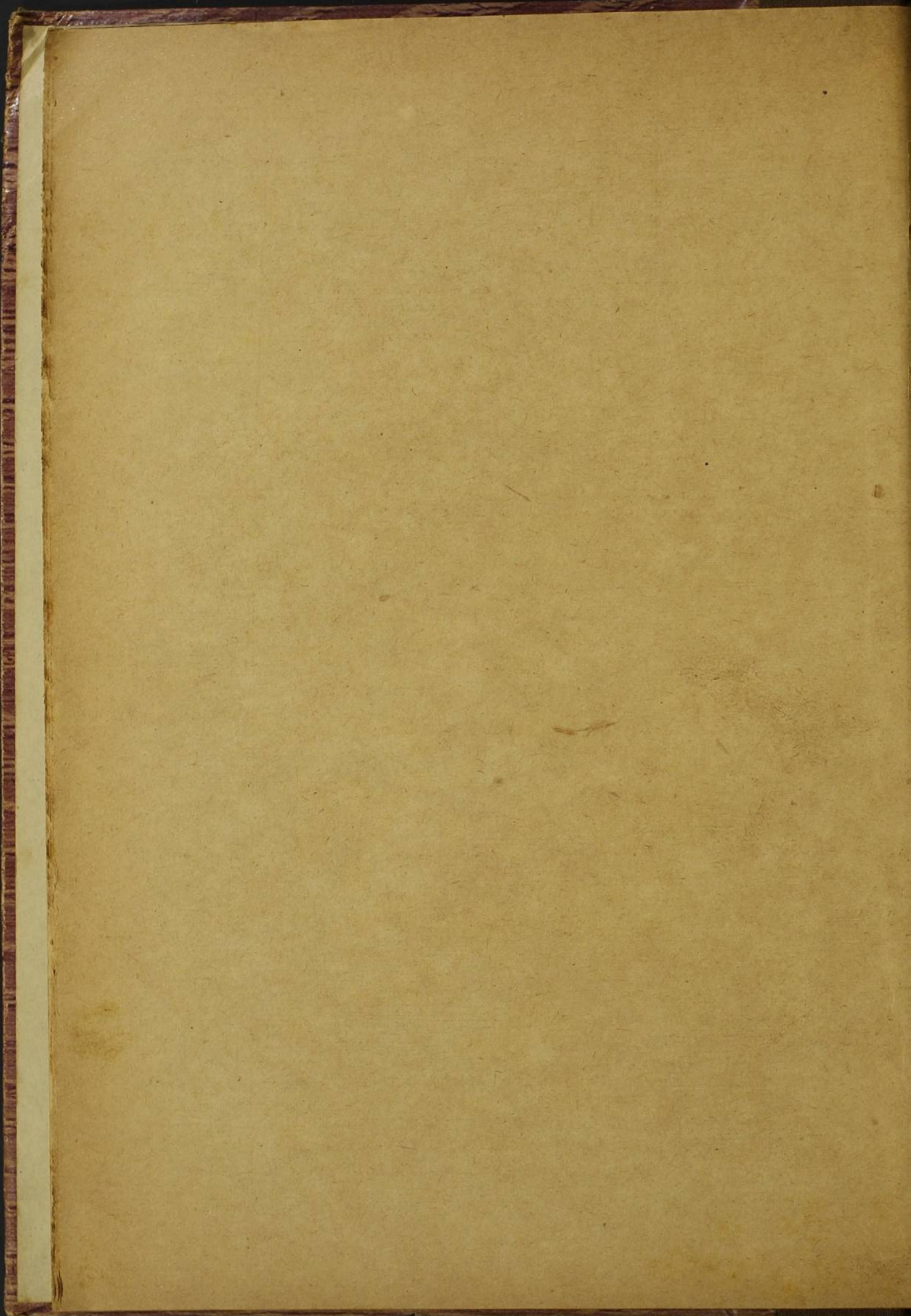
ANTONIO LOBO,

lucida intelligencia, sem preconceitos, patriota como os
mais patriotas, que viu fazer isto num mez,

A todos esses cidadãos, que amam com
consciencia a sua terra, tanto como eu pré-
zo a minha, of. este livrinho

FRAN PAXECO

PRIMEIRA DÓZE



Errata,—a eterna Errata!

Nas *Lições practicas*, tres preciosos volumes, de Candido Figueiredo, o indefesso autor do *Nôro Diccionario da Lingua Portugueza*, vê-se que raros sabem ortografar ou escrever com syntaxe em Portugal. E pela grammatica de João Ribeiro chega-se á conclusão de que rarissimos sabem redigir dois periodos no Brazil. E tudo porquê? Porque a Academia das Sciencias ainda não fixou a ortografia, não publicou uma extensa grammatica fundamental, onde todos os casos da fonologia, da taxinomia, da morfologia e da syntaxe se prevejam, se esmiucem e se aclarem, com largueza e com senso critico, nem sequer imprimiu, como padrão, uma duzia de livros portuguezes e brazileiros, nos quaes se normalisem as bases da escrita e da syntaxe. O Diccionario da Academia, tão necessario, empacou no verbo—*azurrar*. E a illustrissima corporação ha annos que vive disso, para isso e nisso—a zurrar!

Ninguem se entende—nesta nossa bendita lingua. O escrivão Zabreu, por exemplo, quer ortografia sanscrita e o pirronico José Castilho pretendeu resuscitar as raizes gregas e latinas, como se nós, ao aprender a ler e a escrever, déessemos principiar por decifrar latim, grego ou sanscrito! Complicam tudo, em vez de simplificarem,—seja elaborando asnaticas dissertações, seja libando uma inercia oriental de academicos de farda e pensão, algo parecidos á *Panellinha* (tal é o titulo gastronomico da Academia Brazileira) do Rio. Em frente de semelhante sabios, uns imbecis, outros madraços, aquelloutros numa impotente minoria, resta-nos uma solução—fazer cada qual o seu metodo ortografico, desde que seja racional e simples. Repudiamos o radicalismo do Apostolado Positivista do Rio, por ser desmantelador; mas tambem não seguimos á risca o de Candido Figueiredo, por ser cheio de exceções, conquanto se nos entreabra o mais razoavel,—o melhor e mais seguro de quantos hão aparecido em Portugal e no Brazil. E, quanto á construcção, se alguma correccção apresentamos, aqui confessamos chanmente que a devemos aos ensinamentos de Caturra—1891—, pois que dos classicos nem todos acertam e dos

modernos *estilistas* consagrados—excluidos os modernísimos, claro está—nem bom é falar. Não nos revoltamos contra os neologismos, venham donde vierem, sendo sensatos e vasando-se na indole da lingua. Mas batemos a chinfrinada que tripudia em Portugal e no Brazil, nos jornaes, nas revistas e nos livros. Julga essa gente que, para ser escritor, o mais meritorio e firme é tornar se perito na arte de deitar-gatos. De fórma que o resultado é não rabiscarem esses famosos retóricos quatro linhas sem oito asneiras. Supimpa coisa!

Sobre a ortografia, que a maior parte despreza, como se ella não representasse precisamente o primeiro degrau na aprendizagem de qualquer idioma, ousamos até avançar que, devido á sua desordem geral, e á falta de acentuação gráfica, é que existem no Brazil e em Portugal oitenta por cento de analfabetos—essa ninharia! Não se calculam as torturas duma criança, cá ou lá, ao iniciar-se na cartilha. O mesmo acontece aos estrangeiros que nos estudam. A tamanha difficuldade, em que esbarram á primeira investida, attribuímos o desconhecimento da literatura da lingua portugueza extra-portas. Outro tanto não succede com o italiano e o espanhol, que um estranho adquire com facilidade. E o francez, de ortografia emaranhadíssima, supre esse escolho a intramuros por sete annos de ensino liceal e fóra delles por uma leitura constante,—entre nós começada inda antes de se distinguir em portuguez um solecismo dum purismo, ao cabo da qual, todavia, muitos imaginam que saber francez é lèr por cima o *Petit Journal*. Educassemos pedagogos, procedessem as Academias Brazileira e Portugueza, de commum acordo, ao trabalho de revisão das obras de estetica mais lidas em ambos os paizes, antigas e modernas, vistoriassem os mascavados livros didacticos, particularmente os primarios, decretassem-se uns seis ou sete annos de instrucção da lingua e da literatura patrias—e poderíamos, finalmente, proclamar que nos servimos duma linguagem propria, assente em moldes nossos, exclusivamente nossos. O que aí se estadeia, lá e cá, com oito ou dez exceções, não passa dum guizado réquentadíssimo de classicismo bolorento, francez macarrónico, castelhanismos roncantes, sillabadas africanas, monosillabos de indios—e muitissimo erro de palmatoria no meio. Muito saboroso—tudo isto! E lembrarmo-nos de que já em 1619, no *Manual grammatical para todas as linguas*, Amaro de Reboredo pedia que se criasse na Universidade uma cadeira da lingua materna... A instrucção publica, de resto, no Brazil e em Portugal, não tem fixidez alguma de regulamentos, pois se reforma desastradamente todos os annos. Não possui metodo, nem professores. Estes, sem processo pedagogico, apenas pensam em fornecer diplomas de aprovação aos futuros bachareis, cujo fito é a *carta*, em vez da illustração. Neste mal reside a origem de todos os males. Não ha mestres de portuguez. E a brandura dos nossos costumes evita que fuzilemos os perguntadores de grammatica—e assassinemos á luz do sol os enlourados *estilistas* que por aí cabriolam!... Que saudades das Mesas Censorias—com o Epifanio nas unhas!...

Mas, voltando á vacca fria ortografica, advertiremos que só no

prefacio, ou cousa que o valha, pudémos aplicar com rigor um coe-
rente e logico sistema, aliás falho dos precisos acentos, que não exis-
tem nas tipografias. Corrijam-se agora alguns descuidos ligeiros—e
dêmos por finda a destoante homilia.

PAGINAS	ERROS	EMENDAS
6	literia	literaria
9	nós	mim
9	haviamos	havia
10	de por aqui	de que por aqui
10	vitrine	vitrina
13	<i>Cantos fim</i>	<i>Cantos do fim</i>
20	tem vulto	tem um vulto
23	as Schlegel	aos Schlegel
24	suas e geraes	suas geraes
26	Hannequin	Hennequin
27	haviam	havas
29	à pg.	a pgs.
32	<i>fauteils</i>	<i>fauteuils</i>
45	centessima	centesima
46	Não! fomos nós	Não! Não fomos nós
47	rolar-te	ralar-te
48	Ali nos— <i>Annaes</i> —	Ali—nos <i>Annaes</i> —
54	preeminencia	preeminencia
54	indeanista	indianista
61	à pg.	a pgs.
63	transcedente	transcendente
63	Esse	Este
65	hugenote	huguenote
69	salavancos	solavancos
81	preeminentemente	preeminentemente
89	preeminente	preeminente
90	reverteu o	reverteu a
91	infirmia	confirma
92	e outro	e o outro
102	hodierna	hodiernas
108	epsodios	episodios
108	do Brazil	ao Brazil
109	<i>Tu, só tu,</i>	<i>Tu só, tu,</i>
110	<i>Ressurreição</i>	<i>Resurreição</i>
115	Junior	junior
120	millionessima	millionesima
121	à pagina	a paginas
121	proctora	protectora
127	Sheiatarella .	Schiatarella
128	sufficiente	sufficiente
131	grave	grande

IV

PAGINAS	ERROS	EMENDAS
135	da mensagem	desta mensagem
136	Junior	junior
140	De Teofilo, em 1870, a <i>Introdução á Historia da Literatura Brasileira.</i>	De Teofilo, em 1870, a <i>Introdução á Historia da Literatura Portuguesa</i> ; do sr. Silvio, em 1882, a <i>Introdução á Historia da Literatura Brasileira.</i>
152	infirmo	confirma
153	bi-bibliografico	bio-bibliografico
157	<i>Um publicista</i>	<i>O publicista</i>
165	diante do	diante dos
170	proeminente	preeminente
173	Campos Henriques	Julio Henriques
175	Chorões	chorões
175	uma região	numa região
177	historia	historica
179	Turgueff	Tourgueneff
179	D'Amunzio	D'Annunzio
181	Peateado	Penteado
182	abracemos-nos	abracemo-nos
182	todas cerimoniaas	todas as ceremonias
183	millionessima	millionesima
191	diriam a Silvio	dir-te-iam

E disse. Dos outros erros que falem... os impecaveis !

Os motivos desta epopéa

Volvamos á nascente. Não sou positivamente um velho e honra-me o afirmar que, ha dez anos, quando me enrodilhei nas couzas literarias e politicas do meu torrão, fui beber a diretriz dos meus movimentos da vida pratica na obra doutrinaria de Teofilo Braga, hoje a primeira mentalidade luzo-brazileira, quer queiram, quer não, e porventura a maior illustração da civilização latina, como já lhe chamaram insuspeitos. Os meus 16 de então eram bem flebeis, para compreender aquelle grande espirito em toda a sua latitude. Mas dois lustros se passaram: o criterio alargou-se: a leitura multiplicou-se. E, apreciando poetas, correndo criticos, folheando historiadores, deglutindo filozofos, permaneci fiel á palavra de Teofilo Braga,—para nós a mais synthetica de todas as que haviamos ouvido, a mais clara, a mais expressiva. Os detratores foram-se e ele ficou de pé, cada vez mais resplandecente. Os companheiros de jornada pararam, ficaram a meio da estrada, torceram o caminho, renegaram-se, inutilizaram-se. Ele manteve-se ereto, dum só rosto e duma só fé, e foi até ao fim, confiante, seguro dos seus passos, inalteravelmente firme. Os poetas viram murchar-lhes a inspiração aos 20 anos e ele reverdeceu aos 50. Os criticos entonteceram á primeira pesquisa e ele restaurou a historia de uma literatura inteira. Os etnografos esbarraram nos obices deparados e ele soergueu toda a etnologia portugueza. Os historiadores foram para Val de Lobos ou pediram ao senhor Carlos de Bragança que se proclamasse absoluto, para salvar a patria, e eis provou que Portugal não morria, mas que só a alma popular o podia alentar. Varios fizeram-se bibliotecarios da Ajuda ou louvaminheiros das esbeltezas regias. A pedagogia e a politicancia amordaçavam a intelligencia nacional e ele demonstrou os estragos da universidade coimbrã, a par do seu brilho aureo no cielo das descobertas, e disseccou as pustulas da dinastia. Os filozofos estacionaram ou truncaram as suas expozições e ele avançou e constituiu um sistema indestrutivel. Um homem assim, tão valorozo, tão excecional, não se segue apenas, nem se admira somente: adora-se! Mas nós não o adoramos. Cumprimos outra missão, superior á da idolatria—propagamo-lo, para que todos se abebereem naquello manancial inesgotavel.

Ora em Portugal, onde só a penuria imigrantista conhece o rumo

do Brazil, porque lho indicam os palinuros dos trasatlânticos, escutava de lonje a lonje o nome do sr. Silvio Romero, a quem apeliavam—o *Teofilo do Brazil*. Esta aproximação, por mais secundaria que se me afigurasse, despertou-me o natural desejo de travar conhecimento com semelhante individualidade. No meu paiz os livros brasileiros, inda que isto pareça inacreditavel, só apparecem por encanto. Os comendadores limitam-se a colher e transportar, quando a velhice os assalta, os productos do assucar, do café, do xarque e da horricha, esquecendo-se de por aqui tambem viceja, e florentissima, a planta inteletual. Ha culpa, neste contrasenso, de parte a parte,—de Portugal e do Brazil.

Cheguei ao Rio em 8 de maio de 95 e não descancei, enquanto não li o sr. Silvio Romero. Corri as vitrines das livrarias e não o vi exposto, o que altamente me magoou. Aprestavam-se nesse momento os moços brasileiros para festejar o Centenario de Bazilio da Gama. No gabinete do meu semanario se reuniam, entre outros, Teodoro Magalhães, a quem se deve a iniciativa daquela comemoração, Oliveira Gomes, Felix Pacheco, Colatino Barrozo, Gustavo Santiago, Emilio Kemp. Deste grupo saiu igualmente *A Nova Revista*, do malogrado e talentozissimo Adolfo Caminha. Teodoro Magalhães, que tem uma decidida predileção por Teofilo Braga, foi quem me satisfez a imoderada aspiração de conhecer o sr. Silvio. Entregou-me um folheto do nosso Ferrabraz, proferindo:—*E' a unica couza do Silvio que não presta!*

Compulsei o folheto e fiquei dezapontado. Cuidava-se de uma baixissima verrinada no eminente critico da *Historia da Literatura Portugueza*. A' puridade lhes confesso que aquilo bastou para avaliar completamente o sr. Silvio Romero, que se mostra ali por dentro e por fóra. O homenzinho saíra-me parricida! Formado juizo sobre as qualidades moraes e mentaes do sr. Silvio, que se nos revelara chatamente reles, abandonámo-lo á sua mal-cheiroza atrabilis. Mas o Teodoro, que parecia morrer de amores pelo seu lente, confiou-nos pouco depois uma novissima pasquinada—*Da u'rina contra doutrina*. Outra dezilusão, mais cruel ainda, porque o sr. Silvio pretendia acalcanhar naquelas sumidas pajinas a mais nobre capacidade scientifico-filozofica do seu paiz—Teixeira Mendes.

Entretanto, porque nem só de aturar o sr. Silvio viva o homem, tive que vir procurar nas terras obezas do Norte um campo de atividade. Na viagem do Rio a Belem surjiu-me pela prôa, em vez de algum tubarão ou baleia, novamente o sr. Silvio Romero. Foi o caso de embarcarmos no Recife uns estudantes de direito. Palestrou-se altamente e, ás duas por tres, aqueles simpaticos bachareis vindouros desfechavam-me ás faces esta singularidade tremenda—que o sr. Silvio Romero era a *primeira cabeça* do Brazil. Cheguei a duvidar do meu entendimento, pois que os rapazes prefiguravam-se-me instruidos e judiciosos. Mas, para não fundamentar o meu estudo em dois livros apenas, que revestem um mobil inteiramente pessoal, adreguei de ler o sr. Silvio com ancia. Explorei-o de lés a lés, conforme se

faz a uma rejião ignota. Numa biblioteca—porque somente aí se encontra, e não em todas!—deparou-se-me aos olhos avidos a *Historia da Literatura Brasileira*. Este livro indignou-me—e cançou-me. O odio e as contradições reçumam daquelas tortuozas laudas, transpiram a cada instante. Chega-se á conclusão de que a literatura portugueza não vale um caracol, em todos os seus uberrimos oito seculos, e de que a brasileira nem a sombra dêsse caracol equivale. O seu amor de macaca estrangulou as manifestações inteletuaes do Brazil, fazendo implicitamente resaltar a imponencia portugueza. Desta Saint Barthélemy apenas escaparam dois homens—Tobias Barreto de Menezes e o seu appendice, que é ele, a quem Bruno cognomina de Pilades. Tristissimo,—para o sr. Silvio e para a literatura da sua patria.

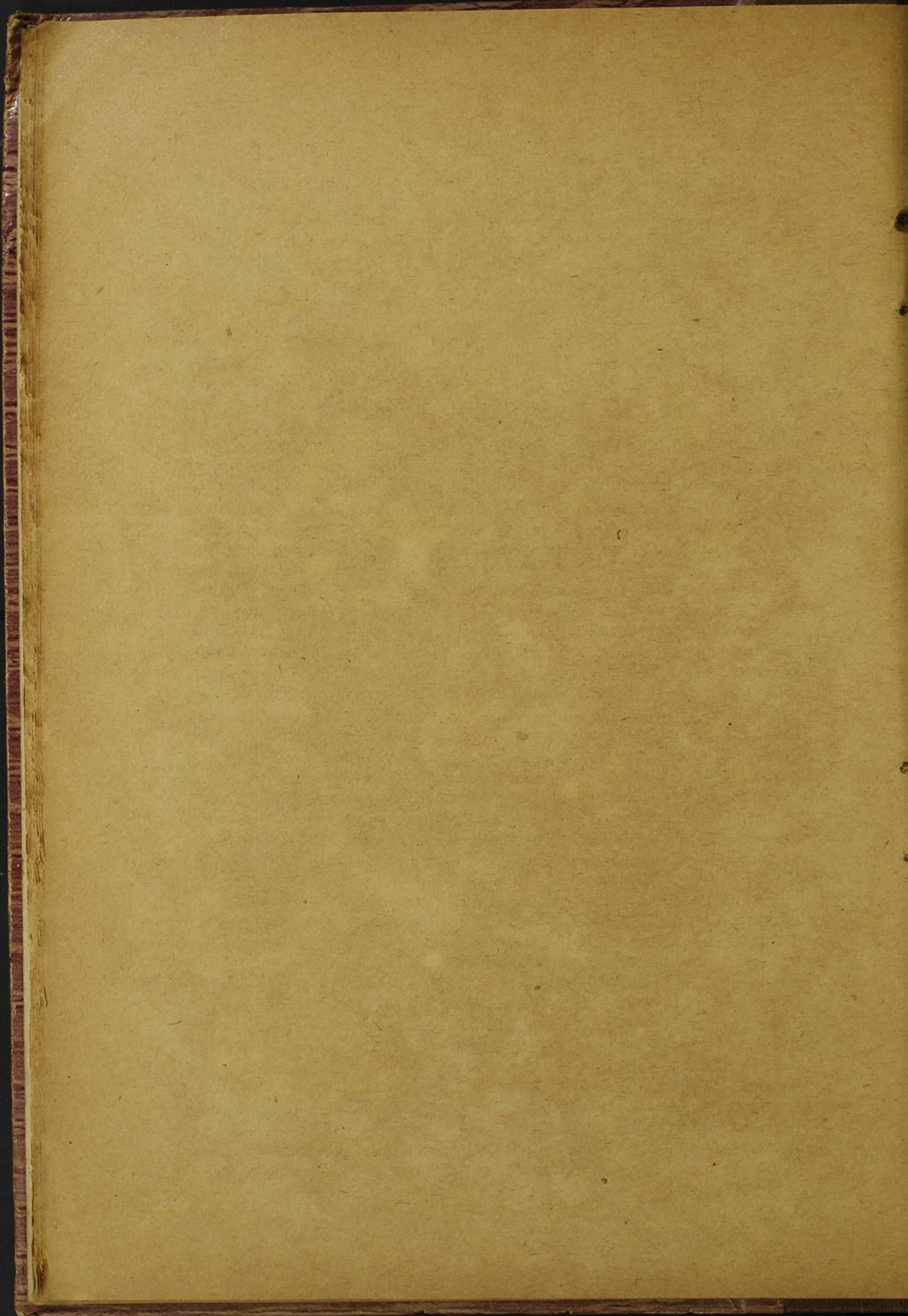
Larguei-o por tempos. Fiz-me comerciante de livros e nunca o vi na minha livraria,—nem sequer procurado. Liquidaram-me e fui a Portugal resarcir-me das febres, já que da liquidação não podia curar-me lá... Regressei e embrenhei-me no jornalismo amazonense. Aqui, a propozito de dois adjetivos sobre *O Brazil Mental*, de Jozé Sampaio, um filho de Tobias Barreto saiu quixotesicamente á liça, defendendo o pae, em que ninguem havia bulido, e guindando o sr. Silvio. De novo topava, insensivelmente, na falacioza *primeira cabeça*. Mais uma vez se me escapulia o ensejo de rapar a dita, pois os afazeres não forneciam ensanchas para taes desperdicios de tempo.

Fui ao Rio, entanto. Voltei mais doente do que fôra e estaquei no Maranhão, afim de ver se este clima ilheu me sararia a impertinente molestia, e de matar as saudades que sempre avocam ao meu espirito o seu passado lutador e os seus pujantes homens de letras, que o sr. Silvio Romero escarneceu, recordando-se talvez da fabula da rapoza e das uvas. Aqui aprouve a um amigo a jentileza maxima de me dizer para elaborar um compendio de literatura luzo-brasileira, que realmente não existe, apezar dos jeniaes srs. Silvios, Aripes e Verissimos possuirem diploma de criticos e de professores. Manuzeei diversos fragmentos da historia literaria do Brazil e dispuz-me, por fim, com uma rezignação estoica e pouco vulgar heroidade, a reler e anotar a *Historia da Literatura Brasileira*. Descobri tantos disparates, tantos, que resolvi publica-los, a bem das letras brazilicas e luzitanas—e do decoro espirital de ambas as nações. Tudo isto foi feito a galope, como védes.

E' uma corrida em osso, num bucefalo fogoço!
Maranhão, 28 — junho — 1900.

FRAN PAXECO





O sr. Silvio Romero e a literatura portugueza

1.º—A primeira cabaça

Uma cabaça—eis o que é a cabeça de Silvio ! E, como tal, cremos ser effectivamente a primacial do Brazil, por ser precisamente a mais oca. Prova-se a accusação, vendo-se o que ella ha jorrado aos quatro ventos da publicidade—*Cantos fim do seculo* e *Ultimos harpejos*, livros de poesia; *Etnografia brasileira*, *A filosofia no Brazil*, *A literatura brasileira e a critica moderna*, *O naturalismo em literatura*, *Estudos de literatura contemporanea*, *Cantos e contos populares do Brazil*, *Ensaio de critica parlamentar*, *Valentim Magalhães*, *Uma esperteza*, *Historia da Literatura Brasileira*, *Estudos sobre a poesia popular do Brazil*, *O parlamentarismo e o presidencialismo*, *Doutrina contra doutrina*, *Novos estudos de literatura contemporanea*, *Ensaio de filosofia do direito*, *Historia do direito nacional* e *Machado de Assis*.

Omittimos a enumeração de outros opusculos, porque estão comprehendidos em volumes posteriores, o que, de resto, succede a quasi tudo. Exemplos:—a *Etnografia brasileira* espalha-se pela *Historia da literatura* e pelos *Estudos sobre a poesia popular*; os fasciculos respeitantes á *Literatura brasileira e a critica moderna* e *O naturalismo em literatura* figuram nos *Estudos de literatura contemporanea*; estes, *A filosofia no Brazil* e compridos pedaços dos *Ensaio de critica parlamentar* figuram na *Historia da Literatura*; desta extraiu bastante para a obra relativa a *Machado de Assis*; os *Cantos* e *Harpejos* figuram... no barril do lixo !

E assim por diante. O sr. Silvio Romero, além de ser prolixo, é lastimavelmente improbo, porque força os raros que o buscam a comprar toda essa papelada inesgotada, quando poderia annunciarnos que tudo isso se acha amalgamado na *Historia da Literatura Brasileira*, esse monumental pastelão. Verdade é que, remontando a esses bocados, temos occasião de tecer a mais pinturesca das cordilheiras, no genero palinodia ou incoerencia. Porque o sr. Silvio Romero, embora o sr. Araripe assegure o contrario, com a mesma superficialidade com que tem assegurado muitas outras cousas, ha passado a sua vida literaria e politica a dizer e a desdizer. Uma pessoa honesta, no entanto, dadas as circumstancias especiaes e melindrosas do sr. autor dos *Ultimos gracejos*, reveria todos os seus livros, escoima-los-ia das injustiças e leviandades preteritas e relegaria aos seus juizes o carinho de, revolvendo os ensaios da mocida-

de, traçarem a sua evolução intellectiva. Mas o burlesco mentor, em vez de escorrer uma esponja por cima desses desaguizados, apresentando-se purgado perante os posterios, limpinho de corpo e alma, num todo uniforme, de quem forceja por impôr-se como guia á juventude braziliã, não só mantem essas falhas, irresgataveis até certo ponto, aliás, mas faz alarde e gaba-se dellas a cada minuto na *Historia da Literatura Brazileira*. E' o mesmo que prégar aos seus discipulos, nesta hora de positividade, —cerceados largamente os velhos prejuizos, os causadores dos antigos desnorteamentos:—Façam como eu ! Principiem, como eu, igualmente ás cabeçadas, para a direita e para a esquerda !...

O sr. Silvio, na verdade, desvanecese das suas primicias. E' que elle, passante já dos cincoenta, ainda se contempla na mesmissima situação de ha trinta annos. O gaiato filosofo ainda hoje oscilla nas suas teorias e nas suas convicções,—ainda hoje não sabe de que terra é. O gorducho critiquelho ainda presentemente se nos denuncia com idéas identicas ás do pasquinciro primitivo. A sua maneira não adquiriu ainda precisão, nem concordancia, nem grammatica. Silvio discute a filosofia do direito com as mesmas brejeirices, que atirou ao Valentim, para se vingar das *Notas á margem dos Ultimos ornejos*. Não conseguiu aprender a gravidade adequada e convincente da tecnologia scientifica e muito menos a da filosofia. Petrificou, em critico, no insulto e na chalaça de arrieiro. Quer nos parecer até que Silvio errou a vocação: as suas propensões eram para martyr Decleciano ou para escritor de *a—pedidos*, ao sabor do hemerroidal...

Por estas razões é que elle faz bem em jatar-se dos seus desconchavos idos. Revê-se nelles, mede-se e convence-se de que ainda agora é igual áquellas inadvertidas puerilidades. Max Muller, ao inverso, exclama que sempre saboreou como grande prazer o emendar os seus trabalhos, porque por este modo reconhecia o seu progresso. Isto é evidentissimo. Somente Silvio e Araripe conservam e reeditam os seus livros, expellindo que se adiantaram um pouquinho, mas que não razuram. Babam-se todos, ao mirar as infantilidades ! Que revelarão estas espontaneas confissões— indolencia ou incapacidade ? Uma e outra cousa ou seja—uma damnosa preguiça intellectual. E quem assim procede não pode abrigar a velleidade tola de se entremostrarem como dirigente.

São uns ocos—mais, todavia, Silvio do que Araripe. Silvio, não obstante aquella extensa bagagem, contorna-se-nos uma legitima cabaca sem miolo, perfeitamente inocua, e rachada. Bula-se-lhe e á menor pancada desconjuntar-se-á, far-se-á em cacos.

E, se duvidam, vejamos.

2.º—Pelo dedo se conhece o gigante ?

Ha titulos de livro que definem escritores, como existem fisionomias que descrevem pessoas. Tal succede nos magnificos nomes

dos capitulos da *Historia da Literatura Brasileira*. Relanceiem estes, no 2. volume:—*Poetas, Ainda poetas, Poetas ainda, Outros poetas, Ainda outros poetas, Ultimos poetas, Ainda ultimos poetas*. No genero classificação, com a força poderosamente organisadora que Tobias lhe notava, não ha quem se avante ao nosso heroe. E foi tal o exito desta divisão que, passados annos, elle dispoz desta fórma os *Estudos allemães*, do Baptista immensuravel:—escritos, grandes e curtos, acabados, escritos longos não acabados, mas des-envolvidos e escritos não acabados. Deveis concordar em que isto é um primor. Com esta ordenação fica-se comprehendendo immediatamente o literato analisado. E tanto elle se compenctrou desta sua queda para classificar que mais tarde, nos *Ensaíos de filosofia do direito* e no *Doutrina contra doutrina*, não esteve com meias medidas e deitou abaixo Descartes, Condorcet, Comte, Spencer, etc., escangalhando as classificações dos conhecimentos humanos destes philosophos e desenrolando, com uma seriedade comica, um quadro seu. Esta parte ver-se-á no final, porque faz jus a um registo particular nesta nova epopèa do riso e da galhofa.

Atraz se constatou que a *Historia da Literatura Brasileira* é a repetição de quasi todos os volumes por Silvio publicados até 88. Pode-se-lhe chamar, como Oliv. Martins á sua *Historia da Republica Romana*, o coração das obras do nosso catita. Abre o valente com amargas queixas, por lhe negarem os titulos—nanja nós, que já os apontámos!—e as honras do seu trabalho. Fala-nos do seu temperamento e das cousas bonitas que lhe disseram o Tobias, o Araripe e o Medeiros Albuquerque. E segue, participando-nos que, em relação á sua querida patria, tem passado por tres fazes, como as esvoaçantes borboletas:—optimismo, a da *meninice*—que lindeza!—, pessimismo radical e intratavel e critica imparcial. O livro que se vae ler—sim, cá vamos para o suplicio!—é a expressão natural e apropriada desta ultima faze, que parece ser a da madureza de todo o espirito que sinceramente quizer prestar serviços a este paiz.—Pag. 11—. Rechagou, pelo visto, o *dogmatismo pessimistico*, no seu dizer. Mas «a lembrança de renegar os livros da mocidade, *seus filhos dilectos*, só podia occorrer á estolidez de acanhados espiritos». E aduz, levantando o seu pedestal, sangrando-se em saude, para não deixar o credito por mãos alheias:—Nem todos serão, talvez, capazes de chegar a este justo equilibrio. Adiante se observará para que lhe deu o equilibrio, a critica imparcial—e sobretudo a madureza! Um bom maduro é que elle nos vae saindo já!..

Tres paginas adiante começa a enfurecer-se, por todos quererem as glorias da abolição e se esquecerem de lhe dar um quinhão. Mas Silvio mette-os em debandada, acoimando-os de tudo que a madureza lhe ditou e põe a historia em pratos limpos. «Foi então, escreve, que nós aparecemos e procurámos encaminhar scientificamente o debate». E, se não fosse a sciencia do mestre Silvio, ainda hoje tudo andaria ás aranhas. Nem a princeza Izabel seria uma redentora autentica, nem a nossa *nhá* Maria, a preta que nos traz café, saberia

a quem agradecer a sua alforria. Mas nós, caridosos e amigos da verdade, obrigamo-la a curvar-se perante o poder do benemerito Silvio. E ella agachou-se, por signal que algo desrespeitosamente...

Relembra outra vez os seus esforços e de novo desbandeira os seus titulos. Forte birra! «Elles são pequenos, são talvez insignificantes; mas gastaram as nossas forças e impossibilitaram-nos para outra qualquer carreira». Pag. 26. Coitado! está sem forças e ainda nos ameaça com o proseguir a carreira... E' de sete folegos.

Silvio entende, com desatino, que todo o brasileiro é um mestiço, ou no sangue ou nas idéas. Por esta razão é que elle, tomando á risca a sua estapafurdia teoria, nos diz conspicuamente:—Em poesia a nossa obra em totalidade deveria constar de contos inspirados pela Natureza, Humanidade, America e Sergipe.—Pg. 26. Esta salsada é realmente uma mestiçagem de *primo-cartello*,—uma barriguda mixórdia! Como diacho cantará—ao violão?!—o interessante Silvio a natureza excluindo a humanidade e vice-versa ou a America sacudindo Sergipe? E a que vem aqui este Sergipe? Será algum mundo novo, descoberto por novissimo Colombo? Estas cantigas ao seu *querido berço* trezandam ás de Porto Alegre ao genovez. Felizmente Silvio reconsiderou a tempo e não perpetrou mais essa asneira. Esta de cantar, distinguindo e separando os cantos, a natureza, a humanidade, a America e Sergipe só... ao Silvio lembrava! Tal classificação entrevista-nos de novo a sua bóssa. E' um tudo-nada superior à dos poetas, de Tobias—e das *sciencias propriamente ditas, quasi-sciencias e falsas sciencias!*—Pg. 29.

Que gigante!...

3.^o—De como o Brazil deve tudo a Portugal, devendo porisso corre-lo a pau!

O sr. Silvio Romero é um nativista feroz, um jacobino, como correntemente se diz. Claro está que é filho de portuguezes. O vate dos *Ornejos*, que denegou a sua promessa de ultimos, desembésta contra os avós e contra os compatriotas. Serve-se destes, quando aposta maltratar aquelles, e denigre os seus concidadãos, quando não sabe para quem ha de voltar a sua madureza e o seu equilibrio, que nem sequer attinge a craveira dos de *clown*.

Assim conta-nos que—«o caracter pratico do portuguez produziu tambem, aqui e ali, uma certa lucidez de espirito, uma intuição pronta e segura, *que constitue o melhor titulo das nossas populações em geral.*—59. Configura-se-nos que isto de formar o caracter de uma nacionalidade, já forte, mau grado as descomponendas que o trapento ferra no Brazil, é um poucochinho mais difficil do que vomitar babozeiras do teor das do sr. Silvio. Mas elle acha que aquillo para cousa alguma prestou e trata, logo abaixo, de borrar o effeito da supremacia, apodando de rançoso o lirismo portuguez e de mediocre e desorientado Portugal, clamando que o Brazil tem elementos que Portugal não possui para o lirismo subjectivista e que a vida bra-

zileira já tem um molde particular.—Pg. 60. Todos concordam com este ultimo topico . . . exceto o sr. Silvio. A pg. 60 asseverava o desorientado e rancoso medioere, porque à sua pessoinha é que quadram estes attributos, que o Brazil tinha tudo superior a Portugal e que este, o pobre, com predicado algum se ornava. Pois leiam agora o que elle afirma, com igual consciencia, a pg. 56, quasi ao lado, portanto:—«A nação precisa mais de um regimen dietetico acertado e caprichoso do que mesmo de um bom regimen politico. O brasileiro é um ser desequilibrado, ferido nas fontes da vida; mais apto para queixar-se do que para inventar, mais contemplativo do que pensador; mais lirista, mais amigo de sonhos e palavras retumbantes do que de idéas scientificas e demonstradas. Não temos filosofia, nem sciencia, nem a grande poesia impessoal de um Shakespeare ou de um Goethe. Temos o palavreado da carolice, a mistica ridicula do beaterio enfermo e fanatico, de um lado, e de outro os devaneios futéis da impiedade impertinente e facil; na poesia, o lirismo subjectivista, morbido, inconsistente, vaporeso, nullo.

A nação não ama de frente a natureza, nem se une a ella, pela sciencia ou pela arte. Os moços quasi nunca teem uma inspiração sua, nacional brasileira; não neutralizam a fraqueza original do nosso espirito pelo regimen saudavel da sciencia, pelo estudo serio e pela hygiene do corpo. Não conhecem os segredos do pensamento original e autonomico, nem procuram casar as suas idéas aos arroubos da nossa natureza. Os literatos preferem desconhecer o paiz e o povo, sequestrar-se da alma nacional e viver enclaustrados nas cidades, entregues ao sonho polucional de umas scismas raquiticas, abandonados, segundo a frase grafica de um escritor europeu, a uma especie de extravasamento, de onanismo intellectual. O rapaz, aos vinte annos, entre nós, quasi sempre está viciado e aos trinta é velho de corpo e de espirito.

E' a razão de toda esta galeria patria, merencoria e sombria, de tísicos e listericos, mortos antes dos trinta annos, onde estão Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Bernardino Ribeiro, Castro Alves, Junqueira Freire, Macedo, junior, Putra e Mello, Franco de Sá, e muitos e muitos outros, extenuados ao sol da patria, é certo, mas também desorientados pelas quimeras de uma educação misantropica e prejudicial. Todos estes moços são um mau exemplo para nós os de hoje; havemos mister de tipos mais varonis, de lutadores mais valentes.

O grande prestigio da sciencia e industria modernas está no poder de neutralisar as influencias deprimentes do mundo exterior. Compenetremo-nos disto; lancemos mão de todos os seus recursos; tenhamos a educação do real, a hygiene experimental do espirito. Neste ponto parece que vamos retrogradando. A geração dos homens vigorosos vae-se acabando, como se vão acabando as nossas mattas; temos hoje em paga o beriberi, a febre amarella e um descredito cada vez mais crescente aos olhos do estrangeiro.

Os srs. ruminaram esse trecho? Foi um ataque de nervos. Mas

para estes e outros accidentes é que se industriaram os colletes de forças. Continuemos, pois, com evangelica paciencia, a nossa missão de psiquiatras. Que o Papa nos abençõe !

Lá mais atraz acha ridiculo tudo quanto vem de Portugal e França e superior, está visto, quanto se pariu na Allemanha. Mas linhas adiante confessa que o estado intellectual de Portugal, na descoberta, era bem lisonjeiro. Que bondade !... Isto não passa de uma deferencia para com os sabios portuguezes, os quaes nessa epoca lecionavam em toda a Europa. Indique-se que Montaigne foi um dos discipulos dos celebres Gouveias. Aquelle *bem lisonjeiro* consubstancia uma fineza misericordioza aos citados Gouveias, dos quaes um delles, Antonio Gouveia, com Cujacio, é um legitimo precursor da escola historica do direito de Savigny,—um favor aos nomes universaes de Garcia da Orta, Pedro Nunes, André de Rezende, Damião de Góes, João de Barros, Diogo do Couto, Sã de Miranda, Bernardim Ribeiro, Camões, Gil Vicente, o qual obrigou Erasmo a aprender portuguez, para o ler, o Erasmo da Hollanda, que o sr. Silvio nos arremeça noutra parte —pag. 158 —como prova da superioridade dos hollandezes sobre os luzitanos.

E continúa:—Aos portuguezes devemos a colonisação por uma raça europèa, o seu sangue e as suas idéas.—74. Incontestavelmente o portuguez, apesar dos seus defeitos, é o agente mais robusto da nossa vida espirital. Devemos-lhe as crencas religiosas, as instituições civis e politicas, a lingua e o contacto com a civilisação europèa.—105. Quer-nos parecer que estas cousas não se pagam com qualquer *funding loan*. Desafiam os respeitos do mais garoto. Mas o sr. Silvio, que é a primeira cabeça, que é catedratico, que é deputado, que é o diabo que o carregue, conclue que o Brazil, depois de emancipado, depois de preparado para a vida social, como a Hollanda, a Espanha é mesmo a Inglaterra nunca adestraram as suas colonias, pois que os Estados- Unidos são um producto da iniciativa individual e não da governamental, nem sequer um sorriso deve enviar aos portuguezes.

Para estes, segundo as maximas silvianas, alisem-se e encebem-se as boas maçarandubas !

4. — De como uma historia tão grande se tornou em pequeninas historias da caróchinha

Devemos ao Brazil inúmeros dissabores. Mas esses desgostos, superiormente compensados pela enorme experiencia—a melhor sciencia—que elle nos ensinou, se este motivo de gratidão não nos abarrotasse o imo, nunca jámais deixaríamos de o bendizer, por nos haver proporcionado o encontro inarravel de Silvio, o bojudo pote da tolice. Este fenomeno deve ser aclamado—e os seus escritos collados na chusma das collecções de anedotas. Desopilam-nos muito mais. Não o trocamos por um milhão de pelles de borracha...

A *Historia da Literatura Brasileira*, a sua historia grandissi-

ma, não ultrapassa os limites duma racolta de sandices, onde raro avulta um grão de sensatez. Anda ás cambalhotas, com a onda. A pag. 18, p. e., repudia Buckle, o autor da *Historia da Civilização na Inglaterra*, por elle haver frizado os elementos climatologicos da zona brasileira. Xinga o illustre historiador, por falar em febres, em seccas, em mosquitos, etc. Ri-se da doutrina. É pouco abaixo, a pag. 27, communica-nos que as palavras do historiador-filosofo— foram duras, mas no fundo exactas !

Silvio, com as suas alternativas de justiça e rancor aos portuguezes, olvidou a introdução da sua historia. Arranjou-lhe uma teoria e essa mesmo, conquanto possa capitular-se a melhor cousinha saída do seu cerebro escandecido, é um todo mal amanhado. As relações naturalissimas do viver politico e mental da colonia com a metropole, que compoariam a veridica introdução, entrevêm-se esbatidamente. O nosso quixotesco adversario, em vez de se entregar a esta séria investigação, gasta o tempo com estas frioleiras:—Portugal teve a sua raça peculiar aos mosarabes e o meio distincto da Espanha pela vizinhança do *mar*, o que não é, por certo, uma exceção portugueza !...—64. Silvio ainda ha de acabar por situar a velha Lusitania nos confins da Hotentotia ! Pois se elle até espuma e rabia, por Portugal ficar á beira-mar,—por ser um jardim á beira-mar plantado !...

A pag. 65 diz-nos que o negro *ha de* concorrer para a diferenciação nacional e a pag. 66 garante-nos que o negro e o indio tendem a desaparecer. Então o preto vae ou fica, mestre ? As asneirolas proseguem impavidas o seu curso. E a pag. 110 lá vem que o Aulete ensina a dizer *murrere, curtare*, etc. Esta foi colhida pelo Paranhos da Silva, que deve ser um razoavel pedaço de asno. O sr. Araripe tambem se acosta, no seu *José de Alencar*, que desfibraremos no seu lugar, ao inclito Paranhos. Outra rajada é a de ter vergonha de afirmar que no Rio de Janeiro o jornalismo ainda é portuguez.—116. Mas consola-se com esta mentira, porque não ha unico documento que a evidencie:—A cousa mais inabalavelmente certa deste mundo é a invencivel antipatia nacional pelos productos intellectuaes daquelle canto da Europa.—117. E troça Ramalho, Eça e Junqueiro, a quem denomina com azedume desdenhoso os tres grandes tipos representativos do literalismo lusitano. Pois estes literaticos, sr. Silvio, contrapondo-se aos seus desejos, são os escriptores luzobrazileiros mais lidos em Veracruz, com Teófilo Braga, Oliveira Martins, Antero, Abel Botelho, Julio de Mattos, Gomes Leal, Silva Pinto, Teixeira Bastos, Teixeira de Queiroz, etc. Julio Ribeiro, que valia por quantos Silvios ha e estão por haver, não se menospresou de confessar, na sua inestimavel *Grammatica*, que tinha por mestres Camillo Teófilo, Ad. Coelho e outros mais dos taes invencivelmente antipaticos. E acredite o irrizorio escalda-favaes que *A filosofia de João Braz*, de Silva Pinto, é aqui muito mais compulsada do que os seus soporiferos livrecos pseudo-filozoficos. Isto leva-nos a crer que o sr. Silvio está sozinho, com o sr. Araripe.

Arenga o precioso Silvio acerca da sua patria:—Nunca fomos, nem somos ainda uma nação culta, livre e original.—120. (Mais atraz e mais adiante, conforme a maré, o sr. Silvio convence-nos de que o Brazil é o contrario). E prosegue que o Brazil não tem povo e que, considerado em geral, como tipo sociologico, o povo brasileiro é apatico, sem iniciativa, desanimado.—124. Se o sr. Silvio não tivesse horror á sciencia portugueza, que afinal sempre sabe um pouco mais do que elle, leria no dr. Filomeno da Camara, lente da Universidade de Coimbra, uma caracteristica mais completa e menos dogmatica. Diz o douto medico que os caracteres especiaes do brasileiro são:—notavel apatia intellectual e fisica, caracteristica dos climas tropicaes; aspecto doentio; diminuição consideravel de forças e, nas naturezas mais distinctas, o predominio de uma imaginação doentia sobre as faculdades intellectuaes. Na mesma dissertação se lhe depa- rariam as caracteristicas dos norte-americanos—diminuição do tec- ido celular adiposo e do sistema glandular e, notadamente nas mu- lheres, da glandula mamaria; a fórma geral do corpo mais secca e delgada e uma singular e febricitante actividade.

O sr. Silvio Romero leria e compararia os dois povos, visto que tanto gosta das comparações, de ordinario disparatadas, e não emit- tiria os seus raciocinios absolutos, com os costumados ares carnavalescos de *magister*. O traço restaria por este modo inteiriço e o poeta não nos viria apregoar que *tolera* a imitação da Inglaterra pelos Estados Unidos.

Não param nesta altura as suas historias da carocha, os seus embroglios,—as suas pilherias, enfim, que outro nome não calha ás suas patuscas e amidadas contradicções. —Temos uma literatura in- color, repete o maestro; os mais ousados talentos dão-se por bem pagos, quando imitam mais ou menos regularmente algum modelo estranho. Estas affirmações desagradaveis veem a pg. 125 e fazem- nos entristecer. Mas da tristeza á alegria medeia apenas um ins- tante, porque a pg. 138 anima-se e jura: —O Brazil tem decerto uma literatura, porque tem tradições suas e ha possuido homens de talento que sobre ellas produziram obras de arte. Paginas acima, como vistes, era tudo copiado ao estrangeiro. Este Silvio, que deve ser convidado pelo Quaresma, como perito em contos da caróchinha, recorda-nos o—era e não era, andava lavrando . . .

Digna-se, entremontes, encomiar os srs. Joaquim de Vascon- cellos e Ad. Coelho, por terem cooperado na introdução do germa- nismo em Portugal. Mas não se contém, acha que isto foi um atrevi- vimento, quando elle e Tobias ainda tresliam o Cousin e o Jules Si- mon, e regouga:—Portugal só tem vulto, que não possui aqui o seu igual: é Camões. Quanto aos outros, tem elles todos entre nós os seus pares.—133. E não ha fugir! O Pedro II seria um venturosis- simo Mar uel, o Ouro Preto um Pombal, ali o Gregorio um Gil Vi- cente, o o selheiro Pereira da Silva cristalisaria em Damião de Goes, o Pitta daria um irrealisavel Herculano e, se trouxermos os heroes á balha, temos no Araripe o retrato escarrado de Affonso Hen

riques, a esfolar moiros, no Tobias um Vasco da Gama da Allema-
nha e em vossoria, sór Silvio, um genuino e acabado Affonso de
Albuquerque ou então um Pedro Alvares Cabral, porque estamos
quasi capacidades de que você, *seu* maganão, é que descobriu o
Brazil! . . .

Ora os srs. devem convir em que este sestro de pretender a
cada passo rebaixar Portugal não assenta bem num sujertinho que se
nos vem impingir como historiador da literatura brasileira, adver-
tindo-nos ao começar que o seu informe pastel é o cor lurio
da sua critica imparcial, do seu equilibrio— e da sua madureza! Ir-
ritar inclinações da plebe vil, incriticadas, portanto, sem razão histo-
rica, sem filiação ou assistencia filosofica, sarapintarão magnifica-
mente os Deoclecianos; mas não ennobrecem homens que se inculcam
criticos e filosofos, porque a critica preconisa a verdade e a filosofia
faz-nos marchar para a fraternisação universal, para a concordia
aboliconista das fronteiras.

Os confrontos de Silvio são caricatos, quando aliás elle os pode-
ria formular sensatamente, como nós praticamos na segunda parte
deste livrinho. O Brazil não carece de favores e Portugal não merece
chufas de m: lque!

5.º—De como os verdadeiros brasileiros são os ignoran- tes, os garotos e os desbragados

E' elle, o imarecessivel Silvio Romero, quem o proclama, sem
fitos de critico, sem visos de pundonor.

O cap. 2.º, livro II, enceta-se com a *escola bahiana*. Ainda nes-
tas classificações o incongruente criticante foi desazado. O homun-
culo, querendo adaptar uma designação que não cabe aos nucleos
brazileiros, lobrigou escolas literarias em todas as quinas. Este ro-
tulo, como é de facil intuição, poderá ajustar-se a um grupo que
divulgue as mesmas opiniões, professe os mesmos estilos. Mas o sr.
Silvio não se preocupou com essas bagatellas. Onde quer que des-
vendou um, dois ou quatro eseritores, por viverem no mesmo se-
culo e na mesma localidade, pespegou-lhes o letreiro de *escola*. E
nós ainda hoje estamos para saber que tiveram de commum Gregorio
de Mattos e Botelho de Oliveira ou os incondentes, para elle no-
los apresentar como pertencentes ás escolas *bahiana* e *mineira*. E' mais
uma calinada pretenciosa. Adiante.

No século XVII, opina Silvio, o brazileiro é já uma realidade,
por bater o hellandez e o francez.—134 Isto não deve abismar-nos,
porque em 1601, ao alvorecer da era, quando Bento Teixeira Pinto
imprimiu a sua *Prosopopéa*, já o delicioso indagador cocava no pat-
lido poeta sintomas de republicanismo e de nativismo! Mal pen-
sava a Revolução Franceza que tinha no modesto Bento um seu hi-
savó—e o martir Deocleciano nem sequer sonhava que as suas raizes
mergulhassem tão longe! E querem o motivo dessa felicissima des-
coberta silviana? Fundou-se elle, esse modelo de agudeza, em o

Bento rabiscar que o rei não era franco e, como trizavô do indianismo, em empregar os vocabulos *paraná* e *puca*. E eis aí está um predecessor que o immorredouro Gonçalves Dias ignorava, mas que o miraculoso Silvio, com aquelle olho arguto que o distingue, nos descortinou clamorosamente!

Revertamos. A gratuita asserção de o brasileiro ser já uma realidade no seculo XVII é um dispauterio inominavel. O sr. Silvio, em varias passagens do seu livro, affiança-nos, como provâmos, que elle ainda não está hoje formado. Mas o entrudescio filosofante, para não faltar ao seu programma de referir tezes de historia e de ethnografia alvarmente, falta á conclusão scientifica, num e noutro caso. Mente com descaro e com filauca. Surgiram por essa epoca indios e africanos heroicos—Dias, Camarão, Calabar. Mas estes não concretizam o veraz tipo do brasileiro, que é uma cordata mescla—o cruzamento do indio, do negro e do branco. E nesse tempo, transcorrido pouco mais de meio seculo sobre o inicio da colonisação, essa transfusão não podia haver dado fructos accentuados. Sufficiente é relatar que os commandos, quer no Recife, quer no Rio, couberam aos portuguezes João Fernandes Vieira e Mem de Sá. Rebata-se, portanto, essa falsidade historica e ethnografica, reconhecendo-se contudo as façanhas praticadas isoladamente, instinctivamente.

Novos atletas apparecem, clangora-nos Silvio, em tom festivo. Temos poetas, oradores e cronistas, noticia o famoso franchinote. Contemplemo-los.—Gregorio, diz, é a incarnação do brasileiro, pela facecia, pelo dezapego, pelo rizo, pela superficialidade, genio não capaz de produzir novas doutrinas. É um garoto, um precursor dos boemios, amante das mulatas, desbragado, inconveniente.—164. Os srs. poderão sappôr que o lido não passa de perfidia nossa. Mas o trabalho é pequeno. Basta pegar na delirante *Historia* e conferir. Queremos crer que no Brazil só meia duzia de amadores—maldita curiosidade, que nos fazes malbaratar tanto espaço!—como nós a manusearam, senão já teriam corrido a caseas de banana o malereado. Com que então o brasileiro immaculo, o que incarna o seu paiz, só presta para a chacota, é um superficial,—um garoto?!... Lá isso das mulatas—vade! O sr. Araripe, quando as pinta, em volumes ditos de critica, pélla-se todo por ellas! Mas aquella de não se ter geito senão para garoto, desbragado, inconveniente, sobre ser uma inverdade, é uma offensa ao porte brasileiro. Imagine-se que um critico estrangeiro péga na decantada *Historia* e estampa aquillo mesmo. Oh ceus, que tal fizeste! Saltava-lhe uma sucia de Silvios e Araripes em cima e deslombavam-no, desde as gerações ancestraes até ás finaes! É um critico, deputado, catedratico e filosofo estereotipa no seu melhor livro uma barbaridade injuriosa e deprimente, e o dr. Clovis Bevilaqua, que é um dos publicistas brasileiros mais illustrados e sizudos, vem trombetear-nos que a obra não tem rival no Brazil nem em Portugal! (Cá está a mania, e neste ponto resvalando á imbecillidade, indesculpavel no sr. Bevilaqua!). E, como se estes elogios fossem diminutos, meia duzia de estudantes atrôa-

nos com a picaresca sentença—de que o sr. Silvio é a primeira cabeça do Brazil! Pois, se assim o examinaes, se assim o cotaes, não é para censura-lo o chamar-vos elle superficialaes e garotos! . . .

O juizo consignado sobre Gregorio de Mattos é racional, em que peze ao sr. Araripe, que se espremeu para levanta-lo do pó a que merecidamente foi reduzido, mas não devia, nem podia generalizar-se à collectividade. Este primo siamez de Silvio escagarrinhou-se em lezas interpretações criticas a respeito de Gregorio, inaugurando o seu estudo crítico por estas frases moralissimas, que recommendam o capadocio ás escolas e ás virgens:—*Um refinadissimo canalha, eis o que elle foi!* O sr. Araripe, com os seus impetos lusitanicidas, era capaz de levantar uma truculenta monografia ao setimo volume de Bocage, se algum se absecondesse nas bibliotecas brazileiras! . . . Cesteiro que faz um cesto . . .

Estes dois criticos—e entre elles o diabo que escolha—teem adulterado o paladar brazileiro, o tal composto de garotos. Silvio, que se suppunha liberto do *dogmatismo pessimistico*, persiste nelle em toda a obra. E, quando se fatiga de espingardear os moinhos de Portugal, desata á cabeçada aos do seu torrão. O outro differe uma nesga:—nega tudo systematicamente a Portugal e systematicamente eleva tudo do Brazil. E' mais equilibrado.

Que cabeças de Gregorio! . . .

6.º—**Quem foi o fundador—o mestre-escola ou o amante das mulatas?** . . .

Ventila-se aqui uma questio importantissima. Mello Moraes, filho, acaricia a idéa de haver sido o missionario José de Anquieta o fundador da literatura brazileira; mas Silvio põe-lhe embargos á ligeireza, reclamando para a sua pessoa a prioridade de haver incluido o jesuita na historia literaria.—173. E preconcebem os srs. por que razões é que Anquieta se incrusta na historia, sem contudo ser fundador? Não adivinham, com certeza. Silvio nos explicará o emaranhado problema:—Anquieta figura na historia literaria, porque foi o instructor primitivo!—154. Mas Gregorio é que deve ser o fundador, porque foi mais desabusado, mais mundano.—174. Estes descobrimentos levaram-nos logo a sobrescritar uma espistola ao Padre Eterno, afim de lhe pedir a fineza de recommendar ao Sainte-Beuve, ao Taine, as Schlegel, ao Settembrini e outros ratões de bom gosto, que se occuparam com critica da historia literaria, que se afadigassem por lá, a ver se encontravam os instructores primitivos da Inglaterra, da Italia, etc. ou algum pandego que no mesmo periodo tivesse improvisado glosas, para os repôr nos seus nichos marmoreos. Elles esqueceram-se disto, certamente porque a sciencia estava atrasada, e legaram-nos trabalhos peccos, miseravelmente coxos.

Té agora ainda não recebemos a resposta anccada, talvez por causa das quarentenas da peste bubonica...

Estas disputas bizonhas eclipsar-se-iam, se o sr. Silvio tivesse criterio e houvesse elaborado uma solida introdução, unico posto em que ao padre Anquieta competia desvelar-se perante nós outros. O indefesso canarino foi um peregrino das selvas e nada mais, uzando dos meios que se lhe antolharam mais propicios. O proprio Silvio o declara, sem tirar da affirmativa as consequencias logicas:—Anquieta só tem uma idéa—servir a sua ordem; só tem uma missão—fazer o que ella lhe ordena. Nem ensaiador, nem comparsa, por consequente.

Retornemos ao nosso Gregorio—incarnação. Silvio nota-o sobremaneira honrado. E porquê? Por causa dos seus atrevimentos com os governadores! .. Afinal, resumindo, Gregorio de Mattos foi um grandissimo poeta, porque disse quatro grosserias aos colonos! Isto é aviso aos Silvios futuros, para ver se lhe soerguem, pelo mesmo merito, alguma estatua... de sebo! Estas premissas inda mais sensaboronas se tornam, sabendo-se que Gregorio foi protegido pelo paço em Lisboa, pelos governadores no Brazil e em Angola, onde esteve desterrado, e que as suas graçolas endereçavam-se, á tóa, sem distincção alguma, á ventura, sem intuitos sociaes preconcebidos, sem o menor vislumbre de rebeldia, tanto a brancos, como a pretos e amarellos. E, sem nos descollarmos de Silvio, aqui tendes a corroboração do nosso asserto:—Gregorio, com toda a sua atrabilis, teve mais de um Mecenaz.—303. Adiciona Silvio que o seu *brazileiro*, d'elle Gregorio, não era o negro, nem o caboclo, nem o portuguez. Mas porventura, conforme as suas e geraes theorias, o definitivo brazileiro não é a fusão dos tres elementos colonisadores? E como é que Gregorio, o impio, pode incarnar tão a contento, se elle não era nada daquillo e, ao envez, descendia de dois brancos?

Razão teve ha pouco Frota Pessoa, no seu ensaio sobre a evolução litteraria do Brazil, para avançar que os srs. Silvio e Araripe, á falta de entidades indiscutíveis, se võem na contingencia de inventar idolos. Este é o juizo sincero dum rapaz são, que por certo estima em maior grau o seu paiz do que aquelles falazes criticantes. E ainda o sr. Silvio, com um aprumo hilariante, nos vem zangarrear, neste seculo da luz electrica, que tudo alumia, menos a cachimonia de semelhanças mal lizentes, que a accção do Gregorio foi *poderosa* sobre os seus contemporaneos! . . . Que resta d'elle? Quem o lê, quem o reverencia, quem ao menos o publica?

Perpetuae-o no ostracismo do inedito, que melhor andareis.

7.º—De como os humildes Esquecidos passam a geniaes Lembrados

Silvio argamassou-se um Gaisostomo boca de ouro, quando escreveu:—O trabalho intellectual é no Brazil—diga-se: *é para Silvio Romero*—um martirio; porisso pouco produzimos; cedo nos cançamos, envelhecemos e morremos deprezza.—56. Que bom seria que elle tivesse estourado ou cançado nesta pagina!... Bem se vê que o

cretino suou, para ejacular tanto dislate! A cada linha esbarramos e estamos a ver que não levamos ao cabo a tarefa...

Trata-se da Academia dos Esquecidos. A gente deleita-se, preadivinhando em Silvio um novo Tennyson, que resuscitou Milton. Na realidade elle, pela ouvertura, assim o promette.—A literatura do reino—o pezadello do descaravel censor!—era então doctia e nulla. Na segunda metade do seculo levámos-lhe até vantagem.—189). Ora dêmos um salto—e que bello que era se pudessemos integra-lo!—e vamos confutar o heroico Silvio, segundo a praxe, com as suas proprias expressões:—Geralmente se repete que o estado da cultura era deploravel, entre os portuguezes, no ultimo quartel do seculo XVIII. A verdade é que nunca—o *nunca* é absurdo—as sciencias tiveram tão valentes cultores como então em Portugal. E cita Garção Stockler, João de Loureiro, Avelar Brotero, Corrêa da Serra e João Antonio Monteiro.—Pg. 387. O sr. Silvio, se não houvesse folheado apenas o *Elogio de José Bonifacio*, de Latino Coelho, que ainda hoje é o melhor trabalho sobre o patriarca da independencia, e do qual copiou, *ipsis virgulis*, aquella perfuntoria nota, ficaria sabendo que nesse periodo arcadiano floresceram igualmente na parvonia nessa amada Antonio Nunes Ribeiro Sanches, Antonio Caetano de Souza, Ribeiro dos Santos, Rosa Viterbo, Barbosa Machado, Pedro José da Fonseca, João Pedro Ribeiro, os padres Foios e Figueiredo, João Anastacio da Cunha, os bispos Alexandre Lobo, S. Luiz, Cenaculo e outros sabios reputados, apezar das compressões jezuiticas de Manique e das perseguidoras *moscas* do ferino intendente.

E, ainda que fosse provavel a arguição, que elle mesmo desmente, segundo o seu excellento costume de afirmar e negar simultaneamente, quaes eram os sabios, esses genios incubados, esses lamentaveis Esquecidos, que vem piedozamente dezenterrar do limbo? Esses geniaii simos Lembrados, carissimos irmãos, acudiam pelos nomes chãos, mas celeberrimos, de João de Brito, Gonçalo da Franca, Manuel José Cherem, Canelo de Noronha, etc. e tal! Até apecece dar cebo nas canellas e fugir a sete pés de tão gravebrudos sabentes! E vós, carissimos irmãos—paciencia!—não as conheceis, a tantissimas glorias, dignas de formar um batalhão da guarda nacional? Não? !... Oh !...

Este sr. Silvio, confessem, é um admiravel critico e mais admiravel historiador ainda. Os simples mortaes divertem-se extraordinariamente, ao lê-lo. Não cessamos de o aconselhar aos apreciadores das *Mil e uma noites*, porque as historias silvianas são mil vezes mais fantasticas. E, senão, deglutam um pedacinho abaixo, na mesma pagina:—Os escritos quasi todos se perderam e os que chegaram até nós são tão insignificantes, tão chochos, tão imprestaveis, que só o gosto de encher papel pode justificar qualquer despeza de considerações a seu respeito.—Isto é ou não é de pura magia? Mais:—Não ha ali—nos sobreditos sabios—um só nome que mereça reabilitação aos olhos da posteridade. São todos elles a mediocri-

dade praticando versos.—190. Que é della a superioridade então, mestre Silvio dum afiga? Que é dellas as vantagens, piramidal banaboia? Dá até vontade de gritar—larga as vantagens, ó Silvio, como os gaiatos berram no entrudo—larga a lata, largo o rabo, ó salsa! . . .

Santa simplicidade—a deste illustrissimo mentecapto! . . . E com este peixe veiu elle á praça . . . O que vale é que não o vendeu! . . .

9.º—O Judeu—coitado!—feito bobo! . . .

Quem é versado em historia literaria, inda que medianamente, de certo delinea a personalidade belletristica de Antonio José da Silva, que o vulgacho bestializado pela inquisição baptisou com a antonomasia de *Judeu*. Camillo dedicou-lhe até um romance, em dois tomos, com profusão de notas illustrativas.

Ora este filho de judeus, nado no Rio, que a arraia miuda coetanea de D. Manuel açularia como cristão novo, depois de educado e instruido em Portugal, desatremou em compositor de comedias musicadas, cujo tipo é hoje o das operetas. Naquelle tempo elevavam-nas á pompa estarrigente de *operas*—as operas do Judeu. Teve um merecimento—o de transplantar para o teatrinho do Salitre todo o sal e toda a pimenta das ruelas de Alfama e dos quelhos do Bairro Alto. Os burgraves daquella idade sorumbatica aplaudiam-no, as altas camadas sorriam. O *argot* da canalha, posto em scena, era prelibado com goso pelo carrasquinho Pina Manique. Pois que os despotas sempre gostaram de saburrar a mucosa com dicterios obscenos e de chafurdar nos pantanos! O Judeu era, porisso, palmeado com delirio, de braço dado aos consocios do duque de Lafões, augustos poços de subtileza historica, e fazendo negaças ás odes pin-daricas de Garção, o *poeta por desgraça*.

De todo esse chiste, que Silvio engendra perspicuamente como herdado de Camões e Gil Vicente, traga-se apenas a *Guerra do Alecrim e da mangerona*, aliás inferior ao *Figalço aprendiz*, de Francisco Manuel de Mello. Mas o nosso Tartarin da critica despreza so-branceiramente a perpetuidade vicentina e camoneana, arroja ao mangue carioca a evidencia da relativa pouquidão do Judeu—e decreta, com os seus fóros de Boum trelante, que Antonio José foi o feliz testamenteiro dos genios dos *Luziadas* e da *Rubena*. Infante se abalara elle do caes do Paço para a Lisboa, menino e moço, des-premunido e vago. Ali se lhe despertou a vocação, respirando ares outros. Mas Silvio não se deixa burlar pela influencia do clima, do meio e do momento—e, havendo zombado no livro destes propulsores indeleveis, cuspindo os seus altivos sarcasmos sobre os microscopicos Sainte Beuve, Taine e Hannequin, que ousaram coordena-los em lei, sopra-nos aos timpanos—que, se Antonio José vivesse no Brazil, teria sido o maior lirista do seculo, o maior poeta nacional, etc.—197. E' pena realmente que tamanhá calamidade se dêsse,

quando uma simples reexportação, que largamente pagaria os juros da despeza, poderia ter evitado tantas perdas juntas. Mas o que mais lastima causa é que, reconhecendo tantos males e odiando tanto Portugal, por via de tantissimos terremotos, Silvio não decidisse, no seu remontado criterio, preencher a lacuna deixada pelo tragico Judeu, librando-se a maior lirista e maior poeta . . . Porque Silvio, ainda que nos custe render-lhe esta homenagem, é sem duvida muito *mais grande* do que o Judeu ! . . .

Louvado sejas, preclaro Antonio José ! Tu bem videnciavas que, ao embarcar naquellas immundas catraias e ao aferrolhar no teu resistente bahú as recordações da infancia carioca e a herança da familia—pg. 197—, mais tarde accumulada com as do Camões e do Vicente, haviam de beneficiar o madurissimo juizo, no anno da graça de 88, a um bemfeitor que a providencia tinha de chamar Silvio Romero ! Mas o que tu nem sequer architectavas, prezadissimo José Antonio, era que, não obstante o teu fartote de legados, a tua luzente riqueza, serias torquezado por uns infamissimos tonsurados, e que tivesses vindo ao mundo, garrulo e travesso, para mover o riso a velhos tristes e aborridos !—197. Tu, que poderias ter sido o maior entre os maiores, devido ás recordações saudosas da rua do Ouvidor e aos biscoitos da familia; tu, que vieste vibrar notas então *mudas*, que viste *muda* a scena—e ainda não havia azilos para tanto desgraçado !—que viste morta a poesia e a resuscitaste, como Cristo fez ao Lazaro, que vinhas indicar donde vinha a luz, onde se acendiam os pavios,—tu, eminente profeta, grandioso rabbi, descambaste num miserriimo bobo, desatinaste a fazer coegas á velhada hidropica ! .. E aqui está em que tresvairou um homem sebastianico, que poderia ter sido o maior lirista do seculo e o maior poeta nacional, se houvesse possuido o bom senso de rogar aos trisavós do Silvio o cobre da passagem e se tivesse mudado ali para Sergipe !... Que atroz casmurrie—a do Judeu, quando com meia duzia de libras ou um cento de patacas podia ter mettido num chinello o Shakespeare e o Dante ! Razão tem, pois, o imperecível Silvio, carradas de razão, para chamar bobo ao indecente comediografo, que tão impudicamente se atreveu a não ser o maior lirista do seculo e o maior poeta nacional ! Façamos-lhe figas: cruces, Judeu idiota !... Que o sr. Drumond nos auxilie: desaparece, nojentissimo biltre, safadissimo Judeu !...

Que os ossos ainda te ranjam nas polés inquisitoriaes, que a preta que te denunciou seja canonisada, que os soes cubram de infamia os teus restos,—que os raios te partam a hedionda caveira, ó negregado ex-maior poeta lirico do teu seculo !...

9.º--As pitadas do Pitta

Não somos nada, lamuria Silvio, Mas em face de Portugal—cá vem a obsessão !—devemos sustentar os creditos.—209. Se Silvio, o grande, o portentoso Silvio, quer com isso aconselhar o pagamento

zeloso das letras commerciaes, em troca da boa vinhaça, das nedias batatas e das tenras cebolas, que a frugalissima Lusitania para o Brazil envia, inesteticamente acondicionadas, do coração lhe agradecemos o seu gratissimo altruismo, embora não encommendado. Confirme-nos estas suas candidas tenções e immediatamente despacharemos telegrammas á Praça do Commercio e á Sociedade de Geographia, para que tambem telegraficamente o despachem com mil corações agradecidos. Mas se Silvio—ouça bem!—pretende com isso amesquinhar-nos, com as suas ganas sergipanas, tomamos a liberdade razoavel de o mandar plantar batatas, a ver se igualmente se faz fino neste mister,—a ver se é capaz de nos substituir na percuente sciencia batatal!

Escolha: ou protege o commercio, e neste caso usufruirá o mais sacrosanto dos direitos a um oseculo do sr. Andresen ou delibera semear batatas e, se resultarem subalternas às nossas, sujeita-se a que lhe zurzamos o toutiço com as ditas—pódres. Explique-se!

* Matraqueia Silvio, a proposito de creditos e artes correlativas, que é injustiça nefanda atacar o historiografo Sebastião da Rocha Pitta, porque o bom fazendeiro foi um inconsutil patriota, embora realisasse a exercencia de estimar a terra dos seus paes. Isto seria emérito e restaurador, pois que é agradável cultivar a veneração pelos bem intencionados, os de sentimentos puros, se o pelitrapo não fosse o primeiro a apedrejar o ingenuo Pitta. Ora sorvam esta pitada:—Quem não se lembra da celebre aqui-grandeza do Brazil na descrição de Rocha Pitta? Tudo aquillo foi tomado a serio e, depois dos conhecidos versos de Gonçalves Dias, não existem *patrioteiros*, terrivel casta de Lovelaces da patria, que não proclamem, para desnortear-nos o criterio, que este paiz é o paraizo da terra!—Pg. 48.

Que tal soube o simonte? Bem diz o galhardo historialor: não sou nada! Ando para aqui ás apalpadellas, a jogar a cabra-cega, a recheiar tiras, cançando-me a mim e sem aproveitar aos semelhantes... Sim! não és nada--és zero, impagavel Silvio! Por ti e pelos da tua categoria produziu o poeta Botelho de Oliveira, que ao menos conhecia a prestante grammatica do Fernão de Oliveira, do João de Barros e do Duarte Nunes de Leão, e que Silvio encantou no olvido, só porque a Academia de Lisboa graduou em classicas as suas *Poesias*...

Abençoada cabaca!

10.º--Os inconfidentes foram tudo e não foram coisa alguma!

Arribamos ao livro III, *escola* mineira, porque todos os seus membros eram de Minas! Principia o divino Silvio por nos tirar de uma exeruciante perplexidade, que ha muito nos mordiseava os hofes:--Não ha duvida alguma que a historia deve ser encarada como um problema de biologia. Mas a biologia ai transforma-se em

psicologia.--221. Só este pedacinho dava um opiparo capitulo á Fernandez y Gonzalez --*De como* etc. Fica para as numerosas edições futuras a que esta epopéa se destina, correctas e augmentadas...

No inicio repisa o que já nos narrou, na sua lingua de trapos, umas rechonchudas treze vezes. Os temas são os mesmos e, se não fóra uma ou outra das suas graciosas ratices, poderíamos concluir aqui, lendo qualquer mimo poetico de Tobias. Mas o sacco da cretinice ameaça abarrota-se, em lugar de se esvasiar, e mandam a hygiene e a piedade que se prosiga.

Vêde-o, e cheirae-o:--E nós temos esse caracter nacional. Eu não o saberei talvez definir com precisão; mas elle existe e não me engano onde quer que o encontre.--214. Retornae á pg. 65 e lá o escutareis:--Ainda não temos uma feição característica e original. Ah! Mas Silvio não se illude, gente perversa! Elle não sabe ao certo se passeia por este globo sublunar o caracter brazilico, não se sente com tintas na paleta para no-lo desenhar, em todos os seus conspectos. Mas a esfinge que deite a cauda ao léo e experimentará o olho critico, o olho historiador, o olho da madureza, todos os olhos obliquos e penetrantes do Silvio, tremulos, indagadores, no seu esquivo dorso! Ella que se arroje--e verá com quem se tem de haver, que Diogenes sem lanterna o aguarda, subtil, sibillino! Salta cá para fóra, ó caracter, se és capaz de escapar ao luzio fiscal do imperterrito inspector!... Ou preferis a inconfidencia com o inexoravel aguazil?

E, por inconfidencia, abordemos os inconfidentes. Ingira-se primeiramente este sal de frutas:--Claudio, Bazilio, Durão e Gonzaga são os primeiros espiritos poeticos do seu tempo na lingua portugueza, como Hipolito da Costa, Cairu, José Bonifacio, Conceição Velloso, Arruda Camara e Azeredo Coutinho são os mais illustres pensadores.--217. O' vós, que teades de humano o gesto e o peito, voltae-vos para nós e ponde vos a geito! Ouvi com os vossos melhores ouvidos!...

Silvio acaba de pigarrear, envolto na sua capa de asperges de bispo irresponsavel da critica, que todos esses vultos, talentos exhibidos effectivamente, sem laivos de contestação, são superiores á corja luziada. Acompanhae-o, portanto, para que elle commente a sua sentença. Começa por avisar-nos de que o *Caramuru* e o *Uruguai* prepararam a independencia e este ultimo, não impante com aquella empreza, ainda teve forças para preparar o romantismo. Encomia Bazilio da Gama, que a tirania dum camarada já nos forçou a prefaciá-lo em duas horas, em éras ignaras e remotas. Logo após qualifica de poemeto o nosso estimado poema. E, de grandeza em grandeza, remata nisto:--Tem uma acção insignificante e desconnexa, desarmonia no fundo e na fórma, fragmentos de pura prosa metrificada.--231. E quatro linhas abaixo:--Mas será sempre o inexcedivel modelo do genero, a sintese mais perfeita da poesia luso-indiana! Entenderam, porventura? Pode esquadrinhar-se acaso que uma composição insignificante, sem fundo, sem fórma, sem harmonia, verso pro-

saico, se converta em modelo incomparavel, em sintese perfeitissima?! . . .

E ha um poeta liquidado!

Conduzamo-nos ao *Caramurú*, com a sua formosa Paraguaçu, e ao seu bardo, o frade José Durão. Protofonia:--E' o poema mais brasileiro que possuímos, tudo aparece naquella pequena *Illiada*. Rufem agora os tambores e os timbales:--A sua lingua é pobre, a sua expressão pouco animada, o colorido pallido. E' falso no seu intuito principal e na sua contextura; é prosaico.--240. Mas, mau grado essas pechas insanaveis, Durão prende-o, agrada-lhe. E sabeis porque? Porque elle cantou *o poco do Brazil convulso*, o que Silvio sublinha pasmado, sem reparar em que o frade por igual acertou nesta visão--*Portugal renascido no Brazil*... O que o cativou mais, todavia, o que o subjugou, o que o arrastou e prosternou de prazer foi o verso--*O bom Sergipe* etc. Isto, sim, isto atravessa Homerus! . . . Ah! patria cara, ninho paterno, ovario de aguias, vaso eburneo de Silvios!... Já Durão, o immortal frei José de Santa Rita, houve por sublime engrinaldar-te,--naquelles seus mimosos versos prosaicos, naquelle seu vocabulario de mendicante, naquella sua expressão desanimada, incolor! Salve, genial e patriotico Durão! . . .

E ha dois poetas liquidados!

Sigamos para Claudio Manuel da Costa, que foi um correcto sonetista. --Não era por certo dos mais fervorosos comparsas da conspiração. Timido, recatado, melancolico. Em nada teve a iniciativa, foi levado pela corrente. 266-67. E continua:--Não entusiasma, não arrebatada, não se faz admirar. O talento não sobrepujava. O prologo das *Obras*, em que se mostra saudoso do Tejo, do Lima e do Mondego, não é anti-nativismo. (Foi bom que mestre Silvio nos esclarecesse a este respeito). E' ironia á ignorancia do seu tempo. (Que dianho terá a ignorancia com o sabio Mondego, o Tejo e alhado e o pacato Lima? E saudade, que até os irracionaes não disssimulam, significará no bestunto do Silvio ironia?). Mas tinha razão tambem, por serem asperos e prosaicos os sertões. (Então era ironia ou saudade,--tinha razão ou não tinha, *seu jagodes?*). No soneto é *talvez*, prosegue, o primeiro escritor da nossa lingua; tem mais verdade e naturalidade do que Bocage.--269. Valha nos no lance aquelle *talvez*, de que Elmano e Camões se hão de rir, lá nas tumbas. A seguir transcreve um soneto e grifa:--Isto é *profundo*. E rompe com esta heresia:--E' o predecessor do hironismo. Foi um poeta da mais alta linhagem. O defeito é uma certa monotonia . . . (As reticencias são nossas). A despedida a *Nise* é uma das mais perfeitas composições da lingua. E' monotona, mas é sentida. Pouco pensador e *profundo*. (Olhem para cima). Não foi Rousseau, nem Goëthe, nem Poë. (Você tem a certeza disso, *seu Silvio?* Você dá a sua palavra de honra de que Claudio não foi Goëthe?! As provas, que é das provas dessa arrojadissima proposição, sr. primeira cabeça?! . . .). Pertencé á familia dos Mauricio e dos Cristovãos. E termina por espancar o começo, como é do ceremonial na sua dialectica:--Por detraz do poeta assoma

o patriota, o inconfidente, quando pouco antes nos confrangia com a participação de que Claudio fôra empurrado pela vaga, —elle, o excelso vate, que não nos arroubava, que não se faz admirar, que é monotonno, que pensa pouquinho, que é profundo e não é, que antecede Byron de seculos e por fim passa abraçado ao simples Crisfal!

E ha tres cantores liquidados!

Paginas atraz discutiu e parecia haver documentado que Alvarenga Peixoto, outro poeta da inconfidencia, era o satirico das *Cartas chilenas*. Pois a pg. 273 refere que *provavelmente* são de Peixoto. Este coronel de milicias revelou fraqueza nos interrogatorios concernentes à trama delatada. E que calculam os srs. que Silvio compreendeu por essa cobardia? Isto, nem mais, nem menos:— *Procou* que a lira do poeta poderia ser substituida pela espada do guerreiro, se os acontecimentos o heuvessem consentido... Eis o caso—se o nosso napoleonico amigo Policarpo Banana não morresse ainda hoje era vivo... Mas Silvio, intemerato, asinino, nao pára. Assim diz-nos que a poesia do malogrado inconfidente *não era convencional*.—279. E no reverso lê-se:—Não insistirei sobre os defeitos de Alvarenga Peixoto: *certa affectação e ao mesmo tempo certa aridez de fórma; alguma cousa de convencional e de sedição*. E notem que o benevolo Maduro não insiste . . .

E ha quatro glorias liquidadas!

Pule para a grelha outro desses primeiros espiritos poeticos do seu periodo roseo. Seja o doce e simpatico cisne Silva Alvarenga, companheiro de Bazilio na Arcadia Ultramarina. Nada mais suave do que este himno de abertura:—S. Alvarenga é dos poetas do seu tempo o mais delicioso. Os madrigaes são os mais bellos da lingua. Transcreve algo e fecha:—Tirem-se destes fragmentos as cançadas imagens da velha escola classica, etc.—299.

E ha cinco portentos fritos, assados, guizados!

Tomaz Gonzaga, o superfino lirico da *Marilia*, certamente o unico inconfidente que ao presente nos delicia, nasceu no Porto. Asnidade é encorpora-lo, conforme Silvio, *como guia immortal do povo brasileiro*. Um lirico-amoroso nunca poderá ser fanal civico de sociedade alguma e os arquivos rezam que elle quebrou a penna, quando a condemnação lhe foi lida, segundo o proprio Silvio reproduz. Foi um cobarde, á semelhança de todos os outros, que deixaram cair o cutello rasourador sobre o humilde Tiradentes. Nem este, resignada victima, hoje gonfalon imperterrito, escapou á razzia:—Não contesto aos brasileiros o direito de fantaziar heroes e encher de semi-deuses o ceu da sua historia.—771. E chimpa no corajoso alferes, que affrontou com tanta altivez o cadafalso, este epiteto humilhante:—*um heroesinho de hontem!*

Aduzimos que era contrasenso nomcar Gonzaga brasileiro, porque o homem só conta uma patria—a terra onde auroreou, e vamos comprovar a nossa dissençaõ com o mesmissimo e azabumbadissimo Silvio. Ei-lo, a pg. 9:—Deve ser contemplado na historia brasileira um Antonio José, por exemplo, que do Brazil *só teve* o nascimen-

to? Por outro lado portuguezes houve que, mudados para a America, aqui ficaram e se desenvolveram. Não trepidamos em incluí-los no numero dos nossos—os primeiros, *porque beberam no berço esse quid indefinivet. que imprime o cunho nacional*, etc. Mas por que carga de agua, ó inextinguível torneira de disparates, é que Antonio José bebeu no Rio o *quid* e Gonzaga não hauriu no Porto o sordido *quid*? Por que motivos, ó maravilha da sandice, o Judeu, que só deveu ao Brazil o nascimento, esteve quasi a ser despenhado em maior poeta nacional, e permanece brasileiro, e Gonzaga, apenas pelo fortuitidade racional de se desabrochar em Villa-Rica, tendo nascido no Porto, é condemnado a ser brasileiro da gemma e guia immortal, de mais a mais? Prendar-se-ão os quindins do Brazil com atezantes filtros magicos, irremissiveis feitiços? Ou tu não serás, Silvio incommensuravel, com as tuas theorias fenomenaes, de lidimo comprador de ovos—este presta, este está choco—o mais quadrado e obtuso de quantos criticos o teu céu esplendente cobre?... Optemos por esta hipotese e passemos ao termino do capitulo.

Perpassastes, decerto compungidos, essas laudas. Observastes que os primeiros espiritos poeticos, em Portugal e Brazil, do seu tempo—tempo em que frondejaram o piudario Garção, o Diniz do *Hissope*, o Reis Quita, o Figueiredo, o Filinto Elizio, o Bocage, o José Agostinho, o Nicolau Tolentino, o Curvo Semedo, o Tomino Sadino e dezenas de outros—, esse tempo agitadissimo das Arcadias, tão prehe de talentos portuguezes, tão pinturescos de cenaculos, de reboliços literarios, observastes que foram conduzidos ao Capitolio em quatro linhas insensatas e vasados no castello Tarpeu com bastos desconceitos. Recolhestes no intimo a inconveniencia *chauvinista* de Silvio, que se comprometteu a pre entear-nos com um livro imparcial, equilibrado, um livro da madureza, producto da reflexão, da veracidade e da justiça, e que afinal tem gasto as horas a pagodecar connosco, a despejar-nos o figado, sempre ás tontas, dando cambalhotas na nossa frente, qual outro arlequin de barraca de feira. Presenceastes o desplante e sem-ceremonia com que elle, o histrião, amolda manipancos de barro quebradiço, quaes soldados de chumbo, que ruem a um toque minimo no flanco. Esses mineiros, entretanto, em vez dos desconchavos de qualquer Silvio, hão de provocar á critica vindoura um estudo carinhoso, minudente, afim de os collocar nos *fauteils* a que tem direito no ágora da belletristica brasileira. Esse estudioso ha de vingar os avatares da literatura veracruzense das piruetas macabras do desmiolado Silvio.

O patriota, alem destas palavras —«*Caramuru, Uruguai e Cartas chilenas* é pouco para um seculo inteiro», pg. 258, acabou de espesinhar essa ridente alvorada, que pelo menos se lucilou com este condão ingente —o da iniciação, clarinada e rubida, catapultando aos lidadores este responso:—Podem-se ponderar os elementos mesologico, fisiologico e etnico, psicologico, historico e todavia não se saber o que fez esse homem (Silva Alvarenga), em que adiantou a evolução nacional ou humana, Que resta, como producto vivo, eis a palavra

final da critica (hein?). Pois bem:—que vive e resta de Claudio, de Peixoto, de Gonzaga, de Alvarenga? Pouco!... E' o que podemos responder. Não foram pensadores, não foram geniaes, não abriram novos horisontes á vida e á intelligencia nacional.—301-2.

Lá isso de genial é ali com o caricato descendente em diagonal de Aristoteles e Bacon, o sr. gordo e sagáz Silvio Romero. E quanto ás intelligencias abertas por aquella alavanca é entrar pelo Araripe a dentro! Ai vereis os estragos horrendos, originados pela arte, pela sciencia e pela filosofia de Silvio,—tudo magnificamente diluido em goiabada de Campos.

Daquella rija, calcarea, que nos entope!...

11.º—A's modinhas do Caldas, xentes!

Mas, como exordio a esse regabofe, espiolhemos as ruinas em que ardeu Troia. Todos os examinados soffreram um cruel destroço, empós da sua promoeao a primeiros espiritos poéticos. Os rabidos furores do alegre Pangloss ás avessas, no entanto, prolongaram-se até outros igarapés, onde navega e se atóla a sua pernóstica sabedoria.

Relatou-nos Silvio que Gonzaga escavaeou a lira, ao ouvir que o deportavam, que Peixoto estremeceu perante o auditor e que Claudio se enforcou no fetrico ergastulo. Todos nós decorámos essa odisséa da pusillaninidade nos fastos da conjuração de Minas, em que só um caracter ganhou firmeza e auréola—o Tiradentes. Pois bem, pacientes leitores: Silvio, que não faz caso de bagatellas, desfecha-nos esta reprimenda:—Quanto distavam elles (os inconfidentes) dos poetas babiladores que degradavam nas arcadias portuguezas a dignidade humana!...—220. Para enfrentar esses heroes, que entraram em casa das lavadeiras, antes de penetrarem nas masmorras, recordemos somente que o pindarico Garção recebeu mandado de soltura de Pombal no dia em que expirou, na mais ignobil das cadeias: que o reputadissimo clinico Ribeiro Sanches nunca ponde residir em Portugal, conquanto fosse conselheiro occulto de Sebastião José de Carvalho; que Bocage, o cantor da liberdade e da Revolução Franceza, o sarcasta da pavorosa illusão da eternidade, foi fígado pelos galfarros da inquisição: que Filinto Elizio, o revoltto padre, para se evadir ás represalias policiaes, houve que disfarçar-se em moço de fretes e esgueirar-se para o porão de um navio francez, sobraçando um cesto de laranjas: que os sabios abbades Corrêa da Serra e Antonio da Costa tiveram que seguir a mesma estrada do exilio; que o matematico Anastacio da Cunha foi suffocado pelas delações de Monteiro da Rocha aos verdugos inquisitoriaes; que o padre José Agostinho de Macedo, o mais completo e fatal producto do seu meio e da sua epoca, foi um lutador da mais encordoada tempera, com defeitos e virtudes identicos aos que ainda hoje selevantam mr. Rochefort; que o duque de Lafões, Pato Mouiz, os padres Figueiredo e Gordo, o morgado de Assentiz, André de Quental e numerosos outros simbolisavam a re-

bellião perenne, pela gargalhada, pela gravidade scientifica e pela satira, contra a sociedade serafica e soez de Maria I, como contra a de D. José e de João VI. Voltamo-nos, por outro lado, para Basilio e vemo-lo a pedir perdões duma pena á filha de Pombal. Olhamos para o Rio e vemos os referidos inconfidentes adunados numa Arcadia Ultramarina, sob os auspicios do vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza, *que parecia gostar de literatura*, na frase de Silvio, o qual não leva a bem esse desaforo. Vasconcellos é chacoteado por parecer gostar de letras e Rezende é sacrificado por não gostar positivamente das ditas. E aqui vivemos nós nesta alternativa silviana—presos por ter cão e presos por não ter cão! Santa... simplicidade!...

Silvio, damnado ainda com os seus fetiches, joga-lhes mais esta pedrada, para os desconjuntar totalmente e penitenciar-se da fama que lhes havia grangeado:—A metropole é que deu proporeções collossaes á Inconfidencia pelo rigor nefando dos castigos. A Inconfidencia não foi por certo um grande movimento.—Pg. 240. Ai o tendes, inteirinho! Mas, se quereis um contraste immediato e frisante, lê le este outro bocadinho:—A *escola* mineira foi um deslumbramento: assuntos nacionaes, antecipaço do romantismo, tomado no sentido lato da poesia verdadeira e brilhante. Tomaram conta do enorme corpo, correram o emboaba e ficou o caipira. Os elementos economicos desenvolveram-se, o povo constituiu-se, a literatura irrompeu, a poesia adejou nas almas!—Pag. 261. Ah! se te adejasse nos lombos o tal corpo enorme, talvez tu a valer te deslumbrasses e, em vez de veres emboabas corridos e caipiras a dançar o prazeroso maxixe, refugiar-te-ias para sempre no lugar propicio aos malucos da tua laia, que não sabem o que dizem,—num bem agrilhoado hospicio de filosofos com pancada na bola!

A pg. 225 apodera-se da expressão de Basilio da Gama—*perfidia da Europa*. Que apocalipse de revelações profeticas o querido Silvio hiberna ali! Que mundo ignoto de insurreições, que sêde aos rins do gallego descobre o fantasmagorico escrevedor destas historias no mais tarde leal amigo de Sebastião José de Mello! Lá no amago, naquelle cofre de odios á perfida Europa, todos estão adivinhando a Declaração dos Direitos do Homem, Robespierre, Danton, Marat, a reclamar a realeza em dobradinha com grão de bico! Todos, absolutamente, espreitam naquelle verso a guilhotina e os artigos de fundo do *Amigo do Povo*! Foi ali mesmo, sem tirar nem pôr, que o furibundo Silvio se inspirou para a cruzada milagrosa do seu pastelão! Inquiram, perscrutem e verão se a origem foi ou não foi, tal, qual, esta!...

O fim do *Uruguai*, adjunta, era combater o jesuita, de caldeia-la com as perfidias europeas. Mas a critica—é elle, o Silvio.—desvendou que o resultado foi dar plena entrada ao indigena na poesia. Ou a logica não fosse logica, Estamos até convencidissimos de que Basilio não registou isso em apostilla, para vêr o que Silvio diria, qual era a sua autorisada opinião...

Desfiemos ainda uma novíssima contradicção.—Quando a literatura franceza se esterilisava nas sensaborias de J. B. Rousseau, e a portugueza nos ouriços espinhentos das produções de Francisco Manuel do Nascimento, nós escreviamos os melhores fragmentos liricos da lingua de Camões.—260. Vocencias dêem-se ao incommodo penoso de verificar, tres paginas após, a contraprova e as elegancias dèsses *melhores fragmentos*:—Pelo que toca à seiva nova e luxuriante do nosso lirismo, *cujos meritos não devemos em extremo encarecer*... Ai! Silvio das nossas estranhas!...

Não passaremos adiante, já que estamos com a mão na massa, sem vos communicar o que este descommunal tesouro da asneira catedratica entende por lirismo. Açõem-se e leiam:—Lirismo é o oposto às grandes construcções epicas e a tudo quanto é falso, indigesto, mentido. E' sempre aligero, mimoso, tenue, qual um incenso exalado por um coração, pelas expansões das almas profundas.—*Ergo*, nós somos uns irreprochaveis liricos, porque preferimos a esculpir uns *Luziadas* esta epopéa galhofeira, adversa figadal do postico, do soporifico e da intrujice. E, quanto a ser mimoso, aligero, tenue, exalar incenso do coração e ter alma profundissima, infinita, isso nem se pergunta! Ficae, pois, sabendo que o degas que aqui fitaes é o non-plus-ultra dos liricos, graça que elle desconhecia na sua pessoa bella, mas que de ora avante ostentará, com o beneplacito de Silvio, para confusão de Hegel, do Comte, do Taine, do Veron, do Schelling e de outros patusquinhos que se esbodegaram a gisar tronchudas regras de estetica! . . .

E agora, xentes, atiremo-nos de cabeça, aligeros e mimosos, tenues e com as almas bem profundas, não às orelhas e ao pescoço do Silvio, em sinal de infinda gratidão, mas sim às modinhas do Caldas. E' elle, o mestre supremo, quem o ordena «aconselhamos a leitura das modinhas do padre Caldas Barbosa».—304. Tonitrõe pelos vales e salões a viola de Lereno, rode a cachaca, repuxe o embriagante maxixe! . . . Canta, mulata! Rebola, creoula! . . . Redondo, sinhá!..

Oh! sinhá, minha sinhá,
Oh! sinhá do meu abrigo,
Estou cantando o meu redondo,
Ninguem se importe comigo.

Redondo, sinhá.

Certa velha intentou
Urinar numa ladeira,
Encheu rios e riachos,
E a lagõa da Ribeira.

Redondo, sinhá.

E sete engenhos moeram,

Sele frades se afogou,
E a maldita desta velha
Inda diz que não mijou . . .

Redondo, sinhá.

E a reforma literaria sairá dos engoneos e os costumes morigerar-se-ão e a patria estará salva—e não vem um raio que te parta, ó Silvio das Arabias !

12.º—Em que ficamos? Diz-se ou não se diz mal dos homens?! . . .

Desde os fins do seculo passado, resmoneia Silvio, o pensamento portuguez deixou de ser o nosso mestre.—310. O esguichante mentor esquece-se de que, para não citar factos mais recentes, os livros d'elle são uma contrafacção abominavel dos de Teofilo Braga e de que o germanismo de Tobias Barreto, o unico publicista brasileiro que desmontou o ramerrão, derivou tambem de uma charra imitação portu gueza. Noutra parte se descascarão esta e outras crostas de presunção ao ridiculissimo apostrofador do nosso torrão, eujos donatarios cairam na loucura parvoinha de domesticar Silvio, pondo-lhe na cabeça um ceco e nos costados um jaquetão, quando melhor andariam em rete-lo num museu, de tanga, a palaco a entrada !

Não quer isto insinuar uma apologia incondicional, sem restricções, do talento portuguez. Mas vendo a Italia traduzir os nossos poetas, os nossos cientistas e os nossos filosofos; vendo a Allemanha encomiar os nossos criticos e verter os nossos poetas; vendo a Inglaterra, a França, a Suecia-Noruega, a Espanha, os Estados-Unidos, etc., estudar os nossos literatos e editar os nossos belletristas, que assebraria remirar os nossos irmãos de armas brasileiros, os quaes só poderão resistir ás desencontradissimas correntes literarias que os asseteiam, secundando-nos as livres manifestações, que encastellam os seus liberrimos pensares, pois uma raiz ethnica não se derruba, nem sequer mirra, a golpes insanos de qualquer Silvio, que admirará, senhores, que a intelligencia braziliiana nos delectreie, nos remoce, emprestando-nos o vicio do seu subjectivismo donairoso, caleureando com sagacidade as veredas especulativas que nós pisamos com aprumo?... Que desaire haverá nessa conjunção de espiritos, nesse desdobramento de intellectos, nessa communhão de aspirações á belleza artistica, á verdade scientiifica, á normalidade filosofica?... Que mais ensinarão os tredos e longinquos allemães, com as suas estatisticas e as suas cazernas, do que os intelligiveis e visinhos portuguezes, com a sua calma de raciocinadores idoneos e a sua clarividencia de cultores do experimentalismo, que verga ao crivo da analyse as torvas supurações mentaes dos anglo-saxonios, os quaes até hoje só lograram superiorisar-se aos latinos na confecção de pannos e de canhões?...

Não, Silvio parvajola! O pensamento portuguez não pede ao brasileiro que lhe tome as lições, que se genuflexe ante os seus intellectuaes. Mas esse pensamento, pela nossa ferula vingadora, está no seu direito de provar que tu, o indignado, lhe filaste as quatro idéas que te borboleteiam na cachola. Adiante o verás, filante ingrato, sarrafaçal desprezível! Treme, Silvio duma canna!...

Por estas e outras é que o lazarento realejo resmunga—«não poder encarar os inconfidentes sem vertigens». Da espécie das vertigens, dos atordoantes vágados, não nos reza o modelar especimen de bronquidão. Mas nós já o auscultámos momentos atraz. A inconfidencia arrancou-lhe deliquios de asneira bravia,—couces no senso commum, patadas nas discreção coerente. Foi uma tourada em hastes *limpias*!

Avante, intrepido leitor!—Neste ponto, gagueja Silvio, ao tratar de oradores sagrados, ainda mais talvez do que noutros, a historia litteraria entre nós não tem feito mais do que clogiar descemidamente.—313. E vae palavreando:—Quando o numero dos inscriptos se avoluma é preciso eliminar os mediocres de toda a marca. Attendendo a este salutar preceito *deviamos riscar quasi todos os nomes* que acima ficam consignados—Souza Caldas, São Carlos, Sampaio, Caneca, Januario Barbosa, Montalverne, Elói Ottoni, Natividade Saldanha, etc.—315. Frei Caneca, que assanha ao Silvio o *risco* da vindicta nesta pagina, que presuppõe os senhores sobre o destino que o aguarda a pag. 324? Ouvi:—Caneca é a mais nitida incarnação do espirito revolucionario do começo deste seculo no Brazil. Esta lembra-nos o Gregorio, que tambem incarnou, como garoto. Caneca incarnou por sua banda, mas merece *risco*. Diabos nos levem, se o entendemos. . .

Mas vamos por ordem, impossivel de suster, pois as cabriolas de Silvio fazem-nos dançar com elle o chifarote. Porque isto não é um critico, senhores,—é um palhaço! E sem graça. . .

Parecia que, reptando todos esses luzeiros o lapis vermelho do nosso olheiro exterminador, a referencia ficaria por ai. Mas Silvio jurou aos seus botões azucrinar-nos a paciencia e vae alcatruzando o roziário. Souza Caldas, por exemplo, que foi um poeta religioso de valia, suspende lhe uma objugatoria de filosofo sem grammatica, acerrimo inimigo della, porque não melhorou a lingua com um dos especificos *me deixe* ou *a mim parece* e nem o mais vitreo vestigio externou de pendor pela independencia,—nem ao menos testou uma impiedosa banana para a *perfida Europa*, como Basilio! Some-te, indigno sacrista!

São Carlos é um brasileiro significativo, porque nunca saiu do Brazil. *A assunção da Virgem* é um poema duro; é preciso catar aqui e acolá as bellezas. Não tinha grande cultura, nem era verdadeiramente um poeta.—321. Brasileiro que compulse este livrinho por certo se ha de contristar a miude. Este Silvio, que se improvisou porta-bandeira da diffamação do cultivo portuguez, põe a escorrer sangue a mentalidade braziliana. Hontem era Gregorio o prototipo,

a voz da patria, com os requisitos incarnadores de gaiato inconveniente, debochado, superficial,—e famulo de varios Meeenas; depois resoaram os clarins da inconfidencia, que findou por dever a importancia aos exaggeros escarmentadores da metropole; agora vemos frei Caneca a pedir um traço de carvão como incarnação extraordinaria, e São Carlos, que é um *brasileiro significativo*, desenrolar durezas, não ter cultura e não ser poeta, cousa que até o sr. Valentim já foi. Deveis confessar que o Brazil não podia vislumbrar maior adversario da sua integridade espiritual e social. Silvio que se vá extasiando com a mania de enrolar o seu tacanho jacobinismo na literatura.

Sampaio é um ingenuo e o nosso estimavel Caneca, se não incarnou com o risco, incarnou com outra cousa, que inunda num intenso alegrão o Silvio. Caneca tinha um inimigo innato, perpetuo: era o portuguez, o *marinheiro*, e não chorou perante os fuzis. Valha-nos esta virilidade. Mas Silvio, com tantas incarnações, é que não escapa de que o erismemos em Silvio da Encarnação. Cada Petrarca arranja a sua Laura e não era justo, nem equitativo, que nós, liricos mimosos, por obra e graça de Silvio, lhe não rendessemos o *incenso do nosso coração*, presenteando-o com uma Encarnação! Das almas grandes, como dizia Bocage, e das profundas, como corrige Silvio, a nobreza é esta! . . .

Natividade Saldanha, outro votado ao risco, entregou-se á embriaguez no exilio. Era serio e preparou a emancipação.—332. Lá que esse filho de padre temperasse os preparos da independencia— não refutamos e, se isso é veridico, louvamo-lo até. Mas o que não digerimos, por mais provas historicas que Silvio nos atire, é que um bebedo seja homem serio. Com essa é que tu não nos empanzinas, Silvio! Que tal está a chalaça, hein!? Que tal este seriissimo borracho?!

O conego Januario Barbosa foi uma mediocridade cheia e a respeito do vigario Barreto espectora, a pag. 323, por causa de os corteãos o haverem occultado e a frei Bastos. E a pag. 340 participamos que este foi um crapula e que a publicação dos sermões daquelle foi uma prova terrivel. Era um poeta de ordem terciaria, accrescenta. Para que os desenterrou então? Para no-los mostrar em toda a sua nudez de inuteis, para cortar o pescoço a cadaveres? Você tem maus figados, filosofo!

Voltemo-nos para o prégador Montalverne e peçamos-lhe um refrigerio. Introito silviano:—A sua linguagem não tem o falso saineite do lusismo classico; é abrazilizada e incorrecta a nosso modo. Castilho achou-a defeituosa pelas mesmas razões por que devemos elogia-la.—345. Diga logo, não tenha receio, que Montalverne também incarnou. Isto de não saber a lingua em que se escreve e fala é realmente a melhor das recommendações para quem se intitula orador e literato. E, ademais, o paspalbão do Castilho censurou o frade. Pau nelle! Quem quizer aperfeiçoar-se em portuguez devore o sermario de Montalverne ou bata ali no ferrolho do Silvio... Supunha-se um grande orador e um grande filosofo. (Devia antes su-

pôr-se um grandissimo filologo, que isso é que elle era). O documento que nos deixou da sua capacidade filosofica é simplesmente lamentavel. Nada se aproveita no livro de filosofia, nada ha a aprender nos quatro volumes de sermões. Chamava-se gloria a si proprio, no ridiculo prefacio das *Obras oratorias*. Só produziu frases e a humanidade não se dirige com palavreados. (Vê o argueiro no olho do visinho e não olha para o seu). Vulto secundario, decorativo. Torna-se *tão minimo* que quasi escapa das mãos. —345. Esse *tão minimo* é uma das incontaveis perolas do seu escritorio grammatical. Por isso é que a consciencia o faz anatematizar o autor do *Metodo repentino* e suffragar Montalverne.

Ecce homo, em outra variante, á semelhança de Fregoli. A raiva cresceu e, em lugar de decapitar somente os illustres riscados, esfaqueou sem commiseração as norinas da syntaxe, a que muito bem poderia ter acudido o seu conterraneo João Ribeiro. E ai está no que deram os pobres a quem Silvio negou os ensinamentos do pensamento portuguez! Bem se vê que elles nos enxotaram de professores!... E graças sejam rendidas áquelles que nomearam para seu cronista delles o maduro Silvio!...

Não nos despedimos sem gravar mais uma pancadinha de amor do nosso Pilades.—Toda esta galeria de poetas e oradores sagrados encerra espiritos daquelles dos quaes se poderia dizer mal; mas não se deve. Não se devem esquecer, mas não se deve gastar muito papel com elles.—321-322. Silvio balançou por instantes, como no verso francez, mas depois sempre decidiu arrazar tudo. Ruins defuntos, com os quaes se perdeu cera! Assim succede com Silvio. Belzebuth vaticinou que desperdiçassimos com elle uns coutosinhos e nós cá vamos jornadeando, com esta candeia mortiga.

13.º—Os patriarcas, a sua sciencia, Buffon e o corte das madeiras

Sabiamos que um *conteur*, um poeta, um romancista, um critico, um historiador, um filologo, um filosofo, etc., eram literatos. Mas o que nunca nos havia passado pela mente era que os pintores, os musicos e os escultores, dedilhando os seus pinceis, os seus compassos e os seus escopos fossem por igual escritores. Este invento pertence ao inverosimil Silvio, que houve por bem intercalar nas suas historias literarias um capitulo de oito magrissimas paginas, afim de entretecer as quadrilhas de Sergipe, o berço amantissimo. Esta invenção e a defeza do suino João VI, quiçá por haver abandonado os pomares e as cosinheiras de Portugal, bastariam para arredondar-lhe a extensa consagração, se esta epopéa lha não espichasse té os cornos da lua.

Atraz lemos que, assim como os incondidentes foram os primicias espiritos poeticos do seu tempo, Arruda Camara, José Bonifacio, Velloso, Hipolito, etc., pompearam de primeiros pensadores. O rasgo amolçou-nos, abananou-nos, sem nutrirmos invejas, contudo.

Mas Silvio, com o seu louvavel desembaraço de carteiro de beijos e de facadas, apressa-se a obliterar esse quadro de espavento scientifico.—Arruda Camara, Velloso, Alexandre Ferreira, Antonio de Nola, Coelho de Seabra são os celebres naturalistas, os afamados sabios. Não estudaram no paiz, não se fizeram aqui. Ninguém os lê hoje. Não ha trabalhos impressos. A historia das sciencias, das artes e das letras no Brazil é um verdadeiro caminhar entre mortos. Tudo acaba completamente aqui.—Pg. 376.

De sorte que nós ficamos attonitos, não pelo que nos respeita, mas pela posição em que Silvio pespega os citados pensadores, que pelos modos não eliminam o nosso Luiz Antonio Verney, o eclectico autor do *Verdadeiro metodo de estudar*, nem o panfletario Cavalheiro de Oliveira. Quedamo-nos deverias absortos perante os vultos que hontem eram superiores a tudo e que hoje obrigam o orelhudo, com uma temeridade estupenda, a fazer uma romaria por entre soturnos ciprestes. Mas Silvio, que pelo visto come queijo em demasia, não reluta um segundo e, ao passo que debuxa essas individualidades como fadoras da independencia, machuca ainda mais o maior de entre todos, o venerando José Bonifacio, narrando-nos que o patriarca—«deu-nos o exemplo de um investigador quasi nullificado por um empirismo negativo—e o do prototipo da incultura filosofica».—398. Melhor avisado andaria Silvio, todavia, se empregasse o papel e o espaço que levou a cacetear-nos com uma abusiva e destemperada pseudo-historia literaria em editorar os ineditos de José Bonifacio e em estudar, num livro aparte, se a competencia o favoreasse, a personalidade complexa do sabio, do patriota e do belletrista. Verdade seja que, devido a criticos do pulso dos srs. Silvio, Araripe e Verissimo, os obnoxios conselheiros da intellectualidade brazileira, o forte paulista ainda não teve quem mais longamente lhe urdisse o panegirico do que Latino Coelho, quando o seu digno similhar Rui Barboza, um talento de purissimo quilate, lho poderia levantar com bizarrria. Nesta passagem se ratifica o aforismo de que um paiz vive á mercê dos seus criticos, dos seus historiadores e dos seus filosofos. Transviados elles, apoucados nos seus preconceitos ou na sua aurea mediocridade, os estetas não deparam quem os norteie ou julgue, os factos historicos não veem á tona, esparzindo luz, os estadistas afundam-se nos expedientes economico-financeiros e nas cabalas de corrilho. Felizmente, e no Brazil se eria uma excepção, Murat e Duquestrada, Teixeira Mendes e Clovis Bevilacqua, Julio de Castilhos e Joaquim Murinho—pairam superiores aos que exercem o mister de analistas do verso e da prosa, da sciencia e da filosofia, ou da politica. E ainda bem, para obstar a depreciacões.

De Alexandre Rodrigues Ferreira, o indefesso explorador, imprime o mentiroso que escreveu tanto como Buffon.—378. Se o trabalhador bahiano se vangloriasse apenas com este adorno, aliás incognito, porque as suas descrições jazem em manuserito, deveis concordar em que o tabellião ali da esquina ultrapassou Buffon e Ferreira, porque não teem conta os cadernos de almagço que ha ga-

ratujado. Que contundente argumento—o do imbecil, tão suspicaz como os desatrelados pelo sabio de contrabando Goeldi, fotografo e sebastianista, que numa esqualida monografia, sem grammatica e sem senso commum, porque não tinha à mão donde traduzir a erudição com que nos embarrilla, limitou a sua sciencia a descompôr Portugal—o antigo, o moderno e por um triz que não enguliu o futuro, com as suas popularisadas guelas farizaicas!

A historia litteraria do Brazil, neste ponto, não pode deixar de encerrar uma serie de notas de character bibliografico.—406. Neste ponto, prelece ona Silvio. Bem se vê que a indigencia mental do corriqueiro cronista não o deixou apalpar sequer os alicerces de uma verdadeira historia litteraria. Cuidou o curioso que, para elaborar uma *Historia da Litteratura Brasileira*, conforme elle denomina grandiloquamente o seu fastidioso calhamaço, sufficiente seria buzinhar às turbas boquiabertas que os escriptores portuguezes eram uma recua de jumentos e que os brazileiros constituíam monumentos, mas que, por outro prisma, considerando maduramente as cousas, «o Brazil deve a Portugal o seu contacto com a civilisação, as suas leis, as suas instituições, o seu sangue» e os literatos brazileiros são uns vagabundos, uns garotos, uns onanistas, uns vadios. . . Mofa o terrível maçador, em diversos lugares, das collectaneas bibliograficas, quando ellas presentemente escorçam a estação de partida dos criticos que conquistam este nome, não com chalaças e transcrições, mas obedecendo aos tres pilares da observação—o meio, o momento, a raça. Nesses repositorios se nos antolham inapreciaveis elementos. E nós, tendo que seleccionar ou apontar um cicerone a quem deseje analisar a litteratura brazileira, distinguimos sem hesitação o *Diccionario Bibliografico Brasileiro*, de Sacramento Blake, mesmo que nos intimidem com as historias de Silvio, as espremidas columnas de Araripe, os parnasos de varios conegos ou as revistas litterarias de qualquer cheché entupido.

E tanto o fressuroso crítico palpou esta evidencia, mau grado os seus desdens cretinos, que nos catalogou os trabalhos dos celebres naturalistas e afamados sabios, para dessa enumeração ou leitura colligirmos uma idéa. Affirma-nos por esta maneira Silvio que o seu cartapacio nem para modesto roteiro presta, a não ser por obrigatorio bamburrio.

Tropeçamos de novo. Não ha remedio senão abreviar os commentos. Poucas frases nossas e muitas asneiras de Silvio—eis o que ha por fim mostrar esta epopéa! Tomemos, pois, Vilela Barbosa, que foi um mediocre equilibrado e que como poeta não passou de uma curiosidade.—422. Sigamos para Pedra Branca, que foi um emperrado mental e dêmos logo o braço a Maciel Monteiro, o *doutor cheiroso*, para não estorvar a contradança. Este, *que foi o mais notavel da pleiada de 1829*, deixou meia duzia de produções ligeiras, foi um dilettante da tribuna e um virtuose da politica. *En avant*, sr. Araujo Vianna! Este aparece na historia, por ter feito quatro quadrinhas e um artigo no *Correio Official* contra José Bonifacio,

artigo esse que Silvio reputa — uma peça incolor, sem grande prestígio literario e pouco alcance historico.—456.

Consola-te, Rei da Madureza ! Tambem tu, inditoso trovador, fizeste quatro quadrinhas, centos dellas ! Tambem tu cheiraste bem e nos prodigalisaste composições aladas ! Tambem tu, enfim, foste uma curiosidade poetica e teimoso que nem uma porta, quando os esbirros te pretendiam metter no xelindró ! Vamos naturalisar-te postumamente, para que Silvio te encorpore áquelles pares e te emparceire com Barros Vulcão, o qual, como tu, possuiu *habilidade lirica* !

Mas isto, decididamente, faz perder as estribeiras. Você tem uma aduela de menos, *sôr* Silvio ! Onde é que você viu trazer para uma historia literaria, segundo você a alcunha, gente que fez um artigo, que não vae alem de mumia em poesia, de que somente se joeiram composições rapidas, que se emplumam com *habilidades liricas* ?... Onde, —quando ?... E se você confirma que — «a quem percorre uma dessas antologias, um desses parnasos aí publicados, se depara a pobreza das nossas produções» — pg. 436, para que diacho é que veio expôr á irrisão essa inopia e não procurou salvar esses andrajos, tapando-os ? Para que é que se nos arregaçou preconizando summidades e se atascou aljofrando nullidades !

O sr. não conhece o que é senso moral, Silvio, nem sabe o que venha ser o largo senso critico. Porque, se se exornasse com uma parcella do seu conteudo, redigiria uma simpatica historia da litteratura no Brazil, desenoveliando os seus tipos por um alvo attraente e confortativo; pois os quatro seculos de evolução intellectiva desta nação comportam essa obra estimulante e os condignos dêsse preito vindicador existem, cabaes emulos dos da Argentina, do Chile e do Mexico. Mas você é desastrado, Silvio. Apertou tanto os seus filhos que os estrangulou. Você foi macaca, Silvio. E desta sorte a sua famosa historia transsubstanciou-se em necropole, não porque você seja capaz de matar um carapaná, mas porque se enfeita com robustos locomoveis e atira excellentemente... E, senão, aí vae mais uma parrelha delles: — Uns (os celebres naturalistas) nada deixaram impresso e outros (os afamados sabios) escreveram sobre o corte das madeiras, a cochonilha, o malvaisco, a jalapa... e outros *grandes* problemas scientificos dessa natureza—415.

Leram ? Pois então cocem-se...

14. De como Queiroga podia muito bem ter sido Victor Hugo, se Silvio o prevenisse a tempo . . .

O gracioso galga a *escola* maranhense, nem um gato as brazas, havendo-nos scientificado que o nome da escola não se entende por corpo sistematico de doutrinas e opiniões, mas sim porque o Maranhão commetteu a tolice de procrear, na mesma epoca e na mesmíssima São Luiz garridente, um lucilante nucleo de talentos. O disparate invocado encabeçou-se de igual fórma, ao retraçar-nos os

compositores da Bahia e de Minas, que tambem foram escolares . . . à força, nem o medico de Molière. Mas só aqui, ao tocar no Maranhão, o inclito sacerdote da asneira se entrelembrou dêsse arrazoado, como que em sentido menosprezador.

E porquê? Porque os maranhenses tinham amor ao purismo—que elle averba de *purissimo*—na linguagem. Mastiga Silvio que isto de uma pessoa, e em particular um escritor, manejar com inteiro conhecimento o seu idioma, escavando-lhe os segredos, descarnando-lhe as asperezas, constitue um dos maiores e mais reprovaveis attentados. Mas dessa calinada retribue-nos o facto de Silvio nunca ter servido nas aulas primarias, ao passo que João Lisboa é enlourado nas antologias, com todo o seu garbo estilistico. Elle proprio, com os seus plenos usos de engraxate da critica, encarrega-se de redimir aquella vasia censura aos poucos homens que já souberam portuguez aqui—esses agora vilipendiados maranhenses—, confessando-nos lá mais adiante, a pg. 894, a respeito dos trabalhos em prosa de Gonçalves Dias, um dos incluidos na apostrofe, que—são escritos naquelle estilo claro, simples e harmonioso da prosa de Gonçalves Dias, uma das melhores do Brazil.

Estas atarantações flagrantissimas fariam pasmar, se nós não estivéssemos habituados a essas ininterruptas palinodias, que representam a teia de todas as anedotas sensabores que o illustre beldroegas nos esfuminha. Evidente é que, se esses maranhenses produziram *escritos claros, simples e harmoniosos, dos melhores do Brazil*, a mancha que Silvio lhes irroga ricocheta immediatamente sobre a cabeça critica do audacioso charlatão. Maldizer do que elle, em carne e osso, patenteia excellente, irreprehensivel, supremo, só caberia no bestunto dum idiota. E esse idiota, como vêdes, segundo o seu indiscutivel testemunho, é Silvio, o abracadabrante Silvio! Com soffreguidão lhe restituimos o barrete que de boamente se talhou, sr. historiador da literatura braz leira! Abafe com elle as orelhas, para que as ditas se não elasticizem demasiado com os seus incessantes puxões...

De Salomé Queiroga, que o cabeçudo bacharel arroja por esses mundos fóra, discursa assim:—Os prologos do *Canhenho de poesias brasileiras* e dos *Arremedos* seriam o prefacio do *Cromwell* do romantismo brasileiro, se fossem bem escritos e publicados oportunamente.—488. Silvio amado, Silvio sapiente, Silvio bestialógico! Para que has de tu atormentar-nos constantemente com sandices, para que se te mettu na cachola que decifravas algo destas cousas? Quem foi, inconcebivel tubo da cavallidade, superabundante delegado de Galino, inexcudivel raiz quadrada e cubica da sendeirice, quem foi que te encasquetou no miolo que sabias ler e escrever, que ao menos soletravas? Ah! nunca perdõaremos a Tobias este seu paradoxo maximo... Pois tu não vês, pateta, que se o Queiroga soubesse poetar ou proscar, fosse publicado oportunamente, pudesse desmarcar prefacios do *Cromwell*. deixaria de ser um Salomé Queiroga, sem *Canhenhos* e sem *Arremedos*, mas com formosos *Ernanis* e formo-

sissimas *Contemplações*? Pois tu não sentes que, se o Queiroga fosse Victor Hugo, tu nunca serias o seu Sainte Beuve? Reflecte que o Queiroga desabou sobre o planeta, porque tu tinhas que estatelar-te nelle tambem. Sois uma regra de *dois* simplicissima:—tu estás para o bom Queiroga como elle está para ti. Misturem-se e caminhem!

Este excesso entusiastico justifica-se, no entanto. Salomé alçou-se às nuvens, porque foi opositorista da literatura portugueza e apostolisou—adivinhem o quê!—que o seu falar era o *luso-bundo-guarani*! Sempre nos palpitou que andava cousa mal-cheirosa no meio . . . Isto de lingua bunda será assás proveitoso e curial nos ser-tões africanos, mas para cá vem de carrinho o Queiroga, porque nós fugimos-lhe com ella . . . Mas, afinal, o adoravel Silvio, que não tem mau coração, chega-se às bôas e segreda-nos que «Salomé não foi um grande poeta», pg. 492, e que as suas composições originalissimas de quasi-prefaciador do *Cromwell* não iam além de innocentes plagios de Hugo, ornamento este que Silvio julga dever ser notado como estudo da indole e predilecção dos autores!—494. Ah! Assim—sim. Se a questão aventada é a da indole e predilecção do supino-Queiroga, aferindo-se-lhe estes predicados realçantes pelos plagiatos, apoiamos em absoluto mestre Silvio. Nesta ponderavel hipotese concordamos em que Salomé poderia esplendidamente haver escrito o prefacio e mesmo o *Cromwell* inteiro, de cabo a rabo, se não surgisse o contratempo de Silvio se esquecer de o prevenir mais cedo . . . Foi um canudo—este desmemoriamento do veneravel troca-tintas, e só delle, de quem Queiroga se ha de carpir eternamente! . . .

Um pedacinho mais para encerrar este versiculo. Silvio allude a Francisco Bernardino Ribeiro e transcreve uma poesia do malogrado moço. Nesse trecho Ribeiro aconselha a um collega que folheie, medite e siga Ovidio, Ariosto, Byron, Sterne e *Garrett, honra dos lusos*. Pois que fantasiam os senhores que o interessantissimo Silvio concluiu do conselho de Bernardino? Isto:—*que elle manda fugir da imitação portugueza!*—505 Parecerá á primeira vista estapafurdio. Mas nós, caro leitor, que o conhecemos de ginjeira, nada estranhemos. Para estranhar seria que elle deduzisse o inverso. E daí talvez Silvio, contando com os // finaes do apellido, supuzesse engazopar os rapazinhos que o adulam, fazendo correr Garrett como irlandez ou mesmo allemão . . . Porque nós já encontrámos um chaguento ocioso na rua do Ouvidor a incender diatribes contra as letras luziadas, o qual, ao citarmos-lhe o immortal do *Frei Luiz de Souza* e das *Folhas caídas*, declarou que nunca o havia lido, mas forçosamente era uma besta! . . . Silvio é irmão da mesma confraria.

15. —Elle a dar-lhe e a burra a fugir-lhe!

Alvares de Azevedo, apita Silvio, fez bem em morrer cedo; a sua melhor poesia foi a morte. A sua poesia sentimental e aerea não resistia aos embates do tempo. Producto enfermigo devia durar um

momento e assim aconteceu.—Pg. 515. Entre parentesis: estas nossas citações, com o numero da pagina indicado, conquanto exprimam exactissimamente os conceitos exarados pelo filosofo, não são todavia uma copia da sua farandula syntaxica. As differentes contingencias de aperto grammatical em que o surpreendemos levam-nos a traduzi-lo para vernaculo, com o *Elucidario* de Viterbo em punho! Na segunda linha acima, p. ex., o supimpa estilista havia consignado, na sua expressão de preto:—*sua melhor poesia foi sua morte mesma*. Em todas as cincadas semelhantes, ou peores, o nosso procedimento de zeladores da lingua tem-se demonstrado inexoravel, indefectivel...

Arquivae com ciume o destrambelho emittido acerca de Azevedo, porque lá mais adeante haveis de ve-lo superior a Baudelaire, inspirando *A morte de D. João*, de Junqueiro, e fulminando com os raios do seu genio a literatura portugueza. Tomae nota, pois, do esporadico autor da *Noite na taberna*, cuja revelação soberana, a maior poesia, a maior criação, foi morrer aos 20 annos, como se elle nessa idade já pudesse irradiar tantos fulgores e occultar tantas maculas, para que Silvio assim o exalte e pelo mesmo modo, parallelamente, o precipite na lousa dos nocivos ou loucos! Attentae em mais esta aberração do escaganifrado.

Ouçamos o zabumba pela centessima vez, marcando passo no mesmo terreno:—A literatura do Brazil é em grande parte, na maxima parte, uma collaboração de vadios ou de infecundos. Nas paginas da sua historia—olhae que é a *historia* do Silvio—ha de figurar sempre e sempre um grande numero de sujeitos que deixaram tres ou quatro poesias, tres ou quatro artigos de prosa, e nada mais.—516. Um critico assizado, ao dar de frente com esses infecundos e vadios que Silvio arrola, faria o que faz toda a gente, quando algum trambolho lhe empece o transito—arreda-lo-ia com o bico da bota. Mas o nosso saltimbanco, que em cousas de bom senso orça pelos recolhidos nos hospicios de alienados, entendeu de si para si que a mais deleitavel das diversões que elle podia offerecer aos seus tres leitores era esta de o affligir indefinidamente com esses pregões enfadonhos e morrinhentos. Que temivel cacete! Porque não diz você isso por uma vez, *seu palerma*? Para que andar ás aranhas, a cantarolar que tudo é superfino e, pelo mesmo bordão, tudo é intoleravel? O que não serve deita-se fóra—e acabou-se.

Mas Silvio não raciocina desta maneira. Apostou que nos havia de enfiar com lenga-lengas e volta e meia enfiar-nos pelas algibeiras estas ladainhas:—*A festa de Baldo* é de uma mediocridade pavorosa. Quasi tudo de uma futilidade pasmosa. Numa literatura mais rica nem se faria menção de producto tão negativo como *A festa de Baldo*.—593. E adenda:—Em rigor a historia da literatura brazileira poderia ser feita em quatro ou seis paginas. Indicadas as condições etnicas, apontado o sentido da evolução geral, descritos tres ou quatro tipos representativos das tendencias nacionaes, estaria completa a historia.—546. E ora aí está em que degenerou tantissima basofia! Arenga Silvio que, *em rigor*, o bosquejo da literatura brazileica se

poderia desmanivar em seis paginas, ao passo que a historia da litteratura portugueza, que elle mira dilacerar com protervos dichotes, *em rigor*, somente se aprecia em trinta e quatro volumes, numa inabalavel peça, harmoniosissimos, sem incoerencias, sem sacudidellas vesanicas. Eis a racional differença existente entre as letras de Portugal e Brazil e o abismo que separa Teófilo Braga do sr. Silvio Romero. Duas pollegadas apenas, dum ao outro polo . . . Seis paginas, trinta e quatro tomos . . . E aquellas são superiores a estes, como atraz instou o 'altapocinhas e de novo repetirá no seguimento. Ora valha-te um burro aos couces e outro aos pinotes, ineffavel quadrupede !

Silvio procura um lenitivo a estas suas amarguras e, como é dos livros, canalisa o fel para o bode expiatorio. Chama-lhe antes que te chamem, obtempera a sabedoria das nações. Mas o agudissimo hermafrodita da critica inverteu: acanalhou-se antes de pretender acanalhar o seu espanta-pardaes, que é Portugal. Gosae-o:—Apezar de Garrett haver ingenuamente dito ser o povo portuguez o mais espirituoso da Europa, não passa isto de um parto filaucioso da tolice luzitana. O facto veridico é que Portugal nunca possuiu um grande poeta satirico, um grande poeta comico, um grande poeta comico, um grande poeta humorista. Não atinamos bem com essa de *poeta comico*, mas elle não erra, com certeza. E, se não fosse a cacofonia, calhava atar-lhe este distico—*critico comico*. Garrett seria tolo, ao enunciar aquillo, mas tu és bestiaga, Silvio ! Portugal não lança esses *grandecissimos* poetas por que tu suspiras, porque, inda que elles se alcandorassem a uma nomeada gritante, a tua desfaçatez nega-la-ia com a mesma rãbia. Mas o ledor sensato ha de convir em que grandes satiricos foram Gil Vicente, a espaços Camões e Sá de Miranda, Francisco Manuel de Mello e Antonio Vieira, Diniz e o Cavalheiro de Oliveira, Bocage e Tolentino, Garrett e João de Deus allures. E, pelo que concerne ao dia de hoje, que nasceu ha trinta annos, revejam-se em Camillo, Guilherme Braga e Guilherme Azevedo, Gomes Leal e Guerra Junqueiro, Eça e Marcelino Mesquita, Ramalho e Fialho de Almeida. O sr. Silvio que busque informações, já que a sua insciencia lhe permite esses atrevimentos.

Mas o desencabrestado filosofante não se confina aí. Silvio, em quem pulsam as ganas de obumbrar os nossos satiricos, estende-se té aos confins da nossa vitalidade. Que admira que elle nos recuse o *esprit* francez ou o *humour* inglez, se elle se presente com impulso de nos contestar o descobrimento de Brazil e da senda maritima para a India ! . . . Não é brincadeira nossa, acreditem. Lamba-no já, na integra:—Por *ter* feito a viagem da India e colonizado (só colonizado?) o Brazil os portuguezes tomaram-se de um orgulho fofo e insensato. —Pg. 585. Pobres de nós, coitadinhos ! Silvio não dá licença que nos ufanemos de haver trilhado o caminho indiano em primeiro lugar, quando todos os povos mareantes porfiavam em caça-lo, e nem sequer nos perdda o havermos-lhe arrancado as argolas da beicola, o tacape das unhas e a selvajeria da pelle, entregando-o ao convivio das cidades e á curul de representante de Sergipe. Não ! fomos nós

que descobrimos a India, Silvio omnipotente! Não fomos nós que desvelámos Veracruz, Silvio omnisciente! Não fomos nós que roteámos a Africa Occidental e Oriental, que avassalámos a moirama, que conquistámos o Oriente, que aportámos antes de Colombo á America, que calcámos primeiramente a Oceania,—omnimodo Silvio! Não! Portugal nunca existiu, é um mito, uma allegoria, um sonho vaporoso, um fumo pardacento,—tudo quanto quizeres, tudo quanto apeteres que elle seja, fosse ou ambicionasse vanmente ser! Desculpa essa vaidade condemnavel de Portugal se empavezar no mappa, de haver tornado este uma realidade, quando era um hieroglifo, um amontoado de enigmas! Releva-nos todas essas ufanias—sim, arreitadissima cavalgadura?!...

Bem sabe elle, o misero, bem sabemos nós, desgraçados que somos, que—«o papel do portuguez no Brazil será o de uma população provisoria, que veio limpar o caminho para outros».—588. E apressas-te a declarar que ha meio de conjurar o perigo, *para salvar a tua responsabilidade*. E' isso, amadissimo Silvio: salva tua ponderosa responsabilidade. Mas, visto que nos tens cá para limpar o caminho, não te sobresaltes com o facto de te encafuarmos na carroça do lixo. Queremos executar fielmente as tuas ordens, varrendo as viellas. Segue, pois, no carroção, para a olorosa estrumeira, nauseabunda torcida critico-filosofica!

16.—Prova-se que Baltazar foi grande e pequeno e que Leopoldo não foi Disraeli, nem Gladstone, nem Guizot!

Palavras sacramentaes do oraculo.—Desde hoje podemos affirmar definitivamente que o poeta occupa um lugar de honra na nossa historia literaria.—533. Este poeta é José Maria do Amaral. Descança em paz, portanto, immortalissimo José Maria! Esecusas de rolar-te mais, lá no merencorio moimento, porque a fiança do Silvio garante-te á posteridade! Descança em paz, glorioso José Maria, e deixa que se rôam os invejosos!...

E fujamos do Rio, a sete pés, porque «ao Rio nunca ninguem foi nunca aprender; um poeta, um artista, um critico, um escritor nada ali tem a aproveitar. O espirito geral é o mais futil, a imprensa a mais banal do mundo; a cidade tem ares de uma feitoria estrangeira, onde tudo é provisório, onde todos tratam de ganhar a sua vida em desconfiança mutua»—555-56. Emigremos daquella Jerusalem, terra insulsa, que tem por cano de esgoto a rua do Ouvidor. Mas... reconsideremos. Reflictamos um quarto de hora. No Rio ha muita cousa boa: o popularissimo actor Brandão, as revistas literarias do sr. Verissimo, a confeitaria Colombo, a pera do dr. Campos Salles, a *Casa de Doidos da Gazeta*, a *Revista Brasileira*, a Academia, o reservatorio scientifico filosofico do sr. Silvio... Hesitamos, francamente, em abandonar tantas bellezas. Desta rascada só o mestre nos desenvençillhará. Consultemo-lo:—O trabalho de quatro

seculos tinha feito da sua capital uma bella cidade, intelligente e rica, ruidosa e mercantil.—569. Qual será o janota de bom gosto, que, depois de ouvir isto, ousará desprezar a Capital Federal? Só se fôr o Romero que em cima esperneou, porque o Silvio cá de baixo maravilha-se com os ruidos e magnificencias cariocas. Não nos occorre agora se foi Romero que ferreteou monsenhor Pizarro de *cacete* e o padre Perereca de *engrossador* ou Silvio que os guindastou a historiadores invejaveis. Mas podemos assegurar, com o dedo na consciencia, que ambos elles ostentaram os mesmissimos juizos. Só falta restituir o seu a seu dono e isto é que nos esquece neste momento solemne. O leitor que se avenha com o sr. Romero e com o sr. Silvio.

Baltazar Lisboa é um dos homens de maior merecimento que o Brazil tem produzido.—570. E' um dos da legião de sabios brazileiros (são os taes do corte das madeiras) do ultimo quartel.—571. Até aqui discretou olímpicamente o justiceiro sr. Romero. Ouvi agora o seu implacavel antagonista, o fluente sr. Silvio:—Foi contemporaneo de Herder e *ainda mais* de Wolf e Niebuhr, estudou na Europa jurisprudencia e sciencias naturaes—e que estreiteza de comprehensão historica! Ali nos—*Annaes*—não palpita a alma dum povo; ha um montão de factos mortos e sobrepostos uns aos outros; tudo sem nexos causal; as idéas são antiquadas.—573. De qual gostou mais o leitor, do sr. Romero ou do sr. Silvio? Não acha que o sr. Romero se caracterisou melhor? Mas, por outro lado, somos acordes em que o sr. Silvio, com os seus esgares, as suas caretas, agradou immensamente mais á platéa, que prefere quem lhe faça tregeitos hilariantes a quem lhe mostre interpretações incisivas e correctas. E a prova está em que o actor Silvio nunca passou dos papeis reconhecidamente secundarios, ao passo que o actor Romero tem a probabilidade de desempenhar sempre a contento as suas rabulas, alem das quaes, todavia, não lhe permite o folego ir. Não lhes parece, srs. espectadores?!. . .

Outro exemplo:—Silvio desempenha a parte de *Serapião*, do *Burro do sr. Alcaide*, que no caso corresponde ao historiografo visconde de S. Leopoldo, e Romero tenta esboçar um *Fausto*, que equivale a Teofilo Braga.—579. A acção desentranha-se entre estes dois duellistas e o circunstante aguarda impassivel o desenlace. Nesta mutação culminante Silvio e Romero fazem um mingau, isto é, fusionam-se num duetto e esguelam-se neste dialogo:—S. Leopoldo não tem força, nem brilho. Não se aproxima de Disraeli, nem de Gladstone, nem de Guizot.—579. O assistente, que estava grudado aos labios de *Serapião*. ouvindo-lhe os zurros, e que esperava precisamente aquelle paralelo, senão mais, indigna-se, assobia, põe-se em pé nas cadeiras e nos camarotes, pragueja com estridor, desmascara-se em assuadas e arremeça podrissimas cebolas á cara de Silvio. O tum .lto cresce e *Serapião*, que aguentou serenamente os primeiros rumores da pateada, some-se nos bastidores. E cae o panno. O publico, não obstante o logro que o insigne comediante lhe pregou, continuou a tolera-lo, porque a situação esquerda em que elle ficara nesta o nou-

tras occasiões, era da peça e não do seu applaudido repertorio particular.

E assim, sem resentimentos das victimas, o laureado vaé chouteando na sua carreira, aos baldões, caindo aqui, levantando-se acolá, até que o aborrecimento seja geral, o nojo se multiplique pelos seus tregeitos de circo, inadmissiveis num teatro moderno, e o mômô seja expulso vergonhosamente, afim de preeaver a rehabilitação da arte e solidificar o brilhantismo do paiz em que elle se esbodéga. Que monte barraca na Cidade Nova e trabalhe por sua conta e risco, sem onlamear os camaradas !

17.º—Ainda na grande epoca !

Relincha Silvio:—Já vimos sabios, naturalistas, historiadores e artistas e todavia ainda não esgotámos a grande epoca.—605. Quem o ouvir falar em *grande epoca* ha de supôr que este periodo regateia meças ao seculo de Alexandre, ao de Augusto, ao de Leão X, ao nosso ciclo manuelino, ao de Luiz XIV, ou á hodierna pleiada de Weimar. Mas nós já nos identificámos com essas bravissimas capacidades. Recordaes-vos ? Neste lapso a penna escorrega-lhe e Silvio prorompe em que o padre Aires dõ Casal, o eminente geografo, ó «um cimo da mentalidade portugueza, superior a Varnhagen», e arregla encomios a outro historiador portuguez, que tambem aqui residiu, o estimavel Ignacio Accioli. Noutra pagina vereis que Varnhagen, aqui inferior a Casal, que antecedeu muito o autor da *Historia Geral do Brazil*, se transverte em emulo de Herculano.

Neste capitulo dos historiadores, para apreciardes a ordem a que se arrimam todas as historias de Silvio, relata-nos o bregeiro que—figuram escriptores que falleceram nos dias de D. João VI, outros que attingiram os tempos do 1.º imperador, alguns que chegaram á regencia e finalmente não poucos que penetraram pelos annos posteriores á maioridade de Pedro II.—606. Ha aqui de tudo, por consequente, como nas boticas e nos ferros-velhos, fabricado com o mesmo desnorteamento e a desigualissima fôrma do remendão.

Silvio, a intermitencias, traveste-se bellamente de conselheiro Accacio. A antiguidade, monologa s. ex.ª, é perfeitamente desculpavel de não ter, nas sciencias, chegado á perfeição. E' ou não é puro Accacio ? E estoutra de achar tolíce o não sair do dominio dos factos a filosofia positiva ? Que idéa formará o estorninho por filosofia *positiva* ? Imaginará que este sistema irreductivel se assemelha aos seus valapás criticos e quitutes juridicos ? Pois não pondera o mostrengo que a peanha do positivismo assenta implicitamente na demonstração?... Ora não seja burro, mestre !

Insurge-se e guincha o celestial Silvio, porque maldisseram da fecundidade intellectual de José da Silva Lisboa, visconde de Cairu. Mas, por outro lado, vocifera que—«a leitura de José Lisboa é fatigante» e porque, entre outros dices, ostenta-se com «falta de ordem e de gosto na confecção de volumes».—610. De modo que a gente

ensimesma-se e fica a ver navios no alto do Corcovado, sem saber se ha de louvar Cairu pela fartura das cartonagens ou se ha de apedreja-lo por ser um incorrigivel injector do mundo legente. Silvio, que nos atufou nestes embarços, vae com uma pennada subtrair-nos a elles. Leiam, amiguinhos, leiam:—No Brazil o homem de letras tem merito, não pelo que faz, mas por aquillo que problematicamente poderia ter feito.—644. Estas arrancadas, quando principiámos a folhear Silvio, umas inquietavam-nos, outras desapertavam-nos o cós e as gargalhadas. Mas agora fazem-nos comichões! Sim, senhores, sentimos positivamente comichões!

Socegae, pois, respeitabilissimos socios da Academia Brasileira de Letras! Podeis interromper as substanciosas conferencias que nos promettestes e que tão galhardamente haveis effectuado! Podeis dar por finda a vossa proficua inspecção dos estabelecimentos de ensino, que nos promettestes no vosso programma, e fazer um-inacabavel interregno no vosso zelo pelo idioma patrio! Nem mais uma pestana queimeis nas vossas vigalias com o Diccionario da Literatura Brasileira! Esfrangalhae a teorba, vates sublimados, estilhaçae a luneta da observação, romancistas immurchaveis, rasgae o calendario, chibantes compositores de revistas do anno! Surrae a historia, a critica, a filologia, a etnografia, damantes scientistas e filosofos! Roncae á larga, nas redes ou nas camas, porque a posteridade será vossa, sem que para isso vos deis ao menor incommodo, que seria realmente insupportavel, tratando-se de tão nobres cavalheiros! Sempre nos havemos de lembrar de vós com saudade, antegosar as preciosidades legadas, porque sempre cuidaremos de antepôr á indelicadeza—é as obras? a resposta satisfatoria e refrigerante—*no hay*, mas todos conhecem como os seus dedos aquellas extrahumanas genialidades e concordam em que eram muito capazes de compôr obras primas, se não tivessem tantos afazares! Dormi, pois, potentados do genio,—que as vossas estatuas apenas esperam que vos digneis espichar a canella, afim de que o cordão se corra e o descerro da vera effigie vos alteie perante as nossas almas reverentes! Assim acaeceu, sublimes academicos, ao nosso carissimo Cairu, que houve jus ao obelisco com as cacetadas de que nos fez presente e com os tonitroantes poemas epicos que poderia ter estrofado... Que o exemplo e o endossante vos animem!

Hipolito da Costa, pontifica Siivio, é o publicista mais notavel de Portugal e do Brazil na primeira metade deste seculo. Esta asserção redundaria na verdade mais verdadeira, se nessa primeira metade não houvessem existido, alem de Antonio Ribeiro dos Santos, Antonio Caetano do Amaral, D. Francisco Alexandre Lobo, o cardeal Saraiva, fr. Manuel do Cenaculo, fr. Fortunato de S. Boaventura. José Agostinho de Macedo, que veem do seculo XVIII e já foram citados. Ferreira Borges, José Silvestre Ribeiro, Garrett, Herculano, Rodrigues Sampaio, visconde de Ouguella, Latino Coelho, Rebello da Silva, Mendes Leal, Lopes de Mendonça, visconde de Santarem... Quer mais? E' só pedir por boca... Este notabilissimo Hipolito, pelo qual

morre de amores o sr. Silvio Romero, só por elle ter descomposto Portugal no seu *Correio Braziliense*, aconselhou o Brazil a vender a opulentissima região amazonica. Por este e outros patriotas de meia tijella é que o arlequim se derrete de veneração.

A pg. 653 Silvio arremanga-se, com todo o seu equilibrio e toda a sua madureza, e expluc uma descomposturã no illustre visconde de Taunay, como a pg. 576-77 havia dado uma trepa nos srs. Barbosa Rodrigues e Ladislau Netto. Convem advertir que nenhum destes cidadãos veiu a pretexto de historia literaria. Mas era necessario que Silvio reiterasse no seu atulhado armazem, vulgo *Historia da Lit.*, o que delles tinha dito noutros livros. Bendita madureza—a deste velho tonto!

José Bonifacio, *le petit*, que tambem enfileira na grande epoca, é uma mediocridade historica, o primeiro dos espiritos de terccira ordem do romantismo desvairado.—655. Um pouco adiante chasqueia Evaristo da Veiga, por terem feito do modesto livreiro—um grandissimo pensador, notabilissimo jornalista e irresistivel orador.—664. Irmana madame de Staël com Evaristo, com o mesmo desplante usado a denegrir o esforçado campeão da liberdade,—por causa da conversação, concordando contudo em que elle não tinha igual prestigio.—667. E' engraçado, não é? E a seguir desata em mais dois rompantes contradictorios, segundo a sua cartilha. 1.º Se Evaristo quizesse—teriamos logo a Republica! 2.º Em Evaristo não ha idéas, nem doutrinas a aproveitar!

Silvio, em face deste julgamento summario, surge-nos uma segunda edição de Evaristo. Este, sem se couraçar com idéas ou doutrinas, sem possuir sequer uma espada flammejante, era um arbitro do paiz. Silvio, sem senso, destituído de pudor, mattoide rematado, foi aprisionado para primeira mentalidade. Evaristo, ainda assim, sobrelevava-o,—pois tinha juizo e cabeça no sitio em que Silvio tem uma cabaça.

Cacareja o depennado que Moraes Silva ainda hoje—anno de 1888—é o melhor lexicografo.—671. Este chauvinismo lorpa, que na maioria dos casos attesta ignorancia, deve repugnar aos entendidos. E' do conhecimento de todos que já naquelle tempo, afóra o Vocabulario do teatino Bluteau, o Elucidario de Rosa de Viterbo, o Diccionario portuguez-latino de Pedro José da Fonseca, circulavam os dictionarios de Fonseca-Roque, padre Domingos Vieira e Caldas Aulete, que relegam para uma penumbra commiseradora o dictionario de Moraes. Mas mais abaixo, no conciliador e costumado acto de contricção, assevera que o diccionario é uma obra atrazada. Não ficou aqui, no entanto. O rito mandava escoucear e Silvio obedeceu-lhe com o vesceiro servilismo:—Antonio de Moraes apparelhou o dictionario para se vingiar da troça que lhe fizeram ao falar e para mostrar que sabia melhor da lingua! Ora aí está tudo explicado em duas palavras! Silvio, quando fôr a Portugal, desferrar-se-á da mesma sorte, murando inextricavelmente o melhor dos dictionarios havidos e por haver, firmado nas suas assoberbantes perfeições linguis-

ticas. Nós estamos até carentes dessa emenda, porque o novo dictionario, de Figueiredo, pousa decerto em plano inferior á sua impeccabilidade filologica. . .

O marquez de Maricá tambem é primeiro—moralista. Não lhe disputamos a palma, embora forrageassem por lá muito bons frades emeritos na póda. Silvio, todavia, sempre magnanimo, compensa-nos da concedida primazia, jurando-nos que o sedentario fazedor de *Maximas* não teve importancia. Que alivio ! . . .

Em seguida abalroamos Lopes da Gama. Quem será?! . . . Silveio que no-lo diga, na sua frase peganhenta e reinadia:—Limite-me a estes apontamentos, escreve, porque *tenho pressa* de designar a nota literaria em Lopes Gama.—678. Pois, se tem pressa, vá por terra ! Mas não,—não ha remedio senão galopar com elle, ou em cima delle, como queiram. Vejam o resto:—As suas facecias, as suas gaiatices, estiveram á altura do meio !—Pag. 681.

E aqui, com gaiatices á altura da grande epoca, se abate sobre o esquite a tampa do primeiro volume. Respiremos a plenos pulmões, espreguicemo-nos, bocejemos, roguemos umas pragazitas ao Silvio e criemos coragem para a continuacão.—Olhamos para a lombada e reparamos em que o segundo volume é mais ventruado que o primeiro.

Amerceae-vos de nós, divino boi Apis, e dae-lhe uma cornada !

18.º—Mais café, nhá Maria !

Enquanto não saboreamos o negro moka, o talisman sulista, divaguemos um nadinha sobre o romantismo, que no Brazil se entrecortou em dois atalhos—o religioso, debaixo de um aspecto falso, e o indianista, sobre uma pira inconsistente. Aquelle nada produziu de saneador e este, conquanto se popularisasse, fahou pelo processo estetico-sociologico. Se um immergiu completamente na furna do esquecimento, devido á sua inepta acclimação, o mesmo se não pode verberar ao outro, que concretisava os ardores innovadores da independencia e do sr. Jequitinhonha, que de Brandão e bacharel em direito por Coimbra subiu a visconde, indio e piadista de a—pedidos.

De permeio, nestas duas feições, ha a considerar o condoreirismo, que se ulcerou com a pecha de não effectivar nenhuma daquellas tendencias. Magalhães e Porto Alegre partiam de Herculano e Lamartine, Gonçalves Dias e Alencar entrelaçavam-se a Garrett e Basilio da Gama. Mas Tobias e Castro Alves refractavam Mendes Leal, através do qual lobrigavam Victor Hugo. O sr. Silvio confirmamos:—Mendes Leal, com o *Arc. Cesar*, *O pavilhão negro* e *A cruz e o crescente*, é o principal antecessor do condoreirismo na nossa lingua.—770. E, se indagarmos miudamente, não desacertaremos em dizer que o *Calabar*, do mesmo autor, descortinou igualmente o alveo do indianismo.

As definições com que Silvio nos engorgita acerca do romantismo são deveras amarfanhantes. Enceta a barafunda por nos salmear

que aquelle movimento—foi o predominio da imaginação, o principado da fantasia. Depois retrata Hugo como o archetipo do liberalismo na arte e Musset como o primeiro poeta francez do seculo, segundo lhe ensinou o germanista Ernesto Quesada, critico argentino. E prosegue a saladá, temperando Schlegel com Grimm, e doutorando:—O romantismo foi uma mudança de metodo, a introdução do principio da relatividade, o apello para a historicidade na evolução da vida poetica e artistica. Nacionalisou, provincialisou, individualisou. Será a literatura do futuro.—(88). Este ultimo periodo—*será a literatura do futuro*—desconte se *in limine*, porque ao virar a lauda o inexaurivel asneirão apagou assim o seu conceito:—Silvio Romero (textual) atacou violentamente o *velho* sistema (o romantismo) em repetidos artigos de critica (oh! vaidade das vaidades! . . .), apresentando a formula de uma poesia nova, inspirada na sciencia e na philosophia do dia (a qual poesia, sciencia e philosophia vinham ensacadas, aos arrateis, da historica Escada).—Pg. 693-94. Não vos enganéis, portanto. Não vos deixeis ludibriar pela tal *literatura do futuro*, porque isso é cousa velha, bolorenta. Certifiquae-vos, mancebos, de que ella já provocou violentas coleras a Silvio, o nosso elixirista, o qual possui frascos tão milagrosos que curam dores de calos e dores de barriga!

Esbruguemos este mólho de brocolos. Como é que Silvio concebe a alliança da imaginação com a historia? Como é que a fantasia *predominou* num metodo que introduziu o principio da *relatividade*? Como é que Hugo, representando o *liberalismo* na arte e sendo o guião dos rebeldes, praticabilisou estas tres cousas dissonantes ao mesmo tempo—*nacionalisar, provincialisar e individualisar*? Como é que Hugo, chefe do romantismo francez, foi liberal em estetica, por um lado, e cacifrou os seus moldes artisticos, por outro lado, ali na *provincia*. . . de Sergipe? Ou Silvio entende que a liberdade só apre-silha este nome, quando se assertôam as portas por que ha de entrar e sair, as *nações* e os *individuos* que ha de patrocinar?

Não percebemos, francamente. O sr. Silvio quiz falar, mas não lhe chegou a lingua. E' um reles tatibitati. Em duas palavras, sem os atropellos escaipellados, notificar-nos-ia esta simplicissima característica:—O romantismo exprime a rehabilitação da idade-media, ou o triunfo do individualismo em literatura. E empós, se quizesse desfiar escriptores e as fazes que elles inscreveram, pegava num livro que o amestrasse e dogmatisaria, com entono:—A primeira fazé, ou proto-romantismo, foi iniciada por Montesquieu, Rousseau e Diderot, com o sentimentalismo e admiração da natureza e com a preferéncia dada á idéa sobre a fôrma; a segunda, romantismo religioso ou emanuelico, tem como representantes principaes Chateaubriand e Lamartine, com a exaltação e idealisação do cristianismo e da idade-media; a terceira, romantismo liberal, comprehende o amor da independencia nacional, traduzido por Moore e Mickievicz, o protesto contra a ignorancia e reacção monarchica levantado por Byron e o desalento dos incompreendidos, como Espronceda e Heine; nesta

faze teve origem o ultra-romantismo, ou satanismo, e o realismo ou a substituição do idealismo transcendente pelo conflicto da ordem real nas literaturas.

E aí está, em quatro linhas, a criação dos idolatrados Goethe e Schiller, que vosmecê não pode compreender, com todo o seu germanismo de agua doce e a sua proverbial vacuidade.

Não terçaremos armas pela proeminencia assacada a Musset sobre Hugo. Baste-nos consignar que Zola, no acume da refrega contra o romantismo, nunca disputou ao cantor das *Orientaes* o titulo de primeiro lirico-amoroso da França, talqualmente a tablado em que Musset pode contrascenar com elle, porque no resto é-lhe palpavelmente inferior. E seja ainda o sr. Silvio quem nos ratifique este asserto, na generalidade:—Hugo é um resumo da evolução cultural franceza.—691.

E' tempo de tomar o fio. O café sumiu-se de um trago e Silvio franze o sobrolho, reptando o Calino que lá dentro lhe pula.—A pg. 684 vimo-lo exasperar-se com o vocabulo *emanuelica* e berrar que era uma etapa *tolamente* denominada. Mas a pg. 692 o encafifado amouco fica manso e óra em ar circunspecto:—O primeiro momento da romantica brazileira foi aberto sob a influencia de Lamartine; é a fase religiosa, *emanuelica*. Vê-se que aqui o termo já não lhe causa engulhos. Deslisa meigamente, erendo a gente que o *tolo* tambem lhe tocou por tabella.

Nesta mesma pagina os fundos de Alvares de Azevedo, que atraz ideara a melhor das suas poesias morrendo, sobem a—genial espirito de um rapaz de vinte annos. Num paiz de oscillação cambial são perfeitamente admissiveis estas altas e baixas. Não se desconsole, por isso, o offmanico Azevedo,—que o seu corretor vive alerta, para novas especulações bolsistas...

Assomamos á grade indeanista. Silvio justifica esta chapa, por via de Magalhães, Porto Alegre, Norberto Silva, Teixeira e Souza e Dutra e Mello se voltarem para Gonçalves Dias, que disseminou o novo breviario. Uma pessoa sensata concluiria que o indianismo veiu á superficie, porque Dias o implantou, com o seu reverberante estro. Mas o nosso polpudo critico não envereda pelo mesmo caminho, não lê pelo mesmo catecismo: o indianismo espadanou, porque Magalhães, Dutra, Norberto e confrades se dignaram vêr com bons olhos os olhares erguidos de Gonçalves Dias! Sempre desejavamos que nos dissessem em que se baseia esta gerisa de Silvio contra o primeiro poeta brazileiro, para que o pintalegrete não perca vasa de ferrar a dentuça num dos maiores e mais ducteis talentos que o Brazil ha procriado. Só se esse odio vem de Gonçalves Dias produzir trabalhos excellentes, com excellente syntaxe, e ter sido educado excellentemente em Coimbra. Talvez!

O maior titulo do romantismo foi arrancar-nos á imitação portugueza, funga o sr. Silvio. Vamos a verificar se isso é veridico ou se você, insigne armazenista do descoco, é que vae arrancar pés de burro!

19.º—Arrancam ou não arrancam ? !...

Nas letras as mais das vezes o silencio é ouro e a sobriedade é sempre brilhante. Isto dejecta Silvio, aconselhando, em lugar de emborcar a carapuça na sua pessoa. A seguir se evidenciará que lhe ajustava esplendorosamente, nesta e em outras innumeradas situações.

Domingos Magalhães, o paladino do romantismo brasileiro, noticia Silvio que—teve fama, nomeada e caiu depressa e profundamente. Nenhum poeta se occupou de cousas tão remontadas. Errou em confundir a religião com a arte, em maldizer o seu tempo, em chamar terra de ignorantes ao Rio.—701. O salafrario, pelos modos, julga que nunca jamais conspueou o seu tempo, nem tampouco chamou feitoria ao Rio. Já Napoleão dizia que uma cabeça sem memoria era uma praça sem guarnição... Sigamos:—Fez poesias descomedidamente compridas, maçudas, asperas, prosaicas, irritantes, monotonas, estafadoras, pesadas, sem metrica. Nós, se apostassemos reunir qualificativos para estigmatizar a *Historia* de Silvio, penosamente os abichariamos com tamanha pretuberancia. Mas, apesar de todos esses senões, o visconde de Araguaia é «grandemente apreciavel», sem ser contudo um «temperamento poetico», pois que era «um lirico illegivel». A *confederação dos tamoios*, que pelo nome não perca, é «um grande cartapacio, sem vida e sem força» e as tragedias são «incolors, sem um tipo e sem acção». Nada obstante, como usa escrever o sr. Verissimo, Magalhães foi grandemente apreciavel e a sua ode *Napoleão em Waterloo* é admirabilissima. E depois disto, ó sabios da natura, dizei-nos se ha mais Silvios assim, com tanta ventura!

Porto Alegre é a incarnação (tambem este, coitado!) da poesia prosaica, empolada, campanuda.—725. Entretanto, admoesta o Prudhomme, vou estudá-lo com *doçura*. Os productos de lirista, epico e critico dão-lhe um lugar immortal. —726. Compara Porto Alegre a Hugo. Recorta um fragmento de lirismo, mas reputa o abaixo dos de outros poetas brasileiros. E segue paulatinamente, em mar de rosas. Cita Renan, que se distraiu e disse que a poesia se nutre de misterio e obscuridade. Oh, diabo! que tal dissesse !... Silvio olha-o por cima do hombro, de soslaio, e arcabuzalhe esta:—Não era preciso que elle o dissesse !—732. Justissimo, porque Silvio está de posse, ha seculos immemoriaes, dessa e doutras revelações apocalipticas. E, feito o aparte, continua o rodopio:—Já tenho affirmado—chiton, meninos !—cincoenta vezes que um caracter nacional não se decreta, nem se fabrica—é producção espontanea. Já disse tambem—silencio !—trinta vezes que a simples escolha do assunto não é garantia da indole nacional na poesia.—732. Ouvistes a lição? Compreendestes claramente o mestre? Então reatemos agora a palestra. Onde estavamos? Ah! iamós em Porto Alegre... Pois, como vos ia contando,—não seria difficil apontar os pedaços duros, prosaicos, sem o minimo valor. Mas prefiro os bons.—735. O mestre condescende em fazer uma ligeira pausa e cheirar uma pitada. E recomeça:—Este livro não quero que seja

uma galeria de estatuas decepadas. Mas, se consentem, sempre vos direi que o lirismo de Porto Alegre—não tem doçuras, delicadezas, mimos de idéas e de fôrma. E que nenhum poema é tão longo como *Colombo*, tão maçante e dum maravilhoso tão extravagante. E que ha pedaços do *Pamorfo* que são verdadeiras estopadas. E que o poema só foi lido pelo autor, pelo revisor, por uma certa personagem e, se não me equivôco, por este vosso criado Mathias!—736.

Porto Alegre, lá na cripta desolada, ha de boquiabrir-se de tanta doçura, de tantissimos rebugados . . . Ha de até arripiar-se e sonhar-se victima de alguma conspiração figueirina da confeitaria Pascoal! Mas, enfim, ha de acalmar-se e resignar-se a comer esses ovos molles de Aveiro e lamber os beiços, que a lembrança é principesca . . .

Ha por aí mais algum arranca-imitações? Que avance... E' o Teixeira e Souza, o qual, para cumulo de desditas, desencantou uma epopéa—*A independencia do Brazil*, que é uma etiqueta summamente poetica.—As tragedias e o longo poema epico, tartamudeia o criticaço, fazem mal á reputação de Teixeira e Souza. Fôra melhor que os não tivesse produzido. Quasi o mesmo se pode dizer dos seus fracos e enfadonhos cantiecos liricos.—745. Desculpe-se, no entanto, o apollineo Teixeira, porque—«o poeta estava cheio de boas intenções». E' o que te vale, *marrado*! O que te livra dumia valente sova são—as tuas boas intenções, embora dellas regorgite o inferno!—Teixeira não tem quasi nenhum dos signaes distinctivos dos bons poetas secundarios. Poucas leituras conheço em qualquer literatura, tão enfadonhas e tão nullamente compensadoras, como a do poema—*Os tres dias de um noivado*. Os seus romances são uma palacoada á Montepin.—747. Este *arranca* saiu nos melhor do que a encommenda. Observa-se que o patrono timbreou em agiganta-lo té aos cocurrutos que condizem á sua estatura. E' um Sansão, um bruto de musculos, este inconfundivel Silvio! Decididamente, em que pese á sua modestia, nunca mais nos desabrigamos do seu manto protector, das possantes abas da sua casaca . . .

Norberto Silva «é um homem de merecimentos». Um pouco acima delatava-nos que as suas composições novellisticas e teatraes «são de leitura maçante, productos fracos, esquecidos». Emenda o juizo e pinga isto:—O lirismo das *Ballatas* denuncia boas intuições, como o do Teixeira. Mas torna a emendar:—Não tem calor, não communicam entusiasmo, *não dão febre*, não despertam expansões em ninguem. Pobre e triste Norberto! Porque não te transmudaste em pantano ou em microbio? Porque não arranjaste uma barrica de sementes de febre amarella e não descarregaste essa pilha em riba do Silvio? Nem ao menos para transmissor das bellas palustres prestaste, indigno filho de tão digna mãe! E querias talvez o panteon, desgraçado!?... Que fizeste no mundo, que semeaste, que offertaste de util á tua patria, mandrião? «A tua poesia é uma succursal do ocio e da preguiça». Sim, relaxado! «Eu bem sei o que se pode dizer contra as duas teorias (a de fazer febre e a de não fazer); não tenho, porém, obrigação

de discuti-las agora».—760. Apoiadissimo ! Obrigação é de carrasco ! Quem é que aturaria semelhante debate ? N'nguem ! «Em genero algum Norberto ultrapassou a media. Nos *Cantos epicos* reina inegavel prosaismo; bem quizera esconde-lo; mas não posso».—768. Claro ! Entre um estouro e um bocadinho de tagarellice opte-se por esta. Aliás Silvio reventaria, o que seria uma calamidade universal. Vá dando á lingua, *sua* regateira ! «Norberto é *pouco eminente* na poesia. Quem quizer que vá inteirar-se por si».—770. Bis-apoiadissimo ! Pois para que é que se inventaram as livrarias ? Para que se instituiram as bibliotecas e os gabinetes de leitura ? Dêem um saltosito até lá e inteirem-se *por si*, que Silvio já fez um grandissimo obsequio em lhes acenar a promissoria estrada ! Embebam-se do Norberto, immiscuam-se-lhe no areabouço, e depois digam-nos se elle foi na verdade tão *pouco eminente* na poesia como Silvio, o monumental, o portentoso, é *muito eminente* na asneira ! Averiguem e respondam, com todos os ff e rr.

Dutra e Mello, alem de se finar na juventude, morreu em duas attitudes, de duas maneiras. Só resta perquirir qual é que o bardo escolheu. A pag. 778 vergou ao excesso do trabalho e a pag. 783 foi victimado por «um disequilibrio no organismo, que lhe abateu o sistema nervoso e feriu as fontes da vida». Em que ficamos—foi do excesso ou do nervoso, mestre ? Prudente se nos prefigura requerer quanto antes um inquerito visceral pórmenorisado, uma autopsia em regra. . .

Por mais que se *lhe* queira favorecer—a Francisco Octaviano—nota-o um «espírito esteril e vasio, incapaz de empreender qualquer cousa de profundo em politica. Estadista sem planos, diplomata sem normas, jornalista sem vida, poeta sem ideal. Pedro II é um sabio sem descobertas e Octaviano um escritor sem livros». 808. Como poeta é desgraçoso e mediano, como jornalista é rapido e breve. —Paranapiacaba, que patrulhava com Octaviano a literatura brazileira, o curioso que intentou *modernisar* Camões, para o avantajar nas escolas, é um poeta de terecira ordem, conforme frisa o infatigavel Silvio.

E aqui finalisa a fornada rescendente dos heroicos arranca-piñheiros ou sejam, na expressão do pomadista, os que arrancaram o Brazil á imitação portugueza. Para deslindarem as formosuras que o jogralesco Pomada Florestal nos narrou, com doçuras, com dengues de mulata, não valia a pena, não, mudar de governo a nação, como se canta na *Madame Angot*. O prato que Silvio cosinhou, impresso num cardapio reluzente, só pelas bordas, saiu-nos mais detestavel do que o derradeiro dos angús.

Ai ! não valia a pena, não,
Mudar de governo a nação ! . . .

20. —**Considera-te extinto, ó Gonçalves Dias !**

Se ha vultos, no Brazil intellectual, que desafiem espontaneos

testemunhos de reverencia, pelo seu caracter e pelo seu talento, Gonçalves Dias pertence a esse numero. Adiantaremos até que nenhum dos seus confreres lhe extorque o cetro da belletristica. Poeta algum, antes ou depois, se lhe culminou. Dramaturgo algum se lhe avantajou. E, se o vimos através das lides scientificas, assás disfrutaremos nas suas investigações historicas, etnograficas e lexicologicas. Se a doença o não acabrunhasse, se o mar o não tragasse, esfalfando-o no labor, amortalhando-o prematuramente, da sua cultura se derramaria uma influencia multimoda, semelhante á que Garrett exerceu nos seus contemporaneos. Pletorico gremio maranhense—o que torneava ao seu redor ! Delle faiscaram as luzernas de João Lisboa, o sobrio prosador, vernaculo e austero; Odorico Mendes, o ardidado publicista, copioso erudito classico; o discreto Sotero dos Reis; Gomes de Souza, o precoce matematico. A' sua sombra se projectaram Joaquim Serra, primoroso poeta, fogoso jornalista; Henriques Leal, o Plutarco da geração, correcto e cauto; Trajano Galvão, o cantor dos negros; Gentil Braga, scintillante poeta e cronista; Franco de Sá, generoso bardo; Teofilo Dias, seu sobrinho, o poeta das *Fanfarras*; e, para cupula, o ingente medico José da Silva Maia. Sob as franças das suas decantadas palmeiras se acolhem ainda hoje Teixeira Mendes e Agostinho Gomes de Castro, personificadas expressões da filosofia mater; Nina Rodrigues e Viveiros de Castro, galhardos representantes da sciencia medica e do saber juridico; Souza Andrade, uma reliquia da cohorte gonzalvina, artista genuinamente americano; José Antonio de Freitas, o critico do lirismo brasileiro, pujante interpretador de Shakespeare; Raimundo Corrêa, um parnasiano de lidimos quilates; Arthur Azevedo, um dos poucos que ainda não perdeu o uso da fala, isto é, um dos raros que ainda conhecem a escrita «simples, clara e harmoniosa» de Gonçalves Dias, o primeiro comediografo brasileiro de todas as eras; Aluizio Azevedo, o sagacissimo observador, grande romancista; Coelho Netto, o cavouqueiro do vero experimentalismo belletristico do paiz, com o seu *Sertão*; e, alfim, João de Deus do Rego, poeta delicadissimo, que ali vegeta no Pará, desprezado pelos que tudo mandam, sem um cabide no funcionalismo, sem a cortezia ao seu valor extraordinario.

Eis aí a arvore genealogica desse enseivado tronco,—eis aí os galhos frondentes dêsse majestoso sicomoro !

O Maranhão, ao erguer a cerviz para esse roble inderrubavel, envergonhando-se da anestesia mental em que se estorce, deveria toma-lo como balsão do seu renascimento literario, mestre e incentivo, reeditando sistematicamente as suas obras, espalhando-as pelas escolas, na capital e no interior, apostillando-as pela penna e pelo verbo, para que a mocidade maranhense encarreire com elle na luta espirital. Diz-se em filosofia que regressar a Kant é progredir. Outro tanto se pode proferir adrede aqui, inda que esdruxula pareça a parafrase, como estapafurdio aliás é aquelle enunciado:—O Maranhão, os seus esmorecidos estreantes das letras, voltando a Gonçalves Dias, progredirão enormemente. De clima propiciatorio ás locubrações in-

tellectuaes, aurificado por uma temperatura benigna, em extremo favoravel e convidativa, nelle se conglobam as razões basicas de tão brilhante fecundidade literaria, por certo a mais estranha de quantas se hão presencado em Veracruz. E não é justo que essas pilastras naturaes se destruam e que se durma sob os ramos lucilantes da tradição, que urge manter e revigorar, para que os seus escudos sempre se erijam potentes e as côres estrellares do velho ceu se irisem constantemente, refrescando-se ao sopro de novas brisas...

Perdõem a digressão. A entidade insinuantissima de Gonçalves Dias emociona-nos, onde quer que a relanceemos. Os seus versos monodiam-nos na alma, como a sua terra nos aquece o coração... E este desabafo intimo, fóra da estrutura deste livrinho, ainda mais relin e clama na nossa enfibratura, quando nos abeiramos dum parrana do estofo do sr. Silvio Romero e o vemos, com as suas vaias de moleque, pretender babujar o compositor intocavel dos *Cantos*. Leiâmo-lo, semi-confrangido:—Ninguem foi mais sinceramente um homem de letras neste paiz do que esse pobre mestiço, obscuro e desdenhado,—felizmente pouco tempo, porque logo Alex. Herculano nos mandou dizer que elle tinha talento.—819. Mirae-o, de alto a baixo, rosto contraído, tossindo nenias... E depois, como se o trivial facto de Herculano enaltecer Gonçalves Dias fosse um crime, rilha os queixaes e tenta morde-lo. Mas não passa disso, porque os calcanhares do provector polemista ficam-se no pinaculo e elle coxa no charco. Os sapos, quando defrontam o sol, incham e cegam.—«Para que criticar alguém, para que estou a trabalhar neste livro?». E ainda o tresloucado supõe, no seu tredo engano, que vomitar é criticar,—que espremer furunculos é enquadrar livros... Visionaria criatura!

De 1838 a 45 demorou Gonçalves Dias em Portugal.—Foram sete annos que lhe deixaram alguma coisa no espirito, arremeda Silvio, conquanto a custo. E continua, em ar compassivo:—As *Sextilhas de Frei Antão* são o que ha de mais portuguez na nossa literatura. Aos negros deve a alegria, aos indios a passividade e aos portuguezes o bom senso, a nitidez e a clareza das idéas, a religiosidade que o não abandonou jamais, a energia da vontade, as preocupações fantasistas, um certo idealismo morbido e impalpavel.—858. Já agora aproveitemos este pé de vento fagueiro, quanto a Portugal:—A crescente immigração européa deverá ser bem dirigida, para não ser desequilibrado o paiz e não desaparecer o primitivo elemento portuguez.—870. Ora aperte estes ossos, *seu* maganão! Você ainda se não emparveceu de todo,—ainda gosa os seus momentos lucidos...

Ah! Juizo tinha João de Deus, ao trovejar, no seu amarissimo poemeto,—que o Bem, bem pouco dura. Dilacerante escarneo! Mal nos repassavamos daquelle unguento e já aos olhos desorbitados se desmascarava a incontida sanha do tintamarresco Silvio.—Nada neste paiz está organizado; tudo está á flôr do solo, nada tem raizes; nós, por enquanto, não temos patria.—E porque lhe surdiu tão dolorido grito? Porque, de repente, a patria se lhe descabella, despedaçada, em marasmatica *degringolade*? A resposta é sintetica e lhana: por-

que Ramalho, Eça, Pinheiro Chagas, Jaime Seguíer, Maria Amalia Vaz de Carvalho, Julio Cesar Machado, Guilherme Azevedo, etc., teem a ousadia inqualificavel de collaborar no *Jornal do Commercio*, no *Paiz* e na *Gazeta de Noticias*, do Rio, *alem dos muitos cá residentes!* Que infamia!... Que falta de patriotismo, a dos directores daquelles jornaes!.. Pois não reparam que está ali, todo triques á beirinha, o *sans-pareille* humorista das *Farpas*, o immortal roman-cista do *Primo Bazilio*, o rustico poligrafo da *Historia de Portugal*, a erudita da *Vida do duque de Palmella*, os finissimos folhetinistas da *Feira de Paris*, da *Vida de Lisboa* e do *Antonio Maria?*... Pois os srs. não vêem ali, de olho gazeo á espreita, o supremo autor de todas essas preciosidades, que tanto nos instruíram os cerebros e tantissimo nos desanuviaram as frentes?... Creiam que foi elle, o inaudito Silvio Romero, que nos deleitou com todos esses panoramas, disfarçado modestamente naquelles diversos pseudonimos!... «Coitado! Luta tanto e é tão maltratado! Mais indulgencia com elle!» Uma esmolinha pela sua alma, irmãosinhos!

E' justa a revolta do penalizado, porque—Garrett, Herculano e Castilho tiveram momentos em que fizeram a verdadeira arte; mas Ramalho, Eça e Junqueiro ainda não passaram do *bibelot!*—815. Não se espantem, leitores. Isto foi pensado pelo sr. Silvio Romero. Mais: foi escrito pelo historiador literario Silvio Romero. Regalem-se com esta farta messe de bobagens, porque difficilmente toparão seara mais abundante do que esta. Jaime José e Rosalino Candido, ao pé de Silvio, são cometas de cauda. Que elle espinoteie deste modo, alçando as plantas para os escritores do *Crime do Padre Amaro*, da *Hollanda* e dos *Simples*, não assombra desmedidamente. Mas que o farricoco esgaravate Gonçalves Dias, por não lhe encontrar *brazileirismos*, vicio que o seu conterraneo João Ribeiro marca a ferro em braza na sua grammatica, faz-nos cocegas. O pasmoso é que, depois de nos officiar que Dias faria brilhante figura entre os primeiros liricos, pg. 873, nos venha chocalhar esta barbaridade:—Que é que ainda vive d'elle e parece que viverá sempre? Uma duzia de poesias liricas e certamente das melhores em que uma vez se vasou a lingua de Camões.—898. Escapa *uma duzia*, ao que lhe parece... Não tem a certeza. E' isto: sempre uma no cravo e outra na ferradura.—Fôra possivel estender mais esta analyse, escreve Silvio; tenho, porém, pressa.—885. E, no entanto, esse *pobre mestiço*, como elle chama caridosamente a Gonçalves Dias, merecia que o afoguedo contador de historietas amadornasse o passo, affrouxasse a correria—o parasse, não para o deprimir, trazendo á superficie o tresvairado coitejo de Shakespeare com a *Leonor de Mendonça*, mas para se quedar exanime, com o seu Tobias ás costas, perante essa legitima incarnação da intellectualidade brasileira. Desviasse os retalhos—cifrados na romanesea memoria sobre o *acaso* da descoberta do Brazil, hoje confutadissimo—, abscondesse o bloco, e desfibrasse a estatua, esse bronze impermeavel, que você nunca jamais corroerá com as suas pustulas critiqueiras, nem com as suas settas de selvicola relapso!

E lembrar-se a gente de que o afoubado paspalhão falsificou esta enjoativa triaga, envenenando-a, derrocando tudo e todos, com sabre de papelão, só para chegar ao fim e ganhar que o D. Sebastião foi Tobias! . . .

Ah! Gonçalves Dias!—Recordas-te daquelle pezaroso *Adeus ao Maranhão*? Pois remette de lá um a esse amigo de Peniche,—mas em prosa e de mão fechada! . . . Ficarás indemnizado.

21. —Azevedo e os respeitos retrospectivos

Este novissimo Rocambole, além das peripecias banaes que nos desgrenha, num sapateado maxixeiro de negro-mina, flacido e cambaleante, bisa deshonestamente as suas diatribes insossas. Assim, a pg. 900, repisa os seus doestos ao nucleo maranhense, com uma pertinencia resabiada. E a pg. 897, para engrossar a sua torta, reproduz, *ipsis verbis*, o que cuspinhou a pg. 691. De sorte que o logro pregado aos desprecauidos consulentes é duplo: Silvio, em vez de historia, respiga historietas e em lugar de leitura differente, no transcurso do livro, engrola-nos, no meio, com o que verborreou no começo e no fim com o que esvurmou no meio. Que refinado mariola! . . .

Outro chavão, em que é renitente:—No dia em que o primeiro mestiço cantou a primeira quadrinha popular, nos eitos dos engenhos, nesse dia começou de originar-se a literatura brasileira.—930. Retenha-se este palavreado, aparte o *começou de originar-se*, uma das seis mil idiotices comprimidas nas suas mil paginas, que é zero no opiparo dialecto por que Silvio se desbarriga, e compare-se com esta variante:—Na nossa qualidade de povo superficial e semi-barbaro, no fundo, nós não podemos passar sem affectações. Nós andamos a chorar e a rir, conforme nos tocam de fóra.—779. Applique-se após este outro capacete de gelo, gafado *truc*:—Azevedo arranca-nos de uma vez da influencia mental portugueza.—903. Agora um pouco de agua na fervura ou seja no esforço da arrancação:—Azevedo tinha um certo respeito retrospectivo por Camões, Ferreira e Bocage. E' que ainda não estava inteiramente emancipado das tiranias e pesadellos lusos.—905.

Depois deste paralelo galopante o leitor por certo mandará o illustre sr. primeira cabeça a Palmella, que é terra alta e de ares saudaveis. Mas nós é que não caímos nessa leviandade irreparavel, porque pagámos carissimamente o nosso bilhete de entrada e queremos casquinar até ao ultimo acto com os esgares e pantomimas do fenomenal cabotino. Silvio imita diversos irracionaes, para se despegar completamente da imitação dos racionaes portuguezes, e desta vocação especialissima veiu-lhe um renome invejado. Fitemo-lo. Eis que arrebita as orelhas e orneja:—Azevedo é humorista. Convem não confundir o *humour* com a chalaça, a velha pilheria portugueza. O primeiro que botou *humour* á ingleza e á allemã foi Azevedo, profundamente lido nas literaturas do norte. Modernamente Ramalho, Eça

e Junqueiro presumem entender e usar da cousa. Olhando-se-*thes*, porém, hem de perto...—922.

Ora aí está um circunloquio que nós desejaríamos ver esmiuçado. Retirariamos inclusivamente das montras esta epopéa, se o sr. Silvio, olhando-*thes* com sete olhos, nos puzesse em letra garrafal, no seu farfalhante estilo, uma das sete maravilhas de Sergipe, as suas pimpolhas opiniões acerca dessas tres personalidades. Palavra que lhe davamos um doce,—se elle cerzisse adrede tres paginas de madurez! Ainda não nos esquecemos de que Olavo Bilac, um elegantissimo lirico-amoroso, quando appareceu a *Patria*, de Guerra Junqueiro, ferveu de exaspero e beliscou o poeta portuguez, por ter instigado tanto alvoroço e haver entontecido de entusiasmo a mocidade brazileira. Verberava Bilac, na sua *Cigarra*, que cada livro de Junqueiro marcasse uma evolução na maneira literaria dos rapazes de cá, como se Junqueiro tivesse culpa de rejuvenescer de anno para anno, ao banho de olentes ideaes, como se elle respondesse pela estagnação do autor das *Poesias*, a quem os novos da sua patria teem obrigação de exigir mais do que um espartilhado volume! Ninguem contestará, decerto, que Bilac distilla mais talento numa cronica da *Gazeta* do que Silvio semeou de calinadas nos seus avulsos. São duas montanhas:—uma de originalidade, outra de minhocas. Pois Bilac, embora graciosamente abalado, não se pejou de publicar esta inconcussa verdade. Mas Silvio, com toda a sua baba reptiliana, circunscreveu-se a extravasar a sua odiosidade numa cuerrima carencia de grammatica. Podia ser peor, confessemos, inda que vozes de burro nunca chegaram ao ceu, no dizer das más linguas e da sabedoria popular.

Retrocedamos um minuto, porque a palestra é edificante. Alvares de Azevedo foi realmente de uma precocidade assombrosa. Fez epoca e obras, morrendo aos 20 annos. E que resulta da sua leitura? Um ensinamento, uma commoção estetica? Não. O seu espirito enfermiço, de sopetão deslumbrado por Espronceda e Byron, impregnou-se d'elles, cloroformisou-se ao seu fumegante bafo. E então, plagiando-os nas bacanaes, traduziu-os liberrimamente no papel. Morreu cedo, como cedissimo se lhe havia desemborrado a mente. Se sobrevivesse á cataplasma do bacharelado, ter-se-ia feito folhetinista ou juiz municipal, abjurando o passado ou empedrado pela *surmenage*. De Portugal nos acode uma similitude, talvez de mais circunspecção. Um moço, aos 18 annos, discutia na imprensa, com o seu lente, a interpretação dum artigo escabroso do codigo penal. O professor, um dos mais illustrados e productivos da Universidade de Coimbra, o dr. Henriques da Silva, não se dedignara de polemizar com um discipulo, o dr. Fernando Martins de Carvalho. Este moço vivê—e é-nos gratissimo entalha-lo aqui. Aos 18 annos escadeirava scientistas e filosofos, nacionaes e estrangeiros. Ha delle estudos em barda. Mas a indigestão de saber foi tão devastadora que Fernando Carvalho hoje, em vez de remexer os pensares de Spencer ou Comte, acosta-se aos figurinos do conselheiro Accacio, tão repleto como s. ex.^a Isto mesmo succederia a Alvares de Azevedo. Feneceria assim,

E, já que roçamos na típica personagem da burguezia encatarroadada e bochechuda, o sr. Silvio Romero, peregrino e buffo, saberá vasculhar-nos um arabesco, um só, em todas as composições de Azevedo, que fareje ao menos uma hexiga dos tipos de Eça de Queiroz? Muitissimo agradeceríamos a amabilidade ao rasteiro bugre, se elle conseguisse torquezar-nos, com o seu bico, uma das linhas do Bazilio, do Sebastião, da Luiza, do padre Amaro, da S. Joanneira, do João da Ega, do Raposo, etc. Rebusque no Tobias, que talvez por lá encontre algo de comparativo, como aconteceu com Machado de Assis! Esta de cotejar um jurista com um belletrista—sommnar alhos com bugalhos—somentemente occorria áquella canna rachada, que a outra cousa não se assemelha a cabeça fosforica do charadista.

Azevedo, que gosou a felicidade de fazer a bella poesia de uma morte a proposito, pg. 93^o), não cuidem os leitores que se contentou com esta de se eclipsar ao pintar da faneca. Não, senhores. As suas ambições eram mais vastas. E por este motivo transcendente elle—teve mais talento do que Baudelaire, influuiu extraordinariamente em Portugal e gisou o motte para *A morte de D. João*. E, se mais mundo houvera, lá chegara! E o patife ainda applaude a carbonisação de tal gigante! . . .

Este Silvio, afinal, é um rotundo pandego. Sabe leva-la direita... Não lhe queremos mal por isso. Divirta-se, mas não nos prive de nos rirmos á sua custa, *seu brinealhão!* Ora venha de lá mais uma pançada:—E' um capitulo da historia literaria do reino—dos casos da influencia da literatura brazileira sobre a portugueza, a datar do seculo passado.—919. Desse incommodo fica desde esta publicação vosmecê a coberto. Não se esfalfe mais em serviços á patria querida. O que o filosofo tem bolsado sobre o berço enterneccido já lhe dá direito a estatua e centenario em Sergipe. Limpe o suor e as unhas—e resomne á vontade. Esse seu obrigadissimo admirador se encarregará de pôr a indecencia em pratos limpos, um pauquinho mais adiante, numa redondinha estancia deste poema jocosario—*De como, influindo os portentos Tobias e Silvio nas letras da occidental praia lusitana, os mesmos portentos Silvio e Tobias foram à dita praia aprender que diabo disto é aquillo etc. germanismo, e o mais que no entrecho se verá.*

Em seguida restar-lhe-á atar uma pedra ao pescoço e rolar nos altos mares da parlapatice!

22.º—**Ai de vós, ó tristes companhias de navegação!**

O grotesco Araripe, reportando-se ao centenario de Camões, no panfleto *Lucros e perdas*, parodia visivel das *Farpas*, em que tinha por socio o inolvidavel Silvio, arreperava-se de horror contra o accordo intellectual que essas festas estabeleceram entre Portugal e o Brazil. Neste santissimo temor o truanesco Araripe manifestou-se abaixo de Tobias e de Silvio uma centena de furos. O seu rastaquerismo infunde compaixão e repulsa.

Mas Silvio, que neste momento se abroquellava com a flamma que glorifíca os burros—a de sabios prudentes e mudos, descarnanos um angulo da sua idiosineracia ainda mais precioso do que aquelle do impulsivo Araripe. E' quando, oito annos passados sobre essa confraternisação da America com a Europa, ou, restringindo, do Brazil com Portugal, se tira dos seus lazeres e afflauta por este estrambotico diapasão:—Martins Penna foi ao velho mundo colher a morte e Alencar apressa-la mais. —904.

Araripe impetra um cordão sanitario para Portugal e Brazil. Silvio excede-o: roga uma inabalavel muralha da China, em substituição da demolida no oriente, para o Brazil e a Europa. Aquelle recceia que as letras portuguezas incendiem as brazileiras. Este treme apavorado só de pensar que o tifo europeu faça concorrencia ac tifo americano.

Pesados estes dois cerebros, juntinhos, grudados um ao outro, que valor accusará a balança? E' lastimavel —e dizemo-lo com infinito pesadume—que não se possa, num exercicio desta ordem, discriminar o peso da massa encefalica e o da caspa, reduzindo a proporções geometricas o cebo de cada parte do corpo. Mas, á semelhança do que numerosos anatomistas hão praticado com as cabeças de individualidades preponderantes na sua epoca, nós ainda não perdemos a esperanza de mandar medir a espessura e analisar as circunvoluções cerebraes destes dois gallardos furrieis do departamento mental brazilio-portuguez. As aranhas hão de arrepende-se das noceivas consequencias que em Araripe e Silvio germinaram as suas intrincadas teias.

De conformidade com a propaganda restauradora de Silvio os srs. Teixeira Mendes e Miguel Lemos procederam como selvagens, indo a Paris; o sr. José do Patrocinio ennegreceu-se mais, recebendo uma carta de Victor Hugo; o sr. Olavo Bilac regressou á antropofagia, visitando a terra de Molière; o sr. Aluizio Azevedo, calcando as ruas europeas e asiaticas e estacionando no Prata, cevandijou a superioridade carioca; o sr. Rui Barbosa, escrevendo as *Cartas da Inglaterra*, intoxicou a intelligencia nacional; o sr. Oliveira Lima, contando o que apreciou *Nos Estados-Unidos*, achamboou o seu talento; o sr. Joaquim Nabuco, propalando que se formou com as lições do espirito britannico, esfarrapa a excellencia das tradições de Sergipe; o proprio Tobias, despachando os caixotes da sciencia allemã, desnorteou o progredimento patrio; o sr. Luiz Guimarães, deixando-se prefaciado por um gallego e tendo a pouca-vergonha de viver vinte annos fóra da rua do Ouvidor, rebaixa-se a poeta de terceira ordem; o sr. Assis Brazil, viajando e comparando, resumindonos em livros magistracs os seus estudos, deve incinerar-se com o papel moeda—e o sr. Santana Neri, defendendo ha quarenta annos a sua terra em Paris, quando o largo de S. Francisco se prestava melhormente para esses comicios, reclama instantemente a forza e excommunhão em tres gerações.

Não, bandidos! O que vós quereis, com as vossas viagens, é

entregar o torrão abençoado ao estrangeiro ! O barão de Humboldt, peregrinando em prol das sciencias naturaes no Brazil, tambem causou calafrios ao assustadiço e venerando senhor João VI, que expediu circulares ás capitancias, ordenando que o apreendessem e remetterssem—encaixotado ?—para Lisboa. Silvio, encomiasta de João VI, harmonisa se com o monarca da Bemposta. E, se não exige a guilhotina para esses novos Humboldts, é porque a providencia determinou que Sergipe paire longe de S. Paulo, o que significa o seu afastamento da possibilidade magana de uma eleição unanime para a presidencia da Republica. Não desanime, todavia, e persista com fé, porque o mundo dá muitas voltas e não será incrível que os manguitos da politicancia o elevem a reempossador substituto do sr. João IV. Então se lhe antolhará o patriótico ensejo de decretar a execução de algumas medidas benemerentes daquelle augusto dinasta, votadas ao estracismo pelos canibaes, estabelecendo nestes dominios vastissimos a moral de Confucio, a derruida muralha chinesa e as mataucas correlatas. Ha por aí muito hugenote e dois ou tres Colignys. Ponha-lhes as tripas ao sol, com as bellas faquinhas, porque os punhaes falham e são finos de mais,—e a gloria da patria entrará para todo o sempre nos eixos.

Cumpra isso e envie ao diabo o resto. Como genuino legatario de João VI, Silvio onnipotente deve gostar do canto-chão. Expeça o compadre Araripe para o coro, a dirigir os moleques, e deixe correr o marfim. O mais é pintar n'agua, como vossa majestade se expressa, tão garridamente. Legisle aos Jesuinos que toquem himnos o transtorne em post-ultimos harpejos este corriqueiro badalamento:—Foi pelos ares o caruncho luzitano e a mocidade deixou de idiotificar-se na leitura exclusiva de Bernardes, Garção, Tolentino, Filinto *et le reste*, não esquecendo as reverendas mediocridades deste seculo, que tanto desejariam tomar-nos o caminho e tapar-nos o sol por uma vez.—905. Isso ! Dê-lhes de estupidos e pretenciosos Zês-Churumellas para baixo, faça decorar o Confucio Tobias, cinte de carabineiros a muralha, reponha nos altares João VI . . .

E vivam o patriarca Silvio e o sacristão Araripe !

23. —O Bernardo, 3.^a incarnação, e a collocação dos pronomes

Espiritos grosseiros, taramella Silvio, hão de espantar-se de Aureliano Lessa figurar na sua historia grande. Não temos nada com isto, retruca o bilhostre. Lessa não vale pelo que fez; vale pelo que era.

Vocencias conheceram por felicidade o Aureliano ? ! . . . A vossa ignorancia é deveras inadmissivel. Só um espirito grosseiro, como o de vocencias, se esparrela numa patetico dessas. E' verdade que nós, sintetisadores do pinturesco historiador, nada temos com essa irreverente e torpe insciencia, particularidade com que igualmente pouco se afflige o critico. Tinha que ver, se nós e Silvio estivessemos a

dispender o melhor do nosso tempo e do nosso genio em empurrar-lhes pelos olhos dentro, com argucia e documentos, que Aureliano foi um grande homem. Sim! Tinha que ver essa... Era o que faltava! . . . Admiram-se de que elle seja historiado nesta biblia? Pois fomentem-se,—que nós é que não estavamos para os aturar. Regosijem-se em ficar sabendo que elle era extraordinario e estão com sorte, porque nem sempre se pode estar de bom humor para communicar estas novidades. O Aureliano pouco produziu, diga-se aqui entre nós, que ninguem nos ouve. Mas isto de enfiar livros não passa de uma cacetada. O que nos interessa conhecer é o que elle era. Isso—sim! Quem quizer mais que vá á tabúa, porque nós «não temos nada com isto».

Ora adeus!

Mas, se renunciarem ao Aureliano, cabisbaixos, envergonhados, por não saberem o que elle era, os prodigios que obrava em familia, com uma inverosimil modestia, e forem amanteticos de Encarnações, virem-se para o Bernardo e dessedentem-se nelle. Vinguem-se! . . . Serve para todos os paladares e, ao envez do Lessa, que teimou em embuçar-se na clamide impenetravel do incognoscivel, houve por bem ser publico. E' mais agradavel, mas não contém poesia. Aureliano é um Deus, porque nunca foi encontrado fóra de horas. Pessoa alguma o topou nas alfurjas ou nos brodios das Marocas. Bernardo, ao contrario, ultrapassa de um barbiruivo Cristo, de carne e osso, como qualquer simples mortal, sem haver aliás resuscitado Lazaros e convertido Magdalas. Mas fez romances sem grammatica e poesias caldeadas por Musset, o que é superior. Valha-nos a compensação!

A Bahia de Botafogo, para não ir mais longe, é uma das melhores poesias da lingua portugueza.—945. E Bernardo, aquelle nosso inesquecivel Bernardo, em quem poder não teve a morte,—é uma das mais nitidas encarnações do espirito nacional. Fez obras primas naquella fase do romantismo e as suas composições lembram irresistivelmente as *Noites*, de Musset. A' beira do tumulto, porém, renegou a imputação de nitida encarnação e consocio do autor da *Rolla* . . .—Tudo que disse de Bernardo Guimarães não quer dizer que elle não tivesse defeitos. Tem-os e bastantes; é muitas vezes prosaico, por vezes incorrecto e não poucas superficial. Não tem força, não prende, não cativa. Em todo o caso foi um producto nacional, como poucos tem produzido este meio.—957.

Os srs. embasbacam-se? Serão mais pataratas do que Silvio? Não cremos. A sabedoria das nações ensina-nos a encarar as cousas como ellas são e não como pretenderiamos que fossem. Bem apetece-riamos que Silvio se nos expuzesse num salão airoso. Mas Silvio preferiu a exhibição num circo de arraial. Que lhe havemos de fazer? Assassina-lo? Não, que nos sujeitavamos a mergulhar na hipocondria. Perde-lo?! . . . Oh! não! . . . Appliquemos-lhe antes o regimen profilatico do cascudo, mais depurador e educativo. Moe o autebraço, reconhecemos, mas tambem lhe ha de remoer a cachimonia.

Por certo se recordam de que Gregorio de Mattos, com as suas

garotices, modelou a indole brasileira. Não devem altercar, pois, pelo passageiro incidente de ver Bernardo, com o seu prosaismo, a sua superficialidade, a sua incorrecção, os seus defeitos, em conclusão, offerecer uma nova chapa fotografica do espirito nacional. Parece, no criterio do malsim, que o Brazil é composto de aleijões moraes e valetudinarios mentaes. Este *representative man*, como todos os outros, vem inquinado de lacunas, fulminado por qualquer nodoa. Que deduzirá um estrangeiro dos raciocinios de Silvio? Isto, sem tirar, nem pôr—que o Brazil é uma espessa matta de urubus manhosos, fingindo que vôam e manducando ás escondidas os sobejos das praças, quando baixam dos oitis.

Se o exotismo do criticante não fosse pulha, se não o desvairasse o empenho de borrar-nos com verrinas de carregador, centro de gravitação das suas historias, talvez o escritor estrangeiro o consultasse e o conceituasse, pois que os tres instrumentos que abrem o carreiro da civilisação a um povo são a sua lingua, a sua historia literaria e a sua historia social. Ora Silvio, com um cretinismo invulneravel, á prova de fogo e de picareta, incensa todos os Bernardos que se esqueceram de que a familiaridade com a grammatica é tão indispensavel aos literatos distinctos como o *Manual do cosinheiro* ás sopeiras caras; envilece todos os intellectuaes da sua terra, com exceção do todo-poderoso Tobias; abastarda os seus repellões revolucionarios, com argumentos de Diocleciano Martir, em lugar de os colorir á moderna luz das viviseccões historicas.

Se ha patrimonio que um paiz deva zelar, com unhas e dentes, é a sua linguagem, fazendo-a seguir a procissão dos seculos, como succede ás religiões, que forcejam por durar e apegar-se ás esportulas dos fieis. Mark Twain, um norte-americano, escreve como o inglez Tomaz Carlyle, e Tackeray, um anglo-indiano, exprime-se do mesmo modo que George Elliot. Os chilenos Lastarria e Lagarrigue alevantam o pensamento da sua nação da mesma fórma que os espanhocs Rafael de Labra ou Rafael Altamira e os argentinos Rivarola ou Leopoldo Diaz tangerem os plectros nos mesmísimos sons metallicos de Campoamor ou Curros Enríquez. Só os srs. Silvio e Araripe, por não terem tido a ventura de conseguir a facil aprendizagem dos preliminares de Julio Ribeiro, é que entendem tomar para broquel uma obcecada ogerisa aos puristas do Maranhão e aos lusitanisantes do Rio.—958. Correram atraz do Paranhos e de Baptista Caetano, que fez critica de outiva, e quebraram as pernas. A embofia de Silvio esparrema-se nesta chocarrice:—Não se importava Guimarães com purismo, nem collocação de pronomes. Quando escreve em dialecto brasileiro, desculpam-se-lhe certos erros.—966. Por este innocentissimo topico vê-se o que o patego percebe por dialecto brasileiro. A sua sciencia filologica, os seus anelos de transformação linguistica acanham se neste circulo:—ignorar a eufonia da collocação dos pronomes. Se esta é a renascença, e sómente por ella pugnam os que nem sequer possuem o ritmo da frase, limpem as mãos á parede! Soletrem os sedições classicos e verão que já elles

assim rabiscavam. A construcção brazileira actual, neste e noutros reclamantes quixotescos, é puramente quinhentista, quer dizer—da remota data em que se fundou a lingua. Teem caminhado—os caranguejos!

E, se mentimos, entampem-nos com duas paginas, duas apenas, iguaes ás de Ramalho ou Eça, de Teixeira de Queiroz ou Abel Botelho, de Fialho ou Trindade Coelho, de Albert' Oliveira ou Raul Brandão! Deixae-vos de conversas fiadas, ó tropegos Silvios, e accelerae os calcanhares, encebae-os com força, se quereis agarrar-nos!...

A literatura foi espostejada, como a linguagem. Com a invasão deste barbaro tudo ficou em fanieos. Gregorio de Mattos, Antonio José da Silva, Basilio da Gama, José Durão, Claudio Manuel da Costa, os cronistas, os historiadores, os scientistas, José Bonifacio, Domingos Magalhães, Porto Alegre, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Castro Alves, Gonçalves Crespo, Luiz Guimarães, arranhados por este gato, espadeirados por este janisaro da critica, foram curar-se á farmacia. De Varnhagen, João Lisboa, Mello Moraes, pae, Martins Penna, José de Alencar, Franklin Tavora, Escragnolle Taunay, figuras obrigadas no concerto litterario do Brazil, não apparecem mais do que relampagueantes allusões. De medo que o livro, além de prejudicial como criterio, é insufficientissimo como roteiro. A sua esfera não comprehende mais do que uma antologia fatigante de poetas e cronistas. Queda-se nisso, murcho, tristonho.

Os movimentos sociaes, o que enreda a trama da historia brazileira, sacam-lhe os mesmos nevrosismos. Execra Tiradentes, ri-se de Faneca e bate palmas exactamente ao peor dos entraves da civilisação brazileira—a vinda de D. João VI, que trespassou a corôa a um filho e este a outro, o que atrazou o Brazil meio seculo. Se aquelle acontecimento se não realisasse o povo brazileiro evolucionaria immediatamente para a Republica e a abolição da escravatura ter-se-ia pronunciado em acto continuo. Os males derivantes della, como sejam a corrupção da miuçalha e o seu amollecimento civico ou sabugismo, não se teriam infiltrado na sociedade e do preto aproveitar-se-ia, na fusão das raças, a sua affectividade açambarcante, disciplinando-o pelo revulsivo do trabalho. Os prejuizos derramados recuariam ante este energico travão, a tempo de evitar o seu alastramento, isto é, precisamente no momento em que o Brazil, conquistando a sua independencia, attrairia ás suas provincias uma immigração sedenta, sem norte e sem escrúpulos, que deveria colaborar na tarefa da emancipação, subjugando-se a um paiz de cidadãos escorreitos, e não escarrando nos seus habitantes. O immigrante, senhor do terreno, acreditou-se de escala superior e destampou a valvula das suas podridões. Estas, reunidas á negligencia orientada do portuguez, acharam facil receptaculo no illota, que as levou até ao seio das familias incautas. E dai, avolumando-se imperceptivamente, foi deformando a fisionomia social, torcicolando caracteres, retorcendo sentimentos. Pedro II é a condensação das

impurezas dêsse cancro, em que a Republica enterrou o bisturi, convulsionando a nação. Foi um caustico,—que todavia carece de ser com urgencia renovado, para sepultar de vez os derradeiros bubões do imperio,—conselheiros e galopins.

Silvio, com a sua ligeireza de bacharel empalhado, mumificado por uns certos pedagogos da sua marea, a que elle constantemente faz mesuras, palmilhou apenas a escarpa da serra. Olhou para cima e não viu as gargantas e os desfiladeiros. Na sua introdução não ha um lampejo de percepção da psicologia patria. Tudo é nebuloso e apanhado no ar, recortado pelo binoculo de Sergipe e da rua do Ouvidor. E, conquanto pareça conclamar conscientemente pelos fóros da provincia, o magriço brada exclusivamente pelas maravilhas da terreola. Nos *Cantos e contos populares do Brazil*, que seriam uma optima contribuição, se a não incassem insanaveis maculas, constata-se o erro fundamental da sua visualidade improficua, bisonha: todos os cantos e contos, ou quasi todos, trazem o sainete de Sergipe. E por este prisma de taba é que Silvio intentou avaliar o *lied* brasileiro!

Errado o seu ponto de mira na linguagem, cujos peculiarismos elle não soube destringir dos palmares descuidados syntaxicos, amputado o seu alvo na historia da literatura, vesgo o seu raio visual na historia social,—que resta das suas obras, que subsiste do seu badalado amor á patria? Que fica de pé, indestruclivel, inderogavel, nas suas escavações? Quem se salva dêsse diluvio?

Tobias, não é assim? Pois então elle que se engaiole na arca e aguarde serenamente a bonança. Até lá, que os naufragos vão bracedando. Tobias que boie, enquanto nós o não *boiámos!*

24.º— Os pés da bellas e o garrote!

Laurindo foi um dos mais valentes talentos poeticos, objecta Silvio, seguindo a sua orientação particularista de que os fundadores ou, melhor, os incarnadores são os mais mundanos, os mais desabusados, como se assentou em Gregorio de Mattes. E' por este motivo, lendo por este reconfortante evangelho, que Paula Nei se afoga em alcool e lega á posteridade um cento de anedotas. Por esta razão, consagrada pela reholuda *primeira cabeça*, é que poeta que não frequentar a confeitaria Colombo, ou não emborecar uma duzia de *schopps* nas *brasseries*, nunca se corcará com os laureis do genio. Mas Silvio, segundo o seu costume de fornecer opiniões firmes a gregos e troianos, em meias doses, nem sempre louva os boemios, os desangrados. Escutemo-lo:—Só nesse tempo (o da inconfidencia mineira) teve entre nós a poesia um certo alcance social, não tendo nos tempos posteriores *quasi se elevado* da retorica mesquinha e futil, de um entretenimento de ociosos, de uma frivolidade posta ao serviço da vagabundagem intellectual.—279. Só nesse tempo, accrescentamos nós, nos do Laurindo, no dos *Ultimos harpejos* e no dos *Dias e noites* . . .

A jigajoga continua aos salavancos. Mais um trambolhão:—Laurindo Rebello é talvez o espirito peor aquilatado da historia litera-

ria, onde deveria ter o primeiro plano. Vocências hão de crer que Laurindo redigiu poemas adoráveis, romances primorosos, dramas de fazer commover as pedras ou volumes de sciencia e de filosofia. Pois vocências, se a illusão os entrançou nesse meandro seductor de cogitações, foram ludibriados. Laurindo foi pessimamente julgado, porque não tiveram em conta que elle foi —um *causeur* inesgotavel, um orador torrencial, um humorista perpetuo, um repentista lesto e um talento lirico.—991. E agora cada um que pergunte aos seus botões pelos discursos, pelas liricas e pelas pilherias. Silvio, que é um grandissimo reinadio, é que podia informar-nos a esse respeito. Mas esse consolo é desvanecido por elle proprio, que nos declara perentoriamente:—Não tenho lazeres para procurar o poesia galhofeira de Laurindo. E' realmente pena, uma enormissima pena! . . . A literatura patria, devido aos caprichos condemnaveis de Silvio, perde esse assombroso obelisco da galhofa. Que lesão,—que immensa lesão, da qual nunca se reparará! . . .

Alguns sujéitinhos de mau gosto, falando em Laurindo, ousaram compara-lo ao vate Moniz Barreto. Uns botocudos—esses comparadores! Chegaram até—que atrevimento!—a murmurar na vizinhança que Moniz Barreto era orador... Silvio, que não leva á paciencia estas gabolices, pegou-os pelo gasnete e lá vae obra:—Pois é preciso que se saiba que o repentista bahiano não possuia o dom da palavra! E' de achatar, como vêem. Ficae-o sabendo, ó vós, gentios duma figa:—Moniz Barreto não se engrinaldava com o mimoso dom da palavra! Isso queria elle, com as suas ambições desmedidas! Mas Laurindo, que não dorme, foi-lhe ao dom mimoso—e capou-lho! E' necessario, é urgente, é indispensabilissimo que esta verdade palpitante conste em todo o orbe: Moniz Barreto não abiscoutou o milagroso dom da palavra! Lembramos a Silvio, com humildade, a altissima conveniencia de reimprimir áparte esta reivindicção, de que faz gala no prologo dos *Varios escritos*, importantissima para o julgamento da literatura brazileira. Nunca será demasiado repetir á nação, por meio dos seus representantes e de cartazes affixados nas communas, esta gloriosa demonstração—que Moniz Barreto, o repentista bahiano, não se lambeu com o divino dom da palavra! . . .

Corcoveia Silvio, em espasmos rentes á apoplexia, porque Norberto Silva, ao prefaciár as poesias de Laurindo, não citou o nome de Constantino Gomes de Souza, por elle ser, o colossal Constantino, filho de Sergige.—994. E arredonda, prenhe de coleras, de pontos de admiração e de reticencias: —Não fala em Constantino!!...—Infamissimo biltre, esfoladissimo onagro, o que te salva da morte.. é teres morrido! Estas offensas á dignidade patria e literaria são daquellas que o decorrer dos lustros não apagará! Não fala em Constantino!!!... E houve gente, sem pundonor, sem honra, sem a mais leve noção da gloria nacional, que ainda lhe apertou a mão, depois da atrocissima infamia! Parece impossivei, senhores! Ha cousas que, contadas, não se acreditam! Só vistas!... Não fala em Constantino!!!...—Receamos pela tranquillidade tumbal de Norberto...

Laurindo podia chorar, porque soffrera, e podia rir, para mandar gargalhadas através das magoas.—1003. Ora aí está uma illação que o nosso presado Policarpo Banana, por mais que parafusasse, nunca engenhocaria no seu bestunto. O nosso conspicuo amigo, que bastas vezes applaudiu a scena-comica *Choro ou rio?*, estava distante de imaginar que esse mesmo sestro do comediante serviria para bitola da historia critica dum poeta. Laurindo podia chorar consentido Silvio, e podia rir, porque Silvio o autorisa a essa liberdade com o seu poderio illimitado. Aquietemo-nos, por conseguinte. Pois que chore,—até rebentar! Pois que ria,—até espocar! Lavamos daí as nossas mãos. As responsabilidades cabem ali ao mestre...

A pornografia de Laurindo, conforme no-lo diz o especialista Silvio, é superior á de Bocage. Que lhes faça bom proveito! Ninem-se com ella,—esfreguem-se té á saciedade! A seguir transcreve o *Adeus ao mundo* e pergunta—*Então? Eu bem dizia...*—1009. Os meninos não querem crer que ha bruxas e o resultado aí está, horripilante. Eu bem lhes dizia, meninos...—E' uma elegia das melhores de qualquer lingua, assegura Silvio; em portuguez, sublinha o petimetre, nada ha que se lhe compare. Cá recebemos e não era pressa... Sabemos quanto o exalça a pontualidade nestes recados...

José Bonifacio, *le petit*, que se nos desgarrá outra vez nestes cachopos eriçados, é um lirico dos mais elegantes.—972. Tende a bondade, que assás agradeceremos, de verificar paginas atraz que Bonifacio é magramente—o primeiro dos liricos de terceira ordem. Portugal nada possui, rouqueja Silvio, que se possa comparar á poesia *O pé*. Entramos, pelo visto, nos dominios da literatura pedestre. Cautella com as increntes manifestações espontaneas! Mas—louvadas sejaes, ó plantas inspiradoras!—até nisso *O pé*, de Fernando Caldeira, sobreexcede *O pé*, de Bonifacio. Silvio conclue, na sua tortuosa ignorancia, que nos escaccia talento para cultivar este novissimo tema, que tomamos a liberdade de recommendar ao estro dos jovens bardos lusitanos. E' effectivamente para lastimar o estacionamento da nossa poesia pedestre no delicado dramaturgo da *Mantilha de renda* e da *Madrugada*. Somos levados a crer, por este sintomatico indício, que em tal pobreza se escoram as convexas analyses de Silvio. Dessa ausencia de culto ao pé entrefigura-se-nos escorrer um atrofiamento fisico, moral e intellectual profundissimo. Queos poetas da patria amada nos attendam, pois: enviae a Silvio, numa patriotica redoma, o mais bicudo e assignalavel dos productos que por aí tiverdes no genero—pés á escolha de Silvio. Desenvolvam-se concursos, promovam-se congressos: Bordallo que lhe dedique uma factura ceramica, Celso uma caricatura, o *Seculo* um numero especial, Gomes Leal uma satira, Eugenio de Castro um poema simbolista, o sr. D. Carlos uma das suas aquarellas, a Sociedade de Geografia uma sessão solemne. Talvez que por estes eloquentissimos testemunhos consigamos acalmar o posterior do critico!

Falta-nos o talento para isto, aventa Silvio,—e a pequenez *mimososa dos pés das bellas*. Daqui, em face do novo desaforo, nos per-

mittimos acordar em especial os srs. Fernandes Costa e Julio Dantas. Este insulto trespassa as raias da mais insolita das aggressões. Urge um reparo... pelas tubas—e uma exposição, com jurí imparcial. Erguei-vos, Magriços Luzitanos !... Silvio volta á carga e titubia:—Não me façam enforcar por causa disto ! Descançae, sardonico historiador ! As nossas bellas, considerando que o garrote foi pulverisado, usarão um expediente por igual summario neste caso augusto:—Mandar-te-ão pentear macacos, que é officio leve !

25.º—As mortes a proposito ou a nova peste bubonica e os charlatães nacionaes

No Brazil, devido a influencias climatericas, a sobreexcitações nervosas ou a qualquer outra causa, que agora não perscrutaremos, depara-se-nos uma legião de literatos mortos na flôr da vida. Podem-se cunhar, como inclusos nesta sina,—Macedo, junior, aos 18 annos, Franco de Sá, aos 19, Alvares de Azevedo, aos 20, Bernardino Ribeiro, aos 21, Junqueira Freire, aos 22, Dutra e Mello, aos 22, Casimiro de Abreu, aos 23, Castro Alves, aos 24, Manuel de Almeida, aos 29, Aureliano Lessa, aos 33, Martins Penna, aos 33, Fagundes Varella, aos 33, Gomes de Souza, aos 34, Trajano Galvão, aos 34. Dos últimos citaremos, entre o otros, Adolfo Caminha, aos 29, Cruz e Souza, com pouco mais de 30,—Teofilo Dias, Hugo Leal, Artur Barreiros, Artur de Oliveira, Adelino Fontoura, Carvalho, junior, Figueiredo Coimbra, Livio Barreto, etc. Quer-nos parecer que isto pouco tem de particular, porque, sem sair de Portugal, encontraremos os exemplos de Julio Diniz, Cesario Verde, Antonio Fogça, Eduardo Coimbra, Antonio Nobre, etc. A estes casos *classifica* o sr. Silvio de *mortes a proposito*, com o mesmo salero empregado na denominação do sr. Valentin Magalhães, que lhe chamou *escola de morrer cedo*. Combinam excellentemente, conforme observaes, os dois letreiros.

De Junqueira Freire transmite-nos o flexuoso criticante que — foi inferior aos da epoca. Morreu a proposito, como Agrario Menezes em boa hora.—1024. Augusto Mendonça, poeta bahiano, surge-nos como um caboclinho dás selvas, no dito de Castro Alves, que Silvio perfilha. E' enternecedor ! Em Franco de Sá, que se finou aos 19, perdeu-se um bom e mavioso poeta, e um grande patriota.—1033. Teixeira de Mello, ainda vivo, mas pertencente a uma geração *démodée*, «foi um poeta de primeira ordem no Brazil, sem ter quem *lhe* iguale em Portugal».—1058. Já tardava uma *boutade* ! Teixeira de Mello, cujo merito poetico não contestamos, mora longe da categoria a que Silvio o quer trepar, fundando-se numa simpatia pessoal, de que nestes assuntos se deve prescindir. Sufficiente será notar que na capital ninguem se aperece de Teixeira de Mello, o correcto poeta das *Sombras e sonhos* e correctissimo funcionario aposentado da Biblioteca do Rio. E, quanto a comparações, quanto ao não ter quem *lhe* iguale em Portugal, o caiador que principie em

Castilho ou Mendes Leal, siga por João de Lemos, Pereira da Cunha, Gomes de Amorim, Soares de Passos, Faustino Novaes, Alfredo Carvalhaes, Tomaz Ribeiro, Eduardo Vidal, Bulhão Pato afóra, alee depois a viseira para Alexandre da Conceição, Simões Dias, Souza Monteiro, Duarte de Almeida, Macedo Papança, João Penha, Candido Figueiredo, etc., etc., e diga-nos o que viu e ouviu. Clarissimo está que seria exotico empareceir Teixeira de Mello, inda que fosse apenas a titulo de confronto, com João de Deus, Antero, Teofilo, Guilherme Braga, Gomes Leal ou Guerra Junqueiro.

Entende Silvio que Casimiro de Abreu, com a sua simplicidade inculca, rastejava pelo chatismo. O arguto publicista Gaspar da Silva não é da mesma opinião, pois que, no seu furor bondadoso, arregimentou Casimiro no exercito de genios que a sua retina enublada enxergou. Silvio excedeu-se na bilis: Boaventura torrentuou bondade. São peccados veniaes em ambos, regateirando aquelle na sua *Historia* e revelando-se o hem intencionado sr. visconde nuns interessantes estudos da *Mala da Europa*. Silvio, no entanto, como fidelissimo discipulo de Jano, estuga-se a frisar-nos que—«a notoriedade de Casimiro é merecida». —1054. Acha simplicissimo, e muitas vezes vantajoso, como accaciamonte grifa, o facto de o pae de Casimiro o forçar a seguir a carreira commercial. E explica:—o pae era carrança e o poeta era brasileiro. Não sabemos se vçem bem a perecuente razão... Não é preciso pôr mais na carta...

O bifronte sugere, todavia, que o commercio é poetico. Este encanto dos seccos e molhados inventou-o Silvio só para descompôr o prefaciador de Casimiro. Ramalho Ortigão desnudou a tortura do cantor das *Primaveras* pela aversão que os espiritos devaneadores sentem ao *Deve e Haber*. E' naturalissima esta explicativa, enquanto Silvio não nos descobrir que Virgilio, Dante, Shakespeare, Milton ou Goethe foram uns remontados quitandeiros. O bilioso não fica ainda aqui. Viu a porta aberta e investiu contra Ramalho, de faca em punho, sorrateiro. Reconhece ao narrador da *Hollanda* uma inclinação sita descriptiva, mas divisa que os seus restantes livros estão repletos de banalidades criticas de toda a especie.—1061. Quanto daria você, *seu* patarafa, para rabiscar quatro paginas semelhantes às das *Farpas*? Ora vá bugiar...

Poucas linhas antes lemos que Casimiro era *chato*. Caminhámos e vimo-lo digno da sua popularidade. Pois agora admirem a reconciliação definitiva:—Casimiro é superior a Soares de Passos. Era um bello talento. Só descambava às vezes na vulgaridade, até cair na prosa... Querem-no melhor?!... Isso nem mesmo de encommenda alcançarão...

Desvenda-nos o burlesco dâncarino que Fagundes Varella inaugurou o *naturalismo baquico*. Esta leva as lampas às mortes a proposito e á escola do chaeal. Varella, escreve, é um poeta de grande merito, uma singular figura, digna de reverencias e attensões. Foi o maior dos nossos poetas. A sua obra é muito mais vasta e interessante do que a de João de Deus, o melhor lirista portuguez.—1198. Mas

tinha nevos no espirito e, além do mais, chucha esta:—Os intitulados genios da epoca tinham o seu programma, cujo primeiro artigo era a libação do *cognac* e o segundo a vadiagem.—1058. A' vista dos argumentos do nosso estremeado Silvio, todos estupefacientes, somos forçados a concluir, embora a contragosto, que João de Deus, o genial lirico-amoroso do *Campo de flores*, que Canini, em uma colleção universal, sagrou o mais alevantado, não foi desbaucado por Varella, aliás o unico emulo de Gonçalves Dias na belletristica brazileira.

E' doloroso que Silvio, a todo o transe, se esforce por sobrenaturalisar os seus compatriotas, encontroando-os desassisadamente com os similares portuguezes, e os precipite após, com uma inconsciencia humilhante, no mais aterrador dos sepuleros. Varella é um poeta maximo e dispensava perfeitamente o achincalhante pendulo de iniciador do naturalismo baquico, cousa abstrusa, refalsada e incontinente. E ainda o rafeiro, tendo cuspidos os mais cantantes pergaminhos da literatura da sua terra, nos vem latir isto:—O Brazil não tem poesia, nem critica, nem historia, não tem literatura, em summa... Salvo me fica, entretanto, o direito de a criar!... *E' o que pensa o charlatão nacional*.—1036. Ora esse charlatão é positivamente vossa mercê, que no decorrer do seu calhamaço o tem provado sobejamente, quer nas conclusões implicitas, quer nas apreciações directas. E, se quizer companheiros ou *vis à-vis*, sirva-se convidar a depôr o seu Manu, o incorporeo Tobias. Ajoelhe-se e benza-se:—Assim não temos poetas, nem artistas de merecimento.—Sciencia, historia, literatura (leia-se belletristica) tudo isto é futil.—Se nas outras esferas do pensamento somos uma especie de *antropoides* literarios, meio-homens e meio-macacos, sem caracter proprio, sem expressão, sem individualidade, no districto filosofico é ainda peor o nosso papel: não occupamos lugar algum; não temos direito a uma classificação.—*Estudos allemães*, pg. 510. Deseja outro charlatão? Compareça á barra Clovis Bevilaqua, discipulo de Tobias e condescendente admirador da sabença de Silvio:—Agora lancemos um olhar sobre o conjunto da literatura brazileira. Quem quer que a contemple com intenção de apanhar-lhe a nota saliente, a feição caracteristica, é preciso ser dotado de um forte daltonismo intellectual, para não ver uma certa lassidão, um tom de desalento, de tristeza, um ar pesado a indicar uma raça fraca, sempre vencida na luta com as condições cosmicas, degenerada ou inconsciente.—Não temos esses lampejos vividos de espirito, essa vivacidade palpitante a trair uma existencia alegre e cheia, um caracter igual e vigoroso; não temos a fina ironia que se empara sob o tenue veu de uma doce melancolia, nem a fórma do desdem, do motejo, do escarneo, que se enroapa no *humour*, o incomparavel *humour* de Sterne, Dickens e Tackeray; não temos as revoltas de indignação que a opressão dos governos e a corrupção dos costumes atea nos animos viris, nos caracteres rigidos. Nada disso.—O nosso teatro é nullo, a *vis comica* não existe.—*Epocas e Individualidades*, pg. 83-84. Quer outro charlatão? Pois então escute mais um discipulo de Tobias e seu amigo, o dr. Artur Orlando:

—Começo por uma afirmação bem entristecedora: apesar da publicação quasi diaria de livros, de folhetos, de avulsos, nós, os brasileiros, não temos uma literatura. A razão é simples: os livros, atirados á publicidade no Brazil, nem brilham pela belleza do estilo, nem primam pela frescura de idéas. Os nossos literatos, ordinariamente atrasados e anacronicos, se não são artistas da palavra, ainda menos podem ser considerados architectos do pensamento.—*Filocritica*, pg. 77. Ambiciona mais algum depoimento? Desagradar-lhe á ouvir o charlatão Joaquim Nabuco, secretario da Academia Brasileira de Letras, de que vosmecê é um dos preclaros ornamentos? Pois nesse caso trague-o:—Esperemos que a Academia seja um isolador e que do seu repouso, da sua calma, venha a sair o Livro em que o general Mitre vê o signal da força, da musculatura americana...—Discurso inaugural, inserto na *Revista Brasileira*. Não o molestará correr a vista por mais este pequeno trecho do sr. José Verissimo:—Literatura sem livros chamou o sr. Valentim Magalhães, literatura de folhetos posso tambem chamar—aquella que ora temos. Escacissima, a nossa producção litteraria quasi se resume hoje exclusivamente no conto, na fantasia ligeira e desvaliosa, na poesia ou melhor em alguns versos publicados nas folhas diarias ou em efemerias revistas. O romance, a critica, a filosofia, a historia, os estudos litterarios, o drama, este especialmente, morrem verdadeiramente á mingua de producção. A mesma literatura politica, peculiar ás epocas como esta, do que é exemplo a da nossa independencia, não dá senão raros e mesquinhos frutos.—*Estudos brasileiros*, 2.º vol., pg. XV.

E agora, para fechar com chave de ouro estes autos, brindamos Silvio com os seus proprios dizeres, evocação esta que deve consolá-lo sobremodo:—E eis porque, como copia, como arremedo, como *pastiches* para inglez ver, não ha povo que tenha melhor constituição no papel, melhores leis no papel, melhor organização eleitoral no papel, melhor organização dos Estados no papel, melhores programmas de ensino no papel, melhor arranjo municipal no papel, melhor policia no papel, tudo, tudo melhor... no papel. A realidade é horrível! E a literatura, em que pese a Machado de Assis, não se furta, não se pode furta á regra geral. Nas pretensões, nas vaidades, nos arreganhos, na fatuidade de certos tipos, somos uma especie de Atenas. Mas oh! dôr! os nossos dramas, as nossas comedias, os nossos contos, os nossos poemas, as nossas criticas, as nossas obras de historia, os nossos trabalhos de estetica, os nossos livros de filosofia, as nossas obras de sciencia, na generalidade, dando ás cousas o seu exacto rigor, *não valem nada, para nada prestam*. Aparte quasi sempre certa douradura externa, são podres dentro; encerram terra e cupim.—*Machado de Assis*, pg. 124.

Muitos outros charlatões, uma charlatenaria em pé de guerra, poderíamos apresentar-lhe. Mas o lugar é improprio e, devemos dizê-lo, se repellimos as marradas silvianas, discordamos em parte dos autores referidos. Silvio, de resto, aqui como ali, vagueia sempre ás apalpadellas. Mais um textosinho tipico:—Não sou classico, nem ro-

mantico, nem parnasiano. Não sou da nova geração—sou da *novíssima*, daquella que ha de vir.—1047. Ora deixe-se disso, filosofo! Você é um alarve—ó que é!...

E vá-se com esta.

26.º—As maravilhas de Sergipe

Passamos em claro quatro paginas de sandices—1037 a 1041,—vindas *in primo loco* nos *Novos ideaes*, de Mucio Teixeira, como prologo, e represadas no critico e historico escoadouro, á semelhança das mais diarréas. Isso ficará para ser desinfectado em outro compartimento desta Ilha Grande ou seja na segunda parte. Vamos carbonizando, por ora, apenas os quartos suspeitos de infecção.

Entretenhâmo-nos com as maravilhas de Sergipe, que Silvio nos desenrola a pg. 1072, conquanto duas laudas adiante, inflante de modestia, nos arrolhe com esta suavissima tirada:—Os sergipanos nunca foram ciosos das suas glorias . . . Tememos que esta indiferença se perpetue e que Silvio, o que seria uma ingratição hedionda, perca a bronzea glorificação a que tem direito na sua aldeia natal. Seria imperdoabilissimo, se tal acontecesse. Dessa o padre Olimpio e o padre Eterno nos livrarão!

Calazans rompe a marcha. Era jornalista, poeta e critico. Não tem riqueza, nem brilho, como lirico, choramiga Silvio. Bethencourt Sampaio é nestas alturas o melhor poeta, como lirista local, campezino, popular; mas a pg. 1084 faz-lhe uma restricção—*sendo o melhor*. Sobre o farmacopola Constantino de Souza investigou o nosso benzinho que foi «um cultor da poesia historica e patriotica», embora ninguém dêsse por isso. Elzeario (não será Elisiario?) Pinto compôz *O festim de Baltazar*, que é uma das mais bellas poesias da lingua, conforme ordena o cegarrega. O Elzeario veiu á feira e á historia somente com este festim. Não esteve para mais mais maçadas,—nem era necessario! Podia mesmo descartar-se desse incommodo, porque todos nós sabemos de quanto você era capaz, *seu* Elzeario . . .

Franklin Doria, relata-nos o habilidoso *reporter*, foi mais feliz do que os sergipanos Calazans, Constantino e Elzeario, porque teve bom senso, perspicacia para a vida.—1101. Um felisardo, este Doria! Fez inveja aos sergipanos, aquelles monos, que nem geito houveram para deputados . . . Desgraçados! Olhem para o Doria e envergonhem-se, lesmas! Isto indigna, com franqueza . . . Doria, habiano, não é da *primeira* fila, mas occupa um dos *primeiros* lugares.—1110. Principiando pelo fim, não, mestre Silvio? Ou Doria não é dos *primeiros* como poeta lirista e é dos *primeiros* no genero epico, divisão bom senso e perspicacia para a vida?! . . . Deve ser isto . . . Aqui se comprova, mais uma vez, o dedo especial de Silvio para classificar os conhecimentos humanos. Por este modo Franklin Doria, sem ser dos primeiros como lirico-amoroso, é todavia dos primeiros como epico de bom senso e perspicacia para a vida. Mais claro do que isto só conhecemos a cara de S. Benedicto . . .

Pedro Luiz Pereira de Souza tornou-se famoso, por ter escrito *quatro* poesias celebres.—1186. E commenta, vanglorioso:—Ainda não se falava em Antero, em Guilherme Braga e em Junqueiro. A nossa autonomia literaria foi sempre uma realidade para os grandes espiritos e uma mentira para os mediocres.—1197. (Tobias, Joaquim Nabuco, Bevilaqua, Orlando... e Silvio Romero que apensem o de *mediocres* ao epíteto de *charlatães*, que atraz lhes foi dedicado com effusão). Brame o fulminante besouro que as celebradas quatro poesias, que elle reputa o bastante para levar um Pedro Luiz á gloria, eram sociaes, revolucionarias, socialistas, etc. e tal. Datam de 1862, quando ha mais de um seculo Bocage havia cantado a Revolução Franceza e troçado o papa—e Garrett, modernamente, havia entoado hossanas entusiasticas á liberdade, para não alludir a outros. E que eram, afinal, essas quatro poesias assombrosas,—que centelha as distinguia da trivialidade? Que as anatomise o patrono:—Abusam das allegorias, resuscitam as aparições mitologicas e peccam pelo tom declamatorio. Eis ai o offuscador de Antero, de Braga e de Junqueiro! Isto é por demais funambulesco. O ridiculo sr. Silvio que emparelhe o seu Pedro Luiz com Donnas Botto, que em 1862 publicou o *Poema socialista*, e deixe-nos em paz. Botto ainda grimpou ao livro, ao passo que a bananeira de Pedro Luiz apenas produziu quatro cachos. Contentem-se com esse paralelo e não nos caceteie com asneirolas de collegial.

Acha-se esgotada a inscrição das maravilhas de Sergipe. O ultra-maravilhoso Tobias fica reservado para um proximo capitulo, por certo o mais longo desta primeira dóse, porque é tambem o mais extenso da seara do nosso heroe. Lá chegaremos hoje mesmo, depois de termos jornadoado por invias sirtes. A terra da promessa sorri-nos!

Silvio dispendeu todo este espaço a destroçar os escritores da sua patria, afagando a soturna idéa de que o seu idolo se susteria inabalavelmente sobre esse pedestal de cadaveres, se a esta situação os houvesse reduzido. Mas os acutilados arfam e não tardará que se refaçam do inopinado assedio, escadeirando os filisteus que ousaram arrepanhar-lhes as togas... O ajuste de contas será severo, como severo pretendia ser o irreflectido e agarotado apedrejamento!

27.*—Verdes e maduros

Juvenal Galeno, o conhecido poeta cearense, é maçador e mediano.—1083. A pg. 1135 adoça a pilula e diz—nem em todas as produções. E, neste crescendo, Galeno passa a ser um benemerito. Mas depois, transcrita uma peça do autor das *Lendas do Ceará*, desengana-nos completamente:—Por melhor vontade que se tenha não é possivel deixar de reconhecer que isto é muito insipido.—1170. De modo que, neste como na maioria dos episodios do nosso kágado, fica o dito por não dito. Façam de conta que não leram.

Relembra que o poeta maranhense Trajano Galvão foi o primeiro a cantar a raça negra. Não se esquece de, a proposito, pormenorizar-nos que elle, Silvio, tambem os pôz em verso heroico no seu gigantesco poema—*Os Palmares*.—1112. São de uma suggestivante conveniencia estes avisos successivos de Silvio á posteridade magana. Porque, se o noivo a não gabar, quem ha de elogiar a noiva? Prosiga assim e deixe rosnar os invejosos. Ser-nos-á licito falar de nós mesmos? perguntava o nescio, a pg. 6. Todo o auditorio re-darguiu affirmativamente. E Silvio, para lhe ser agradavel, não perde vasa de nos falar das riquezas que monopolisa na vasilha. Não possuímos tropos condignos para o louvar assás. Esta grande historia documenta o seu zelo altruistico. E, como se isto não bastasse para o immortalisar, ainda a pgs. 123-24 dos *Novos estudos de litteratura contemporanea*, volume em que é encomiado o solemniissimo Leonidas Asneira de Sá, o que basta para garantir o exito do parto silviano, o engravado professional da má lingua reitera o rol dos seus bastardinhos, que começaram pelo glorioso 69, anno em que o fraldiqueiro despontou em jornalecos de Pernambuco. Ora o seu primeiro livrete é de 1878 e só daqui em diante se devem considerar as produções. Esta ginastica cronologica é industriosa, mas não péga. Mais adiante esmucaremos esta imbecilidade roccira, de matuto ardiloso, que mira a embair os pacovios sobre a repercussão da Escola de Coimbra no Recife. Registe-se, no entanto, desde já, que aquelle movimento se abriu em 1864, com a *Visão dos Tempos e Tempestades sonoras*, de Teófilo Braga, secundado em 1865 pelas *Odes modernas*, de Antero de Quental, e pela *Poesia do direito*, de Teófilo.

Desculpem o parentesis.

Lamenta Silvio que Trajano Galvão não tivesse composto mais versos comicos, gaiatos, como *O nariz palaciano*. E' na verdade lastimavel—essa de não haver mais poesias gaiatas do autor maranhense. Ah! Se Trajano preadivinhasse o acurado paladar do critico historiador, a sua acurada mucosa, certamente o teria regalado com um rubicundo par delles, cu mais.

De Gentil Braga, o *Flavio Reimar* de S. Luiz, nada viu que fosse realmente mau. Mas, para não se escapulir sem o competente rabo de palha, sente que dissesse mal, num panfleto politico, do seu magnanimo professor de preparatorios, o immortal Primo de Aguiar, aquelle que fez grelar na cabaça do Silvio os alvares da sua simpatia pela Alemanha. Silvio não releva a Gentil Braga que lhe arranhasse o sacrosanto Primo! Por estas e outras passagens estaes vendo que estas historias alvejam, sobretudo, evidenciar alguns ridiculos retalhos autobiograficos do interessado e a biografia, não menos carnavalesca a espaços, do mano siamez Tobias. E' um logro em toda a linha, esta leitura estopante!

Acha soberba, em todos estes poetas, a tendencia nacionalista. Mas, remenda elle, se a poesia brasileira, desde 1500 até hoje, fosse sertaneja—nada haveria mais insipido.—1147. O nativismo traduz-

se em caboelismo, na maioria daquellas manifestações belletrísticas.

Luiz Gama, o homérico abolitionista, pela acção, pela palavra e pela penna, tolda-o Silvio, sillabando que as suas *Trovas burlescas* descambavam para o trivial e desenhado. Dêmos de barato que assia seja. E os seus artigos bravísimos? E os seus discursos feitos com sangue? Ah! para ensombrar isso ha ali *Um discurso em mangas de camisa*, do faquir adorado. . .

Emilio Zaluar, escreve, tem direito de figurar na historia litteraria do Brazil. José Castilho e Faustino Novaes não, porque vieram maduros. Vemos aqui, saltitante, cantarolante, uma novíssima teoria classificadora— a dos *verdes e maduros*. Tem graça e não offende. Pode-se generalisar até ao mercado geral dos productos agricolas, repartição cujos esforços se devem entrançar, num futuro breve, com os da Associação dos Homens de Letras Portuguezes. De maneira que, ao olfactar o sr. Brito Aranha os plumitivos que se aventuram té ás paragens de cá, se mostre com faro semelhante ao do sr Joaquim Belford, na inspectoria dos vinhos.

Toma-se, por exemplo, um pipo da marca *El-rei*, cheira-se e prova-se:—*E' verde!* Prêga-se-lhe o ferro em braza nos caseos e segue para o consumo.

Toma-se depois o genero *Eugenio Silveira*, cheira-se e prova-se, pelo mesmo processo:—*E' maduro!* Ferra-se com cuidado, estampa-se-lhe um T na testa e despacha-se para a *União Portuguesa* e circunjacencias latrinarias.

Aportados, cada qual no seu caixote, com palha á farta, para não soffrerem damno, entrarão triunfantes no laboratorio critico-historico de Silvio, poupando-lhe o trabalho da analyse.

E o mundo continuará a rodar nos seus eixos!

28.º—Cesse tudo quanto a antiga musa canta, porque Tobias se alevanta!

Vinde a nós, Todo-Poderoso Tobias! Toca o himno, ó Jesuino! . .

Esclareçamos, de passagem, a ballela de Tobias se adiantar aos progonos da Escola de Coimbra. Informa-nos o seu solícito recoveiro de que já em 1855 e 1856, em Sergipe, o poeta dos *Dias e noites* cultivava o hugoanismo. Em 1862 é que aportou a Pernambuco. Um pouco adiante, com a mesma audacia de manequim, puxado a cordelinhos, o criticaço escrevinha:—Os versos de 55 a 62 revelam um espirito incultamente ousado. O sergipano era meio selvagem; não conhecia, nem de longe, Byron e Lamartine. Vivia completamente segregado do movimento espirital do seculo até 1861.—Pg. 1255. E de 1863 em diante que poesias meritorias, que denotassem uma nova orientação, elaborou Tobias, afóra os canticos patrioticos, quiçá inferiores aos de Palmeirim, o Béranger portuguez? Pretende Silvio que a primeira fase da Escola do Recife, exclusivamente poetica, se

iniciasse em 1863. Muito bem, concedendo que malherbicas composições de jornal ou de rua marquem transformação radical em maneiras mentaes. Em que se distanciam essas produções das de Gonçalves Dias ou Fagundes Varella? Constituirão acaso proclamações rimadas a soldados ou versos a actrizes um decalogo reformador, uma bandeira de revolta? Prenunciarão ao menos os traços renovadores dos poemetos *Stella matutina*, de Teofilo, ou *Beatrice*, de Antero, ambos de 63? Serão esses localissimos versos preludio de qualquer *Visão dos Tempos* ou de algumas *Odes modernas*, como aquelles foram? Não, redondamente não. O estro de Tobias estancou ali, porque o versejador dos *Dias e noites* empederniu,—porque a poesia era para Tobias—«uma questão de festa, de alegria, de divertimento».—1291. Por isso é que elle, por mais que se esbofe o seu cicerone, nunca será considerado um poeta,—um artista digno. Endureceu no passatempo, nas *horas de ocio*. Querer contar os *Dias e noites*, que aliás só foram concatenados em livro no anno de 1881, como pedra basilar da escola succedanea do romantismo emanuelico, não passa de rematada e presunçosa demencia. As convulsões literarias analisam-se pelos effectos realísados e pelos intuitos que professam. E que estetica demonstram as lóas do teatro de Santa Isabel e os cantos guerreiros? . . . A joeirar-se isto como novo devem incluir-se no mesmo plano os esboços dos *Raios de extincta luz*, de Antero, e as *Folhas verdes*, de Teofilo, de 1858, para não nos alhearmos deste circuito.

Elimine-se, portanto, esta fistulosa necedade, e divirtamo-nos um quarto de hora com os pormenores biographicos que á munificencia de Silvio aprouve confiar-nos, para deleite e gaudio das almas galhofeiras.

Entre parentesis:—Silvio, com reccio de que nos esqueçamos, repete-nos pela millessima vez a lista dos seus trabalhinhos, a pg. 1236-37. Faz-nos scientes de que, em abril de 70, apresentou a idéa da poesia historico-scientifica, advertindo-nosmeticulosamente de que o néné fôra gerado em novembro de 69. Esta confissão é dum alcance extraordinarissimo para a historia das letras, sabendo-se ademais que em 1864, no anteloquio da *Visão dos Tempos*, já Teofilo Braga havia exposto o novo canon. Ergo—a prioridade pertence ao filaucioso Silvio.

Tudo é grande, incomparavelmente grandioso, em Tobias Barreto de Menezes, desde o berço, como Annibal, no seu ninho de aguias, até ao seu amplexo no redentor germanismo. Aos 17 annos já o predestinado era componista e possuía uma *completa* proficiencia em latim. Parece que nesta idade o exímio latinista se aprestava com igual ardencia para o mergulho. «Os meninos, já crescidos, são admittidos ao brinquedo folgazão das aguas na sua terra». Encantador! Descreve-nos que, encontrando-se Tobias sosinho na Bahia, «com a bolsa vasia, teve a coragem de ir á noite ao teatro». Que temeridade! Dali seguiu para uma hospedaria, que se incendiou pouco depois de recebe-lo! Em 1861-62, na Bahia, aprendeu fran-

cez e travou *logo* commercio com Victor Hugo. E' o caso:—ver-te e amar-te foi obra de um instante... Pouco satisfeito, conhecendo a lingua de Racine na ponta da dita delle e commerciando com Hugo, ainda assistia por cima ás lições de filosofia de frei Itaparica. Embirrou com o frade e abandonou-o. Num bello dia, estando na *rede se-gipana*, que è por certo de modelo especial, a ler um livro francez, amofinou-se e atirou-o pelos arcos. Estava aqui a sua salvação—para a posteridade e para o Silvio. O volume ficou aberto num lugar em que dizia:—*On perd son avenir par trop d'impatience*. «Foi o que o salvou, como um estímulo de gloria». Seguiu para o Recife, em dezembro de 62. Matriculou-se em 64, fazendo *fortes* estudos de sciencias naturaes e de filosofia, tendo por mestres os francezes. Manteyse hugoano, como Swinburne, «mas com seiva propria». Quer dizer —uma salada de Hugo, Swinburne e Tobias, o que é saborosissimo. Formou-se e marchou para Escada, essa outra caverna de Diogenes, em 71. Em 22 de agosto de 74 publicou *Um sinal dos tempos*, no qual se revêem os reflexos da campanha germanista de Portugal, iniciada com a *Poesia do direito*, de Teofilo, em 1865, reforçada pela *Historia do Direito Portuguez*, em 1868, pela *Historia da literatura portugueza*, em 1870, e pela *Bibliografia critica*, em 1872, revista esta consagrada essencialmente á propagação do germanismo na terra portugueza. Esta orientação, por estreita, foi a breve trecho repudiada por Teofilo, o qual neste mesmo anno se identificou ao positivismo, refazendo toda a sua educação metafisica, e principiando a preleccionar de acordo com as suas doutrinas no Curso Superior de Letras. Em 75, quando o progono da Escola de Coimbra inseria um escoreço da Estetica Positiva na revista parisiense *La philosophie positive*, é que Tobias Barreto surgia com os seus arrevesados *Ensaios e estudos de filosofia e de critica*, já naquelle periodo atrazadissimos.

Foi nomeado lente da Faculdade de Direito de Pernambuco em 82. Em 83 imprimiu os *Estudos allemães*, primeiramente em traje de revista. Ficou fiel ao germanismo, notação dubia, pois que nada absolutamente significa, desde 74 até á sua morte, em 88, quando ha muito havia passado a razão de ser dessa preferencia, aliás selvatica, porque «a ultima guerra allemã é que atirou Tobias nos braços da cultura germanica». Resalta desta declaração de Silvio a pouca generosidade de Tobias, que assim rendia somente culto ao vencedor, —o falsario do telegramma de Metz. Não sabemos qual vergalhar mais, se a poltroneria da subserviencia ao mais forte, que logrou poderio por normas illicitas, se o acanhamento mental dos que se conservaram obedientes a uma sciencia de quartel, que ainda não conquistou mais do que dois palmos de originalidade para a sciencia ou para a filosofia. Os seus historiadores, os seus juristas, os seus biologistas, os seus matematicos e os seus filosofos avancariam duas pollegadas no saber humano, sem se destacarem proeminentemente dos intellectuaes da França ou da Italia. O conjunto de verdades scientificas adquiridas permaneceu inabalado, tal, qual a illustração de Tobias e dos seus asseclas. Calumnia será bla-

sonar que os seus safaros ensaios filosoficos pesaram algo na balança geral.

O germanismo de Tobias, obtempera Silvio, *presupõe* o conhecimento de Comte e de Darwin.—1245. Outra falsidade. Em 69, data em que o nervoso ensaista aventurava considerações sobre *A religião natural*, de Jules Simon, evidencia-se uma fosforescente allusão a Comte, através de Littré, sem consequencias de especie alguma, revelando, pelo contrario, uma visivel ignorancia do texto originario. Somente em 74, no Rio, giram uns lineamentos positivistas de Miguel Lemos, um dos incrementadores do Positivismo no Brazil. Nem Tobias, nem os restantes moços do Recife, portanto, se entrevistavam com Augusto Comte em 69.

Narra-nos Silvio que só depois d'elle, em 1879, falar em germanismo é que Machado de Assis, Ferreira de Araujo, Capistrano de Abreu, Valle Cabral e outros chamaram o professor Jansen para estudar allemão. E' bom notar, acrescenta. De ora em diante fica, pois, o notavel professor Jansen emoldurado na *Historia da Literatura Brasileira!* S. ex.^a foi, como José de Anquieta, um instructor primitivo... do germanismo—e por tal servicinho cabe-lhe um posto no edificio da civilisação de Veracruz! Tenha paciencia, carissimo sr. Jansen... Não ha desculpas possiveis, nem modestias aceitaveis... O sr. é irrevogavelmente um componente desta grande historia... Queixe-se ao bispo!

Tobias foi e é acima de tudo um poeta, conclama o estrambotico Silvio, apesar de nos participar que a poesia era para elle uma questão de pagode. Esta revelação implica a sua cabal condemnação. A arte, por ser eterna, exige seriedade, sinceridade. Nunca se leu que Dante fizesse por pandega ou distracção a *Divina comedia*, Virgilio a *Eneida* ou Victor Hugo a relumbrante *Lenda dos seculos*. Mas lê-se que Tobias bruniu, por festa, os *Dias e noites*. Estaes vendo o abismo... Não contestamos a Silvio que Tobias fosse um excelso tocador de violão e cantor de modinhas. A tanto não nos atrevemos... Mas que elle fosse isento de convenções e de attitudes teatraes refutamos. A razão da idolatria dos bachareis formados no Recife nasce exactamente dessa espectacularidade tobiatica. Um exemplo: -Falando um amigo nosso com um dos discipulos de Tobias, e dizendo-lhe que elle, na maxima parte da sua acção, não passou de um mero traductor e adaptador dos allemães, o bacharel indignou-se e retrucou ao iconoclasta:—E' que você nunca viu o grande Tobias! Para apprecia-lo em toda a sua grandeza de genio, basta apontar um facto. De uma vez, estando Tobias no teatro de Santa Isabel, como assistente de uma sessão solemne, os promotores desta pediram-lhe para usar da palavra. Tobias recusou-se. Da assembléa chamaram-no, em altas vozes. Então, levantando-se, principiou:—Como é o povo soberano quem manda... Foi um delirio, meu amigo. Se você lá estivesse, certamente não diria que Tobias não era um genio!...

Com estes rasgos teatraes, disparados para a galeria, é que o saltitante ensaista espalhou a sua fama, muito mais do que com os

Menores e loucos e os Estudos allemães. Foi por este modo tambem que Antero de Quental criou lenda em Portugal, sentando-se no parrapeito da janella e pedindo a Jeovah, de braços erguidos, que o fulminasse com um corisco, se era capaz, ou fazendo estacionar os furtivas e perguntando-lhes se acreditavam na existencia de Deus. Tobias, que tem muitos pontos de contacto com Antero, sendo-lhe superior na esfera especulativa, porque o poeta dos *Sonetos completos* se esfacelou num contemplativo e dessorado nirvanismo, tinha sobre elle ainda a vantagem de ser lente e de nunca haver reprovado um discipulo, concorrendo cabulamente para que a praga se espargissem atterradoramente.

Tobias, ao aportar á capital de Pernambuco, ainda a bordo, ruminou a poesia *A' vista do Recife*. «Desde logo as cousas se acharam mudadas—a choramiga morreu». Cristo não conseguiu um terço. Teve de andar pelos descampados em conversões e depois de Herodes para Pilatos, até expiar no patibulo as suas ouradias. Mas o nosso rabbi optou pelo trovejante lemma de Cesar—chegou, viu e venceu... Que magico nos saiu o grande Tobias! Levava a feiticeira varinha de condão...

Os cantos da guerra do Paraguai são de 64. E' um exagerado, mas sublime, observa o mirifico Silvio. Os canticos patrioticos não encontram congenes em muitas literaturas. Foi unico! E' inutil, por conseguinte, ó vates de vindouras guerras do Paraguai, tentar a mesma vereda. Afinem as gargantas e recitem Tobias, porque elle vibrou todas as teclas. Tudo que ha de mau no Brazil—cá vem, muito a proposito—é uma triste herança portugueza. O que ha de bom, é claro, deve-se ao germanismo, ao Tobias e ao Silvio. Tobias lançou a completo abandono os portuguezes e os francezes. Sim, meu pau de laranjeira! Comeu-lhes a isca e... Em 65, resmoncia, emittia Tobias juizos modernos num prefacio. E admira-se, a seguir, de que Junqueiro viesse repisar a teoria na *Morte de D. João*, dez annos empós. Só se esqueceu, o Silvio, de recordar que um anno antes, em 64, desenvolvera Teofilo, no prologo da *Visão dos Tempos*, os *originaes* principios de Tobias. Os decantados *Dias e noites*, que constituem um enfesado volumeto, onde tudo é vulgarissimo, inferior aos poetas medianos do Brazil, foram divididos por Silvio em—*Amorosas, naturalistas, patrioticas, esteticas e satiricas*. E' mais uma amostra da sua vocação classificadora exceccionalissima. Não commentamos. Riâmo-nos, que é mais decisivo.

Silvio decreta que a Escola de Coimbra foi um *esteril e ridiculo* movimento. Isto não se discute. Acha o pedantocrata que as individualidades combatidas eram menores do que os innovadores. Consignemos apenas os nomes, em replica. De um lado pugnavam Herculano, Castilho, Rebello da Silva, Mendes Leal, Camillo, Lopes de Mendonça, Latino Coelho, Tomaz Ribeiro, Bulhão Pato, Pinheiro Chagas, Gomes de Amorim, Soares de Passos, Arnaldo Gama, etc. Do outro alinhavam-se—Teofilo Braga, Antero de Quental, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Alexandre da Conceição,

Luciano Cordeiro, Gomes Leal, Guerra Junqueiro, Teixeira de Queiroz, Silva Pinto, Julio de Mattos, Teixeira Bastos, José Sampaio, João Bonança, H. Lopes de Mendonça, Marcelino Mesquita, Joaquim de Vasconcellos, Souza Martins, Silva Cordeiro, Augusto Coelho, Manuel Bento de Souza—uma legião, como Portugal só possuiu na era quinhentista. Esta pleiada levantou a historia literaria portugueza, a da etnografia, da pedagogia, do direito, da sociedade, da medicina, da antropologia, da linguistica, das sciencias naturaes, renovou o romance, restaurou o teatro e fez um poema da humanidade, vertido em quasi todas as linguas! E a este movimento, a esta geração, chama o imbecil—esteril e ridiculo! O leitor que dê balanço e confronte o que elle e Tobias moxinificaram...

Teima o bonifrate em que o ensaista dos *Estudos allemães* lançou o primeiro artigo de reacção filosofica em 1868, isto é, quando Tobias ainda mastigava Cousin e Jules Simon. A isto chama-se em calão mangar com a tropa... Ninguem teve melhor prosa do que Tobias. *Poveretto!* Muito azado era o ensejo para dizer-nos ainda mais... E, parecendo ir desistir, continua, confessando-nos que Tobias não entendeu Descartes! O manipanso foi o primeiro a escrever, diz, em lingua portugueza, no dominio da sciencia biblica, em 1871 e 73. Esta primazia seria incontestavel, se desde 1864 se não tratasse do assunto em Portugal. E os artiguetes eram de tal criterio que o reverente Silvio confuta os arrebatamentos de Tobias pelos semitas, com a filologia, a historia e a antropologia.—Passamos em claro diversas garotices, que serão debatidas no cap. *Cá e lá*.

E' bom aconselhar, regouga o remendão, que a mocidade siga os grandes povos, como a Allemanha, e não os medios, como Portugal. E acrescenta que o seu conselho é tolo, *pois que Tobias é muito illustrado e deve saber que a sciencia não é patrimonio da Allemanha* e é muito bom poeta para saber que o cunho da nacionalidade não se vae buscar fóra. Não se percebe, afinal, em que consiste o sonhado germanismo. Mas deve estar conforme ás outras doutrinas.

Ridiculisa Taunay, por soliloquiar, segundo a fantasia de Silvio:—Ah! o que nós não seríamos, se fôssemos descobertos por holandezes ou francezes!...—1334. Observou-se atraz que o come-queijo tambem incensou os holandezes. No Rio Grande do Norte, numa sua apreciavel revista, igualmente ha tempos atravancaram uma descomponenda em Portugal e uma bajulação á Hollanda. Uns e outros que ponham os olhos em Java ou Sumatra e, quanto á França, pelo que toca ás suas aptidões colonisadoras, que se virem para a Cochinchina ou Madagascar. Esse exame engrandecerá Portugal.

Tobias, segreda-nos Silvio, teria vergonha de ser republicano. E é este homem que elle apresenta á juventude como lição! De modo que, conclue, não temos tido senão pasquinciros e declamadores.—1341. Isso é com você, filosofo! Como poeta é popularista—hein?...—, como ensaista ama um certo aristocratismo intellectual. Deve estar certo! Ninguem melhor do que elle sabia dar uma sova intellectual. Que o digam os padres do Maranhão, particularisa. E,

nesta polemica, não entram as que apanhou?... «A eloquencia de Tobias é uma das mais bellas cousas que tenho apreciado neste paiz. Não esqueçamos que o orador é musico e bom baritono». O sr. Joaquim Nabuco, lá em Londres, que economise os minutos de lazer, e se exercite no berimbau, pelo menos, se quizer produzir lindas cousas para se ouvirem cá... Debaixo do poeta está um sabio e o sabio é um mundano, um pilherico, um satirico.—1372. Com estes dotes—tocador de violão, cantor de modinhas, baritono, sabio reinadio, mundano, popularista—só nos espanta que Silvio ainda não lhe houvesse chimpado em riba um concludente—incarnação, autenticado pelo diploma de membro do Clube dos Cosmofilos de Leipzig!...

Dá-nos tambem os programmas das cadeiras regidas na Faculdade de Direito por Tobias Barreto. Foi pena que não estampasse o regulamento e o horario das aulas, para a edificação completissima dos posteros! Rectifica uma apreciação do magno mestre a seu respeito, a proposito da sua nomeação de lente de filosofia para o Collegio Pedro II. Scientifica-nos de que o programma official representa na sua cadeira o momento comico e serve-lhe para desopilar o baço, provocando a critica e a satira. Que sirva para o motejo de botequim, não duvidamos. Mas para a critica... Avaliamos essas preleções pelos documentos desta sua historia grande... Para se calcular o seu processo de ensino soslaie-se este primoroso pedacinho, acerca de Savigny e Ihering:—O primeiro dizia: o direito é um producto da historia e da evolução humana. O segundo respondeu: muito bem, é isto mesmo; mas como se dá esta evolução?—1364. E' ou não é uma fotografia?!...

A pag. 1248 volta a tratar dos creditos da Escola do Recife, para se citar mais uma vez. Desdobra-se-nos como um evangelizador «que viveu a declamar as mesmas doutrinas diante do publico». Ainda bem que o confessas, incorrigivel cacete! O autor deste ensaio —é elle—, *espirito ao certo menos vasto*, foge dos sistemas.—1246. Com que modestia Silvio nos vem referir que é menos vasto do que Tobias... A gente alegre propalou até, no estabelecimento desse parallelo, uma anedota vivaz, que estenografa esta humildade silviana. Corre que, interrogando-se o sr. Silvio sobre quem era o primeiro homem de Portugal e do Brazil, elle retorquiria:—Tobias Barreto. E o segundo elle dirá quem é...

Assobia-nos Silvio que está no seu direito de ter predilecções. Plenamente de acordo com o seu entusiasmo tobiatico. Do que discordamos é do *joven Brazil*, parodia á *joven Allemanha*, tendo por grito de alarma o matraquear esta mentirola—a fallencia de Portugal no terreno das letras e das sciencias. Porque, lá o diz vosmcccê—pg. 1252—, a critica é um estudo e não uma arrogancia. Do que discordamos é de que pretenda erigir o curto Carrilho Videira em autoridade, para decidir que Tobias sobreleva a Ramalho Ortigão, quando os dois escriptores militam em liças diversissimas. Resulta, por consequencia, comicamente jogralesco o seu «isto basta para cessar tudo» —1382—, porque o nullo Carrilho nunca fez principiar, nem acabar

cousa alguma, devido á sua insufficiencia mental e moral. Do que discordamos inteiramente, enfim, é de que nos queira obrigar a tomar por mentor um homem—que não foi um grande poeta, nem um grande romancista, nem um grande dramaturgo, nem um grande matematico, astrónomo ou quimico, nem um grande biologista, nem um grande historiador, nem um grande jurista, nem um grande filologo, nem um grande etnologo, nem um grande economista ou publicista politico moderno, nem um grande pedagogista, nem um grande filosofo, pois que «a filosofia delle é uma especie de neo-kantismo, neo-criticismo, alliança do naturalismo scientifico moderno e da filosofia de Kant», o que será uma excellente *mayonnaise*, mas nunca formará um sistema homogéneo e incentivador. Tobias foi um descoisido ensaista, sem metodo e sem orientação, pirronico no seu germanismo, do qual arreglou os seus *Menores e loucos*. Teve um valor, e este enorme—o romper com a rotina, forçando o seu tempo a pensar. Sob este aspecto, amplo e salutar, o seu nome perdurará na historia literaria *do Brazil*, porque ao estrangeiro nada contarão de novo os seus crus estudos juridicos, nem a sua poesia. Não fez a alta Arte, nem tratou do seu paiz, da sua historia, da sua literatura ou da sua etnologia, o que o tornaria consultado. A sua influencia, eivada de senões, meramente transitoria, confinou-se ao direito. Sobresaiu nisso, na sua epoca e na sua patria. Mais nada. Para chefe intellectual faltam-lhe todos os requisitos. Nem sequer aprontou um resumo equilibrado e norteador das suas cogitações filosoficas. Ora uma literatura, deveis convir, não se instiga com cantos á soldadesca, nem tampouco por meio da processualistica. Impõe mais. Necessita de mais malleabilidade e segurança de criterio quem se irrogar o titulo de guia. Tobias, pelo seu especialismo, afasta-se tanto dêsse penacho como o sr. Machado de Assis, com os seus contos e romances... postumos. Falharam ambos, como o sr. Rui Barbosa com os seus discursos-artigos ou vice-versa e pareceres e como o sr. Silvio Romero com a sua irremediavel insignificancia. Teixeira Mendes, o unico cerebro disciplinado, pena é que não alongue mais as vistas ao amago do seu torrão. Seria um verdadeiro chefe, se o fizesse.

Ei-lo deante de Shakespeare,—brada Silvio, numa das suas passagens comicas. Ei-lo diante da posteridade, gritaremos nós, por certo com mais compostura. A mocidade que julgue Tobias e dê o troco ao sr. Silvio Romero.

29.º—Que conterà aquella cabeça—minhocas, pevides, massa de fosforo ou pó de sapato ? !...

A pg. 1350, depois de nos estopar soffrivelmente com Tobias, arripia-se e resmunga:—A historia começa a tomar proporções assustadoras... Vê-se que ainda lhe restam umas restecas de consciencia!... Se ella o amedronta a elle—que diremos do paciente leitor, que se dirá de nós outros, que dobrámos este encaxoadado promonto-

rio?!... Não ha commendas que nos indemnisem de tamanha heroidade, com risco da propria vida... Levemos a cruz ao calvario.

Castro Alves deixou immenso e merecido renome.—1265. Mas paginas adiante apparece-nos com descuidos e estravagancias, reforçados por estas linhas:—O que agradou entre nós foram os palavrões, as bombas, toda a falsa eloquencia dos versos de Castro Alves. Anteriormente vimos que Mendes Leal apropinquou a deiza condoreira aos campeões Tobias e Castro Alves, com as suas poesias empoladas. Pois agora vamos saborear precisamente o inverso:—*As vozes de Africa, A tragedia no lar e O navio negreiro* tiveram muitos imitadores em Portugal. Influiram no condoreirismo tardio de Guerra Junqueiro.—1398. Este Silvio apresenta uns disparates de tal calibre que, para lhe responder, só encontramos a chacota. Impossivel será mesmo, a quem tiver de critica-ló, não derivar constantemente á gargalhada, como supremo cauterio. Tornar-se-á burlesco quem o analisar a serio.

Confidencia-nos Silvio que Mello Moraes, filho, no fundo, continua a ser padre, classe em que esteve para se filiar. E' um dos seus dois ou tres compadres em manigancias criticas. Assim, no seu *Curso de literatura brasileira*, que é uma razoavel pinoia, *teve o bom senso de excluir completamente os escritores portuguezes*. Mas esse arquivista sensato olvidou uma cousa—que o seu *Curso* para nada se utiliza, porque o *bom senso* dos superintendentes da instrucção cogitou em que nos programmas escolares devia exigir conhecimentos basicos da literatura brasileira e da *literatura portugueza*, rejeitando o bom senso de Moraes e de Silvio, que naturalmente ambicionariam ver a juventude brazilica, blindada por uma novissima muralha da China, aos pés do estoiradinho Tobias, em attitude de preparo para barbeiro—mangas de camisa—, como diz José Sampaio. Silvio, porém, mesmo nestas cousas de bom senso, desmantela-se como cretino, pois pede para se conglobar no citado pastel o poeta da *Marilia*, que é portuguez. Tambor um, caixa de rufó o outro...

Aventa Silvio que Moraes, com o seu cancionero dos ciganos, varejou uma questão insolúvel. Não seja pateta. Compulse as publicações a isso concernentes, feitas em Portugal pelos srs. Mendes dos Remedios e Ad. Coelho, entre outros, e verá que se lhe evaporaram essas caraminholas de ignorantão pretencioso. Noticia-nos mais que os seus *Estudos sobre a poesia popular* e os *Cantos e contos populares*, que cognomina de brasileiros, mas que na quasi totalidade se circunscrevem a Sergipe, aferraram Mello Moraes ao folklorismo. O mestre ha sido proveitoso, não haja duvida. E' correr á luneta pela xaropada *Cantares brasileiros* e proferir o veredicto. Aquillo nem é *fluminense*, como se subintitula, nem reveste o menor caracter de *lied*. E' peor, mil vezes, do que as colheitas de Alencar e Juvenal Galeno. O sr. Mello Moraes ainda não comprehendeu, apesar do professor, ou talvez por isso mesmo, o espirito scientifico destas pesquisas. Com todos estes predicados não é para abismar que Silvio endeuse o

sr. Mello, filho, Moraes e o proclame o primeiro poeta nacionalista. E' tão justo e valioso este encomio que o proprio Silvio nos communica que elle—nunca viu o povo no interior. Foi á Cidade Nova e contentou-se, ao passo que Silvio foi extasiar-se com o *Bumba, meu boi* a Aratingaíba... Onde elle se foi anichar!... Mello Moraes que, quanto a nacionalismo, se satisfaz com saber de cór e saltado o abanenga,—ha de cumprir fielmente a sua missão de primeiro poeta nacionalista, como o sr. conselheiro Accacio Cunha Barbosa attesta de Castro Alves—cumpriu fielmente a sua missão de condoreiro... *Requiescat in pace!*

Inquire dos astros se Gonçalves Crespo deve ser incluído na historia da literatura brasileira. Julga que foi um réprobo. Mais atraz, a pg. 859, considera-o um pequeno poeta delicado, geitoso, minia- turesco, mediocre. O leitor que coteje Crespo e Tobias e repare em como Silvio arma a historia... Refrigera-se com a compensação de Antonio de Souza Pinto, portuguez, que se bacharelou em Pernam- buco e torneou brilhantissimamente no renascimento literario de 70. Foi uma das columnas, e por certo das mais possantes, da Escola do Recife, ao lado de Tobias Barreto, do malogrado maranhense Celso de Magalhães, José Higino, Artur Orlando, Clovis Bevilacqua, Izido- ro Martins, junior, João Vieira, etc. O sr. Silvio Romero, cuja obra completa não vale uma pagina das *Iléas e sonhos* ou d'*O Marquez de Pombal*, nem sequer duas linhas consagra a Souza Pinto, assim como escurece a radioso talento de Celso de Magalhães, um robusto tempe- ramento de poeta, romancista e critico. Nas investigações folk-lóri- cas nacionaes forneceu a bussola a Silvio. Devido a este motivo é que, de todos os seus raquilticos productos, estes são os unicos sus- cetiveis de aproveitamento. Oportunamente clarearemos este ponto essencialissimo, por onde provaremos que a influencia de Silvio, boa ou má, na Escola do Recife, foi nulla, absolutamente nulla.

Luiz Guimarães é quasi um estrangeiro. E porquê? Por se ter atrevido a transpôr a rua do Ouvidor... Guimarães, abraçando a di- plomacia, perdeu a graça, estreitando o intellecto... Outro qualquer, tendo em menos conta as maravilhas de Sergipe e o Pão de Assucar, concluiria que o contraste do exterior lhe aformosearia e avigoraria a mente. Mas Silvio vota pela Escada... Tambem, coitado, não vae alem daquelle ramerrão—o insulto de cocheiro, a repetição de reale- jo e a transcrição de Tobias... Luiz Guimarães, por se ousar impa- trioticamente a visitar Washington, Roma e Lisboa, assanhou os odios do inquisidor, bonzo ou mandarim occidental, e foi chamme- jado. Por mais que se queira *proteger* Guimarães, orneja Silvio, é impossivel colloca-lo na primeira ordem. Vae para a segunda e tal- vez para a terceira.—1463. Em 1890, no jornal maranhense *O Seculo*, ns. 7 e 8, houve quem protestasse contra tanta perfidia, numa lin- guagem por demais gentil. Foi Antonio Lobo, um moço de espirito, no vigor ingenuo dos 20 annos, que assim se expressou, num dos seus *Bosquejos criticos*:—«Não nos foi possivel obter todas as obras que Luiz Guimarães tem publicado, para podermos fazer sobre elle

um estudo critico minucioso e verdadeiro; apenas conseguimos ler os seus *Sonetos e Rimas*, e uma collecção de contos que publicou sob o titulo de *Contos sem pretensão*. E' através desses dois livros que vamos estudar o talento e as aptidões do poeta fluminense.

O sr. Silvio Romero, no 2.º vol. do seu trabalho sobre a *Historia da Literatura Brasileira*, diz o seguinte sobre o poeta de que nos occupamos hoje, neste nosso imperfeito ensaio de critica litteraria: — Luiz Guimarães, junior, por mais que *se o queira* proteger, é impossivel colloca-lo na primeira ordem dos escritores brasileiros. Vae para a segunda, ou, quiçá, terceira ordem». Parece-nos que o critico sergipano foi profundamente injusto no seu juizo sobre o poeta dos *Sonetos e Rimas*, como o tem sido com muitos outros poetas brasileiros. Luiz Guimarães não é um escritor que se dedique a serios estudos scientificos: não publicou obra alguma sobre os diversos problemas de ordem politica ou social que agitam o paiz; mas, como poeta, folhetinista e *conteur*, é incontestavelmente digno dos applausos da critica, por mais severa que ella seja. Os seus sonetos, burlados com um gosto e sentimento esthetico admiraveis, são encantadores. Alma de brasileiro, que «parece guardar a indefnida nostalgia que vira brilhar nos olhos dos seus paes», temperamento impressionavel e affectivo, imaginação fertil, apta para conceber e colorir os mais soberbos quadros, as mais arroubadas imagens, Luiz Guimarães é um excellente poeta lirico.

O motivo dessa severidade sem justificação com que o critico da *Historia da Literatura Brasileira* julga o poeta fluminense é talvez a intimidade em que este vive com os escritores de Portugal. O critico sergipano vota um odio de morte a todos os vultos litterarios da velha Lusitania: e essa ogerisa, sem razão de ser, leva-o ás vezes a affirmar certas proposições absurdas e paradoxaes. Falando do romancista maranhense que acaba de publicar *O Cortiço*, o dr. Silvio Romero diz que o acha em tudo superior ao autor do *Primo Basilio*. Só uma paixão violenta, capaz de cegar completamente o critico, é que poderia conduzi-lo a semelhante absurdo. Aluizio é apenas o discipulo de uma escola e é por isso que vemos quasi sempre, nos seus romances, a influencia de Zola manifestar-se claramente, ao passo que Eça é um observador profundo, um homem que possui um raro talento analitico; as suas obras tem sempre um certo cunho de originalidade bastante accentuado. Entretanto, é filho de Portugal e é quanto basta para que o dr. Silvio Romero vibre contra a sua personalidade litteraria o estilete da critica de uma maneira barbara e injusta. Outra affirmação absurda do critico sergipano é dizer que no Brazil existem dois criticos como Portugal não possui:—Clovis Bevilacqua e Artur Orlando. São dois moços talentosos e que occupam proeminente lugar na litteratura patria; mas dizer que Portugal não possui um critico como elles é a mais clamorosa injustiça. O dr. Silvio esquece-se de que existe na litteratura portugueza actual um vulto de valor incommensuravel e que na critica é o primeiro, em Portugal e no Brazil; um escritor que tem incontestavelmente mais

erudição, mais talento do que o poeta dos *Cantos do fim do seculo*, —o dr. Teófilo Braga. Mas que fazer? E' portuguez—acabou-se, nada mereço».

Damna-se o gaiteiro por capitularem os primeiros livros de Guimarães de detestáveis e de admiráveis os *Sonetos e Rimas*. Depois vomita estas graçolas supimpas sobre o prefacio do pujante prosador Fialho de Almeida:—Que cousa bonita! Que *libelots*! E o prologo de Fialho de Almeida! Aquillo é que é saber falar de arte e de artistas!... Que tal?... A isto é que o folião apellida—*historia e critica*. A isto é que o sr. Clovis Bevilaqua affronta com o ferrete de livro sem rival, no Brazil... e em Portugal! Outra observação agudissima de Silvio acerca do proemio. Cuscuvilhou que Fialho escreveu ali *tradiccão*, com dois *cc*. Esta *falha de critica* arrancou a Silvio este commentario profundo:—E são os grandes sabichões dá lingua!...

Não desgostou dos livros de Luiz Guimarães,—aparte o bom papel em que foram impressos os *Sonetos e Rimas*, impatriotismo este que lhe causou tonturas, talvez sincopes e apoplexias. Mas acha-o melhor na fase brazileira. Os *Corimbos* são superiores. «O poeta só presta quando fala na *lingua patria* (?) e quando escreve no paiz». Não façam caretas, nem esgargalem o cós. E' realmente lastimavel que as teorias de Lombroso não tenham aqui seguidores. Sempre queriamos que nos dissessem o que é que aquella formidanda cabaça contem—se minhocas, se pevides, se massa de fosforo ou pó de sapato. Cruel interrogação! Mas não desesperamos de penetrar nesse misterio... O dr. Chapot Prevost que vá lixiviando os ferros... Quer-nos parecer que este xifopago, depois que reverteu o ex-xifopago, isto é, depois que se apartou de Tobias, faz jus a que o enjaulemos e apresentemos ao respeitavel publico...

A pg. 1452 o meio é o infallivel sugestor de todos os nossos pensamentos. Em seguida, porém, como isso convenha ao caso de Guimarães commetter a selvageria de renovar os seus temas na Europa, o messianico inspirador é exclusivamente a raça. «Nos seus versos não ha uma poesia de todo má. Mas tambem não ha cousa alguma superior. *Não chega a perder-se nos nuvens*». Desgraçado, que nem ao menos soubeste fabricar umas azas de papelão e voar! Antes houvesse voado, biltre! Porque, se te perdesse lá por cima, remirias as culpas de um dia teres atravessado o Chiado, despreocupado, sem saber o perigo que corrias,—sem nos dizeres, canalha, o que pensavas sobre o café, as bananas, o sabiá e a filosofia de Escada!... Ninguem te perdoará este desamor á patria, nem o teres escolhido para prefaciador o Fialho, que nem ao menos conhece o plural de *lied*, que ignora as transformações da lingua na America, cheio de denguiços e de arrebiços e que tem a desfaçatez maxima de te tratar como um dos de lá!... Has de carregar esta maldição eternamente, assassino!...

Quanto á forma de Fialho, o inegalavel contista do *Paiz das Uvas*, e ás alterações linguisticas, permittimo-nos indicar ao panfle-

tario dos *Gatos* a esticada obra do Silvio. E' o mais repentino dos laxantes de que ha memoria. Experimenta-se immediatamente, sem esforço algum, tudo aquillo de que elle é apostolo. Não cessaremos de o recommendar a quem tiver prisão de ventre ou padecer de insomnias. Serve para os dois casos pathologicos, tal, qual as suas opiniões historico-criticas. E' um instantinho, meus senhores,—um instantinho só !... Provem o milagroso elixir, que cura tudo isso e *muchas cosas mas*. Provem e mandem-lhe a resposta pelo carnaval !

30.º—De como um escritor imparcial e maduro conclue as suas historias com imparcialissimas e madurissimas gaiatices !

Todo o homem tem uma porção de inepecia, que ha de sair em prosa ou verso, em palavras ou obras, como o carnicão de um furunculo. Quer queira, quer não, um dia a valvula salta e o pus repuxa.

Isto escrevia Camillo. Não se pode asseverar que Silvio escolhesse ou esperasse esse dia de salsifré, porque o seu existir mostra-no-lo em contumaz imbecilidade. A *Historia da Literatura Brasileira*, nome escarnecedor, confirma prolixamente a sua fidelidade absoluta á mais completa das inepecias. Nunca se nos deparou testemunho tão frisante e cabal do poder da estullicia enfatuada e da futilidade hilariante. E' um poste—este pastelão !

Acabemos a evisceração.

Silvio, depois de se comparar a Taine, com indizivel modestia, espevita-nos os ouvidos com esta:—O meu leitor terá notado que o tom d'este livro, até quando me refiro a Machado de Assis, é mais brando e cordato do que o foram alguns dos meus antigos trabalhos sobre escritores brasileiros. Mas, ora vamos e venhamos, queriam estes senhores que um grande livro de historia, que pretende dar uma idéa geral do complexo da literatura do paiz fosse escrito no mesmo tom de pequenos livros de reacção e polemica ?—Pgs. 1233-34. Esta pergunta comica, excessivamente ridicula, significando que o palurdio ignora o que é historia, aliás não faria o que fez, nem nos endereçaria uma interrogação contradictoria da estructura de obras como a que supoz estar elaborando, esta pergunta, diziamos, mais uma vez infirma a sua inintelligencia assombrosa, a sua incompreensão lastimavel. Depreende-se que Silvio vive no engano d'alma, ledo e cego, de que redigiu uma Historia. Atraz se evidenciou a mesquinha illusão. E, quanto ao seu *tom*, de que faz gabo, leiam somente este pedacinho, para se saborear o *supra tom*: —A sciencia ethnografica, entre nós, salvo algum cultor isolado, está nas mãos dos dois mais singulares *savants* que já um dia foi dado ao mundo apreciar. São dois curiosos, dois rabulas das letras, cordealmente inimigos por interesses e rivalidades mutuas. Tinham habilidades para o desenho e, sendo postos ao serviço de fortes protectores, acabaram um dia sabios notaveis... Parecem-se um com o outro; um foi cria-

tura de um astrónomo e naturalista francez, homem de grande influencia, ao serviço do Brazil; outro é protegido por um botânico celebre, director dos telegrafos, especie de vice-imperador neste paiz. Parecem-se muito um com o outro os dois originaes, disse eu; e de certo. Um fez-se botânico e o outro também; um fez-se antropologista, porque não ha ignorante nenhum actualmente que não entenda dessa materia, e outro também; um delles não teve jamais um curso regular de sciencia alguma, e o outro também; um é director de um museu e o outro também; um fila de outrem o latim que impinge nas suas singulares betanicas e o outro dá-se por conhecedor do hebraico e do fenicio, não sabendo bem nem o francez; um dá-nos patacoadas etnograficas, á custa de Henrique Fisher, o outro, agatanhando o trabalho de muitos, d'screve atropelladamente o material antropologico-americano existente no museu nacional, produzindo um relatorio monstro, onde o que não é dislate é plagio do malogrado Frederico Hartt, esse martir da sciencia, que tantos amargores travou neste paiz!...—Pg. 576-77.

Que tal? E é de notar ademais que isto representa um enxerto despropositado, basicamente incabivel na sobredita historia. Por onde se vê que Silvio, em todas as suas publicações, cuida apenas de cevar os odios pessoaes, os baixos rancores, em vez de nobilitar a pena, em lugar de enobrecer a classe em que, a martello, á cotovellada, se encorporou. O senso moral é na sua pessoa uma faculdade van, uma fantasmagoria. Pobre diabo!

Pouco adiante, obedecendo á palinodia, que consubstancia o seu gonfalo de borrador, desmente-nos ainda mais flagrantemente aquella sua candida pergunta, chimpando em Luiz Delfino estes serenos epitetos:—Palavroso, enfatico, incorrecto, obscuro, aspero, sem originalidade, sem idéas, sem sentimento, verzejador mecanico, sem graça, sem delicadezas, sem força, sem sensatez. Delfino é um grande magico; vive cercado de camellos, dromedarios, eunucos; no seu verso ha só o trote dos camellos; a sua obra é uma pantomima poetica, prodigiosamente estrambotica; é um romantico pantafaçudo, um volantim das letras. E após esta catilinaria, adequadissima ao referido tom, sac-se-nos a dizer que esqueceu os meritos de Delfino, conquanto ache perfeito o quadro traçado! Num escritor que soubesse a expressão dos vocabulos surpreenderia uma tal affirmativa. Mas em Silvio estas e outras são correntes, triviaes, naturalissimas. E é assim que elle nos cicia:—O poeta possui vigor de imaginação, facilidade e abundancia no escrever, elevação de tom, brilho de tintas. Nunca se mostram nullos os seus versos. Ha sempre certa grandeza de intuitos, vigor descriptivo, pinturesco de fórma, certa *aisance* que indica o artista de pulso forte.—1479.

Simplesmente fantastico!

No mesmo *tom* de elegancia jorra uma descompostura sobre a geração de 78, a do Valentim, julgando a toda pela bitola deste microcefalo. O menor dos mimos é o de—arlequins, o que se nos entrefigura em demasia grave, imparcial e maduro. O sr. Araripe,

companheiro dos *Lucros e perdas*, tambem apanha umas piadinhas a respeito da sua *teoria da facecia*. E Aluizio, que noutra parte foi proclamado superior a Eça de Queiroz, com um desplante inverosimil, ficou igualmente sabendo aqui—pg. 1410--que o seu realismo se nutre de imitações.

Contradancemos um pouco mais. A pag. 436 trombeteia Silvio:—Um immenso paiz descoberto e colonizado; duas raças barbaras senhoreadas por uma raça superior; populações novas formadas; invasões estrangeiras repellidas; commercio, industria, autonomia politica, certos impulsos originaes irradiando, tudo isto repercutiu no espirito do povo e *habilitou-nos a ter tambem um caracter proprio*. *As canções populares e as notas mais vividas do nosso lirismo fornecem-nos a prova*. A pg. 870 *prova-nos* o contrario:—Esta grande fusão—do branco, do negro e do indio—ainda não está terminada e é por isso que ainda não temos um espirito, um caracter inteiramente original. E a pg. 1410, já no fim do enfadonho estenderete, businamos:—Qual é o espirito do nosso tempo, qual o genio do nosso povo? Desafio a quem quer que seja para dar-me uma resposta definitiva.

Observa-se que Silvio anda e andarà perpetuamente às cabeçadas,—em palpos de aranha.

O livro, conludo, atravessaria talvez alguns annos, se ao menos o sobredourasse um estilo viavel, uma fórma distincta. As desconponendas ostentariam um *aplomb* de Camillo ou Veuillot e, ao menos por essa face, tornar-se-iam apreciaveis. Mas nem esse adorno o vivifica. A exposição é feita em lingua de mucama desdentada e a critica (?) ajaeza-se com brocardos molecorios. Vejam este remendo:—Meio, raça e momento são a trindade portentosa do criticar contemporaneo; servem para solver todas as difficuldades. Onde encontram um facto qualquer fóra do commum recorrem muitos ao *meio* e o façanhudo factor apparece e arreda os obstaculos. Outros deixam de lado o *meio* e agarram a muleta do *momento*; alguns, finalmente, calçam as botas da *raça*.—1172. Esta amostra pertence por igual aos requisitos do falado e espicolondrítico tom de historia.

Resumindo:—a *Historia da Literatura Brasileira*, a producção capital de Silvio, o seu armazem de seccos e molhados, o alforje em que encafuou todas as suas provisões, documentadissimo está que não vale um retorcido chifre—nem pela verdade, nem pela justiça, nem pelo criterio, nem pela clareza, nem pela coerencia. É um amontoado ignobil de charras contradicções, uma antologia pessimamente guisada dos literatos brasileiros, um ultraje às lêtras da sua nação, a qual percebeu, com dôr, que em quatro seculos de vida só finha amamentado um bebé—o sr. Tobias Barreto, a quem não contestamos um merito assás relativo, mas que, como belletrista,—a unica feição intellectual que immortalisa um homem, ou, melhor, a unica manifestação que denota uma personalidade intocavel, porque a sciencia e a filosofia progridem todos os dias,—pousa num plano mil vezes inferior a Gonçalves Dias, a Fagundes Varella, a José de

Alencar, etc. Esta massa quasi informe de papel, além de estropear as datas, alterar a cronologia da narração, omitir a bibliografia dos escritores, falsificar as suas características, repetindo acerca dum as banalidades que vituperou relativamente a outro, á laia de alcruz de nora, circunscreve-se a desenrolar-nos ante os olhos, sem senso e sem gosto, poetas, mais poetas, outros poetas, ainda poetas, ultimos poetas... Apenas no primeiro volume rascunhou quatro palavras sobre os cronistas e os prégadores. Dos romances de Bernardo Guimarães trata levemente. De Manuel de Almeida, o autor das *Memo-rias de um sargento de milicias*, não houve noticia. O mesmo aconteceu com frei Vicente do Salvador, com Adolfo Varnhagen, João Francisco Lisboa, Mello Moraes, pae, Pereira da Silva, José de Alencar, Manuel de Macedo, etc. Para Taunay teve diversas arrieiradas, em varias passagens. Sobre Machado de Assis somente dez annos depois é que vociferou, numa galeria que elle principiou a classificar —os Novos. Não é má esta de chamar joven a um cidadão de 60 annos! Até neste fracasso, o de nos vender caro uma lista de poetas, o sr. Silvio se contradisse, porque no decorrer da historietta prometeu-nos um 3.º volume e no fim do 2.º poz *ultimo*. Nunca vimos, realmente, um ente mais cheio de contradicções! Para cumulo, após ter anatemisado Alencar e Penna por haverem ido á Europa, jurando mesmo num dos seus livrecos que nunca poria os mimosos locomoveis em terras tão facinorosas, lá se acha presentemente, com applauso da boa gente lusitana, a tomar as aguas do Gerez. Isto já não é um homem — é uma contradicção ambulante, um impenitente almo-creve das petas!

Este livro é um livro de consciencia, de amor e de verdade, em que pretendo dar do melhor do meu espirito, em favor da minha patria. —1165. Pois pode limpar as mãos á parede! Se o Brazil accettasse a offerta —bem podia rezar um *De profundis* cavernoso! Atraz vimos o que vem a ser a consciencia de Silvio, em que consiste o seu amor, a sua verdade, o seu patriotismo. Acreditamos piamente que, se aquillo tivesse conseguido meia duzia de leitores, ha muito que o teriam linchado. Os literatos primaciaes foram denegridos, bastas glorias politicas estracejadas, o character brasileiro deturpado. Exaremos, todavia, que o emplastro é um pelourinho grotesco, referindo o verso lembrado por Lafaiette R. Pereira, no seu volumeto — *O sr. Silvio Romero, critico e filosofo:—Tous ceux qui vous avez tués se portent bien*. Mas o certo é que, se no Brazil ás tolices de Silvio provocam riso aos assisados, nas cabeças chócas encontram eco e, ainda mais, convem obstar a que transponham as raias de Sergipe. A historia literaria brasileira está por escrever, arenga o bonifrate — pg. 955. Não mentiu. A nova geração compete elabora-la. porque os estudos congenres existentes são na maioria similares dos de Silvio. A esses moços, quicá Frota Pessoa e Felix Pacheco, corre a obrigação inadiavel de comporem a historia literaria e a historia social da sua terra.

Sou do numero daquelles, geme o criticante, que reconhecem

no publico o direito de tomar contas de todos os actos de um autor. —1248. Ora nós constituimos parte integrante dêsse publico e, se Silvio não nos concedesse generosamente a licença de o escadeirar, escusado será patentear que nós no-la arbitramos. Abroquellados pela convicção de que cumprimos um dever,—o de despertar a catalepsia de consagrado que já ia circundando pascaciamente o sr. Silvio Romero, viemos á liça, irritados pela inocuidade dêsse farçola, que tem passado a vidinha a agredir brazileiros e portuguezes, impunemente, sem topar quem lhe arremece um—alto lá! Era tempo de lhe puxar a arreata e prende-lo mais curto.

Já o sr. Araripe, camarada e amigo de Silvio, na sua brochura sobre o movimento literario de 93, com as intercadencias de sisudez que ás vezes lhe borbulham da penna, apreendera isto: — O que por ora se deve adiantar é que este critico (Silvio, na *Historia*), por ser de temperamento polemista (?), mais de uma vez perdeu a calma e, perdendo-a, foi muito alem do que devia ir, destruindo individualidades, que na derrota do Romantismo podiam bem ficar intactas. — Pg. 179.

Se o sr. Silvio nos impingisse as suas drogas em traje de panfleto, ao gosto das *Farpas* ou dos *Galôs*, caso houvesse unhas e calções para tão altas cavallarias, talvez a geropiga se pudesse tragar. Mas numa historia, pomposamente encomiada por elle proprio, é completamente inadmissivel semelhante fandango, indecoroso e deprimente. O que o sr. Silvio praticou humilha e desdoura o Brazil, que elle põe de rastos. A *Historia da Literatura Brazileira* frizou, não ha duvidar, segundo o sr. Lafaiette, que a vocação do sr. Silvio Romero é para não ser critico. Nem qualquer outra cousa, accrescentaremos nós. Porque, sendo professor de direito constitucional ha 20 annos, foi zurzido nesta materia, em pleno congresso, pelo deputado Barbosa Lima, *capitão do exercito*. Só agora é que se começa a enfiar o dedo neste panal de palha,—neste carnavalesco espanta-par-daes!

Alguem poderá estranhar o processo de que nos servimos para empandeirar este filosofo. Mas esse alguem não se justificará. Silvio — ou trata-se deste modo ou deixa-se em paz e ás moscas. Não ha outra vereda a palmilhar. Um pimpolho desta ordem só se deve acometer com o tagante da troça. Não ha melhor correctivo. E, de resto, nós alicerçamos as nossas gargalhadas. Não rimos alvarmente. Se a luta fosse de opiniões, se a discussão se nos apresentas e em bases attendiveis, as unicas dignas de um critico e de um historiador, corresponderiamos a esse diapasão. Mas disso não se pavoneia o programma de Silvio. Este escorpião—ou tem odios pessoas e espuma-os com desfaçatez, inçando-nos com as suas garotices, ou tem simpatias e fantasia defezas risiveis, mas offensivas para os que não commungam nos mesmos appetites sectaristas. A sua obra esvair-se-á em pocira. E, se nos sobejarem lazeres, nós propios nos encarregaremos de ultimar a tarefa, por maneira identicamente convincente

à que usámos com a *Historia da Lit. Braz.*, isto é, combatendo Silvio com Romero.

Mas, apesar de todos os pezares, ha de haver zoilos que não vejam os disparates, não obstante o escrupulo que empregámos em todas as citações e a seccura dos nossos commentarios, perfeitamente dispensaveis perante o leitor ajuizado. Para esses cegos é que Fialho de Almeida teceu estas frases energicas, nas suas *Pasquinadas*:—O labor literario assemelha-se agora, mais do que nunca, ao trabalho do rachador de lenha, que só se faz bem em mangas de camisa, cabellos ao vento, o machado na mão e algumas cunhas de aço—para rachar de meio a meio a cachimonia dos teimosos.—217.

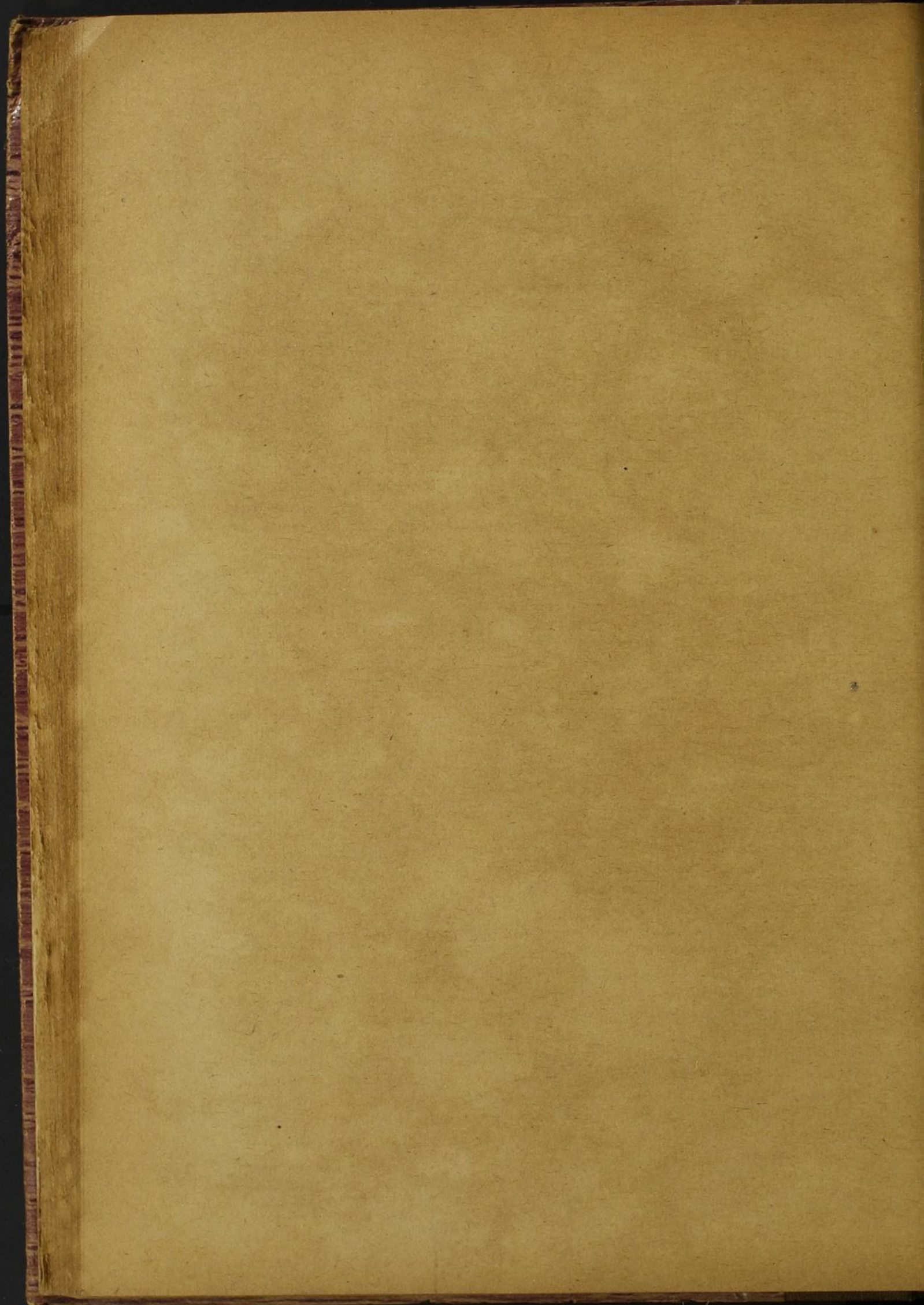
A nossa empreza foi mais pacata e modesta, no entanto, porque nos limitámos a rachar uma cabaca, furando-a em todas as direcções,—picando-a, alfinetando-a. Podem sacoleja-la á vontade, á discreção, para se compenetrarem de que lá dentro ha muito bons aranhões, versinhos sergipanos, evolucionismos, classificações pyramidaes, eclipses diurnos e nocturnos tobiaticos, subsidios de deputado, delirios germanicos,—tudo, tudo...

Menos uma idéa,—esta cousa simplicissima, motriz de grandes poemas e largas revoluções, que arrasta paizes e guia gerações, que commove as almas e cria os genios, mas que em tempo algum se se aproximou da retina ou da mente do sesquipedal Silvio!

Caminha, lazarento Ashaverus! Caminha, mequetrefe, que talvez a encontres, numa fresca manhã de nevociro!...



SEGUNDA TREPA



1.º—Os manos siamezes

Não será demasiado que nos detenhamos alguns minutos mais com Tobias Barreto de Menezes. Este escritor, de merecimento incogavel, mas bisonho, ainda não foi estudado imparcialmente, nem pelo sr. Silvio Romero, em todas as suas publicações, nem pelo sr. Artur Orlando, no prefacio das *Questões vigentes*, nem pelo sr. José Sampaio, no *Brazil Mental*. Aquelles vivem obcecados pela amizade pessoal e este apresenta-se-nos deficiente na parte relativa a Tobias, como de resto em toda a obra, devido á carencia de relações literarias entre Portugal e o Brazil. Não nos propomos tambem agora estudar exhaustivamente o autor dos *Estudos allemães*, mas sim debuxar somente as suas características fundamentaes.

Atraz nos referimos já ao reformador do ensino do direito brasileiro e é certo que de novo a elle volveremos, quando analisarmos o livro *Machado de Assis*, do sr. Silvio Romero. Este ligou-se pelo cordão umbilical a Tobias e impossivel se nos configura alludir a um sem roçar no outro. De maneira que, padecendo o redactor dos *Menores e loucos*, o poetastro dos *Cantos do fim do seculo* gemerá tremendamente. E vice-versa...

Sirvamo-nos sempre, fieis ao nosso irrefragavel vesu documental, das proprias expressões do ardoroso panegirista. Principiemos pelas composições poeticas. E' sabido que Tobias imprimiu um volume—*Dias e noites*. O vate dos perfumes, distante dos que dedilham a convidativa harpa no seu tempo e nos lustros anteriores, nunca se emancipou do sentimentalismo e do bombasticismo, quando já em Portugal e no Brazil se compunham admiraveis versos, moldaões em diversas escolas,—filosoficos, historicos, revolucionarios, parnasianos, etc. Já na sua epoca João de Deus havia renovado as fórmulas facticias do lirismo amoroso, procedendo Luiz Guimarães de igual modo. Seja Silvio quem nos confirme:—E' assim que, em poesia, Tobias não passou do lirismo condoreiro.—*Estudos de direito*, pg. VIII. Nem outra expansão seria de esperar, porque elle —«era um eterno recitador de versos nos teatros, nas festas patrioticas e nos salões». Desempenhou aqui as funcões do flexivel Tomaz Ribeiro. E deixemos-lhe essa descolorida feição, que Silvio, com um mau gosto irritante, quer cotejar com o lirico sublime do *Campo de Flôres*. Cremos que nenhum outro critico ousará rehabilitar a holorenta poesia de Tobias. Vejamos o atropellado ensaista. Nestes seus trabalhos fulgura um apreciavel talento. Mas devemos externar que não orientam um estudioso, porque são contradictorios, nem satisfazem um espirito moderno, porque já no seu periodo effervescente eram trapentos. Não ha um assunto esgotado por Tobias, uma discussão baseada solida-

mente, como acaece com Teixeira Mendes, Assis Brazil, Rui Barbosa. Tudo pára no meio ou no começo—ou transvia-se na pilheria de senso duvidoso. Em Tobias, escreve o sr. Silvio, encontram apenas um critico, um ensaista, sempre rapido e como apressado.—*Varios escritos*, pg. XXV. Em critica, escorando-nos ainda no sr. Silvio, no prefacio dos *Estudos de direito*, fugia dos assuntos brazileiros; em filosofia não admittia a psicologia e a sociologia como sciencias; tratava desdenhosamente Spencer; não aceitava a poesia popular e a etnografia; era contrario á fórma republicana. Poderia, se fosse preciso, levar por diante estes pontos de desacordo, remata o sr. Silvio. Frisemos a referência ao filosofo dos *Primeiros principios*, ao qual Tobias apellidou de epigono do evolucionismo. Parece-nos que o nosso illustre patricio, remoca o patrono, não tinha conhecimento directo de Spencer.—*Estudos allemães*, pag. XVII. E accrescenta, instruindo-nos sobre a probidade mental de Tobias, que elle conhece os publicistas inglezes através da critica allemã. Identica ligeireza se lhe palpa com o positivismo, os livros de Herculano, etc.

Compreende-se que um homem desta natureza, agrilhado por uma volubilidade morbida, conforme elle proprio confessa—«eu sou um pouco voluvel»,—negando até a maior conquista do denominado germanismo—o revigoramento da etnografia, com a inteireza da qual os irmãos Grimm restauraram o espirito allemão, em paiz algum se poderá irrogar o titulo de Mestre. Só um zote forcejará por guinda-lo a tal pontificado. Um homem que chamava bobo a Littré, por ter elogiado *As Farpas*, de Ramalho Ortigão, que mofava de Comte e de Spencer e que julgava os regimens politicos como um problema de estetica, affectando paradoxos de botequim, não pode ser apontado a pessoa alguma para fanal, nem talvez ser olhado com demora por quem préza a missão da critica e da filosofia. Um homem que, ao escrever acerca dum artigo de Oliveira Martins, em que se expendia a *Histoire du Peuple d'Israel*, de Renan, ainda não havia lido esta obra, no insuspeito testemunho de Silvio, agradecerá muitissimo á platéa ignara, mas não se recommenda pela seriedade.—*Estudos allemães*, pag. 226.

Silvio não cança de elevar Tobias, sempre com estes chavões:—Foi o primeiro que matutou sobre este assunto *em lingua portugueza*, é o melhor estudo que ha *em lingua portugueza*, nada existe que se lhe compare *em lingua portugueza*, etc. Ora isto, usando a linguagem de Silvio, não passa duma grandissima pomada, como adiante se attestará. Declama o galhardo irmão troglodita do jurista, defendendo-se das accusações acima resumidas, que na *Filosofia no Brazil* consignou este desabafo:—Não tenho Tobias na conta de *genio*, nem de notabilidade *européa*. E porque não reproduziu este periodo na *Historia da Lit. Braz.*, quando nesta obra-chefe transcreveu todas as louvaminhas daquelle volume? Convenceu-se de que tinha errado, arrependeu-se do juizo emittido?

O sr. Silvio, com a sua impertinente adulação, ha maculado a reputação de Tobias, num avançado grau. A edição das suas obras

tem-se feito á sua laia engazopadora, sem metodo algum, umas com trechos das outras, numa caotica balburdia, guiando-se umas vezes pela ordem cronologica, a unica proficua para a comprehensão do compilado, acerto este que só tarde reconheceu, outras vezes pela exclusiva ordem de materias. De modo que quem percorrer os *Estudos allemães*, por exemplo, verá no principio um ataque a Cousin, no meio um elogio aos mais ronceiros metafísicos, aqui um applauso a Comte, ali um vituperio a Littré,—tudo desenfreado, Tobias absolutamente nú perante o publico, sem se determinarem as linhas divisorias da sua constante ebullição mental. Um charivari! Com graça diz desta barafusta de Silvio o sr. Lafaiete Rodrigues Pereira:—A admiração do sr. Romero por Tobias tem sido uma verdadeira fatalidade para a gloria do homem. Se Tobias voltasse ao mundo, perseguiria o sr. Romero em todos os tribunaes e instancias pela terrivel obstinação com que teima em arruinar-lhe a fama, desenterrando papeis que apodrecem no esquecimento, e expondo-os de novo á luz da publicidade, papeis que encerram trabalhos efemeros, esboços, ensaios, verdadeiros exercicios de composição.—*Vindicta*, pag. 40.

Ninguem de boa mente contestará tão lucida reserva. E, se desejarem a opinião de um amigo de Silvio e de Tobias, esentem Clovis Bevilaqua, que agarra o ensejo e despede umas censuras doces ao parturiente da *Historia da Lit. Braz.*, por elle haver *abaixado* todos os seus compatriotas, afin de agigantar o comprovinciano. Leiam:—Reconheço no illustre professor de pratica processual todas as brilhantes qualidades que constituem um espirito superior e o declaro francamente. (Saiu impresso, decerto por erro tipografico, *fracamente*). Não importa isso adoptar todas as suas vistas, quaesquer que ellas sejam, nem desconhecer os defeitos que possa ter, quer como escritor, quer como pensador. *Tambem não me lembro de abairar a estatura dos Baptista Caetano, por exemplo, dos Gonçalves Dias e outros, cada qual no seu departamento proprio, para que o insigne sergipano se erga muito mais.* O meu ponto de vista é outro: é a actualidade, e é o poligrafo, o ensaista, que aborda varios assuntos, adquirindo em extensão o que perde em especialidade. Assim considerado é que o dr. Tobias se torna credor dos elogios que lhe tem prodigalisado Silvio Romero, que, é forçoso reconhecer, só viu o lado vantajoso e brilhante, sem indicar-lhe as falhas, sem fazer-lhe a critica negativa das obras.—*Épocas e individualidades*, pag. 150.

A ferroada não pode ser mais insuspeita. É um amigo de Tobias e de Silvio quem fala, o qual, por cumulo de amabilidade, distribue a ambos a placa de mestres, não obstante saber mais do que os dois reunidos. Sob este criterio sereno é que o critico do *Machado de Assis* deveria reintegrar Tobias no seu escano. Mas nem elle, nem Artur Orlando, mau grado a vasta capacidade que exorna este, alcançaram essa região placida. O jurista, que é a notula mais saliente do autor dos *Estudos de direito*, pois que neste campo bastante conseguiu, não com livros, que são poucos e esqueleticos, mas com lições, livres sabbatinas e polemicas, deparou em Bevilaqua um sensa-

íssimo analista. Nos *Juristas filosofos* vem um bello esboço de critica a respeito da acção de Tobias no direito brasileiro. Não nos furtaremos a transplantar para estas laudas, no empenho modesto de estereotipar as características tobiaticas, as suas passagens primarias. Procuramos os discipulos, em vez de nos arrimarmos aos adversarios.

Medite-se este fragmento incisivo:—Jurista ou filosofo, foram as idéas geraes, as sínteses(?), que o seduziram e a que consagrou as energias masculas do seu ingenho. Mas, se as idéas geraes apanhavam, num amplexo ousado, as bases da sciencia, esboçando-a em traços concisos, nunca se ligaram num todo harmonico, de modo a darem-nos uma síntese completa da philosophia ou do direito. Assim como lhe faltava o gosto para os detalhes, para as analyses morosas e percucientes, fallecia-lhe a tenacidade para levar a termo uma obra de certa amplitude, cuja construcção demandasse uma contensão de espirito prolongada por longos mezes, a vista sempre detida num mesmo circulo de idéas. Surgia-lhe a conceção, a descarga das forças criadoras levava-o febril á producção; mas, aliviado daquella necessidade psiquica, enfastiava-o proseguir no mesmo caminho e anceava por velejar em outros mares e aspirar outros perfumes. Dessa peculiaridade da constituição do seu espirito, commum a todos os ensaístas que o são por indole, resultou a obra fragmentaria que nos transmittiu.—Pg. 112.

Bevilaqua, nestes seus bosquejos, disse mais e melhor de Tobias do que o sr. Silvio nos seus vinte livros. Não é tudo ainda, todavia. Falta documentar claramente que, nem mesmo no terreno juridico, Tobias se sobreleva presentemente. A sua apregoada Obra caducou toda, portanto, cavando apenas um tenue sulco. Ninguem se atreverá a negar competencia a Bevilaqua na sciencia de que nos occupamos. Só Rui Barbosa, sem possuir contudo trabalhos do tomo dos de Clovis, pois trilha quasi a mesma toada perecível e dispersiva de Tobias, indifferente á critica e á philosophia hodierna, soffre aqui parallelo com o jurisconsulto do Código Civil. Ouçamo-lo:—Occorre-me fazer duas observações criticas, em relação ao modo pelo qual o inclito jurista-philosofo comprehendia a sciencia do direito. Em primeiro lugar não me parece que a sciencia do direito se esgote, quando a pesquisa tiver sido conduzida através da filogenia ou ontogenia, isto é, depois que o direito tiver sido estudado sob o ponto de vista da sua evolução na humanidade em geral, em alguma collectividade ou nos individuos.—Reduzir o direito a uma sciencia exclusivamente historica é cercce-la, de alguma fórma; mas, aceita esta limitação, ao menos dever-se-ia esperar que essa historia pudesse ser levada aos mais afastados pontos, para que fossem colhidos os mais abundantes e convincentes documentos. Assim, porém, não pensava o autor dos *Estudos de direito*. Causa-me certa estranheza que elle tenha affirmado o que leio no livro que acabo de citar:—Para nós outros, filhos da civilização occidental, não tem o minimo interesse, na esfera do direito propriamente dita, saber como os judeus, babilonios e assirios decidiam

judicialmente as suas contendas. Parecia-lhe, como a Holweg, que para a historia do espirito em relação ao direito bastava o estudo dos dois povos que nesse dominio se afirmaram de um modo mais significativo e mais fecundo,—o romano e o germanico. E' bem claro, porém, que esse romano e esse germano pertencem á grande e nobre familia ariana. E nós não temos o direito de esnocar dois ramos á arvore, para estudá-los em separado, quando elles se ligam a um todo a cujo influxo se desenvolveram.—Obr. cit., 123-25.

Petit à petit l'oiseau fait son nid, lá preceitua o proloquio. E Clovis Bevilaqua, por entre a frondejante adjectivação ao mestre, foi-nos provando que elle falseou basicamente o direito. Aluido o alicerce—que resta da sabedoria de Tobias? Revejam mais este retalhinho e concordarão em que tudo vòa como fumarada:—Entretanto, se taes investigações andavam mal orientadas, cumpria dar-lhes a direcção conveniente e não supprimi-las de todo. Por isso não posso acompanhar o professor sergipano, quando elle, para cortar o que lhe parecia floração da futilidade, relegou para fóra do dominio juridico o conceito da pena.—Obr. cit., 129. Após isto só nos consola a vingança de resar um padre nosso pela alma jurisperita do sempiterno Tobias!

Eliminado o poeta, o publicista, o critico, o jurista, o filosofo, que nem sequer penetrava o apoftegma de Descartes—eu penso, logo existo—, desnudemos o vago sofisma do *germanismo*, cousa incorporea, sem sistematização doutrinaria. Esnuicemos o que o controvertido teuto-sergipano inovou nessa esteira, em que se julgava o pontifice maximo do Brazil e de Portugal.

Nos *Estudos allemães*, depois de se declarar prevenido contra Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro *et le reste*, dos quaes só conhecia pouco mais do que os nomes—pag. 201—, explica misericordiosamente ao autor da *Historia da Republica Romana* quem foi Lessing—pag. 208. Este pedantismo caricato do filosofante de Escada far-nos-ia rir, se não nos causasse uma dolorosa compaixão. E era a proposito de um livro que elle não havia compulsado que o entrudesco vinha ensinar aos portuguezes o que os mesmos lhe tinham desvendado!... Tadinho d'elle! E paginas adiante—221—infla com esta parvoçada petulante—«a sciencia allemã ainda é um livro fechado a sete chaves para Portugal».

Vamos por miudos. Em 1870, conforme os relatos minuciosos de Silvio, encommendou Tobias ao livreiro Laicallard, á rua do Imperador, no Recife,—(por pouco não vem a certidão de batismo)—o primeiro volume allemão. Enquanto o pedido ia e vinha, informa o almanaque tobiatico, o grão Menezes atirou-se á grammatica germana e, sem mais tir-te nem guar-te, appareceu-nos um allemão de se lhe tirar o chapéu. Os mezes correram e Tobias ultra-allemanisou-se a tal impeccabilidade que, quando o principe Henrique da Prussia o visitou, conversando-o no idioma de Goethe, ficou tão pasmado que não poudo conter esta pergunta ao seu cicerone:—Em que lingua

está falando o filosofo?!... Tobias, ovante, de ascensão em ascensão, estampou em 1874 o jornal *Um sinal dos tempos*, onde surgem pela vez primeira uns estudos allemães seus. Em 75 faz circular os *Ensaíos e estudos de filosofia e critica*, brochura em que expõe uma inominavel comparação de Hugo com Auerbach e disparata acerca do autor do *Discurso sobre o metodo*, entre outras lindezas. O mano siamez Silvio só em 75 botou um artiguinho a respeito do germanismo. Este daguerreotipa que—a guerra de Sédan trouxe um certo movimento germanico em todo o mundo, até no Japão e no Brazil—pg. 1416 da famosa *Historia*--e que o positivismo religioso principiou no Rio em 1879.

Remontemos agora á evolução das manifestações de simpatia pelas cousas germanicas em Portugal. Tobias, em 1881, ao editar os *Estudos allemães*, querendo livrar-se da pécha de epigono germanista, fixa claramente que em 1874 havia redigido o citado *Sinal*.—Pg. 7. Insistimos nestes pormenores, para se medir o desplante do predestinado e dos seus sequazes.

Ora muito antes do romantismo, incluindo nesta resenha todas as relações luso-allemãs, porque a estria de *germanismo* não comprehende somente os productos scientificos ou filosoficos de Além-Rheno, já a marquezia de Alorna, antecipando-se a Filinto Elisio, traduzira seis cantos do *Oberon*, de Wieland. Herculano, numa biographia da estimavel poetisa, que havia residido alguns annos na patria de Frederico, afirma que ella—«fazia voltar a attenção da mocidade para a arte da Allemanha, a qual veio dar nova seiva á arte meridional, que vegetava na imitação servil das chamadas letras classicas e ainda estas estudadas no tranzunto infiel da literatura franceza da epoca de Luiz XIV».—*O Panorama*, 8.º vol., de 1844, pg. 403. O brilhante poeta da *Harpa do crente*, levado talvez pelo conselho, verteu uma ballada de Burger e alguns cantos da *Messiada*, de Klopstock. Garrett, numa sua autobiographia, bastas vezes referida nas *Memorias de Garrett*, de Gomes de Amorim, assegura que á leitura das obras de Goëthe, realisada na Belgica, quando esteve emigrado, deveu essa revelação do universalismo na literatura, ao qual o immortal belletrista lusitano se elevou no *Frei Luiz de Souza*. E, se olharmos para as traducções, veremos em 1848 a compilação *Ecos da lira teutonica*, de José Gomes Monteiro, impressos no Porto, com poesias de Schiller, Goëthe, Lessing, Uhland, Kerner, etc.

Voltando-nos em seguida para os trabalhos de erudição germanica, a sciencia em que nos toca Tobias Barreto, reconheceremos que em 1865 imprimiu Teofilo Braga a *Poesia do direito*, em que estuda as manifestações das idéas juridicas, sob a fôrma pinturesca e emocional dos Simbolos, introduzindo no metodo historico os processos de Jacob Grimm. Em 1867 publicou ainda o ingente jurista a excellente dissertação *Os foraes*, da qual extrairam os cultos advogados Oliveira Valle e Caetano de Andrade duas teses, para o seu acto de conclusões magnas na Universidade de Coimbra. Neste livro mostrou

Teofilo as origens germanicas dos costumes ou direito consuetudinario dos codigos foraleiros, sem saber no momento que essa mesma doutrina fôra proclamada em 1850 por D. Tomaz Munoz y Romero, o editor das *Cartas Pueblas de Espana*. Na *Historia da Literatura Portugueza*, cujo 1.º volume saiu em 1870, já Teofilo Braga introduzira o espirito novo, na frase do sr. Ad. Coelho.—*Introdução ao Diccionario de frei Domingos Vieira*, em 10 de fevereiro de 1873. Em 1871, nas *Epopéas da raça mozarabe*, ampliou Teofilo essas investigações das origens germanicas ás tradições poeticas do romanceiro peninsular, tese que hoje Gaston Paris e outros applicam ás origens do lirismo occidental, dando-lhe uma proveniencia franka. Um anno depois, em 72, funda com Joaquim de Vasconcellos e outros, no Porto, a *Bibliografia Critica*, destinada exclusivamente á propaganda das obras allemãs na terra dos Gouveias, Damião de Gocs e Francisco Sanches, o precursor do positivismo. E, quanto a linguistica e filologia, questões superiores ao intellecto de Tobias, do malogrado Manuel de Mello, que viveu no Rio, é que partiu o primeiro estudo sobre a *Grammatica indo-européa*, de Bopp. Nesta data abraça Teofilo Braga a filosofia positiva, desinçando-se valorosamente da metafisica allemã. E' tambem de 1872 o estudo critico de Graça Barreto concernente á versão do *Faust*, de Castilho. Foi inserto na *Gazeta do Povo*, em 15 de julho, e tirado em folheto em 1873. De 1872 é a longa critica á mesma traducção por Joaquim de Vasconcellos, feita em pessimo portuguez, mas exuberante de modernidade. Este barulho contra o velho Castilho ainda mais alarmou Diogenes Tobias, lá na sua solitaria Escada.

Em 1873 tem Tobias conhecimento de que Carolina Michaëlis, uma notabilissima teuto-portugueza, como Carlos de Koseritz é um illustre teuto-brazileiro, participava á Allemanha uma intensa renovação espiritual em Portugal, encetada em 1864. E por esta razão, a de Michaëlis narrar uma verdade evidentissima, entende o germanista de Escada que deve amesquinhar a critica atiladissima de Sá de Miranda. Mas, partilhando com Silvio o gracioso habito de dizer e desdizer,—«é dos primeiros a proclamar que na mocidade portugueza de hoje—1874—existem impulsos nobres, tendencias meritorias, que acabarão por dar bellos resultados».—*Estudos allemães*, pgs. 436-37. Parece um patriarca a falar! E, no entanto, só dois annos depois de Teofilo Braga abandonar o fantastico germanismo, por sentir que a estetica de Hegel não dessedentava o seu espirito avido, é que o descaravel pedantocrata estruge e ruge com a sua novidade—e o seu conselheirismo critico!...

Carnavalesco—simplesmente!

Demonstrado fica, supõmos nós, que Tobias nada mais foi do que um trefego assimilador e adaptador, effectuando todas as suas lembranças momentaneas no ar, num «tumulto organizado», segundo a expressão de Silvio ou miniaturando-nos a impressão de um «arma-

zem desarrumado», no grifo de Souza Pinto, que é mais conceituoso. Baldadas e contraproducentes são as importunas diligencias do sr. Romero, que o quer á força impôr á juventude, quando elle proprio, o zumbidor pregoeiro, nos entremostra esta simpleza:—E o merito—modestia!—, todo o merito que, porventura, eu possa ter, em todos estes ramos de actividade espirital, tem consistido exactamente em, tendo apparecido depois d'elle e estimando-o sempre, conseguir pensar em tudo aquillo differentemente d'elle na maior parte dos casos.—*Machado de Assis*, pg. 327. E pretende vosmecê que Tobias, não havendo sequer chegado á sua niquelada mediocridade, seja arvorado em balsão da gente nova! ?...

Mas, afinal, para que levantou Silvio esta nevosa tempestade num copo de agua? O perseguidor de Tobias, que é um individuo privado de senso moral, compõe livrinhos só pelo prazer de satisfazer os seus odios pessoases ou dar arrhas dos seus affectos. O autor das *Questões vigentes* teve a desgraça de cair em graça a Silvio. E dahi a trovoada que elle ha espalhado na atmosfera brazileira, collocando o coestadano no setimo ceu e os mais cá em baixo, de boca aberta, mão na ilharga. O que vale é que ninguem o lê, nem tampouco o toma a serio. Desmoralisado em politica, no celebrado bandeamento para o marechal Floriano, depois de o insultar á sua moda, na literatura a sua autoridade, ou ao menos um prestimo relativo, cotavel, afundouse té aos gorgomillos. E Tobias foi arrastado pela corrente, apesar da sua superioridade inquestionavel sobre o seu torturante bajulador. Medeiros Albuquerque, nuns traços ligeiros, aviventa as caracteristicas estenografadas por Clovis Bevilacqua:—Professor que cae na pandega com os rapazes e que sistematicamente os não reprova está certissimo de fazer popularidade. Foi o que succedeu a Tobias. Felizmente elle aproveitou-a bem, porque, tendo lido as ultimas novidades filosoficas da Europa, deu aos seus discipulos o desejo de conhece-las. O seu grande papel foi dizer-lhes que havia na Inglaterra um velho chamado Darwin, cujas obras eram muito interessantes; que na Allemanha os cidadãos Haeckel e Ihering tambem tinham escrito cousas aproveitaveis .. A rapaziada leu, gostou e todo um movimento intellectual nasceu dai. Foi pouco? Certamente que não. Elle teve o grande merito de chamar a attenção para as idéas novas. Foi um vulgarizador de talento—mais talvez nas palestras do que nos escritos, onde as contradicções se encontram a cada passo.

Ecce homo! E, para fechar com a bomba do estilo—uma asneira silviana, ingiram esta:—Reconheço que Tobias é inferior a Gonçalves Dias, por exemplo, como poeta, a Joaquim Nabuco como orador, a Rui Barbosa como estilista, a Araripe como critico, a Patrocínio como panfletario, a Teixeira de Freitas como jurisconsulto, a Teixeira Mendes como propagandista, a Abreu e Lima, o general, como polemista, a Carlos de Laet como dizedor de ironias. Mas o que é certo é que nenhum destes lhe é superior. —*Machado de Assis*, pg. 328.

E que tal? Este Silvio é ou não é um grande... Romero? ! ?...

2.º—A raposa e as uvas

Nunca appareceu no Brazil um prozador tão fecundo e tão correcto como Machado de Assis. As suas obras, especialmente alguns contos perscrutadores, desde que estes fossem apartados em diversos volumes, poderiam ser adoptadas nas escolas publicas, porque constituiriam uma verdadeira selecta da lingua, fortalecida por um ou outro vocabulo propriamente brazilico.

O Brazil, se excetuarmos João Francisco Lisboa, Gonçalves Dias, Raul Pompéa, Rui Barbosa, Carlos de Laet e Artur Azevedo, de envolta com o retirado presidente da Academia de Letras, raros cultores zelosos da vernaculidade portugueza tem possuido. Muitas das composições que por aí saltitam, inclusive as do exuberantissimo Coelho Netto, veem incadas de crimes de leza-linguagem, perturbando a syntaxe, que o capricho de Alencar pretendeu reformar. Uns abuzam do gallicismo, outros conservam uma boa dose de palavras arcaicas, aquelloutros mancham os seus escritos com plebeismos intoleraveis.

A bella construção luzitana, com os seus periodos redondos, nem bolas de espuma, hodiernisada por estilistas do coturno de Ramalho e Eça, Junqueiro e Fialbo, Candido Figueiredo e Abel Botelho, espanada com valentia do bolor soporiferamente classico, é desprezada por escritores de merito, como os srs. Nabuco e Verissimo, Clovis Bevilacqua e Oliveira Lima. Mal avizados se conduzem, no entanto, porque o literato, abandonando a limpidez cristalina da fórma, rejeita implicitamente aquelle brazão. O estilo não consiste em ligar imagens, mais ou menos deslumbrantes. Isso não basta. E' necessario que as frases se vazem num conjunto garrido, cazando o som etereo com a belleza espiritual. Que seria dum fisico bonito, se o traje o não adornasse, emprestando-lhe uma exterioridade impressionante? !...

Machado de Assis, cuja *maneira* de escrever se aparenta extraordinariamente com a de Eça de Queiroz, pela sobriedade da expressão e propriedade dos termos, nomeia-se o maior prozador brasileiro de todas as epocas. Ninguem lhe contestará esta invejavel supremacia, mesmo fazendo os mais rigorosos cotejos com quaesquer outros. Só Rui se lhe equipara. Mas este não é belletrista.

A sua Obra provoca reparos á critica. E qual é o homem de letras que se exime a elles? Alguns houve, Sthendal e Milton, por exemplo, como é sabido, que somente muitos annos depois de mortos foram revocados para a posteridade,—essa densa da negaça. Pode considerar-se nullo todo o escritor que não acieatar a critica, assim como sepultado qualquer vulto publico que não enfrente uma boa centena de adversarios. Os consagrados em vida cedo se afogam num rescedente mar de flôres, de ordinario irremessivelmente, á semelhança do celebre imperador de Roma. E Machado segue nesse rumo...

O romancista do *Quincas Borba* tem nas vitrinas cerca de duas duzias de livros. A sua Obra carece, todavia, de uma republicação integral e disciplinada, que bem poderia ser levada a cabo pela fan-

tastica Academia. Os contos, principiando pelos inesteticos titulos,— *Contos fluminenses, Papeis avulsos, Historias da meia noite, Historias sem data, Varias historias*—, requerem uma possivel coordenação sistematica, attendendo á cronologia. Nella saltará aos olhos do observador a repetição dos temas. Ha nestes volumes lucilantes pedaços de proza, como existem algumas insignificancias artisticas, sob o monotono timbre de póstumas. Machado de Assis, reeditando essas produções, conforme procedeu Teixeira de Queiroz, teria ensejo de refundir umas e retocar outras, pondo-as todas no limite do glorioso renome que hoje gosa. Aos seus contemporaneos, especialmente depois do comprido, obcecado e erroneo estudo critico que o sr. Silvio Romero fez da sua individualidade literaria, assiste o magno direito de lhe impôr ou exigir uma revista edição de *Obras completas*.

Os seus romances—*A mão e a luva, Helena, A resurreição, Iaiá Garcia, Quincas Borba, As memorias póstumas de Braz Cubas e Dom Casmurro*—resentem se das differentes evoluções intellectuaes por que tem passado o seu laborioso espirito, que ha acompanhado as transformações das mais modernas e claras correntes. A primeira novella vale zero e os entrecchos das segunda e terceira afiguram-se-nos frouxos. *Iaiá Garcia*, remodelado em 99, affirmou evidentemente que o aureolado Machado de Assis é um genuino belletrista nacional, e não um literato criado visceralmente sobre as obras estrangeiras, como imputa o atrabiliario autor da peça *Historia da Literatura Brasileira*.

Os livros *Quincas Borba, Braz Cubas e Dom Casmurro*, ao contrario do que varios gabarolas incondicionaes tem feito circular, estão longe de marcar tres obras assombrosas. A sua disposição zigzagueante, um tudo-nada fatigante e fastidiosa, com uma rebuscada originalidade, afeia e enfraquece aquellas conceções. As reflexões das personagens são dosimetricas, em ar telegrafico, os dialogos frios, o enredo algo desconexo e transmudado em episodios bipartidos. Expurgados estes volumes daquella precipitação digressiva e atropello de processo, tornado este naturalmente seguido, expungidos os saltos macabros, imprevisos e quazi inexplicaveis, *Braz Cubas, Quincas Borba e Dom Casmurro*, que concretizam uma simples unidade tecnica, perpetuar-se-ão talvez nas estantes de Portugal e do Brazil, quando menos, como documentos de quanto consegue um sadio *humour*, uma tetrica imaginativa. Esses romances, com um brando fundo filozofico, que os fará sobreviver, sobrepõem-se a qualquer dos que após foram impressos por outros autores brasileiros. Mas a ossea trama de taes livros, esquadrinhados, indemnes de uma ardente emoção, dum arrojo doutrinaria, dum curho acentuadamente brasileiro ou duma psicologia destacante, imponente, embora contenham um tenue reflexo de tudo isto, não lhe franqueará o apetecido portal duma ruidosa divulgação exterior. As raias da sua vangloria circunscrever-se-ão a Portugal e do Brazil. Falta àquellas paginas, elaboradas a galope ou muito devagar, a masculinidade ras-

gada e faiscante de Balzac, Flaubert, Thackeray, Goncourts, Maupassant, Zola, Bourget, Daudet, Dostoiewsky, Turgueneff, Tolstoi, Eça, Manzoni, D' Annunzio, Galdós, ou Pereda, os supremos dominadores do Romance universal. Fallece-lhes a força que arrebata, o descritivo que encanta, o dialogo que estereotipa e magnetiza. A proza de Machado de Assis,— que é, reiteramos, a mais limpida de todo o Brazil, conquanto a de Coelho Neto, incorrectíssima communmente, seja a mais rica —, junte-se ao trilho de uma inexpressiva e apagada meia tinta, no geral. Leve, burocratica, engomada, receosa, a *manière* de Machado de Assis não interessa, nem cativa o grosso publico, como a do opulento novellista do *Sertão*. E, entretanto, se *Braz Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro* arrancassem ao seu idealizador uns retalhos de alma, candentes, aquillo que lá escasseia e que somente os artistas geniaes, ás vezes com um traço, um recorte, em duas paginas, alcançam lobrigar e corporificar, sem mesmo sonhar os porquês, bastariam para attestar fóra de Veracruz a existencia dum genio autentico, muito visinho de Pœ e Maupassant, segundo as afinidades manifestadas, aqui e ali,— como já revelam um talento pujantissimo.

Machado de Assis, que tambem é expozitor critico e cronista, tendo até materia valiosa de sobra para imprimir quatro ou seis tomos debaixo de tal escopo, estampou em tempos umas collectaneas de poezias, das quaes numerosas se escolherão, sendo para notar que as producções propriamente parnasianas andam esparsas. Entre ellas conta-se o admiravel soneto *Lindoia*, que foi inserto num jornal editado no Rio, sob a nossa direcção, por occasião do Centenario de Bazilio da Gama. Das criticas mereciam bastantes a fôrma livresca, para não se perdêrem apreciações do valor da intitulado *A nova geração*, que se acha na *Revista Brasileira*, n. de 1 de dezembro de 1879, e da que foi lavrada na revista *O Novo Mundo*, de New-York, em março de 1873. Publicou igualmente varias composições dramaticas. Destas destacaremos a denominada *Tu, só tu, puro amor*, encenada com primor na festa Camoneana e originada pela vida aventureosa do imperecivel epico luziada. Teofilo Braga, o inflexivel e sabio critico, reputa esta a mais mimoza e veridica interpretação teatral da gigantesca personalidade portugueza.

Alóra estes escritos, muitos delles olvidados pelos editores, Machado de Assis tem espalhado, com mãos prodigas, por jornaes e revistas, bastos contos, estudos e humorismos, que elle proprio devia adunar, com mais abundancia e mais metodo do que fez nas *Paginas recolhidas*. E a Academia Brasileira de Letras, nas suas projectadas edições, certamente concederá a primazia à publicação das *Obras completas* de Machado de Assis, honrando assim o seu primeiro Mentor e a frondente literatura patria, que nelle admira uma das mais ubertosas e representativas figuras.

Esse bosquejo foi atirado à publicidade ha dois annos, numa re-

vista que dirigiamos, com um ou outro topico agora enxertado, para aclarar o nosso pensamento. Hoje, vendo-nos de novo em frente do estudo comparativo do sr. Silvio Romero e tendo relido Mach. de Assis, sentimo-nos mais á vontade perante a individualidade focante do estranho romancista. Dividamos desde já nos seus tres conspectos, por completo, a bibliografia de Machado, trabalho previo a que o sr. Silvio ligeiramente procedeu, no seu costume de criticista *à la diable*. Em seguida tomaremos as suas diatribes, às quaes se applica adequadamente a fabula de Lafontaine.—De 1861 a 1868, estagio que consubstancia o seu primeiro processo artistico, compôz—*Desencantos*, *Quasi ministro*, *O caminho da porta*, *O protocollo*, *Os deuses de casaca*, *As bodas da Joanninha*, comedias, *Crisalidas*, poesias, e varias traducções para teatro; de 1869 a 1877, segunda fase, escreveu—*Falenas e Americanas*, poesias, *Contos fluminenses e Historias da meia-noite*, contos, *A mão e a luva*, *Helena e Ressurreição*, romances; de 1878 até ao presente, fase terceira, burilou *Não chamem o medico* e *Tu, só tu, puro amor*, trechos teatraes, *Papeis avulsos*, *Historias sem data* e *Varias historias*, contos, *Juã Garcia*, *Braz Cabas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*, romances, *Paginas recolhidas*, miscellanea.

Machado de Assis foi tipografo, privou com José Castilho e é viuvo de uma illustrada senhora portugueza, irmã do poeta satirico Faustino Xavier de Novaes, grande amigo de Camillo. Neste convivio está explicada a razão do seu primor estilistico, no meio duma horda invencivel de barbaros, que se ajuramentaram para converter o vocabulario portuguez numa salada arripiante de sordidezas africanas, gaguices indias, alarvices de portuguezes furiosamente analfabetos e burundangas napolitanas. E' um sandanguassu—esta lingua portugueza do Brazil! Machado de Assis tem hoje 61 annos, pois nasceu em 21 de junho de 39, é um pontualissimo chefe duma secção de amanuenses e profere orações de quarto de hora, quando os srs. Verissimo e Lucio Mendonça o compellem a dar sinaes da existencia duma Academia de Letras no Rio. Um homem feliz, como vêdes, e que por isso mesmo contende com os nervos da inveja silviana!

Feliz e grande, grandissimo, ao pé dos liliputianos Silvio e Tobias, que aquelle trouxe á balha, a fim de estabelecer uma comparação hilariante com Machado, cuidando por este modo apoucar-lhe as dimensões e enaltecer o meteoro dos *Estudos allemães*. Desfibremos essa nova parvoice. Machado de Assis é um escritor que ainda não tem publico, assentimos. E, a proposito, lembra-nos uma nossa recente pergunta a um literato, no Rio:—Que pensa você de Machado? Ao que elle nos retorquiu:—E' boa! De Mach. de Assis todos interrogam os nossos juizos, como que duvidosos. Ao passo que dos mais escritores em voga ninguem inquire. Porque, por exemplo, toda a gente sabe que todos nós temos obrigação de gostar de Bilac, de Murat, de Aluizio... São pontos assentes.—A resposta é engenhosa. Mas Silvio, que avesa pouco de engenho e arte, desbarretinou-se opostamente, preferindo a um estudo sintetico, no qual debuxasse as

facetas do criador do *Dom Casmurro*, um estirão de 347 paginas, onde mais se occupa do lobishomem Tobias do que de Machado, extasiando-se perante aquelle, numa analyse de exclamações e frases admirativas, á laia de qualquer Costa e Silva ou S. dos Reis, e denegrindo sistematicamente tudo quanto vem de Machado, para se desferrar mais uma vez do que o contista das *Varias historias* lhe objectara em tempos illos, conforme elle proprio declara, a pg. 26. E' tristissimo—este fundamento de critico! E mais deploravel ainda que o sr. Silvio tenha o desplante de confessar no volume a sua sanha! Para a sua vida intellectual, como um instantaneo fotografico, é que Machado de Assis gravou estas linhas:—«Realmente, criticados que se desforçam de criticas literarias com improprios dão logo idéa de uma immensa mediocridade—ou de uma fatuidade sem freio—ou de ambas as cousas; e para lances taes é que o talento, quando verdadeiro e modesto, deve reservar o silencio do desdem. *Non racionari di lor, ma guarda, e passa*». Os reparos de Machado aos *Ensaio de critica parlamentar* e ás poesias de Silvio resumiam-se nestas passagens:—«Faltava-lhes estilo—aos *Ensaio*—, que é uma grande lacuna nos escritos do sr. Silvio Romero; não me refiro ás flores de ornamentação, á ginastica de palavras; refiro-me ao estilo, condição indispensavel do escritor, indispensavel á propria sciencia—o estilo que illumina as paginas de Renan e de Spencer e que Wallace admira como uma das qualidades de Darwin. Não obstante esta lacuna, que o sr. Romero preencherá com o tempo, não obstante outros pontos accessiveis á critica, os trabalhos citados são documentos louvaveis de estudo e applicação.—Os *Cantos do fim do seculo* podem ser tambem documento de applicação, mas não dão a conhecer um poeta; e, para tudo dizer numa só palavra, o sr. Romero não possui a forma poetica».—*Revista Brasileira*, tomo II, 1879, pgs. 400-402.

Pois foi para responder a estas lisas observações que Silvio fabricou o volume. «Não reíruquei então e o faço agora», gagueja o imparcialissimo e madurissimo criticante.

Collemos os attestados. Fale o oraculo, segundo o cognomina Martins, junior:—Com as actuaes gerações novas, *de que fomos um dos factores por nossos estudos de critica*, entretemos as relações mais cordiaes.—Pg. XVIII. E mais abaixo:—Prevenimos de que não nos venham atirar para a frente a multidão de impotentes que aqui falleceram aos *vinte annos*, quasi sempre uns mediocres, cuja melhor obra que fizeram foi morrer em tempo. A nossa literatura está cheia dessa gente, desses pequenos idolos, que acabaremos por esquecer, quando tivermos verdadeiros deuses para collocar nos altares.—XXI. Seria destes genios *manqués* que Silvio foi factor, com as suas *criticas*?

Participa-nos Silvio, no limiar:—E' nesta disposição de espirito que pretendemos dizer dos novos, como na *Historia da Literatura Brasileira, em igual estado de alma*, dissemos dos classicos e dos romanticos, isto é, daquelles que é costume hoje chamar os *velhos*.—XXIII. Vê-se que o estado de alma é identico ao daquelle em

que gosmou as historias pulverisadas atraz. Nove annos depois de publicado aquelle acervo de calinadas o sr. Silvio remira-se, baboso, no mesmo estado de alma! Que tristeza infunde este desnorteamento!... Nem um degrau subido, nem um granulo de sensatez adquirido...

As cincadas são de tal ordem que os commentarios convertem-se em impertinencias. Enfiemos, pois, algumas das diversas revelações, sem as truncar, embora aproximando as paginas.—Machado de Assis é incontestavelmente um dos chefes intellectuaes da nação.—Pg. 3. E no reverso:—Machado pertence ao numero dos elogiados para inglez ver.—5. Pouco adiante:—E' por isso que pode entrar na fileira dos notaveis artistas e escolher posto conspicuo.—11. Na poesia nacional o seu posto é de 3.^a ou 4.^a ordem, como aconteceu a Luiz Guimarães.—30. Outro contraste:—Elle é um dos nossos, um genuino representante da sub-raça brasileira cruzada, por mais que pareça estranho tocar neste ponto.—19 18. E após olvida toda essa genuinidade na execução artistica, que é da que se trata:—Machado de Assis, em quasi toda a sua obra, para com o povo brasileiro tem sido um desdenhoso; em poesia, sobretudo. O que o ha de salvar na memoria dos posteros são algumas paginas de novellista, onde elle foi mais nosso e mais humano.—80. Ha minutos era do genuino, do puro... Agora só tem algumas paginas... *Andiamo!*—Machado não possui fantasia. Nos seus livros de prosa, como nos de versos, falta completamente a paisagem, falham as descrições, as scenas da natureza, tão abundantes em Alencar, e as da historia e da vida humana, tão notaveis em Herculano e no proprio *Eça de Queiroz*.—80. Adeus notavel artista e posto conspicuo, que vae tudo num sino! Mais um pouquito:—Elle gagueja no estilo, na palavra eserita, como fazem outros na palavra falada. Machado repisa, repete, torce, retorce tanto as suas idéas e as palavras que as vestem que nos deixa a impressão dum perpetuo tartamudear.—83. A allusão é ferina, porque o autor do *Braz Cubas* soffre effectivamente desse defeito fisico. Mais um ornamento do chefe mental:—Não lhe coube o particular dote de encontrar inesperadamente certas expressões incisivas, aptas a definir num traço simples uma idéa, um facto, uma situação, como se nos deparam tantas em Ramalho Ortigão e *Eça de Queiroz*.—87. Estes escritores eram, na celeberrima *Historia*, com Guerra Junqueiro, os tipos subalternos do literatismo lusitano. E agora já se exornam com inumeras expressões incisivas, para pintar situações! E não haver quem pinte a Silvio umas orelhas de Midas!... Dêmos uns passinhos mais e escutemos:—Machado é um notavel prosador, pela correção, pela simplicidade, pela propriedade das imagens, pelo adequado das comparações, pelo apropriado dos qualificativos.—88. Corroboremos:—Rendo a Mach. de Assis a homenagem de que é merecedor, como um dos principes do estilo entre nós.—91.

Paremos nesta boa maré, Machado feito principe, nós a corteja-lo, mesureiros, em dia com a pragmatica, e voltemo-nos para outro polo—o seu humorismo. Silvio não admira o humorismo, nem o pessimis-

mo... em Machado, porque só em Tobias é que que elles são ultra-admiraveis.—272. Com razão disse o sr. José Verissimo que as naturas primitivas são incapazes de compreender os varios matizes da ironia. Parlanda o sr. Silvio que—o humorismo de Machado são pihérias, graçolas, banalidades.—89. É um humorismo de almanaque, pessimismo de fancaria—um capricho, uma affectação, feita segundo certas receitas.—130. O *humour* de Machado é um pacato director de burguez prazenteiro, condecorado com a comenda da Rosa.—133. Lançando mão do artificio de encaixar a brincadeira em malas de defuntos, acredita que está a fazer *humour*. (Tal, qual Silvio, que supõe com verrinas estar a fazer critica). É por isso que quasi todos os seus contos ou romances são ultimamente umas historias de papeis velhos, de memorias postumas, de diarios de suicidas, de sacristães que deixaram narrativas, de velhos peraltas que escreveram recordações, etc.—136. É que bello seria, se Machado nos expuzesse as cogitações dum Silvio que aspirou a rabiscar criticas... O distico *Dom Casmurro*, substituido o *Dom* pelo artigo definido, calharia às mil maravilhas!...

Acha que Machado imitou, no *Braz Cubas*, o inexcédível romance *O primo Bazilio*, «menos o vigor da verdade pegada em flagrante».—139. Como o peralvilho, numa obra que o sr. Araripe considera unica na lingua portugueza, já lobriga o arreglo dum *literatiço* lusiada!—Tirem do livro aquella patacoada dos pequenos capitulos com titulos estapafurdios e aquellas reticencias pretenciosas, que aparecem amiude, e diabos me levem se ali ha *humour*, digno dêste nome.—140. Parece, pelo visto, que Silvio forgicou apenas graça na curteza dos capitulos e nas reticencias. Precioso! *Braz Cubas* é um adúltero enjoativo e Quincas Borba um lunatico sensaborão. São tipos convencionaes, paspalhões de papelão: verdadeiros abortos de uma imaginação sem uma real força criadora.—149.

Como quer que seja, todavia, Machado de Assis é um *grande romancista*.—271. Mas não é humorista. E a prova está em que semelhante nota não apparece, incondicional e irreductivel, nos mais antigos trabalhos do famoso romancista.—131. Procurando bem, no entanto, com olho de lince, deparar-se-nos-á o inverso:—Uma analyse penetrante das antigas obras do autor das *Falenas* irá em todas ellas descobrir os germens do seu pessimismo, como já mostrei que lá estão as fontes do seu tal ou qual *humour*; fontes e germens, disse eu; melhor fôra que dissesse as mais ingenuas e puras manifestações de um e de outro.—272. Ora aí teem os senhores um critico *comme il faut*, de todas as opiniões. Quem estremecer de desejos pela *prova* de que Machado, nos seus mais antigos trabalhos, não entremostrava o menor indicio de humorismo é abrir a pg. 131 e refocilar-se nella. E quem ambicionar, em gritos, a prova do contrario—leia a pg. 272. E assim ficará tudo em paz, porque Machado é humorista para todos os paladares, para os que teimam em have-lo nessa categoria e para os que... antes pelo contrario! Um grande pandego—este Silvio. Nem

valia a pena, effectivamente, brigar por essa ninharia. Fique, por conseguinte, resolvido que Machado tem germens e não tem germens de humorismo, nos seus mais antigos trabalhos...

Mas, afinal, que vem a ser um humorista? Silvio que o diga, das grimpas da sua cathedra:—*O humorista é porque é e porque não pode deixar de ser.*—Pg. 131. Instantemente rogamos ao leitor a especial fineza de conferir a genialissima definição. E mais pedimos que não encarcerem o *oraculo* no manicómio. E' um obsequio particularissimo—este que vos impetramos!

A José Castilho cobre Silvio com estes apodos:—portuguez enfatuado e nullo, que nos prejudicou immensamente.—10. Não atinamos com os prejuizos causados. Mas, mesmo que alguns tivesse dado, talvez ao mercado cambial, a sua benemerencia será sempre reconhecida, por ter concorrido para o aperfeiçoamento estilístico de Machado de Assis, «tutelando-o no classicismo».—22. Cremos que o autor do *Quincas Borba* não bebeu isso na sua aprendizagem da lingua allemã, «que foi para elle a fonte lustral donde saiu purificado».—13. Esta purificação—e Silvio que o diz é por que o sabe—deve ser a do humorismo, que já vimos de que sorte é entendido pelo sr. Romero.

Esbofa-se o sr. Silvio, a ver se documenta que Machado é um poeta de 4.^a ordem. O sr. Gaspar da Silva, que ha pouco se banque-teou com Romero em Lisbôa, não abunda no seu parecer. E opina até que o soneto *Circulo vicioso* vale mais, como poesia e como arte, do que toda a producção poetica de Tobias, o sergipano. Mas o nosso homem, que vive na terra para cumprir tres fados, na sua affirmativa,—o de defender a Escola do Recife, sem ninguem lhe ter encomendado o sermão, o de guirlandar Tobias, idem, idem, e o de se elogiar a si proprio, o que é deveras apreciavel e aplaudivel—vide mais pag. 126, neste livro—, discorda radicalmente do seu conviva e exclama, a respeito do bardo dos *Dias e noites*:—Gongorico o poeta que na simplicidade encantadora dos seus versos só encontra um similar em João de Deus!...—44. E' o caso de lhe replicar, como as mulatas cheirosas:—Ora tire o cavallo da chuva!... Por estas e outras é que Tobias, para alguns galloteiros, tem caído no ridiculo. Comparar Tobias—que, como poeta, não passou nunca de um romantico—pg. 88—com o divino cantor do *Campo de Flores*, «o primeiro lirico da Europa meridional nos dias de hoje»—pg. 68—, só na mioleira do sr. Silvio entraria. E, não contente com o estulto paralelo, põe logo a macula deprimente nos poetas superiores do Brazil, imaginando empana-los. Ao primoroso burilador dos *Cantos* ata este rabo de palha:—o *prestimoso* poeta dos *Timbiras*, o *illustre* Gonçalves Dias.—Pg. 106. E de Fagundes Varella, o qual, como o purista das *Sextilhas de Frei Antão*, equivale a todos os Tobias verzejadores havidos e por haver, imprime isto:—Mas Varella, com ter uma imaginação vivace e uma emocionabilidade artistica espontanea, não tinha a indispensavel disciplina do espirito para ser arregimentador de idéas e chefe de bando.—59-60. Pobre Tobias! Para que mais estarás reservado? Chefe de bando e *curioso mestre*—pg. 175—são estigmas desapiedados e crus

demais para um Tobias só ! Pede-se compaixão, empedernido algoz do modesto ensaista ! Tenha dó do infeliz, esquartejada victima dos seus assomos de macaca endemoninhada !

O cotejo com João de Deus foi na verdade benevolo, olhando á jatancia silviana. Mas, por um triz, esteve para emendar a mão, ao asnejar que—João de Deus não teve que sustentar lutas com um meio hostile.—169. Ignorante até ali ! Pois você não conhece, pernóstico sabichão, que o adoravel lirico amoroso teve até de adubar versinhos para festas populares e coser á maquina, se não quiz morrer de fome ? ! Pois ignora os renhidos prelios motivados pela *Cartilha Maternal* ? ! Nada constou de tão divulgados episodios ao estorninho !

Assegura o sr. Silvio que Machado de Assis não é superior a Tobias Barreto.—95. Quanto á parte poetica já escutámos o sr. Gaspar da Silva, amigo de Romeró, affirmando que todos os versos do sergipano eram obumbrados por um só soneto de Machado--o *Círculo vicioso*. E, quanto á prosa, seja ainda o cordeal visconde de S. Boaventura quem lhe asseste a cajadada:—Tobias Barreto, se cá tivesse vindo e se dispuzesse a fazer exame de portuguez em um liceu provinciano, ficaria irremediavelmente reprovado, a despeito de toda a sua sciencia germanica e da sua nova concepção do direito. Lobato é intransigente. E Boileau uma fera.--*Mala da Europa*, 6 maio 1900, n. 35, 6.º anno.

Conta-nos o engrossador que Tobias deixou de lado o velho romantismo, deixou-se affectar da *molestia do seculo*—o pessimismo, e mudou de estilo.--104. Mais uma vez se confirma que Silvio não percebeu o romantismo. Taine que lho ensine, em quatro palavras:-- Aparece então a *molestia do seculo*--a inquietação de Werther e de Faust, inteiramente semelhante á que, num momento igual, agitou a humanidade ha dezoito seculos: quero dizer, o descontentamento do presente, o vago desejo duma belleza superior e duma felicidade ideal, a dolorosa aspiração para o infinito. O homem soffre por duvidar e entretanto duvida; experimenta resarcir as suas crenças e ellas aludem-se nas suas mãos; ambicionaria firmar-se e repousar nas doutrinas e nas satisfações que bastavam aos seus devaneios e não os acha sufficientes.--*Histoire de la littérature anglaise*, tomo 4.º, pg. 241. Por onde se prova que o pessimismo concretisa a primacial pégada do romantismo e não se distingue delle, como atabalhóo o sr. Silvio, «cuja obra critico-literaria (?) é o orgulho da moderna geração», segundo uma dedicatória bondadosa do sr. Izidoro Martins, Junior.

Passa a encher laudas e mais laudas com anedotas e dichotes de Tobias, afim de autenticar a supremacia do autor de *Um discurso em mangas de camisa* como humorista. Leiam algumas e concluam por ellas o senso critico do sr. Silvio e parallelamente meçam o estofa do espirituoso. Em verso:

Illustré dr. Tobias
Uma rima p'ra camello ?
—Francisco Gomes Pereira,
Dr. de borla e capello.

Outra amostra :

Correi, correi, paraguaios,
Que os estudantes lá vão!
São do sexo feminino . . .
Cada malandro mofino
Com sua p . . . na mão!

E Silvio extasia-se de admiração perante esses mimos !

Em prosa:—A religião são as hemorrhoidas do espirito; vou chegando à idade dellas.—Um humorismo tipico, a proposito de um funcionario, que lhe diziam ter-se formado num anno:—Um anno, não; dez mezes! Teve a gestação das bestas . . .

E Silvio continua a babar-se de enternecimento com tantas manifestações de *humorismo*, faceta intellectual que não conseguiu definir-nos, apezar de haver gasto quasi metade do volume com transcrições sobre a materia e de ter esticado todos os seus Scherer, Stapfer, Taine, etc., quando poderia abeirar-se de Ramalho, que o insciente despreza, e heber a significação exacta do vocabulo, junta à exemplificação:—O estilo de Eça de Queiroz não mostra somente dispôr de todas as côres; parece tambem usar de todos os ingredientes. Ha trechos d'elle que diriamos feitos com sangue, com lagrimas, com perolas liquidas, com enxurro, com ouro, com lama e com pó de brilhantes. E' o processo humoristico. Vós outros, meus caros homens de espirito, tendes infinita graça, por certo,—immensa graça boa, legitima, portugueza, perfeitamente correcta, perfeitamente literaria, tudo quanto quizerdes bom, magnifico, optimo—, mas o *humour*, o bom *humour*, aquillo que realmente se chama o *humour*, vós não o tendes. Teem-vos dito que sois humoristas? Isso é que quem vo-lo diz conhece tanto o *humour* como o *humour* vos conhece a vós. Não, não sois humoristas. O humorista é Eça de Queiroz.—*As Farpas*, tomo II, pgs. 231-32.

Concorda, illustre *orgulho*? Essas lerias tobiaticas são, no *argot* de *cabaret*, umas razoaveis *piadas*. Nada mais. De modo que o nosso xaroposo profeta resulta desconchavado, ao beliscar-nos com esta:—Em tudo isto, em todos os trechos até aqui citados,—os quaes trechos nos sorripiam quasi toda a outra metade do livro—, a começar no das encommendações das almas, o demonio do humorismo já vae pondo as unhas de fóra.—204. Que lisura de expressão critica! Elle ha de segredar aos seus botões que isto é tambem humorismo! Preocuparam-no, a Tobias, graves problemas, taes como a critica musical, que Silvio chama singelamente—*entretenimentos*. Atraz não tolera que Machado seja humorista ou sequer pessimista. Nesta passagem adverte de novo que os brasileiros não são pessimistas.—256. Mas por que motivo se enfarta com esses dices Tobias, que com elles só logrou abandalhar os seus estudos, e não os possui Machado, que é um interpretador da sociedade, um psicologo, um gravador das nuances do seu tempo? Por que razão o faz rir ás escancaras Tobias e o enoja Machado? Questão de rictus facial, segre-

dos da natura . . . Entrelinha que «deveria esmiuçar» isso—pg. 261. Porque não esmiuçou? Misterio, horrivel misterio . . . Talvez estas palavras o descortinem:—Porque Machado não me empolga, não me subjuga, nem sequer me convence ou me illude em qualquer grau.—197. Ora aí está:—Tobias empolgou-o, illudiu-o! Deitou-lhe poeira nos olhos ou pregou-lhe algum conto do vigario! Aplique Machado *el cuento* e terá Silvio ajoelhado a seus pés . . . Ferre-lhe uma intrujice no lombo e verá como elle a engole, convencido! E para chegar a tão patusco desiderato dispendeu o maganão tanto tempo! . . . Bolas—e passe para cá os dez mil réis do livro, porque a sua critiquee foi uma verdadeira prestidigitação, superior ás que vosmecê reclama!

Escusado é accrescentar, arenga Silvio, que dou aqui a minha simples impressão, sem a minima velleidade de que ella seja a verdade para todos.—193. Agradecidos pela bondade, sr. *orgulho!* Bisbilhota-nos, idem, idem, que escolheu a 1.^a edição dos *Estudos alle-mães*, para no-los fornecer em doses homœopathicas,—pg. 254—, quando noutro lugar assevera que ao acaso, assim como quem não quer-querendo, se lhe abriram á retentiva tantas lindezas. E ainda tem a desfaçatez, depois de nos impingir infundaveis farrapos tobiaticos, em vez de corresponder ao titulo da obrinha,—que a critica tambem tem as suas pias fraudes, no conceito do sr. Lafaiete—, de arremear-nos esta—que a penna o foi levando insensivelmente para Tobias.—168. Que tal está o da rabeca, hein!/? Que lhes parece semelhante insensibilidade, que nos depreda duzentas paginas em 347? . . . Logre-nos, mas fique certo de que apitámos pela policia. O' da guarda! . . .

Não repare o leitor no desconnexo da exposição. Provém do contagio. Os erros esguicham de todos os lados, como a agua duma mangueira esburacada. Exemplos:—Diz que publicou a *Filosofia no Brazil* em 76, quando a verdade é que esse livreco saiu em 78. Diz a pgs. 57 que Leocadia Cavalcanti foi a *única* paixão verdadeiramente seria que Tobias sentiu e a pgs. 190 só *tres* paixões reaes sentiu. No prefacio, a pgs. 57 e em outras, reproduz o que repisou na inesquecivel *Historia*. E declarações como as seguintes deparam-se-nos a todo o instante:—Lastima as estreitas proporções que é forçado a dar ao esboço, o que não lhe permite imprimir um estudo completo e definitivo do famoso homem de letras.—19. Peço desculpa pela franqueza, mas tenho a obrigação de ser sincero e não abrir luta com a verdade.—42. Tenha o leitor paciencia.—63. Já não está distante o termo desta analyse do illustre poeta e romancista fluminense. Aquelles que estranharem que se lembrem de que Gervinus—modestia áparte!—dedicou um formidavel volume a Shakespeare e Lewes—áparte a modestia!—dois tomos a Goethe.—106. Mach. de Assis merece uma apreciação aprofundada, como a de Scherer sobre Diderot, Taine sobre Balzac—sempre a modestia áparte!—, Faguet sobre Chateaubriand, etc., como a de qualquer critico que se preze—será elle, o *orgulho*?!/?—sobre qualquer escritor de merito. Todavia já estamos perto do fim . . .—107. Reccio espantar o leitor.—323. Poderia tam-

bem estudar o comediografo e o critico em Machado. Parece-me inutil.—330.

E assim por diante, bamboleando-se, qual outra ventoinha, servindo-nos desculpas de mau pagador, que não sabe como desvenenar-se da arriosa em que tresmalhou. Compunge!

Um capitulo muito interessante da historia da literatura brasileira, escreve o mamarracho, e que tem sido completamente descuidado, é o que deveria tratar da arte da prosa entre nós. A critica nacional tem-se occupado quasi exclusivamente dos poetas.—Pg. 90. Aqui se prova a exactidão da anedota daquelle cerbero que, já farto de maldizer os outros, passava a injuriar-se a si proprio. Pois essa critica nacional não é representada precisamente por vosmecê, a quem cabe talqualmente o quinau de só haver falado em—poetas, mais poetas, ainda poetas, ultimos poetas? Por que não se prendeu na tal *Historia* com João Lisboa, Varnhagen, Alencar e tantos outros? Que de cabeçadas este epileptico tem perpetrado na sua vida, sr. Jeovah! . . .

Em conclusão:—Tobias foi um tumulto organizado—pag. 164, ao contrario do que pensou acerca do sergipano Souza Pinto, o qual o debuxou como—um armazem desarrumado. E sobre o autor do *Quincas Borba* arriba a estes corolarios:—Machado de Assis não conseguiu até hoje criar um verdadeiro e completo tipo, ao gosto e com a maestria dos grandes genios inventivos das letras. Tem, sim, alguns esboços, quer geraes, quer brasileiros, mas não passam de esboços. Não existe um só que tenha entrado na circulação com a assinatura da vida. O mesmo se deu com Macedo, Almeida, Tavora, Taunay, Guimarães, Agrario, Aluizio e o proprio Alencar. Este conseguiu apenas criar tres nomes—Iracema, Peri e Moacir, que se tornaram populares; mas só os nomes.—329. O sr. Silvio, com a sua mais que acanhada percepção criticante, nem sequer compreendeu, na sua total carencia de senso estetico, a superioridade dos artistas notaveis ao seu meio, notação que igualmente não agarrou o sr. José Verissimo, ao boquiabrir-se por Machado não ter discipulos, nem ser popular. Silvio não admite essa exceção no romancista do *Dom Casmurro*, mas palmeia um fenomeno em Tobias, que já se documentou ser uma mediocridade pedante e grosseira,—«ordinaria de condição», segundo o illustradissimo critico do *Brazil Mental*. O processo artistico do escritor do *Braz Cubas*, cremo-lo, destina-se a um vindouro estado de cultura. Tempo virá em que a sua torcicolada psicologia aborreça menos os silvios. O mesmo se passa com Eça de Queiroz, de que raros apreendem as criações, embora os escolhidos se deliciem com o seu humorismo. O que ha de eterno e profundo nas suas analyses escapa á sufficiencia da epoca.

Machado é bom, continúa, quando faz a narrativa sobria, elegante, lirica dos factos que inventou ou copiou (?) da realidade; é quasi mau, quando se mete a filosofo pessimista e a sujeito caprichosamente engraçado.—347. Mais atraz dizia-nos, a respeito de um só quadro de Machado:—Nelle juntou a imaginação, a poesia e o hu-

mour.—112. Tudo isto foi absolutamente contestado no transcurso do volumeto e aqui se ratifica novamente:—Machado de Assis não é satirico, nem comico, nem misantropo, *mas sim um moralista complacente e doce.*—347.

Ora se o sr. Silvio, em vez de folhear dissertadores francezes, fosse illustrar-se ou nortear-se nos livros e na critica dos filhos da patria do humorismo, a Inglaterra, encontraria num dos mais modernos, belletrista e critico simultaneamente, que redigiu uma exposiçãõ clarissima a respeito dos humoristas inglezes do seculo XVIII, encontraria, repetimos, *ipsis verbis*, essa característica essencial como apañagio dos trabalhos do culminante *conteur*. Medite o estudo de Thackeray, o autor do *Livro dos snobs*, e capacite-se de que desperdiçou 347 paginas em frivolidades, sem haver penetrado Machado. Eis a definiçãõ do humorista, assignalada pelo autor da *Feira das vaidades*, com a qual Silvio acertou, querendo chegar á illaçãõ inversa:—O humorista não faz somente realçar o ridiculo das cousas, mas sim directamente um apello á piedade, á ternura, ao desprezo da impostura, á nossa compaixãõ pelos soffredores, os pobres. *E' de certa maneira um prégador leigo.*

Entendeu ?

Machado de Assis, como bem affirmou o sr. Lafaiete, restou intacto da arremetida silviana. Nem as suas poesias, nem as suas comedias, nem as suas criticas e cronicas, nem os seus contos e romances, nem o seu estilo e o seu humorismo, nada, alfim, advem da infinidade embatucante de transcrições que Silvio nos vendeu, como gato por lebre. Espichou-se mais uma vez, corroborando que—a sua vocaçãõ é para não ser critico. Pois se elle até censurou que Machado tomasse para tema algumas ninharias, como se o merito dos artistas excepcionaes não consistisse basilaramente em encher de vida aquillo que aos miopes parece não conte-la !

Terminaremos com duas perguntas innocentes:—Quem é esse *grande talento* Gumercindo Bessa, que o sr. constantemente preconisa e cujos livros estamos fartos de procurar baldadamente ?—Referindo-se ao modo por que se exprime Machado, que grifa de brasileiro da nata, não obstante elle não daguerreotypar o *brazileirismo* que requeria em Gonçalves Dias, pois qualquer dos dois emprega um portuguez extreme, corisca vosmecê:—Machado de Assis não *sae fóra* da lei commum, não pode sair e ai d'elle, se saisse.—17.

Que lhe faria o sr. Silvio Romero, se tão atroz calamidade acontecesse ?!... Palavrinha que nos quedamos, absortos, immersos em fundas locubrações, a parafusar na tremenda ameaça quixotesca ! Ora diga-nos, Silviosinho:—Que faria você a Machado, se elle caísse em tal abismo ?!...

Responda, por quem é !

3.º—Silvio contra Silvio

Na *Historia* eviscerada, que o sr. Clovis Bevilaqua decantou,

em extasis, afirma Silvio, inflante de protervia:—«Não desprezo os meus antigos livros; apenas não transporto para a historia a sua indole aggressiva, util ali e desgeitosa cá». Não renega, pois, esses volumezinhos. E, quanto á fleugma historiadora, já lhe vimos o contexto delicadissimo. Era isto em 88. Transcorridos 12 annos, em 1900, no proemio dos *Varios escritos*, de Tobias, de novo faz alarde glorioso dêsse passado gloriosissimo:—Como quer que seja, não estou arrependido da direcção que dei ás minhas idéas; *não renuncio a uma só dellis*; se tivesse de recommençar a vida seguiria o mesmo caminho.—Pg. XIX. Aparte o que ha nisso de parodia á frase de Thierry, frise-se que o sr. Silvio—*não renuncia a uma só das suas primitivas idéas*. Teofilo Braga, ao reeditar as suas *Obras completas*, não se peja de confessar que cometeu desvios, em grande parte devido a ter de levantar monumentos de arquitetura inteiramente nova, sem cavoucos sequer. O sr. Silvio é superior: nunca errou. E jacta-se repetidamente, mantendo todas as suas affirmativas. Confrontemos, portanto, o livro *Doutrina contra doutrina* com outros e apreciemos a coerencia do sr. Silvio Romero.—pela millionessima vez.

Acompanhem-nos evangelicamente.

Na *Historia da Literatura Brasileira*, esse «majestoso edificio», no dizer de Bevilacqua, escrevera o sr. Silvio:—O verdadeiro positivismo, o positivismo logico, é o inteiro positivismo, o filho da profunda unidade espiritual do Mestre, que resume em si o filosofo, o apostolo e o politico: Aristoteles, S. Paulo e Cesar; é aquelle que reconhece por seu chefe o venerando director actual do sistema, mr. Pierre Lafitte.—1417. No folheto *A filosofia no Brazil*, que é transcrito quasi integralmente naquella arca de Noé, as explanações seguem com egual inconsciencia. Este opusculo traz o titulo geral de—*Oito annos de jornalismo*. Lembra uma filosofia de *reporter*, á semelhança da que o sr. Valentim Magalhães inventou para o bonde! Neste livrinho expõe-nos que—Comte é o primeiro espirito francez deste seculo, pg. 67, que o positivismo é fecundo e um dos grandes sistemas de filosofia que, neste seculo, teem soffrido mais desajuizadas censuras.—68. E no pasquim *Doutrina contra doutrina*, encafuando a carapuça de desassizado, destempera:—Encontramos em tudo aquillo--a obra de Comte--erros e desatinos de alto a baixo e a cada passo.--Pg. 9. E adiante:--O positivismo é uma patacoada, uma patusqueira.--33. A qual destas duas opiniões é que a «amada e festejada sumidade literaria» não renuncia?

Na *Filosofia* vem:— Entre os uteis serviços prestados por Comte á filosofia destacam-se, a meu ver, os seguintes:--A excellente classificação das sciencias, superior ás propostas por Ampère e Spencer. O grande pensador classificou-as pela ordem natural, a ordem do desenvolvimento.--69. Na *Doutrina* expendeu as reservas propostas por Spencer, que allega:--*Se fosse preciso*, poderíamos encher vinte paginas com as incongruencias do sistema de Comte.--115. Aplauda e comenta, transbordante de filosofia:--Teixeira Mendes é

um exquisitoide, completa nullidade, mocho ecclesiastico, pasmosa incompetencia. Comte é um papa de malucos e o positivismo uma malaria espiritual.—122-23. Nesta passagem Spencer substancia a ultima palavra e Littré é «uma figura de primeira ordem da moderna sciencia européa». Mais abaixo :--Spencer não foi bastante insistente, como deveria ter sido, para rechaçar de todo o adversario.--137. E' pena que Spencer não tivesse proseguido e mostrado exemplos tirados do desenvolvimento historico das sciencias.--146. E a pagina 142 Littré aparece-nos um--*banal*, um *magico*, fazedor de gallimatias. Mais sobre o salvaguarda Spencer :--No *Genesis da sciencia* ainda não se acham reunidos todas as lacunas e erros da serie hierarquica.--155-56. Porque «seria um disparate supôr que Spencer tinha dito tudo». O leitor está concordando em que ficámos na mesma, apesar de todas as velleidades spencerianas... e silvianas! Agarra-se depois a Huxley e, feita a transcrição da praxe, que acha magnifica, conclue :--Mas não basta esta refutação generica de Huxley.--172. Mil vezes aceitavel é o que o delicioso moinho de vento sacudia 17 annos antes :--A idéa de sujeitar a filosofia aos factos demonstrados pelas outras sciencias, elevando-a ao character de sciencia geral, incumbida de preparar a intuição do mundo, o que é um resultado da classificação que o leitor já conhece, é um não menor titulo do sistema que analisamos. Ficaram assim por terra os metodos *à priori*, os factos improvados, as conclusões arbitrarías e a filosofia, sob a tutela das sciencias de observação, pisou no solo das verdades demonstraveis.--70. Novamente perguntamos ao «constructor paciente e apaixonado, pesquisador tenaz e consciencioso» a qual dos dois juizos renuncia ou se acha mais agradavel e conciliador continuar a pensar dos dois modos, com ardente convicção, o que aliás nos parece mais pratico... E' pela *Doutrina* ou pela *Filosofia*?!...

Prosigamos serenamente os nossos parallellos, liquefazendo assim a nuvem de incenso que homens de valor, como os drs. Nina Rodrigues, Izidoro Martins, Clovis Bevilaqua, Artur Orlando e outros, levantaram em redor do mais dissolvente e quixotesco intruso que tem engordado sob a clamide proetora da republica literaria do Brazil. E' inacreditavel a formação desta reputação!

Na *Doutrina* espirrou o sr. Silvio este conceito :--A famosa lei dos tres estados, que Stuart Mill, no tempo do seu rapido entusiasmo por algumas idéas de Comte, chamava a *espinha dorsal do positivismo*, tem mais de um defeito, não é uma indução legitimamente estabelecida; apertada com rigor esborôa-se, desmantela-se, reduz-se a poeira.--Pg. 199. No opusculo respeitante á *Filosofia* a nossa «alentada e culta intelligencia», assim mascarada pelo sr. Clovis, *não renuncia* a esta outra douta opinião :--Mas o que é altamente duradouro e inapreciavel na obra do reformador *vem a ser* (desculpem a syntaxe do alentadissimo!) a sua lei da historia, a lei dos tres estados, teologico, metafisico e positivo. Esta classificação é de todo o ponto superior á do seu mestre Saint-Simon e á proposta per seu discipulo Littré. Teem-lhe feito criticas que, em geral, peccam pela

base e se acham de antemão refutadas no grande *Curso*.--71. Se-gue-se que Silvio, ao contrariar-se annos mais tarde, já se sabia de antemão refutado! Reconhece-se, portanto, que «o primeiro critico literario do Brazil» se entregou a esta diversão para nos mamar uns cobres ou por não ter que fazer. Ora quem não tem fazer faz colheres ou abre o c. e apanha moscas!

A pg. 93 da *Doutrina* perquire:--Como é que esta nefasta e compressorá doutrina, cheia de erros, tem illudido tantos espiritos? E a pg. 72 da *Filosofia* redargue:--A preconisação do metodo e tendencias positivas nunca será assás aplaudida. A pg. 248 da *Doutrina* diz que Comte não tinha verdadeiro espirito filosofico e a pg. 173 da *Filosofia* «a sociologia é uma criação immortal de Comte».

E a um cretino desta qualidade gruda o sr. José Verissimo este vilipendio:--O sr. Silvio Romero é o mais completo tipo representativo brasileiro que eu conheço!

No começo das suas molinas inscreveu o mattoide:--A empreza (derrubar o positivismo) é ardua e não se deixa resolver com pilherias e brincadeiras.--Pg. 5. Vamos reproduzir algumas frases tipicas, *que não são pilherias, nem brincadeiras*. Recordaremos ainda outra passagem de Silvio, que verbera o procedimento dos amigos e dos inimigos de Comte e de Saint-Simon, «por acharem prazer em vibrar a injuria como argumento. *E' que muitas vezes elles não possuem melhor arma*».--202. Passemos, pois, a extratar para estas paginas a «gravidade e compostura» do sr. Silvio.

Abnegaremos do prefacio, ou explicação pessoal, onde requer que se *apresse a evolução*, pg. LXV, porque a sua autopsia levar-nos-ia muito longe, pois «está em flagrante contradicção com todo o livro, em manifesta incoerencia com toda a sua obra», no dizer do referido José Verissimo.--*Rev. Brasileira*, anno I, tomo IV, 1895, pg. 309. Frizaremos, contudo, a queixa de lhe faltarem ao respeito moral.—XXV. Com que direito fala nisto o homem que cobriu de labeus Machado de Assis, Eschagnolle Taunay, Lafayette, Barbosa Rodrigues, Julio de Castilhos, Luiz Delfino, etc.? Com que razão blazona de cortez o individuo que se excedeu em molecagens acerca de Teófilo Braga, personalidade que não conta uma nodoa na sua vida intima, literaria, politica ou na do magisterio, sem ao menos ter a facil coragem de lhe enviar as suas agarotadas retalições? Em que barra de tribunal se insurge, por consequencia, um hidrofobo de semelhante especie?!... Não,—esses agravados tinham que ser vingados!...

Apreciem agora mesmo a lisura com que este alienado se propõe discutir o positivismo e o evolucionismo.

O positivismo tem uma grande força no presente e é preciso repelli-lo.—Pg. 4. Vão vendo o criterio que move o banaboia *E' a força* dos mais que o exaspera! Teixeira Mendes obriga-o a confundir *sociocracia* com *mendeocracia*.—Pg. 13. Começa o humorismo tobiati-

co, «uma graça para que ainda não achámos nome, o producto da chalaça portugueza com a pacholice ou a capadoçagem nacional, temperada pela alegria ingenua e facil que o negro nos legou», conforme retrata, quiçá ironicamente, um amigo de Silvio, o sr. José Verissimo, no artigo citado.—O termo *anarquia mental* é um *tutu* filosofico.—26. Esta será de pachola ou de capadocio?! Os padres positivistas--Teixeira Mendes e Miguel Lemos--tanto teem de ousados como de superficiaes e mediocres.--37. Os benemerentes apostolos deviam ter-se rido... Porque um grotesco que define isto--a arte é o brinco da imaginação, pg. 43--só provoca uma gargalhada na sua empafia prudhommesca! Sobre os mesmos:--Os novos padres-mestres, s. s. exes. revmas...--52. Esta é herdada collateralmente do negro! Um punhado:--Cá está o matreiro, olhem o plano, está aí uma penca de pretensões, o positivismo joga a cabra-cega, quer levar a humanidade ao rego. Mendes e Lemos são uns trefegos sectarios positiveiristas, a deitar as garras de fóra, para atrair freguezes. Estas gracinhas devem ser de pachola e de capadocio, reunidos.

Teixeira Mendes é atrazado e pretencioso. O positivismo é um toma-larguras. São mesmo grandes cousas a sciencia, a virtude e a poesia dos positivistas. O exercito secunda o positivismo e só tem feito idiotices. A velha cantiga está desaereditada. Tudo ficará marcado, até á hora das excreções.--84. Que diz a isto a gente da capella da humanidade? 147. E bólsa a flux novas facecias. O Brazil é retrogrado, porque caiu na patetice de prestar ouvidos á ladainha positivista.--177. Depois arranja graçolas de estalar, com *botas teologicas, calças metafisicas*, etc., e tem suspensões destas:--Atenção! começa aqui a cousa...

E finda com uma filipica de baixa extracção no positivismo, ao qual attribue até a baixa do cambio...

A especulação livresca engendrou-se por um processo condemnavel. De Silvio apparecem apenas a alludida explicação pessoal, uma introdução em que aconselha ao operariado a leitura de Hartmann e de Schopenhauer, esperando que elle cresça em *luxo e riqueza*, e as suas engraçadissimas gaiatices. O restante é sorripiado a Spencer, Scherer, Littré, Mill, Robert Flint, Saint-Simon, e mil outros. Com esta bagagem, que representa um inalienavel ataque á propriedade literaria, enfeixou Silvio o seu mistiforio, num papel ordinario, que nem sequer uma serventia natural possue. Quem o compulsar andará completamente ás tontas. Frases d'este sabor, tataranhantes, notam-se aos milhares:--Mas não nos antecipemos,—combatamos,—mas é perigoso,—mas já vae diminuindo a influencia,—vejamos os pontos capitaes,—ficamos nos traços geraes,—mas antes de tudo,—os orthodoxos teem e não teem razão,—releva penetrar no fundo,—este é o lado exterior e secundario do assunto,—não é lugar proprio para inquirir da critica religiosa,—mas isto não é o principal,—recommendamos a descripção dada, porque é interessantissima,—a causa é muito simples,—qual é, porém, a moralidade (como nas charadas) que se póde tirar de tudo isto?,—vamos desimpedir o caminho, provar

já que não ha anarquia mental,—antes, porém,—são palavras de quem sabia o que dizia,—apenas resta apreciar,—não gastaremos mais espaço, basta-nos lembrar,—toca-se agora no ponto central do debate,—basta isto para os espiritos imparciaes,—é exactamente isto, ninguem disse nunca o contrario, a nossa descoberta não merece alviçar, etc., etc., etc.

Silvio pretendeu arranhar Comte, jeremiando-nos esta espanholada:—Se não conseguirmos provar (que Comte plagiou a lei dos tres estados de Saint-Simon) não continuaremos a escrever este livro e quebraremos até a penna para todo o sempre.—220. Causa lastima—a irrisoria quixotada! Ora a lei dos tres estados é uma formula simplicissima, que designa a origem das conceções humanas, desta maneira resumida:—O *causalismo*, que relaciona todos os fenomenos a uma vontade determinante, taes como os fetiches, os deuses naturalistas e o deus abstracto; a sintese mental e social destas conceções é a sistematização da teologia. O *estado teologico* indica, social e historicamente, as conceções causalistas e as investigações dos *porquês*. O *finalismo* subordina todos os fenomenos a um destino preestabelecido; é uma conceção que se separa da realidade e por tal motivo se lhe chama metafisica. E' o estado geralmente conhecido por *teleologico*. Comte deu-lhe o nome de metafisico, desacreditando por este modo todos os sistemas de filosofia teleologica.

Não foi Saint-Simon, como imbecilmente estardalhaça o sr. Silvio, quem descobriu estes estados mentaes. Todos os observadores dos actos racionais os teem descrito. Comte sistematizou-os na sua mutua successão e nisto é que assenta o seu altissimo alcance filosofico. Ou o sr. Silvio ambicionaria que o profundo pensador fabricasse tambem um sistemasinho, parafraseando a mór parte dos lunaticos que o precederam?!...

O *estado positivo* é por Comte determinado na humanidade, desde que ella observou a realidade objectiva e foi constatando as suas conceções subjectivas espontaneas. Chamou-lhe *positividade*.

Esta é que é a compreensão nitidissima da lei dos tres estados. Tudo o mais surge á guisa de embair os fluctuantes, que pensam como os cambaleantes silvios lhes sugerem, sem nunca se estabilisarem. Caminham de acordo com o cornaca:—O meu sistema filosofico reduz-se a não ter sistema algum.—*A filosofia no Brazil*, 183.

Quem apeteecer uma pormenorizada refutação das toliçadas silvianas, relativamente a Saint-Simon e Comte, oriente-se pelo topico seguinte, no *Epitome da vida e escritos de Augusto Comte*, por José Lonchampt, versão annotada por Miguel Lemos, pgs. 200-201:—
«As relações de Augusto Comte com Saint-Simon acham-se hoje completamente elucidadas e dissipado todo o equivoco que via no nosso Mestre um discipulo do famoso jornalista. A quem quizer inteirar-se do assunto bastará lêr as seguintes obras—*Filosofia Positiva*, tomo 6.º, prefacio, pg. VII, 1.ª edição; *Politica positiva*, tomo 3.º, pg. XV; Cartas a Valat, pgs. 36, 37, 51, 75, 103 e 107 e sobretudo a carta XVI, pg. 112; a *Noticia biografica sobre Augusto Comte*

pelo dr. Robinet, 1.^a, 2.^a e 3.^a edições; a brochura do dr. Sémérie : *A lei dos tres estados e a Revue Occidentale*, tomos 8.^o e 9.^o

Apezar da inapelavel conclusão que resulta de tão largo debate, ainda ha escritores que repetem a afirmativa de que Augusto Comte foi discipulo de Saint-Simon e de que o positivismo é uma derivação do Saint-Simonismo. Entretanto, a verdade é inteiramente o inverso dessa dupla proposição. Não foi só Augusto Comte quem de facto revelou a Saint-Simon vistas inteiramente novas, que este afinal regoitou; mas o que se chamou o Saint-Simonismo, nascido e criado *depois da morte de Saint-Simon*, não foi justamente senão uma parodia prematura e abortada do positivismo, bazeada nos trabalhos até então publicados por Augusto Comte e que os saint-simonistas afetavam considerar productos communs da sua escola.—Ha muito que assinalo a oportunidade de um trabalho demonstrativo desta tése, a unica que está de acordo com os factos e o conjunto de documentos».

E, já agora, inda que um pouco de encontro ao character deste livrinho joco-serio,—a epopéa das asneiras do oitavo sabio da Grecia—, permitam-nos uma idéa geral do positivismo, visto haver muitos desoccupados que o menoscabam, sem nunca haverem ingerido uma doutrinação sensata acerca delle. Que fale Teofilo Braga, politico e filosofo positivista, o qual não propaga todavia o dogma:—Desde Hume que as idéas metafisicas haviam levado um terrivel golpe. Como operar sobre vagos termos, sem realidade, sem mesmo terem rigor logico e pretender chegar a uma verdade? O velho edificio da filosofia antiga e da idade media, que se impunha fatalmente pelo seu formalismo dogmatico, pelas suas categorias sacramentaes, foi expellido do mesmo modo que o que é organizado repelle o corpo estranho. A velha psicologia veiu renovar-se na atmosfera experimental da biologia; a gasta teodicéa tornou-se a sciencia das religiões; a grammatica geral transformou-se na linguistica e na filologia comparada; a esteril moral, a politica do empirismo, o direito constituido, a arte, a literatura, o encadeamento da historia, a economia politica, agruparam-se como fenomenos dinamicos de uma nova sciencia superior, a sociologia; a logica tornou-se inductiva ou deductiva, segundo o processo scientifico ou filosofico. Cada uma destas sciencias teve obreiros especiaes, que separadamente cooperaram para levantar o nivel intellectual do seculo; a um Bichat, a um Creuzer, a um Bopp e Grimm, a todos os que reconcentraram as suas forças na compreensão exacta dos fenomenos, se deve a renovação scientifica, sistematizada por Augusto Comte. Pelos elementos constituidos dessa renovação se vê claramente que a filosofia já não pode ser uma conceção individual e dogmatica; ella é um resultado geral, onde se harmonisam todas as conceções parciaes da intelligencia com os progressos que se vão realisando. Por isto se vê que o Positivismo não é somente um metodo; é uma sintese permanente, é uma conclusão que qualquer, sem ser genio, pode tirar, dentro do meio em que vive. Sem os perigos da paixão egoista da teoria individual, e dirigindo os processos logicos da evolução historica, ha muito mais segurança de

chegar á verdade, de se aproximar della quanto fôr possível.—*História do romantismo*, pgs. 74-75.

Esta pagina por certo concluirá o leitor que ultrapassa, no seu luminoso esboço, tudo aquillo que o sr. Silvio espargiu em vinte volumes. E, revertendo, afirmaremos até que o já dito artigo do sr. José Verissimo—*O positivismo no Brazil*, de parte o *parti-pris* doutrinário, computando as referencias a Silvio na classe dos flauteiros, galga supremamente o tómo inteirinho do filosofante. Mas o laborioso escritor desatrema, com o criticado, quando trata da ingerencia dos militares na politica brasileira.—Quem tem governado a republica ha sido o exercito, obtempera o bacharel; e o sectarismo positivista é quem tem dirigido o exercito, cada vez mais.—*Doutrina*, introdução, pg. 87. E o publicista da *Educação nacional*, por outro lado, comenta:—E por uma dessas fenomenaes incoerencias, de que parece temos o privilegio, foi da sementeira do exercito que saíram, senão os sacerdotes, os acolitos da doutrina fundamentalmente hostil aos conflictos armados, ao regimen militar, aos exercitos permanentes.

A vantagem do positivismo reside precisamente nessa arregimentação. Alliou-se ás melhores escolas do paiz—as militares e a politecnica, aquellas em que se estuda e aprende a serio, ao envez do que acontece nos formigueiros da bacharellea, onde Silvio predica de orago. Não existe instituto de ensino no Brazil que se compare á Escola Militar do Rio, pela profundeza do programma. E succede o caso, realmente bello, de se constituirem ali pensadores e politicos sãos, em vez de empregados publicos e galopins eleitoraes, como se passa com os bachareis, salvo excellentes exceções. O official brasileiro prêga a liberdade, ao passo que o doutor comete desatinos a todo o instante. Olhe-se para a paz mantida no Pará por Lauro Sodré, para a demagogia decapitada em Pernambuco por Barbosa Lima ou para a desordem reprimida no Rio Grande do Sul pelo *militarista* Julio de Castilhos, que é bacharel e positivista. Esses sonhos de predominio do militarismo na União Brasileira, a que o sr. Silvio já tinha dado vasão na brochura *Parlamentarismo e presidencialismo*, não vão além do cacifro das fantasias. O Brazil, devido á educação positivista dos seus officiaes, está a coberto do militarismo pompeante em todas as republicas sul-americanas. Vive immune desse mal e do da cruz, que tambem reina descabeladamente nas nações que o cercam. Ainda neste ponto a influencia portugueza, a colonisação feita por bandidos, como rosnam os ignaros, que nunca leram os cronicões brasileiros, desdobra o seu incalculavel ascendente sobre a infiltração pedagogica dos espanhoes. Livre do militarismo, da aristocracia e dos bispos, a Republica Brasileira não padece igualmente o jugo dos syndicateiros, como presentecemos nos Estados Unidos. E ao positivismo, em elevado grau, é devedor da constituição liberalissima que respira. Que augmento o seu influxo moral, fazendo preponderar mais a razão do que a fé, mesmo no circulo dogmatico, segundo o viso do fundador, eis os nos-

sos anhelos. Só o positivismo, religiosa, filosofica e politicamente, poderá preservar o Brazil do desmantelo, quando os exercitos permanentes europeus se desfizerem e essa melle tumultuaria affluir ás suas plagas deshabitadas. Urge disciplinar os espiritos, para que elles conttenham os aventureiros recenvindos.

O que trasladámos documenta cabalmente que Silvio, na fórma do costume, embarrilou os compradores. Embrulhou a questão, transcrevendo a torto e a direito, quasi sempre com despreposito. Na maioria das citações, traduzidas mal-amanhadamente, em calão, cuidou-se tão somente de casos geraes de historia e de critica. Romero «desconheceu systematicamente, como um vulgar sectario, a obra verdadeiramente magnifica de Augusto Comte». O positivismo, cuja superioridade illimitada foi conferida por Spencer, Stuart Mill, Buckle, Carey, Littré, Humboldt, Poincot, Blainville, Huxley, Buchner, Gambetta, Robinet, Laffitte, Teofilo Braga, Alves de Sá, Teixeira Bastos, Lauro Sodré, Julio de Castilhos, Barbosa Lima, Alberto Salles, Robin, Scheiatarella, Lewis, Luys Fleury, Brewster, Ardigo, etc., os quaes modificaram por essa disciplina sintetica as suas sciencias especiaes e os seus trabalhos de vistas geraes, entenda o sr. Silvio Romero que não é qualquer lagalhê que o enlameia. Vossa mercê mesmo, a sua obra toda, não pésa o mais insignificante dos opusculos de Teixeira Mendes ou Miguel Lemos, os chefes do movimento brazílico. E sejam mais uma vez as suas palavras, proferidas num momento lucido, quando já tinheis desertado do sistema positivista, porque elle não se compadeceia com a vossa ingenita desorganisação cerebral, que nos ratifiquem a indestructibilidade positivista:—De tudo o que fica dito perceberá o leitor que me não anima o mais leve sentimento de opposição ao velho (?) sistema que em outros tempos professei. Por amor da verdade (!) fui levado a abandona-lo; vejo, porém, que, deixados certos prejuizos, elle é a verdadeira filosofia. As suas leis da historia são immorredouras.—*A filosofia no Brazil*, pg. 86. Dez annos depois, na piramidal *Historia*, que causou arripios ao sr. Clovis Bevilaqua, forçando-o a répetir (*conrem repetir*, na sua expressão) que não havia, *em Portugal e no Brazil*, monumento que se lhe equalasse, nessa estripada *Historia* aduzia o sr. Silvio:—Ainda hoje temos num dos mais notaveis sistemas filosoficos deste seculo, o positivismo, um valente exemplo de tão importante verdade: nenhum sistema actual engrandece a idéa de patria como esse que fez da humanidade o objecto do seu culto.—*Hist. da Lit. Brasileira*, pg. 653-4.

Tableau !

4.º—O espertalhão

Estamos em presença do documento mais baixo e reles que possa firmar um homem dito de letras. Silvio dejectou nas laudas miserri-mas da excrementicia *Esperteza* as calumnias mais sordidas, a par das escorrencias mais nauseantes. Revelou-se tal, qual é—um latri-

nario ! O seu irmão Apulcro não assignaria a soez pasquinada. Mas o escorpião foi de tal ordem cobarde e rafeiro que nem sequer possuiu a triste coragem de enviar um exemplar ao denegrido, certamente por saber que Teofilo Braga, apesar de não costumar perder tempo com defuntos, o esmagaria com quatro palavras. E a ratificação tive-mo-la, a tempo de ser inserta neste estendal das torpezas silvianas, embora não rogássemos ao Mestre a honra de uma resposta ao reptiliano belfurinheiro. O facto é que Teofilo Braga, conhecendo somente agora as injurias que o asinino pelotiqueiro lhe assacou, concedeu-nos a distincção suprema de intermediarios de uma replica formal, affirmando com a sua habitual franqueza que nos deveu a leitura daquellas espigadas 166 paginas, para produzir as quaes levou *quatro annos* o burlesco estoiradinho. No final se verá a carta de Teofilo, que esborracha em cheio a cabeça do liliputiano jaboti!

Por agora limitar-nos-emos á demonstração ligeira de algumas calinadas silvianas. As provas particulares evidenciadas pelo porta-estandarte das modernas idéas, em Portugal e no Brazil, justificam perfeitamente a nossa consulta, aclarando o debate, pois derrubam por completo as inverdades soltas á pasmaceira ignara. Folhecemos rapidamente o opusculo, que representará um attestado perpetuo da degenerescencia e deshonestidade do sr. Silvio Romero, e vejamos os seus dispausterios nas cousas mais corriqueiras.

Babuja o enagro que Teofilo imitou na sua conceção poetica alguns collegas, especialmente Antero de Quental. Quem não está em dia com a cronologia dos acontecimentos acreditará. Mas a verdade é que a *Visão dos Tempos* saiu em 1864 e as *Odes Modernas* só em 1865 apareceram. Como tambem é certo que o *Manifesto dos estudantes de Coimbra*, escrito em 1862-63 por Antero, foi elaborado a conselho de Teofilo,—como certissimo é que a Escola de Coimbra parte de Teofilo, pois que as censuras de Castilho incidiram directamente sobre a *Visão dos Tempos*. Antero, añcioso de nomeada, achando-se já formado e precisando de um derivativo para o aborrecimento que o minava, pediu a Teofilo que o deixasse retorquir, mesmo para este não soffrer alguma perseguição nos exames. O encontro de Antero e Teofilo dera-se na livraria franceza do Posselius. O agredido concordou e surgiu então a palavrosa carta *Bom senso e bom gosto*, marcando a sua «posição independentissima de homem sem pretensões literarias». Mas «a sua replica desviou o ataque para um campo differente—a questão do Ideal—em que ninguem se entendeu e onde todos disparataram» e Teofilo seguiu-se-lhe immediatamente, repondo os principios no folheto—*As teocracias literarias*.

Conta-nos tambem que o piohoso Coelho *tinha chegado ao reino*. Donde é que elle veio ? Refere que Teofilo, na publicação dos seus trabalhos, «obedece ás inspirações da musa mercantil e industrial». O troco é lhano: *o assombroso critico nunca recebeu um ceitil pelos seus livros, pois todos são dados aos editores*, visto o eminente catedratico do Curso Superior de Letras julgar sufficiente para a sua subsistencia o lugar remunerado neste instituto e entender que

todo o cidadão, assim collocado, é obrigado a prestar á sociedade os demais talentos da sua actividade. Outro tanto pudesse asseverar o austero Silvio... Expelle mais que Teofilo, devido a umas lisonjas de Littré, abraçou o positivismo. E' de notar que em 72, sendo nomeado lente do Curso Superior de Letras, o professor de matematica Joaquim Duarte Moreira de Souza indicou-lhe o *Curso de filosofia positiva*. Em 73, ao publicar a *Vida de Camões*, esquiçava já a sua transformação mental, submettendo-se então «a uma longa e penosa tarefa intellectual, estudando successivamente, em tratados especiaes, as sciencias abstractas que entram na constituição da filosofia positiva». Em 75 imprimiu um estudo relativo á estetica positiva na revista de Littré, que o qualificou de—*notavel*. O grande erudito fez ainda um artigo—*A filosofia positiva em Portugal*, em que teceu os mais calorosos encômios a Teofilo. Vê-se, portanto, que Littré nada influuiu no advento do autor do *Sistema de sociologia* na filosofia positiva. E que influisse em cousa alguma o desdouraria. O que morde o Silvio é o nunca haver merecido uma linha, a não ser ao mano Tobias. Engrossavam-se um ao outro! Dana-se igualmente por Teofilo possuir unidade na sua vida espirital. Os proprios cegos observam essa inquebrantabilidade. Mas elle nega—o pobresinho! Fala o heldroegas no *estilo* de Teofilo, quando elle, coitadinho, no dizer de Machado de Assis e de toda a gente, não liga quatro cousas em lingua de branco... Esta de estilo é um chavão de imbecis. Todos estão de acordo em que cada tema se deve encaixilhar na sua fórma. Teria graça que o critico da *Historia da Literatura Portuguesa* fôsse, na expressão, o poeta da *Visão dos Tempos* ou o *conteur* dos *Contos fantasticos*, que Eça admirava! Já o rigido Affonso da Maia, nos *Maias*, dizia que o portuguez, e consequentemente o brazileiro, nunca havia de ter idéas, por causa da preocupação doentia da fórma. Haja vista Oliveira Martins. Queixa-se de que *lá no reino* os seus *Cantos* e *Contos* passam por obra de Teofilo. E não é só em Portugal, parvajola! A propria *Grande enciclopedia* apresenta-os como trabalho de Teofilo, —tanto o mundo está convencidissimo de que vosmecê é um pseudônimo! Pasma de que Teofilo fizesse a *Historia da Literatura Portuguesa* em 34 volumes, quando Taine, Settembrini, Schmidt, etc., fizeram livros congeneres em tres ou seis volumes. Mas que investigações fizeram essas notabilidades, que disseram de novo á humanidade ou mesmo aos paizes analisados? E, baixando, para que amassou vosmecê 1483 paginas no seu pastelão?... Garante o curioso que esses criticos não eram homens de notas, que o seu caderno era a cabeça! Teria vossa mercê seguido, nas suas historietas, identico processo? Por estas e outras—fazerem da cabeça caderno—é que Rui Barbosa, por exemplo, escadeirou a prosapia estilistica de Taine, quanto á critica relativa a Swift. Teofilo é probo: cita a pagina do livro lido, muitas vezes apenas para reforçar uma opinião propria, em lugar de proceder como alguns pernosticos, que *desmarcam*, á franceza, os juizos alheios e se contentam em apensar aos volumes uma bibliografia. Silvio móra longe desta honradez. Conclue o taralhão por ver-

borrear que *podia discutir* a Obra de Teófilo Braga. Ora o pedaço de asno! Levou *quatro annos* a esgaravatar a mioleira, a fim de borrar com estreitissimas laudas acerca de *um* artigo, e ainda se arroja a balbuciar que *podia discutir* *com* livros de sciencia e de filosofia! Seja tudo, pedante Silvio, menos bobo!...

No entanto, como quer que Teófilo Braga «não seja de todo inutil», no seu pascacio dichote, lancemos uma rapidissima vista sobre essa individualidade poderosissima, superior á canalha miuda que o tenta mordiscar, reconhecendo intimamente a sua amarfanhante impotencia perante o colosso, ao qual o talentoso economista e distincto eritico Teixeira Bastos consagrou um volume de 505 paginas, aliás perfuntorio,—*Teófilo Braga e a sua Obra*.

Accentue-se desde já, todavia, que Silvio, conforme a sua balda, clangorava pouco tempo antes da revivarolta que Teófilo era «um homem ás direitas», por haver levantado a historia da literatura portugueza, a das fontes tradicionaes da mesma literatura e a de Portugal, que Silvio, embasbacado, contemplava na altura de «monumentos». No livreco *A filosofia no Brazil*, pg. 152, considera-o igualmente—*um dos tres maiores cultos de Portugal*. Nesta brochura, pgs. 182-83, defendendo-se de uma arguição, quadrou-lhe acobertar se com a formatura de Teófilo, o qual, contudo, é *doutor* e não *bacharel*, como o perliquitete Silvio, nestes termos:—Ora, por ter-se um diploma de direito, em taes circumstancias, não é isto empecilho (o estilista escreve *impecilio*!) invencivel. Como o não foi para Ed. Lartet ser um dos promotores da moderna paleontologia humana; como o não foi para Rudolf von Ihering transplantar para o direito as modernas noções das sciencias biologicas; *para Teófilo Braga ser o primeiro historiador critico da literatura do seu paiz e um dos iniciadores do positivismo acolá!*

E' uma ventoinha—este Silvio, em todos os assuntos e ao julgar todas as pessoas. Que os psiquiatras o agarrem!

Teófilo Braga foi o primordial causadore verdadeiro guia da extraordinarissima insurreição que, no abundante movimento literario portuguez, se chama simplesmente—*A Escola de Coimbra*. Reabilitou o espirito critico, no correcto dizer de Eça, ao passo que o sombrio Antero e os restantes palavreavam. Castilho, unico epigono romantico em actividade então, aterrorisou-se e exclamou:—Ou endoudece ou mete-nos todos a um canto. Realisou-se a ultima previsão. Herculano, que lhe notara carencia de vontade, foi desbancado rudemente das culminancias de historiador, resvalando á planura de poeta e romancista glorioso. Garrett, já morto, exalçara-se como poeta e como dramaturgo, e nesse pinçaro se tem conservado. Castilho, primoroso vernaculista, quedara-se a cantar velhos e relhos têmes, destituídos de sentimento, apenas hauridos em seroativas leituras. A *Visão dos Tempos*, essa portentosa epopéa, escurecera as apregoadas

Odes modernas, et le reste, e amalgamara os poetastros ultra-romanticos.

Teófilo, com uma severidade germanica, impuzera-se inquizitorialmente esta diviza:—planear trabalho como se tivesse de viver cem annos e executa-lo como se morresse amanhã. E marchou, inundando vertiginosamente o pobre mercado luzo de livros, qual delles mais substancioso. Ganhou, palmo a palmo, a inabalavel posição de forte director espiritual. Ramalho via nelle um Homem—essa cousa rara, e o autor do *Eurico*, embora contrafeito, num momento sincero e expansivo, mais tarde, presentira-lhe uma grave vocação literaria e reconhecera-o uma intelligencia completa.

Clama-se contra Teófilo, por via da enorme quantidade de volumes que tem composto. O sr. Silvio alinha-se nessa ala, apezar de recentemente haver que se abroquelar de identica accusação. Esses praguentos deveriam atentar, antes de proferir as matoides catilina-rias, em que semelhantes obras cousa alguma se comparam á chuva de romancetos e versinhos da maioria dos escritores luzo brazileiros. Teófilo é incapaz de absorver uma linha em jogos floraes pueris. Cada frase corporifica uma idéa ou esclarece um facto. Uma impertinente erudição, conforme declara o proprio Mestre, impedia-o de explanar as amontoadas citações, tornando-o algo difuso. Mas na refundição da sua obra verifica-se uma apreciabilissima clareza e um rigor extremado na divisão dos trabalhos.

Teófilo Braga, com a *Visão dos Tempos*, como disse Oliveira Martins, criou uma literatura. E' este livro uma epopéa da humanidade. Não tem simile em paiz algum. Mas, para comprehende-lo, inda que sinteticamente, é necessario cultivar o espirito. Teófilo, com este poema collossal, adiantou-se dezenas de annos ao seu tempo. E' este o condão dos genios. Danté, Shakespeare, Virgilio, Homerus, etc., só seculos depois foram entendidos. Desta epopéa, em Portugal e no Brazil, deriva a mal-entendida poesia scientifica, não filosoficamente incarnada por Martins, junior, nas *Visões de hoje*, a poesia socialista e revolucionaria de Teófilo Dias, Mucio Teixeira, Fontoura Xavier, Augusto Lima, etc. Oliveira Martins, que é um artista da palavra escrita, confessa que «os poemas de Teófilo Braga são verdadeiras obras de arte». Não repetiremos aqui os pareceres de Antero de Quental, Camillo, Pinheiro Chagas, Moniz Barreto, do notavel maranhense Paula Duarte, Fromont, Gaubast, Padula, Storck, etc. Basta dizer que ha numerosos trechos traduzidos em espanhol, francez, inglez, sueco, allemão—e que a maxima parte da epopéa se acha vertida em italiano, a lingua do Dante. Este poema interpreta magnificamente o genio portuguez, nas suas duas manifestações, ao primeiro lance antiteticas,—o nacionalismo e o universalismo.

A *Visão dos Tempos* abre a nova era, poetica e metafisica em Coimbra, 1854-65, critica e historica no Porto, 1858, e metafisica e positivista em Lisboa, 1871-72. Neste anno inaugura Teófilo, no Curso Superior de Letras, um curso de estetica positiva. De 1873 a 75 publicase no Porto, sob a sua preponderancia, a *Bibliografia critica*, por

intermedio da qual Portugal travou relações com Bréal, Gaston Paris, Monod, Fatio, Meyer, Stengel, Hubner, Mommsen, Garofalo, etc. Na abertura da universidade de Berlim, em 75, o dr. Goldbeck alludia encomiasticamente á effervescencia mental portugueza. Em 76, em Coimbra, saia Alexandre da Conceição com a revista *A evolução*, em 77 Ramalho modificava o criterio nas *Farpas* e neste mesmo anno Horacio Ferrari estampava *A hegemonia portugueza*. Tudo irradiava da acção de Teofilo, frutificando maiormente nos lustros immediatos.

Entrementes reforma a etnografia portugueza, lançando-se com todo o ardor á escavação das tradições. *O Cancioneiro da Vaticana*, que se prende a esta fase, mereceu este parecer ao marquez de Valmar, na edição das *Cantigas de Santa Maria*, do rei Affonso, o Sábio:—Nestes pormenores seguimos Teofilo Braga, o qual, com mais acerto do que qualquer outro, descreveu e analysou o cancionero da Ajuda.—E é de constar que já Monaci e outros criticos reputados se haviam entregue ao mesmo assunto. Orientou após as publicações relativas aos cantos e contos populares da Galliza, de Ballesteros, e os congeneres do Brazil, colligidos por Silvio Romero, o qual, em carta de 8 de abril de 1884, solicitou a Teofilo um prologo e um *punhado de notas* illustrativas. Estavam assim corporificados os costumes e as fontes tradicionais das literaturas gallega, portugueza e brazileira.

Em 1870 publica o Mestre a introdução á *Historia da Literatura Portuguesa*. Frustrada seria a tentativa do pretender mostrar o que é esse monumento, em 34 volumes, levado a cabo por um só homem, facto que não encontra semelhante nas literaturas estrangeiras. José Carracido, espanhol, Morselli, italiano, Gaston Paris e Léo Quesnel, francezes, Elliot, norte-americano, etc., cumularam esta empreza dos mais pomposos elogios. Léo Quesnel, na *Revue politique et littéraire*, externava relativamente ao tómo *Curso de historia da literatura portugueza*:—Eis aqui um livro que confirma, desenvolve e demonstra tudo o que nós podiamos dizer acerca de uma obra pedagogica de primeira ordem, cujo objecto directo é o ensino superior da juventude portugueza, mas que nos fornece novas provas do estado sempre avançado da cultura intellectual deste paiz. E, concluindo, frisa:—Fornecerá este volume noções, esclarecimentos, sintese, a quem quizer estudar, não somente a historia da literatura de Portugal, mas a de todas as literaturas do mundo. Estimariamos ve-lo traduzido em francez, afim de que fosse accessivel a um publico numeroso.—O professor Elliot, no *American Journal of Philology*, occupando-se do referido livro e de Teofilo Braga, escreve estas linhas:—O homem sobre quem, mais do que em qualquer outro, parece actuar alguma cousa do espirito literario que inspirou o grande Camões, é certamente o autor deste livro. A sua forte energia, o seu muito saber, a sua actividade extraordinaria difficilmente poderão ser excedidos por qualquer escritor da peninsula, e particularmente nos tempos modernos o seu exemplo é uma exceção no meio dos seus concidadãos. Depois de nos dizer que Teofilo «fez conhecidos de todo o mundo os ricos tezouros da tradição portugueza», accentua isto:—

Uma vantagem importante da obra é o beneficio que advem ao leitor do conhecimento que o autor tem das recentes investigações dos eruditos inglezes, allemães, francezes e italianos. A este respeito a moderna escola critica e os escritores da historia literaria em Portugal mostram um trabalho serio.—Palpa-se que Teofilo, além de reformar o ensino pedagogico, subordinando-o ao criterio positivo, ergueu o edificio deveras pasmoso da *Historia da Literatura Portuguesa*, tendo que carrear para elle desde a pedra dos alicerces até ás telhas, porque nada se havia feito ainda. Esta obra monumental, que não se parece com os estudos isolados dum Taine, dum Scherer, dum Hennequin, dum Faguet, já ha trinta annos se affirmava ser a historia da literatura de todo o mundo. Que diriam então hoje, se a relessem na sua assombrosa ampliação, cuja impressão está correndo em Lisboa? !... Se a *Historia da Literatura Portuguesa*, attendendo principalmente ás manifestações belletristicas, revista e commenta perspicuamente a evolução similar dos mais paizes—a *Historia da Universidade de Coimbra* concretisa o maior e mais expressivo documento da marcha da sciencia e da filosofia européas, acompanhada a par e passo pelos portuguezes, que bastas vezes caminharam na dianteira. E' assim que vemos, após os triunfos de Pedro Hispano e Santo Antonio de Lisboa, doutrinadores primaciaes da Europa culta na Edade-Media, a legião luzentissima da éra das descobertas, tempo em que, ao lado dos valerosos Diogo Cam, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Duarte Pacheco, Affonso de Albuquerque, João de Castro, brilhavam Gil Vicente, Diogo do Couto, João de Barros, Sá de Miranda, Camões, na cronica e nas bellas-lettras, e na esfera especulativa pensadores e pedagogistas da estatura de Diogo de Gouveia, André de Gouveia, Diogo de Gouveia, o novo, Garcia da Orta, Pedro Nunes, André de Rezende, Damião de Goes, Francisco Sanches, o precursor do positivismo, e muitissimos outros luminaires da Renascença, os quaes honravam o nome de Portugal no estrangeiro, lecionando nas principaes universidades da epoca. Aprende-se tambem que o precursor da chamada escola historica do direito de Savigny foi o portuguez Antonio de Gouveia,—e que estes immortaes Gouveias, os directores do *Collegio de Santa Barbara*, de Paris, foram os educadores dos homens que mais influiram no seculo XVI. A' sua sombra se acolheram Montaigne, Ignacio de Loyola, etc. Teofilo Braga, depois de nos ensinar quanto os portuguezes influiram na Renascença, fazendo-nos ver o contingente que este povo teve na vida especulativa daquelle periodo e descrevendo-nos as fontes dos males que ainda hoje assobérham o nosso paiz, devido á introdução nociva dos jesuitas e aos desvarios da dinastia brigantina, analisa a reforma de Pombal e continúa a sua obra mascula até ao estabelecimento do ensino politecnico nos institutos superiores. A publicação é de tal ordem que, apezar do forte sopro democratico que pelas suas paginas perpassa, a *Real Academia das Sciencias*, de que Teofilo já foi vice-presidente, não trepidou em imprimi-la na sua tipografia official.

Revolucionada a poesia, firmadas as investigações da etnogenia,

da etnografia e da etnologia, fundada num sentido positivo a critica literaria, pelo levantamento da historia da literatura da lingua portugueza, orientada pelo criterio moderno a pedagogia e descrita a evolução do pensamento lusitano no concerto europeu, Teofilo Braga acomete a *Historia Social de Portugal*, sob um prisma rigorosamente scientifico-filosofico e não á maneira do que fez com a idade media portugueza Herculano, seguido, quanto a outras epocas, por Latino, Rebello, Chagas, etc., que se limitaram a amontoar documentos, ou pelo processo de Oliveira Martins, que derramou um pessimismo dissolvente e anestesiante nas suas laudas encantadoras, plasticamente falando. Doutrina-nos Teofilo nestas palavras o seu fito consolador, obedecendo á mais severa interpretação da missão de Portugal na civilisação:—O aspecto social da grande crise europeá é o que nos guia na *Historia de Portugal*, em que uma pequena nacionalidade retoma a importancia capital nos destinos da humanidade, como impulsora da sua marcha definitiva e pacifica, quando na Europa acabavam as guerras privadas. Coincidindo a criação da Nacionalidade portugueza com a epoca em que começa a dissolução do regimen catolico-feudal, a marcha historica deste novo organismo obedece ao impulso desta dupla revolução mental e social.—Eis aí, em quatro linhas, a sintese do que foi Portugal, desde o seu destroncamento da Galliza ao seu prolongamento no Brazil.

Em 1879 publicava Teofilo as *Soluções positivas da politica portugueza*, livro que motivou a saudação gratissima dos republicanos de S. Paulo, hoje espalhados em diversos pontos do paiz, tendo sobre os seus hombros as responsabilidades da Republica. Em 1881 saia a *Dissolução do sistema monarchico representativo*, que completava de algum modo aquella serie. José Sampaio, o erudito autor d'*O Brazil Mental*, caracteriza aquelles volumes nestas palavras:—Historiador, poeta, filosofo e critico, Teofilo Braga compreendeu que um dos grandes erros das passadas gerações literarias foi o de não transportar aos dominios politicos a influencia, mas pura, da sua supremacia intellectiva, deixando, por um desdem lamentoso e injustificavel, a direcção da sociedade nas mãos dos intrigantes e dos ineptos, como entre nós succedeu com Alexandre Herculano, cujo poder espirital directamente não serviu a nacionalidade, que o venerava, mais ou menos inconscientemente.—*A geração nova*, pag. 103. Da eloquente mensagem dos republicanos e positivistas de S. Paulo extraimos os topicos seguintes, bastante significativos:—Estavamos acostumados a admirar a vossa individualidade tão accentuada nas obras em que a vossa intelligencia fecunda se tem revelado, criando-vos uma reputação de sabio na Europa e na America. A vossa individualidade tinha para nós o valor immenso de destacar-se brilhantemente no meio dos contemporaneos que representavam as sciencias e as letras nas duas nações onde se fala a lingua portugueza. Saudámos com entusiasmo o vosso aparecimento em Coimbra como o autor da *Visão dos Tempos*. Acompanhámos a marcha ascendente do vosso espirito até aos *Traços geraes de filosofia positiva*. Cada livro, que vinha attestar um esforço

do vosso cerebro potente, era considerado uma victoria do progresso alcançada sobre a obstinação dos fieis respeitadores dos antigos preconceitos da sciencia e da religião.—Mestre, já valieis muito pela força da intelligencia, pela coragem do enunciar, pela firmeza das doutrinas. Poeta, historiador, filologo e filosofo—consequistes concentrar a nossa attenção e estima. Essa estima e admiração cresceram ao tomardes posição na politica. A valentia com que fazeis a propaganda republicana, juntando á energia do pensamento politico a firmeza da convicção scientifica, vem justificar que não nos enganamos, *conservando-vos a respeitosa estima que só merecem os homens publicos que definem por seus feitos uma evolução social.*—As *Soluções positivas*, levando o cauterio energico á velha sociedade portugueza, parecem preparadas para este povo, joven ainda, mas já tão contaminado pelo virus do despotismo. Tal é a precisão dos conceitos que, retirado o nome de Reino, muitos capitulos adaptam-se perfeitamente ao quadro negro dos nossos vicios e males sociaes. *Mestre nas letras, na filosofia e na historia, apparestes, para nós, mestre tambem na politica.*

Segue-se que, desde 1864, Teofilo Braga era estudado e aplaudido pela fina flôr intellectual da Paulicéa. E esses democratas chamavam-se ou chamam-se Campos Salles, o illustre presidente da Republica, Julio de Castilhos, o grande estadista, Rangel Pestana, o vice-presidente do Estado do Rio, Francisco Glicerio, ex-ministro do provisorio e chefe do partido republicano federal, Bernardino de Campos, o ex-governador de São Paulo e ministro de Prudente de Moraes, Silva Jardim, o hereuleo propagandista, Luiz Gama, o heroico abolicionista, Teofilo Dias, o excelso poeta maranhense, Americo de Campos, o eximio jornalista, Pereira Barreto, o publicista das *Soluções positivas da politica brasileira*, Alberto Salles, o autor da *Sciencia politica*, Pedro Tavares, o primeiro governador republicano do Maranhão, Affonso Celso, transfuga em politica, mas eminente escritor, João Kopke, o distincto pedagogo, Sampaio Ferraz, o benemerito organisador da policia da capital federal, Miranda Azevedo, o apreciavel historiografo, Peixoto Gomide, Carlos Ferreira, Pereira da Costa, Alcides Lima, Navarro de Andrade, Leo da Affonseca, Licurgo Santos, Argemiro Galvão, etc., etc. Não temos á mão a poliantéa que, em condições eguaes ás da mensagem, foi enviada a Teofilo de Pernambuco em 1883, onde figuram as assignaturas do grupo dirigente do movimento literario do norte naquelle periodo.

Teofilo, continuando a sua faina de chefe, esclarecendo a sciencia das religiões nas *Origens poeticas do cristianismo* e nas *Lendas cristãs*, imprimindo a *Historia Universal*, de que só vieram a lume por ora dois tomos, numa orientação inteiramente nova, edita os *Traços geraes de filosofia positiva*, totalmente refundidos no *Sistema de sociologia*. Neste trabalho arrojadissimo Teofilo comprova a filosofia positiva nos seus pontos fundamentaes, emendando a base da Sociologia, que Comte encabeçara na Autoridade, para a população, alargando os lineamentos da psicologia ou fisiologia cerebral, que Comte

desprezara, e estabelecendo pela primeira vez as relações do positivismo com o monismo, sendo mais tarde secundado nesta observação, entre outros, pelo filosofo italiano Antonino de Bella.

A obra teofiliana ainda não é lida com a desejavel avidéz. O grosso publico desconhece-a e os literatiços, que nunca a delectaram, permittem-se o descôco de a discutir. A proposito recorda-nos uma palestra havida entre o bom Reis Damaso e Trindade Coelho, reforçado este por alguns novos. Os inspirados blasfemaram, deram-se ares de entendidos, injuriaram até. Damaso, com a sua proverbial bonomia, ouviu-os calmo, encheu-se de dislates e, quando soou o minuto psicologico, chamou-os a terreiro.—Ora vamos por miudos, disse. Conhecem vocês a *Historia do romantismo*? E o *Sistema de sociologia*? E *As modernas idéas na literatura portugueza*? E a *Historia universal*? Os terriveis critiquelhos, azoinados, bateram em retirada, porque se lhes propunha a judicioza discussão, E' que aquelles salsas da literatura, demolidores tresnoitados, ignoravam a existencia de taes livros, tal, qual acontece a muitos escriptores de cácaráca.

Teofilo Braga, que apenas conta cincoenta e sete annos de vida, não é o que vulgarmente se denomina uma pessoa—é uma Idéa. Não representa comezinhoamente um escriptor—concretiza um Sistema. Os seus escriptos, disseminados pelas bibliotecas provincianas, pelas associações populares e pelas escolas, apurado um metodo, effectuariam uma revolução integral nos espiritos. Herculano e Oliveira Martins, desnorteados pela inconsistencia do tempo, divulgaram um criticismo indisciplinado. Teofilo e Teixeira Bastos, couraçados pela filozofia pozitiva, tem dado nitente convergencia ao pensamento e ao sentir hodiernos. Teofilo, como frisou Silva Cordeiro, estabeleceu a corrente scientifica nacional, e Bastos rematou, na inalienavel parte socialista, as locubrações do Mestre. Pacheco, Junior, o erudito grammatico braziliiano, disse de Teofilo que elle—«é incontestavelmente um dèsses talentos madrugadores destinados a illustrar a epoca em que vivem».—*Revista Brazileira*, tomo I, anno I, junho de 79, pag. 116. E Louis Pilate de Brinn'Gaubast, o atilado critico da literatura luzo-brazileira, confessa:—Teofilo Braga é hoje, pela immensidade da sua Obra e pelo valor della, a mais alta personalidade belletristica e filozofica de Portugal. Basta, continua Pilate, para pôr em fóco a influencia de Teofilo, constatar que elle não representa apenas um escriptor, nem uma parte somente da literatura, não havendo talvez uma só alma, em Portugal e no Brazil, que não seja devedora de algum progresso á acção de tão prodigiosa e tão fecunda actividade.—*Revue Encyclopédique*, pgs. 492, 1898.

A obra teofiliana, abrangendo quasi todos os ramos do saber humano, divide-se em tres categorias:—actividade estetica, actividade scientifica e actividade filozofica. E' esta a ordem indicada por Teixeira Bastos no seu estudo magistral—*Teofilo Braga e a sua Obra*, complemento dos dois inexcediveis tomos intitulos *As modernas idéas na literatura portugueza*. E' aquelle uma critica que os estudiosos luzo-brazileiros devem ler e consultar amiude, para avaliarem, nos

seus frugaes pormenores, quanto vale o herculeo vulto peninsular. Assombroso—e nada fim de seculo! Sumariemos rapidamente.

Dos 15 aos 22 annos tem as *Folhas Verdes* e os *Contos Fantasticos*. Dai por diante:—*A Visão dos Tempos*, epopéa da humanidade, em quatro volumes; *A patria portugueza*, fracionada em 5 vols.; *O povo portuguez*, em 4 vols.; *As fontes tradicionaes da literatura portugueza*, em 8 vols.; *Historia da literatura portugueza*, partida em trinta e quatro volumes; *Historia da pedagogia portugueza*, constituida pela *Historia da Universidade de Coimbra*, que actualmente se reparte em 4 vols. e que na edição definitiva se subdividirá em 14 vols.; *Historia de Portugal*, em 5 grossos volumes; *Historia das idéas politicas em Portugal*, dividida nas partes *O aspecto absolutista*, *O aspecto constitucional* e *O aspecto revolucionario*, em 3 vols. As investigações concernentes á evolução da nossa sociedade erigem um luminoso obelisco, conhecido pelo nome—*A civilisação portugueza*.

Das escavações relativas á nacionalidade luzitana, nas suas mais intimas relações com a Espanha, a Italia e a França, descerá á analize ampla do cosmos, compondo o radiozo *Sistema geral de sociologia*. Ficarâ assim completissima a Obra dum homem, que melhor devera ser a dos escriptores de uma epoca inteira. Teófilo preenche dèste modo o que tracejou a *Escola de Coimbra* e por elle mesmo foi esboçado na exposição critica—O programma da geração moderna, resumido nas seguintes palavras:—Começará pela cultura *estetica*, como sugestão do sentimento, para vencer a apatia da intelligencia e dar pela fôrma artistica universalidade ás idéas; chegará á cultura *scientifica*, vencendo o escolho da especialidade por um saudavel regimen enciclopedico e tendo sempre em vista o fim social e humano; atingirá, por ultimo, a cultura *filosofica*, como necessidade de uma sintheze em que se apoie a propria existencia e por isso atuando sobre a direcção *politica*. Este magno Programma, distribuido em separata, correcto e acrecido, refrigeraria o animo dos novissimos literatos, que usam teias de aranha no toutiço.

Teófilo soube crear uma irradiante legião de adetos das suas theorias geraes. Isto consubstancia uma profunda transformação no pensar portuguez. Alexandre da Conceição, Reis Damazo, Moniz Barreto, Cecilio Souza, Ramalho Ortigão, Teixeira de Queiroz, Magalhães Lima, Luciano Cordeiro, Joaquim de Vasconcellos, Manuel de Arriaga, Julio de Mattos, Teixeira Bastos, José Sampaio, Antonio Candido, Augusto Coelho, Silva Pinto, José de Souza, Antonio Maria de Freitas, Gomes Leal, Fialho de Almeida, Silva Cordeiro, José Antonio de Freitas, Abel Botelho, Abel Andrade, José Benevides, Faustino Fonseca e muitos outros—despertaram em livros duradoiros ao seu impulso bazico. As maiores glorias literarias da nossa terra, especialmente no que toca aos doutrinarios, derivam do grande movimento iniciado pelo Mestre. Tem bastos discipulos e conscienciosos proseguidores da sua indestrutivel Obra. Os seus contemporaneos rendem-lhe o preito devido. Eça de Queiroz, por exemplo, ao occu-

par-se da Escola de Coimbra, aclara:—Para Teofilo Braga essa luta coimbrã foi essencialmente uma reivindicação do Espirito Critico; para os outros panfletarios, todos literatos ou aliteratados, uma affirmacão de Retorica; para Antero, de todo alheio ao literatismo, um desforço da Consciencia e da Liberdade.—*In memoriam*, pags. 491. Ramalho Ortigão, nas *Flurpas*, accentua que «os seus successivos volumes de prosa abrangem o mais vasto inquerito que em Portugal se tem feito á producção da intelligencia». Oliveira Martins assegura que Teofilo, com a *Visão dos Tempos*, criou uma literatura. Antero, ao criticar a *Historia da Literatura Portuguesa*, accentua que Teofilo renovou o pensamento portuguez. Ad. Coelho, da mesma obra, garante haver sido a introductora do espirito novo. Teixeira Bastos diz que Teofilo é o homem mais extraordinario de Portugal. Rafael de Labra, o eminente publicista espanhol, ao tratar dos escritores portuguezes, levanta-o como a maior das notabilidades do Portugal dos nossos dias. Num banquete presidido por Salmeron, o ex-presidente da Republica Espanhola, Teofilo Braga foi victoriado nestes termos:—*Le plus grand remueur d'idées de Portugal, en ce dernier quart de siècle*. Magalhães Lima declarou que o nome de Teofilo Braga vale um partido e é brazão de um povo. E João de Deus, o divino João, que enastrou *A maior dôr humana*, ao escrever-lhe, principiava sempre:—*Meu querido Mestre*.

E' Teofilo ainda, perante o estrangeiro, o interprete da civilisação lusiada, como se vê por esta passagem:—No anno de 1883 o principe real D. Carlos (hoje rei), em viagem pela Europa, acompanhado do sr. Antonio Augusto de Aguiar, seu preceptor e ex-ministro das obras publicas, perguntando ao dono duma fabrica na Allemanha se conhecia alguns homens importantes de Portugal, este lhe respondeu que apenas Teofilo Braga, pelas suas obras.—*Teofilo Braga*, esboçto de Reis Damaso, pg. 28.

Quem quizer, empós de estudar minudentemente os livros de Teofilo Braga, em todos os compartimentos da sua actividade espirital, verificará como um grande critico, um grande historiador, um grande etnografo, um grande publicista, um grande pedagogo e um grande filosofo, ao qual se tem feito, em todo o mundo, entre retratos, biografias, apreciações, homenagens, etc., mais de duzentas demonstrações de apreço, contadas a bico de penna, victoria esta só alcançada, no Brazil e em Portugal, pelo consagradissimo Camões, então verá, diziamos, que esse assombroso homem igualmente é um—grande poeta. Adrede pondera José Sampaio:—Somente frisaremos, neste lance e a semelhante proposito, que a *Visão dos Tempos* vence a difficuldade em que sossobraram, nas suas tentativas congeneres, tão altos espiritos como Victor Hugo e Leconte de Lisle, isto é, a fragmentação desconnexa dos quadros, que se succedam, mas não se filiem.—Raramente, em toda a Europa culta, se encontraria um homem nas condições de Teofilo Braga, para se abalançar á ingente faina, pois que possui uma imaginação poetica excecional e uma erudição positiva prodigiosa.—André Lefèvre ou Sully-Prudhomme

decerto se lhe não podem comparar.—*A Voz Publica*, de 23 de outubro de 1895, Porto.

A obra teofiliana está-se republicando, toda ella claramente concatenada. Tanto interessa á Luzitania como a Vera-Cruz. E Littré, Gaston Paris, Léo Quesnel, Amador de los Rios, Rafael Labra, Wilhelm Storek, Gubernatis, Curros Enriquez, Maxime Fromont, Elliot, Bjornson, Giner de los Rios, Aubertin, Tebaldo Falcone, Caracido, Altamira, Salmeron, espanhoes, francezes, italianos, inglezes, allemães, escandinavos, norte-americanos, nas suas constantes criticas, provam que o imenso trabalho do Mestre interessa a todo o orbe. Não será exagero, antes um fundamentado asserto, afirmar até que Teofilo Braga, no todo scientifico-filosofico, emendará e firmará definitivamente o incompleto sistema positivista. Suficiente é percorrer as volumosas e alimentadoras laudas, tão cheias de luz e de saber, do prolongado *Sistema de sociologia*.

Alí perpassa o mais rijo sopro filosofico, que nunca se viu em livro algum da Peninsula, desde o catolico Balnes ao nosso incolor De Quental. Citam-se todos os filosofos, da idade aristotelica á de Spenser, o mais moderno dos pensadores que se dedicam á construcção de syntheses. A filosofia dos nossos dias, pendendo mais para o ecletismo do que para um solido agregado, uno e logico, de doutrinas convincentes, insiste em girar ao redor do ser e não ser, torcicolando a verdade e o experimentalismo deste seculo. A conceção de Teofilo confuta esse tropego metafisicismo.

Eis aí o gigante! Que os Novos, de cá e de lá, o compulsem, meditem e venerem. Camões, o bardo pujantissimo da patria, ouviu latidos em vida e teve o panteon na morte. Teofilo, o glorificador da civilisação luzo-brazileca, é invejado e atassalhado hoje, mas será alvinitentemente consagrado amanhã, na vindicadora aclamação devida ao Genio e ao Character. Camões, o grandioso epico, enalteceu as heroidades nataes. Mas Teofilo desenterrou os documentos da nossa fama e radicou-a, relanceou o universo e cantou-o em a *Visão dos Tempos*, a colossal epopéa ciclica da humanidade!

Sintetizam dois extremos—o seculo dezesseis, que foi para nós o de maior grandeza material, e o seculo dezanove, que grava na historia portugueza o acume do avanço mental.

E agora, exposta pela rama a vastissima Obra teofiliana, admire-se o desplante com que o independente Silvio a seguiu, passo a passo, no mais abjecto dos servilismos mentaes, corroído por uma inveja sorna e cuidando que algum dia poderia exercer no Brazil a supremacia intellectual que Teofilo Braga gosa em Portugal ou, melhor, na Peninsula Iberica. Basta uma corredia comparação dos titulos. Procuraremos os volumes de Teofilo correspondentes aos do sr. Silvio, desprezando qualquer sistematisação, cousa que o desmiolado esfaqueia a todo o transe.

De Teofilo, em 1877, *Traços geraes de filosofia positiva*; do sr.

Silvio, em 1878, *A filosofia no Brazil*. E' de notar que os tomos somente nos titulos se assemelham algo. De Teofilo, em 1865, *As teocracias literarias* e em 1868 a *Revista critica de literatura moderna*. Do sr. Silvio, em 1880, *A literatura brasileira e a critica moderna*. De Teofilo, em 1879, as *Soluções positivas da politica portugueza* e em 1881 a *Dissolução do sistema monarchico representativo*. Do sr. Silvio, em 1883, os *Ensaio de critica parlamentar* e em 1893 o *Parlamentarismo e o Presidencialismo na Republica Brasileira*. E' de ver que elle inclue aquelles *Ensaio* na classe de apontamentos para a historia da literatura brasileira, assim como chama, na sua catalogação, *historia nacional à Hist. da Literatura Brasileira!* Teofilo imprimiu em 1870 os *Estudos da idade media* e em 1881 as *Questões de literatura e arte portugueza*, ambos reunião de fragmentos, e o sr. Silvio, de 1884 em diante, tambem deu ao prelo ex-certos nesse genero. De Teofilo, em 1870, *Historia do teatro portuguez*; do sr. Silvio, em 1897, um esboço critico do comediografo Martins Penna. De Teofilo, em 1867, o *Cancioneiro popular* e o *Romanceiro geral* e em 1869 os *Cantos populares do arquipelago açoriano* e a *Floresta de varios romances*; do sr. Silvio, em 1882-83, os *Cantos* e os *Contos populares do Brazil*. De Teofilo, em 1867, a *Historia da poesia popular portugueza*; do sr. Silvio, em 1888, os *Estudos sobre a poesia popular brasileira*. De Teofilo, em 1870, a *Introdução à Historia da Literatura Brasileira*. De Teofilo, em 1870, *Historia da Literatura Portuguesa*; do sr. Silvio, em 1888, *Historia da Literatura Brasileira*. De Teofilo, em 1868, a *Historia do direito portuguez*; do sr. Silvio, em 1898, *Historia do direito nacional* e em 95 *Ensaio de filosofia do direito*. De Teofilo, em 1864, a *Visão dos Tempos*; do sr. Silvio, finalmente, em 1878 e em 1883, os *Ultimos harpejos* e os *Cantos do fim do seculo*,—esses brincos da imaginação, no seu mimoso dizer. Em 1872, nas *Considerações sobre a filosofia da historia literaria portugueza*, Antero de Quental escrevia:—Ninguem, melhor do que o sr. Teofilo Braga, compreendeu a alta significação da nossa poesia popular, que estudou com verdadeiro amor e respeito religioso; e este sentimento do *primitivo* e do *espontaneo* deve-o ao seu ponto de vista *etnologico*.—Pg. 20. Todos percebem que o folklore consubstancia as fontes tradicionais de qualquer literatura. Conhecido isso, veja-se este arrote, na esperteza sa-loia do Silvio, em 87:—Sabe todo o Brazil que ha quasi vinte annos applico-me ao estudo critico da literatura nacional, manejando como base fundamental da minha analise o criterio ethnografico.—Pg. 16. Só lhe esqueceu publicar de onde é que copiou a *base* e o *criterio*. Só!—Que lhes parece o espertalhão?!...

Observa-se nitidamente, chanmente, que todos os volumecos, *todinhos*, do estoura-vergas Silvio foram imitadissimos, na conceção e nos titulos até, das obras, aliás inimitaveis, na sua enfiatura pos-santissima, de Teofilo Braga. O contraste das datas desfará toda e qualquer suspeita. Afóra esse charro plagio de pensamento e orientação nada mais delle brotou do que uma pasquinada no Valentim,

que o achatou com as suas *Notas á margem*, diga-se de passagem, outra nas personalidades respeitabilissimas de Teixeira Mendes e Miguel Lemos e uma historia do Brazil pela biografia dos seus heroes, para uso de meninos. E, quanto á orientação critica de Teofilo, não colhe o raspão leviano do sr. Clovis Bevilaqua, que se norteia muito pela outiva, porque em 1872 abandonou o pujante publicista a metafísica, como já dissemos, *e somente seis annos depois. é que surgiu o primeiro folheto do sr. Silvio Romero*. Os artiguetes que este distribuiu pela imprensa pernambucana em 69 cousa alguma avançam, pois são bussolados pelos principios da Escola de Coimbra, conforme se verifica pelos opusculos em que elle os englobou. Num instante de lucidez caracterizou se correctamente Silvio, ao constatar que—«o phenomeno de cobrir de baldões os antigos mestres é simples, trivial, mil vezes repetido no curso da historia». Mas o nosso consolo é que vozes como a do Silvio não chegam ao ceu. E será um seu patricio, o talentoso jornalista Eduardo Prado, quem ha de retrucar ao salpico que atirou á Escola de Coimbra, denominando-a «esteril e ridiculo movimento». O lazarento recebeu a esmola e cuspiu na mão do benfeitor! O panfletario d'*A illusão americana* traçou bellamente o quadro do desenvolvimento intellectivo portuguez, de 1870 até hoje, na *Revista Moderna*, pgs. 299-300, anno 1.º, 1897. E' um monarchista, e brasileiro, quem faz justiça á tarefa ciclopica de Teofilo Braga, Antero, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, os depositarios das doutrinas que jorraram da criticadissima insurreição coimbrã, talvez sem reflectir em que o grosso da corrente, á qual tudo se deve, se manifesta pelo *naturalismo* na poesia e no romance, pelo *positivismo* na critica e na philosophia e pelo *republicanismo* na politica. Tanto mais insuspeito reverte, portanto. Ouçamo-lo: —«A guerra franco-prussiana e a destruição da hegemonia franceza foram grandes bens para Portugal. E' duro de dizer, mas só os poderosos e os felizes é que são imitados. E' isto verdade entre os individuos e verdade entre os povos. Desprestigiada a França, Portugal não teve a quem imitar e coube-lhe a ventura de ficar reduzido a ser portuguez. Não podia imitar a Inglaterra; não podia amar essa amiga sempre suspeita, porque esta amisade só existe nos tratados de uma alliança desigual. A Inglaterra, demais, succedeu a Portugal no imperio dos mares e da India, esses dois patrimonios colossaes da raça portugueza. Como esquecer esta iniquidade do destino? Tudo é, pois, barreira para a influencia moral, literaria e social da Inglaterra em Portugal. —A Allemanha victoriosa ficava muito longe; com ella não havia relações sociaes e a lingua ignorada, centuplicando a distancia, tornava invencivel o afastamento.—Em toda a Europa houve uma revivescencia intensa de nacionalismo. O cosmopolitismo sonhado desfez-se como os sonhos; a voz de Victor Hugo, já isolada, calouse na morte, já cançada de prègar uma federação de povos, que ninguem mais queria e ninguem mais comprehendia.—Em Portugal houve tambem a renascença do sentimento nacional, precedida, annunciada e preparada antes pela reconstrucção monumental do Portugal

antigo que majestosamente iniciou o extraordinario Herculano e que foi feita, parallelamente, na poesia e no teatro, pelo genio de Garrett. Depois da morte de Garrett, e do silencio de Herculano, estacara o movimento nacionalista, que ficou sem influencia no sentimento da vida diaria. Não saiu essa influencia fóra do circulo da erudição e dos muito letrados.—De 1870 até hoje tudo mudou e, depois do centenario de Camões, o movimento só tem crescido.—O curioso que collecciona medalhas, moedas e gravuras; o fanatico que reune edições dos *Lusiadas* e tudo quanto se refere a Camões; o paleografo que decifra pergaminhos velhos; o colleccionador que ajunta pratos e tijellas da ceramica nacional; o negociante que faz restaurar contadores chapeados ou que falsifica mesas pretas de pés torneados; o poeta que tenta reviver metros arcaicos, buscando ritmos perdidos; o conselheiro que na sua secretaria descobre tapeçarias esquecidas e que confere, em officios, com os seus subordinados, o rol das colechas de damasco; a mulher que imita rendas velhas; o provinciano que discute azulejos; o maniaco que sonha com Van Dicks e Rafaeis perdidos em aldeias ignoradas; o prior revoltado contra a camara que quer vender quadros antigos da igreja; o bispo que faz pastoraes sobre a conservação dos velhos monumentos religiosos e a preservação das alfaias e das pratos, todos, desde o mais humilde até ao militar audacioso que penetra pelos sertões da Africa, a ver o que é possivel salvar do imperio colonial, todos, uns com ingenuidade, outros com talento, todos com amor, e alguns com heroismo, teem feito e estão fazendo obra de verdadeiros patriotas».

E' Teofilo Braga, nos seus pontos cardeaes e democraticos, o fautor dessa renascença, por trabalhar *constantemente*, segundo adverbizou Eça de Queiroz. Do fundo do seu gabinete e da cathedra, na praça publica e no livro, conseguiu operar a estupenda renovação intellectual do seu paiz e, como atraz vimos, do seu inseparavel affin—o Brazil. Ninguem o topa em cenaculos, nem em restaurantes, nem nas purrias dos revolucionarios de café. Não tem *piadas*, nem frases feitas. A sua situação invergavel espanta a bacharellice governista. Symbolisa o Protesto vivo,—é a alma da nação, que aneia pelo remodelamento das instituições. «No dia em que nos cercassem os aplausos unanimes, julgavamo-nos perdidos,—deixariamos de escrever», exclamou um dia,—ha vinte annos, na *Historia do romantismo*. E daí para cá, como até aí, nunca jamais parou, combatendo os idolos literarios, a realcaza, o clericalismo, o militarismo, o financiamismo, tudo enfim quanto aperreia a marcha das idéas modernas em Portugal e a sua emancipação dos desalmados que lhe chupam a seiva, envilecendo-o, desacreditando-o, amollecendo-lhe as fibras.

Antigamente o patriotismo abeberava-se sentimentalmente nos *Lusiadas*, afagando os desanimos dos sinceros e dos bons, ou produzia com Garrett um *Camões*, com Sequeira *A morte de Camões*, com Bontempo um *Requiem*. Hoje é necessario ter consciencia dêsse caro sentimento. E, para a adquirir, nas horas tristes do desterro, defendendo a terra amada com a sua historia positiva na mão, recorreremos

ao verbo encorajador de Teofilo, que sempre nos alentou o espirito e forneceu armas para liquefazer os odios acirrados por filisteus malavindos. Elle ensina-nos a prezar o passado, sem encandeamentos fallazes, e a estimar com verdade a sua continuacão natural, em Portugal e no Brazil, quebrando as settas hervadas que nos jogam ao caminho. Colloca-nos a par dos mais cultos povos, reclamando a respectiva curul para o genio portuguez no congresso das civilisações. Diatriba alguma o estorva: prosegue intemerato a sua senda, certo de que ha de illuminar a trilha de muitas gerações.

«Eis ai a psicologia do genio: uma idéa fixa, que se torna o apoio de uma existencia, através de todas as catastrofes».

5.º—O sr. Araripe e os seus parceiros

Este capitulo, de per si, renderia um volumoso tomo. No Brazil todos são criticos. E todos os criticos, instinctivamente, atacam Portugal e os portuguezes. Por este sobrio motivo ninguem os lê,—as suas vozes não teem eco na massa popular. Por esta razão ainda é que o lector, ao apresentarem-lhe volumes brasileiros, torce-se em caretas,—supondo que é alguma desconponenda na madrasta e negreda da metropole. Pois se é o que a maioria dos escritores lhe serve, em verso e em prosa... Já teve senso uma vez o sr. Silvio, ao exclamar: —Nota-se até o singular fenomeno de querer exercer a critica todo o que sente um prurido qualquer de escrever para o publico. Se a cousa continuar assim, chegaremos á posiçãõ anomala de uma literatura sem producção belletristica, uma literatura só de criticos e uma critica pneumatica, exercendo-se no vacuo. Ha de ser muito interessante...—*Novos estudos de literatura contemporanea*, pgs. 122-23. E assim é que vemos e admiramos,—tangendo monotonamente o badalo dos mesmos campanarios, immunes de uma literatura forte, original e pletorica que a justifique—, empunhando o tacape da critica e da historia literaria os srs. Araripe, junior, José Verissimo, Joaquim Nabuco, Raul Pompéa, Medeiros Albuquerque, Clovis Bevilacqua, Artur Orlando, João Ribeiro, Oliveira Lima, Mucio Teixeira, Rodrigo Octavio, Valentim Magalhães, além do eviterno sr. Silvio Romero. E no entanto a historia literaria do Brazil está por fazer, como está incubada a veridica e filosofica historia social, a investigacão etnografica, a historia linguistica e a filologica, a critica pedagogica, a historia economica e financeira, a da evoluçãõ politica, a das bellas artes, etc. A historia literaria, relevando mesmo todos os seus desatinos, nem sequer editorou integralmente o *grande e genial* Gregorio de Mattos, não possui edições criticas de Gonçalves Dias, Fagundes Varella, José de Alencar e Franklin Tavora, não conta um estudo relativo a Varnhagen, João Lisboa e Meilo Moraes, pae,—nada, absolutamente nada enumera de contavel. Os srs. criticos melhor andariam em criar uma poesia san, um romance experimental, um teatro frequentavel, um folk-lore geral, uma historia social suggestiva e verdadeira. E, se teimam á força em ser criticos literarios,

componham primeiramente uma bibliografia certa, não como a defeituosíssima e jacobina do sr. Sacramento Blake, lancem no mercado edições comentadas dos obreiros notáveis e depois, sem nativismos tolos, estreitos e mirrantes, sigam a esteira dos Brandès, dos Hennequins, dos Pellissiers, dos Teofilos. Só por este modo conseguireis ser escutados e auferir o prestigio indispensavel á missão que vos propondes. Enquanto o senso commum vos fôr adverso os criticados gargalharão de vós e o vosso trabalho será inteiramente nullo, senão nocivo, atrazador.

Dissemos, e reiteramos, que só este capitulo dava um livro. A rapidez jornalística com que escrevemos, aliás explicavel e desculpavel, não nos offerece, contudo, ensanchas para espraiações. Mais tarde, se a febre nós não tragar nestes mezes mais proximos, imprimiremos á materia recolhida nestas paginas, como num caderno de notas, o desenvolvimento que o melindroso assunto comporta. Cremos desta maneira ser uteis ao Brazil, que tem sido ludibriado pelos seus mentores, e a Portugal, que se guia por elles na apreciação do paiz, ou se deixa adormecer sobre preconceitos irrisorios. Nem esses criticantes representam a opinião pensante e pagante brasileira, de cuja communhão vivem completamente sequestrados, nem Camillo, Silva Pinto, Ramalho Ortigão, Lino da Assunção, José Sampaio, João Chagas, Gaspar da Silva, Mariano Pina, Joaquim Leitão e outros—teem siso cabal nos seus assedios ou nas suas bajulações. Urge acabar com este desconhecimento reciproco dos dois paizes, analisando os portavozes de lá e de cá.

Vamos agora aos de cá, contentando-nos em passar pela feira os mais evidentes,— os srs. Araripe, junior, José Verissimo, Clovis Benvilaqua, Joaquim Nabuco, Artur Orlando e João Ribeiro. Poremos de lado os srs. Medeiros Albuquerque, que nunca recolheu em livro os seus fugidios folhetins, Valentim Magalhães, que tem parvoejado em todas as direcções, mau grado os seus razoaveis *Escriptores e escritos*, Mucio Teixeira, que nos *Poetas do Brazil* seguiu os pareceres dos espiritas conhecidos, Raul Pompéa, o aprimorado estilista, que nos fez a fineza de cultivar sempre, inexcedivelmente, a belleza e correcção do idioma, no seu insultuosissimo prefacio das *Festas nacionaes*, pelos proprios Araripes condemnado, e Oliveira Lima, o autor do magnifico livro *Nos Estados-Unidos*, que tambem redigiu o melhor, inda que anti-luso, volume de critica a respeito dos escriptores do periodo inicial veracruzense—*Aspectos da literatura colonial*, obra que não encontramos, neste momento, em parte alguma no Brazil, nem nas livrarias, nem nas bibliotecas!

Encetemos a jornada pelo sr. Araripe, junior, cuja pira de critico se edificou com uma brochura de 32 paginas sobre Tomaz Antonio Gonzaga—*Dirceu*—, um volumeto sobre Gregorio de Mattos, outro acerca de Jo é de Alencar e ainda um em que reuniu umas croniquetas concernentes a—*O movimento da literatura brasileira em 1893*. Esqueceu-se apenas de imprimir em separado as descomposturas dos *Lucros e perdas* e o a-pedido vibrado contra João de Deus. E' tido e

havido como um critico non-plus-ultra, decerto por nunca o terem soletrado, porque raro se encontrará tanta curteza de vistas, não obstante uma ou outra lauda assizada, superior a tudo quanto ha espirrado o sr. Silvio.

Principiemos pela monografia *Gregorio de Mattos*. Na *Prevenção*, que nos faz effectivamente ficar de pulga na orelha, avisa-nos o incéfavel:—Lendo-se este ensaio ver-se-á que ha 300 annos houve no Brazil quem tivesse a coragem de ser nacionalista. Gregorio fez-se nativista sem o saber. Note o leitor em que clave começa isto: o sr. Araripe vae provar-nos que Gregorio era, ha tres seculos, um ardentissimo inimigo da gallegada! Mas, antes de proseguir, arquivem estes dizeres de Camillo:—Tomaz Pinto Brandão era o coronal, o pontifice dos poetas biltres do seculo XVIII. Nascceu no Porto, floresceu em Lisboa e apodreceu em 1743, não sei onde. Rivalisou com o brasileiro Gregorio de Mattos, no calão de bordel.—*Cancioneiro alegre*, tomo I, pg. 129. E, se Camillo lhes fôr suspeito, leiam o sr. José Verissimo:—A sua satira não tem em geral elevação, o seu gosto é trivial, o seu espirito é chulo, a sua versificação deselegante. Genio baixo, influenciado pela plebe. E' admirado sem ser conhecido, como succede com Laurindo Rabello.—*Estudos Brasileiros*, 2.^a serie, pg. 232 e seguintes.

Adiante.

Em seguida o sr. Araripe delicia-nos com uns traços autobiograficos. E' critico desde 1878, arrimado a Spencer e Taine. «O proprio pessimismo e os seus variadissimos dialectos literarios vão-me ensinando a discernir melhor as cousas humanas e a dirigir o espirito, pondo de lado o que é fortuito».—Pg. VI. E' o caso:—bem o prega frei Tomaz... Continúa a *aprender muito* com Aristoteles, Longino, Horacio e *principalmente Quintiliano*, e Lessing. Com taes mulletas e a alegria rabelaiseana tem avançado. Graças a ella—à dita alegria pantagruelica—conseguiu illuminar o vulto de Gregorio. «Dar-me-ei por bem pago do trabalho, se não fôr considerado importuno». Ora essa, por quem é! Um homem assim, tão alegre, tão rabelaiseano, tão cheio de Quintiliano, nunca será o que se chama um genuino cacete! Antes pelo contrario... Sê benvindo, Araripe, e apropinqua-te dos tristes!

Acha que é erro comparar Gregorio a Rabelais. Prefere a comparação ao Aretino. Também nós,—que isto de contrariar um paudego tão divertido é de mau gosto! Gregorio pensava reagir contra o meio, quando apenas o traduzia, pensava moralisar, quando apenas se enlameava. Gregorio é o satirico mais acabado, o genio ferocissimo da relaxação mais accentuado que já produziu a natureza. Para tudo isto, contudo, foi preciso que um portuguez atravessasse o Atlantico e tivesse filhos,—Pg. 2. De sorte que o facto de ser-se relaxado já é um merito, no entender do rabelaiseano moralista. E aquella compaixão por Gregorio ser filho de portuguez, quando muito bem poderia ter sido parido pelo sr. Calabar... Pobres patricios duma figa! Não, não fazei mais filhos, ó descendentes dos prolificos Affonso Hen-

riques e João I! Não, maganões! Ouçam as lastimas do sr. Araripe e secundem o *Bom Crioulo* ou o *Barão de Lavos*!...

Foi formado em direito pela universidade de Coimbra, «apezar de ter nascido no Brazil». Pasmem do sonho deste bacharel—queria que Cabral tivesse trazido na algibeira, quentinha, uma universidade, para ser plantada em Porto Seguro com os degredados. O' bacharellice—a quanto obrigas!... Inda que, segundo penetrantes alfarrabistas, já antes da visita cabralea passeava em Cananêa o *bacharel* João Ramalho... Talvez descendam dêsse galho os Araripes que por ai pullulam.

«Gregorio deu o livro mais curioso que já saiu da penna humana». Somente ha a objectar que ninguem viu, em tempo algum, tamanha curiosidade. Pendemos a acreditar que o sr. Araripe foi iniciado pelo sr. Medeiros Albuquerque nas sciencias occultas... Da satira fornece-nos o folgazão esta definição:—A satira é a malignidade traduzida em estilo poetico.—4. De fôrma que Cervantes, Rabelais, Boccacio, Francisco Manuel de Mello e tantos outros não foram satiricos, pois só fizeram prosa. «Ha satiricos organicos e não organicos. Juvenal, por ex., não se purgou bastante». Em prol de Juvenal ha talvez a allegar que na sua epoca ainda não vicejava o oleo de manona. Hipocrates, com todo o seu saber, olvidara esta panacêa elementarissima—o purgante para satiricos, como hoje medra a alfavaça para tísicos, o elixir para os callos e a pomada para matar ratos. Juvenal resta, á luz deste criterio, um satirico em petição de oleo de ricino. «Aristoteles, Diogenes e... Gregorio são os verdadeiros satiricos».—6. Acrescenta que poderia dizer-nos muita cousa boa sobre humoristas, comicos, ironistas, etc. Mas a Allemanha é adversaria da França e então não vale a pena.—7. Ora ai está o que nos preceitos de Quintiliano já se reconhecia constituir um legitimo argumento de levar coiro e cabelo!

O padre Antonio Vieira, que o sr. Araripe compara, com certo chiste, aos viventes Lafaiete R. Pereira e Ferreira Vianna, julga o sr. Junior que tinha inveja de Gregorio e que era uma barretada este dictionario--«mais produzem as satiras do poeta do que os meus sermões». O sr. Araripe foi inintelligente na interptração--e tolinho nas suposições. Em toda a parte, e em todas as eras, os vates, mesmo que sejam Reis da Madureza, foram sempre muito mais ouvidos do que os padres. Corriqueiro--isto!--Um notabilissimo, canalha, eis o que Gregorio era, conforme assevera o sr. Araripe. Quando as velhas da Bahia lhe chamavam *Boca do inferno* o poeta *confringia* o rosto num rictus damnado, como Dante em Ravena.--10. Simplesmente delicioso!

A esposa de Gregorio saiu um bello dia de casa, fugiu. Pergunta Araripe:--Que pensam que fez o *Boca*? Não se houve pelos autos. Teve raiva e disse que a trouxessem amarrada. Capitula a pilheria de *capricho nefando*. Bocage, se se tivesse consorciado, por certo não contaria na sua vida anedotas destas. E é de frisar que, entre Gregorio e Bocage, só pode fazer-se o cotejo do setimo volume ho-

cagiano. Noutra passagem certifica-nos de que á boca de Gregorio vinham *volvos excrementicios*. Então não pode chamar-se-lhe positivamente *Boca do inferno*. Mude-se a alcunha para *Boca de m....*. E ademais, *bon gré, mal gré*, era a--*satira personificada*.

No capítulo III desvenda-nos as brejeirices do poeta em Coimbra e em Lisboa. Araripe descobre o tremendissimo talento a *fazer estouro* em Coimbra, de azorrague contra gregos e troianos. Tudo tinha medo. Lembra a historia de crianças a rirem-se de sapos. «E' bem provavel que o caso fosse o mesmo em Gregorio». Os coimbrões eram as crianças e Mattos o sapo! O heroe exornava-se com uma «brejeirice nativa, por cau a do calor tropical». Gregorio passa após a dissecar Lisboa, a tecer a psicologia dos *detestaveis avoengos*. Era um originalão--o nosso homem. «Causava muito riso ás visinhas, quando punha os olhos sobre o cavalleto do nariz». Parece de historia da carochinha, mas não é. Pertence ao estudo encravadissimo do eminente Araripe, pg. 19.

Lástima do sabio:--Que bellas cousas nos diria Gregorio de Affonso VI... se as tivesse escrito! Lástima deste vosso criado:--Que lindas poesias nos teria legado o sobredito, se fosse poeta,--e que precioso obsequio deveriamos ao sr. Araripe, se houvesse ficado silencioso, no canto da sua secretaria ou tratando da senhora e dos pequenos!

Gregorio ainda estava em Lisboa, mas já nelle se percebia--á legua!--a musa do meio brasileiro. O *Marinicolas*, um partosinho desenhado, acha-o acima do setimo volume citado. Os seus intuitos vão muito mais alto, garante Araripe, o qual decifrou, com uma penetração divina, que a bilis descarregada contra o garoto Conti era a que Gregorio concentrava contra Portugal. Espiritista até ali! O poeta, o *notabilissimo canalha*, devia estar desgostoso com os escandalos da côrte. A' qual côrte o Catão das mulatas, em vingança, esmolava um empregosinho! Estaes vendo o genero deste criticante--é o offenbaquiano. Por essa ladeira vae escorregando.--A sensação que Gregorio produzia em toda a parte era a mesma que o deus silvano produzia nos pastores da Arcadia.--25. E' o cumulo da reportagem, através dos seculos--e da mitologia! «Hoje chama-lo-ia de bilontra. Seguramente por isto não casou enquanto moço. Portugal não tinha os encantos da Bahia». Seguramente.. Notae o familiar e ameno discorrer--o que poderia ter feito, as indignações que devia ter e contra quem, os motivos por que não se matrimoniou menino e moço, etc. Estamos ao serão, em paz, numa doce cavaqueira. Escutae attentos, que a historia é admiravel. Ha poetas, ha moças... «O lirismo do poeta (o critico entende por lirismo o namorico em verso) era difficil em Portugal. E ai teem o maior desgosto do bahiano. Gregorio parece que nunca topou gallegas (este mimo é para as mulheres portuguezas) que verdadeiramente o agradassem, a não serem freiras».--27. Em outro hemisferio devia elle encontrar o verdadeiro tipo da mulher. Atirou a Lisboa um adeus de mão fechada e, arrancando o chavelho de fauno aborrecido, arremeçou-o ás plagas de Ca-

mões, para que os seus patricios o roessem, em sua memoria, eternamente.—28. Este quadrupede já não se contenta com injuriar os homens. Quer mordiscar tambem os tornozellos das filhas de Portugal. A gente sensata, de cá e de lá, que veja em que mãos estão as chaves da critica brazileira. Roem-na este e quejandos camondon-gos!

«Gregorio um dia arrumou nas malas o genio que o diabo lhe legara em testamento. O poeta não se lembrou de contar a viagem para o Brazil, mas pode-se imaginar o seu azedume. Isto *deria ter sido* motivo de satiras candentes contra os causadores de tamanhos dissabores. (Os quaes causadores, os paes, melhor andariam em have-lo internado nas mattas, de tanga, porque nos evitariam o espectáculo destas sandices criticueiras). E' provavel que o enjão lhe tirasse a *verve*». Continuamos a alegrar-nos com o rabelaiseano, o qual de cousa alguma se deseuidou—nem das candentes satiras, nem dos dissabores duma passeata em galera, nem do enjão. E' uma biblia de previsões, uma ama secca de carinhos,—este arara!

«Pisar nas areias da sua terra foi o mesmo que libertar-se, desintoxicar-se e restituir a si o genio perdido em Portugal». Cumprenos advertir o alviçareiro de que, até este anno da graça de Cristo, ainda ninguem achou por lá o supracitado *genio perdido*. E cá, se alguém o lobrigou, esse alguém foi o sr. Araripe. Mas, talvez por precaução louvavel, escondeu-o ou guarda-o em redoma!—Gregorio, «o maior poeta satirico das Americas», voltou á Bahia com 56 annos, tendo vivido trinta e cinco em Portugal. Quanto a essa de maior—nós optamos ali pelo padre Corrêa de Almeida, de Barbacena. Não falamos de outros brazileiros e muito menos do resto—das Americas.—Nesta altura aventa-se que o padre Vieira, «o mais passalhão de quantos quizeram ser politicos nos Brazis», é credor ao Brazil da sua intellectualidade. Não o apoucaria isso um centavo. Mas acaso o celebrado *folhetinista* foi educado e instruido por mestres brazileiros?!... Como é que Gregorio, vivendo 35 annos em Portugal, se conserva brazileiro, e Vieira, residindo no Brazil, perde em absoluto a sua qualidade de portuguez, lidando em constante convivio com viajores da metropole e viajando, elle proprio, continuamente, em todo o reino e nas outras nações da Europa?... E' a repetição das hipoteses de Gonzaga e de Antonio José da Silva. Proprio de ociosos.

Os versos de Gregorio são «versos quentes e cantaridinos, que todos os amadores das boas letras devem conhecer».—31. Antigamente receitava-se esta droga aos velhos—e em segredo. Mas agora um dos mestres da critica brazileira, segundo os taes que nunca o lêram, aconselha publicamente cantaridas aos amadores das boas letras! Pela parte que nos toca—agradecemos o conselho. Não precisamos, por ora. E, quando carecermos desse excitante, pediremos socorro ás *Amorosas e Afrosidiacas*, de Alfredo Gallis, que por sinal usa o pseudonimo de *Rabelais*, tão do gasto do nosso risinho conse-

lheiro. Obrigado, Araripe, obrigado! Sirva-se da tisana. Você parece estar precisadinho de cantaridas, mas é na cachola!

«A vida antipatica de Lisboa foi trocada pelas delicias da Bahia, a nova Cithera, ninho de amores». A natureza bahiana é para Araripe uma bebedeira tropical. A vegetação tem resinas afrodisiacas. O portu-guez, se não viesse a negra, nunca mais sairia da rede, devido às tupinambás, que tem o goso dos batraquios. A mina influu sobre o gallego e vacinou a familia brasileira.—35. A familia referida que agradeça ao fauno Araripe essas amabilidades—e a Bahia em particular! Que ninho de amores! Nem o *Paraiso* ou a *Toca*!...

A natureza morta não tinha ação sobre os nervos de Gregorio, quando um pouco atraz era a paisagem que o embriagava. Não tem um só verso que traduza o bucolismo da vida brasileira daquelles miraculosos tempos. Isto seria «requerer a morte». Não se adivinha a razão deste requerimento, mas acredita-se que o requerente morresse, se caisse em requerer bucolismos. O ser requerido para um asilo—é que você está requerendo! «Casado em avançada idade, talvez para arranjar-se, mas por ultimo repellido unanimemente e inutilizado, tanto em annos como em honorabilidade», passava tocando viola nos engenhos e cantando poesias obscenas. Degenerou em satiro do mulatame.—42. Satiro do mulatame, satirico das Americas .. Muito parecido, como se diz na *Capital Federal*! Mau marido e pessimo cidadão, conforme atesta o sr. Araripe. Foi nesta epoca que a musa do poeta se apurou e produziu as melhores satiras da nossa litteratura tropical.—42.

Este *velho desmoralizado, erotico safardana*, era orgulhoso — de um orgulho muito natural em quem tantos gabos merecera dos melhores poetas de Portugal.—47. Então valem ou não valem os elogios da gallegada?! E onde param esses encomios?! Honradissimo no que cheirava a dinheiro, (porque nunca o avesava) e muito cheio de lacunas no moral. Moralista truncado. Cabeçudo. E é um litterato desta ordem que os honrados srs. Silvio e Araripe porfiam em rehabilitar...

Crê piamente o sr. Arara que, se Gregorio o tentasse, teria sido um *rival temivel* dos melhores tratadistas no seculo anterior e no seu.—53. E nos seculos futuros, acrescentaremos nós. O diabo foi o não permitir a conhecida modestia do profundo juriconsulto, contra os seus desejos e o dos seus numerosos parentes e amigos, que elle fosse um temivel rival dos maiores tratadistas! Foi pena, realmente, que Gregorio desprezasse tão bonita posição—essa de temivel rival de tratadistas!... Satisfize-lo a de incomparavel emulo de tratantes... Muito parecido, tambem!

Gregorio, repudiado pelos padres, pelos rabulas e pelo governador, foi assaltado pelo *grande pensamento* de se meter com os maganos de Portugal. O poeta enrufecia-se por ver prosperar os colonos, esses alarves, reinos chapados.—62. Ora seria muito melhor que a furia de Gregorio, perfilhada pelo amanuense Araripe, que nada produziu até hoje de util para a sua patria, se convertesse

nesta singela cousa—em trabalho. A furia do cantador contra as prosperidades dos colonos é igual á dos jacobinos da actualidade, os quaes, impotentes para o trabalho honesto, entendem que se devem revoltar contra quem moureja ininterruptamente, na luta pela vida, afim de sustentar os mangas de alpaca que os insultam. A victoria coube sempre, em todos os paizes, aos que labutam e não á vadiagem das letras e tretas.—Intercala aqui que Calabar só premeditou ser contra os portuguezês. Isto veio decerto nas disposições testamentarias do indio revel, com destino reservado ao sr. Araripe. E mais abaixo:—A sua chamada traição ia, com effeito, fazendo o malogro da nação colosso.—35. Se tal acontecesse, se não houvessem cortado a cabeça ao vulgar desertor—o sr. Araripe e os parceiros berrariam que os gallegos eram os culpados unicos do desmembramento. Santo criterio—o destes parvinhos, que tomam a historia literaria e a social do seu paiz por um alegre devaneio!

«Mefistofeles não teria rido tanto como Gregorio do padre Damasco. Qual, seu Araripe,—nem a terça parte! Descance, porque o nosso Gregorio, para salvação das batatas e das almas, riu muito mais do que Mefistofeles! Ora se ria... Parece que o estamos vendo—ah, ah, ah!.. Foi um «politico abstracto. Em concreto nunca chegou a ter comprehensão nitida das cousas». --71. Tal, qual vossoria, no concreto da critica literaria e do resto. «Em geral faziam pouco caso das suas *apollineas* aggressões os agredidos. Não intervinha na politica local de modo serio. Que importava a Souza Menezes que um *velho tonto* lhe emprestasse o sordido desejo de enriquecer?--73. Nem sempre foi hostil á adulação. Viveu a apellar para o outro lado do Atlantico e não era adverso á realza.--75.

Sente do imo da alma que Gregorio não tivesse um Montaigne para lhe dar conselhos. Boa alma--a deste Accacio da critica. Até aqui sabiamos que a idade dos conselhos acabava com a puberdade. Mas agora vemos que se prolonga até aos 61 annos, quando se trata do maiores satiricos das Americas. Pois este Gregorio, que carecia de bridão, fez ao governador Camara a satira mais estrepitosa, *pelas cocegas ao riso*, que até hoje se tem escrito em portuguez.—79. Não conhecemos semelhante primor, como aliás ninguem conhece. Mas cremos que seja o melhor pedacinho da lingua, quanto ás cocegas. Para alcançar tal resultado, no entanto, não necessitava o sr. Araripe do Gregorio: bastava-lhe dar um passeio á rua do Senado, onde ha fabrica das sobreditas cocegas. São superiores ás do immortalizador do *Marincolas*, porque fazem rir, chorar... e *muchas cosas mas*. Que o coceguento critico experimente!

O austero satirico era um parasita, na opinião do seu panegirista. Vivia á ufa no Reconcavo, onde nutriam os seus vicios senis de poeta relaxado, sempre no dizer do sr. Araripe. Uma successão de notas, por egual picarescas:—E' pena que o poeta não nos dissesse as idéas que aventavam as suas visitas, os seus confrades. Apenas se sabe que elle se aborrecia por lho pedirem glosas. Ha lacuna sobre as suas relações de ordem literaria. Quando Vieira completava e polia

as suas obras—Gregorio servia-se do alcoviteiro Moçorongo. Idiota. Odio ás mulatas que se casavam. Lirismo acevandijado.—86 a 96. Espirito desassizado. Advogado das mulatas. Velho erapuloso.—«Parece que em Angola, quando lá esteve deportado, não houve tempo para o poeta entrar em luta com a *canalha infernal* (são os portuguezes). Em Loanda, para valer a uma revolta de soldados, retirou-se a remexer uns papeis e depois appareceu-lhes de viola em punho. Já doutra vez tinha advogado uma causa com gai'a de foles. Segredos de temivel rival dos grandes tratadistas! Bello *provará*, sublinha o sr. Araripe, estarrecido com a gracinha. Quando regressou da Africa Occidental, para Pernambuco, saboreou na garridente Veneza brasileira uma *vida gostosa*, na expressão arara.

Zanga-se por arguirem Gregorio de não possuir elevação. O autor do *Marinicolas* deu o mais que um homem nas suas condições podia dar.—105. Somente ha uma differença—é que Gregorio não deu cousa alguma á sua terra ou quasi nada. Era elle talvez o unico espirito culto que se exprimia em portuguez, no seculo XVII, sob a suggestão dos costumes e da musa popular.—105. O sr. Araripe—ou é ignorante ou escreve constantemente de má fé. Neste ponto resalta mais insciencia do que chauvinismo, todavia. Leu já as obras de Francisco Manuel de Mello? Já ouviu falar nas Cartas de Soror Mariana, a freira portugueza? Destrinçou mesmo os volumes de Rodrigues Lobo e os sermões de Vieira? O culteranismo do seculo alludido não apagou todo o sentimento da espontaneidade. Frei Luiz de Souza e Manuel Bernardes foram apeados. A hipocrisia literaria e politica não era total. Gongora não avassalou tudo e todos, como affirmam as mais recentes pesquizas. E é de accentuar, ainda, mais uma vez, que a influencia de Gregorio, «difficil de documentar», foi chocha, mesmo na pornografia. Não ha vestigios alguns seus, convindo lembrar que ao presente apenas se acha impresso um pouco divulgado tomo das suas *Obras poeticas*.—Sobrava-lhe liberdade para maldizer. Detestava Portugal, a Bahia não prestava. (A qual Bahia, momentos atrás, era uma delicia, um encanto, uma Cithera!). Só muito tarde reconheceu que era nescio. (Mais vale tarde que nunca). Juvenal, Rabelais, Lafontaine cantaram e corrigiram a sociedade do seu tempo. Gregorio, que não se parecia com nenhum delles, nem ao menos chegava a ser Gil Vicente.—108. Começa agora a refutar tudo quanto adiantou. E' da escola do Silvio. Fez a literatura da chalaça, *que elevou á altura de genio*.—108.

Depois, de relance, chimpa nos maranhenses esta—*maranhotos*. Descortina nuns versinhos sobre os gatos uma allusão ao parlamentarismo e cognomina-a uma *antecipação genial*. Os portuguezes são uns grandissimos velhaços. E' incontestavel, respira o sr. Araripe, que o Gregorio foi a mentalidade mais alevantada do seu tempo no Brazil. O unico vulto que se lhe avantajou foi Vieira. Brasileiro por educação (quem sabe se Gregorio o não ensinou a tocar viola e a conquistar caboelas!?!) assimilou muita cousa, mas o cultismo perverteu-o. Gregorio, logo que enxergou mulatas, abandonou tudo.

Abençoado e grande Romeu ! Vieira fizera-se um brasileiro dos quatro costados. Seria para substituir aquelle patriota ?—Mostrou o colorido da vida tropical. E em seguida:—O sentimento do pinturesco foi-lhe escasso, no que toca á grandeza regional.

Não se deve negar a Gregorio de Mattos, alisa o sr. Araripe, a paternidade do lirismo que degenerou em licença. Que honraria ! *E' o Homero do lundu*. E o padre Marinho foi o Petrarca do violão. Assim como o sr. Araripe é o Taine do maxixe. Vai tudo na *corrente gregoriana*. Olhe o naufragio, *seu* arraes ! Adrede vem uma sentença do erudito sobre o lirismo nacional:—O lirismo brasileiro é uma enfermidade como a febre amarella.—78. Os srs. Olavo Bilac e Guimarães Passos, os mais unidos liricos em voga, que lhe enviem o seu cartão de epidemicos ! Nenhum representou tão originalmente o genio do Brazil intelligente como Gregorio.—127.

O sr. Araripe, de cambalhada com Baptista Caetano, que preferiu razoaveis calinadas sobre as modificações da lingua lusiada no Brazil, a par de observações acertadas, regosija-se com as—liberdades lexicologicas no idioma portuguez, que representam uma ameaça flagrante de transforma-lo em lingua brasileira. Os seus barbarismos e solecismos tem o encanto dos escriptores da decadencia romana—Petronio e Apuleu.—127. Faça o favor de emendar decadencia romana para—decadencia da grammatica. Porque, enquanto forem lidos no Brazil o sr. Machado de Assis, seu amigo intimo, e Raul Pompéa, seu intimo correligionario, a correção da syntaxe ha de protestar contra o seu reforcido estiloso, espremidinho, lambido pelo classicismo, á semelhança do dos seus irmãos em armas, que ainda ressonnam sobre o Lucena e as reformas alencarianas, em vez de lerem Gonçalves Dias e João Lisboa, pelo menos ! Não se assuste, pois. Linguas não se inventam. E os *sordidos unhatés*, se outra riqueza não zelassem, ufanar-se-iam de ter criado Eça de Queiroz—um dos maiores feitores da expressão verbal humana ! Caminhe o sr. Araripe para o abismo dos inuteis, distribuindo apodos contra os bahianos, «que medraram no regaço macio e acariciador da negra, um tanto inconsistentes e algumas vezes teatraes», contra os *maranhotos* e contra os *gallegos*. despique-se do sr. Silvio, official do mesmo officio. apregoando que «Varnhagen é o pae de todas as idéas sugestivas que hoje circulam na historia da literatura brasileira», quando o referido Silvio assegura que elle é que é o verdadeiro pae, avô e quiçá tio da nova geração—e passe por lá muito bem, amai-lo o seu Gregorio de Mattos, o qual, se agora resuscitasse, se havia de rir imenso de vosmecê, por lhe ter imputado tantas cousas calitas, em que elle nunca sonhou—por honra sua !

Passemos ao *perfil* respeitante a José de Alencar, que o sr. Araripe nos repete a todo o instante haver sido escripto em 1879. Em 1894 reeditou o voluminho, *ipsis verbis*. Por onde se infirma que o sabio, em quinze annos, não fez o menor progresso. Como isto é triste,

quando se conhece que Teofilo, por ex., publicou tres edições da *Introdução e Teoria da Historia da Literatura Portugueza*—e todas ellas radicalmente reescritas! E como entristece ainda mais o inteirarmo-nos de que, té á hora presente, Alencar não conta uma edição critica das suas obras, nem um estudo bi-bibliografico minuciosissimo, do qual é por demais merecedor! E nós é que somos os hostis ao Brazil e elles é que são os amantes da sua patria...

Confessa Araripe que, passados 14 annos sobre a primeira impressão do seu trabalho, «as suas idéas estão muito modificadas, mas prefere que a cousa vá como saiu, corrigindo um ou outro defeito de linguagem». Quer que esse volume seja «o documento de uma época na sua carreira». O sr. Araripe ouviu Taine falar nisto de marcos na vida litteraria, mas não percebeu. Esses documentos da evolução dum escritor referem-se exclusivamente á parte belletristica, ao todo estetico, sr. eminente critico! As obras de sciencia transformam-se todos os dias, porque a sêde de saber avança diariamente. E os scienistas ou os philosophos, se prezam a sua tarefa, teem por obrigação re-fundir as suas perquirições, dès que não estejam de acordo com o criterio moderno e o cerebro do critico, do historiador ou do pensador haja assimilado esses aperfeiçoamentos. Por isso é que Max-Muller proclamava:—é raro eu aprovar sem reserva o que annos antes escrevi. Era um espirito progressivo. O sr. Araripe pretendeu incluir-se nessa categoria, imaginando que o salvava o avisar-nos de que em 15 annos se esclareceu o seu pensar. Estirou-se na rede em seguida e deixou correr o marfim... E' da irmandade do não-te-rales. Benaventurado critico!

Não se propoz redigir a vida de Alencar e sim um *perfil litterario*. Modestia, porque logo a seguir veem uns traços biograficos do autor da legendaria *Iracema*. Persiste em que não passa de um apologistas, porque ainda não pode ser rigoroso. O rigor só se obtem com o tempo.—Pg. XII. Quando chegará esse tempo, feliz ou infeliz? Por que espera o sr. Araripe, que apenas presenteou a sua terra, em 50 e tantos annos de existencia, com uns romancetos pifios, uns contos rococós, e tres magrissimos livros de critica?!...

Viu o romancista do *Guarani*, pela vez primeira, em 1850. Muito interessante! Estava com os seus onze annos, com impressões fortes, violentas, idade de poesia.—Pg. 1. Commovedor, como vêdes. Ficou abalado pelo olhar! Considera esta data como um acontecimento na sua vida, porque julgava que Alencar não roçasse a terra com os pés. Com que havia de ser então—com as mãos?!... Isto é que lhe apontou o futuro. Vejam que precocidade, que *enfant prodige*... Aos 11 annos já se profetisava o genio do *Ninho do berja-flôr*! E após pergunta-nos se acaso lhe veiu em boa hora a idéa de fazer livros. Resposta dêste vosso humilde servo:—Não, senhor. Antes houvesse por bem fabricar prestantes colheres. Já nesse tempo risonho, «idade de poesia», elle interrogava na aula, ao aprender o b-a bá,—que fazia Alencar, o seu modo de pensar, o metodo por que escrevia. A sua alma estava toda saturada de alencarismo. A infancia é cera,

dissera o adoravel fantasista. Mas Araripe discordava:—a infancia é Taine—e «quer orvalho e sol tepido».

Participa-nos que Alencar encetou a sua luzente carreira pela charada. Ouse quem se achar com coragem explicar a vocação de Alencar.—15. Elle, Araripe, não cae nessa! Nestas cousas é filosofo, —porque no seu raciocinar a philosophia consiste na despreoccupação dos problemas humanos e sociaes.—29. Talvez por causa desta sua especial philosophia é que lobrigou em Domingos Magalhães um *primoroso poeta*.—31. Configura-se nos que, neste juizo de critico, o sr. Araripe recita pela cartilha do mais que mediocre epico da *Confederação dos tamoiós*.

Attesta que o *Guarani* é bebido no *Ivanhoé*.—47. Apresenta egualmente *A Florida*, de Mary, como identica e anterior. E comenta:—E' por tudo isto que quem começa a ler *O guarani* sente um indizivel alargamento na alma. Parece chuchadeira, mas não é. O sr. Araripe é inimigo da ironia—e de mau sestro seria o emprega-la num tal episodio.—Desfia transcrições ou resumos dos volumes de Alencar. De critica *niente*. Por este motivo prosegue-se a leitura com um relativo agrado. Prova que o teatro de Alencar é todo falso, como os seus romances. Nisto foi um Mendes Leal. Hoje, que as lianas, com a acção do tempo, se teem desprendido, o critico só enxeriga o que é solido e real, e tudo quanto momentaneamente o autor obteve por artificios fica de lado.—73. Alencar era apenas um engenhoso impressionista.—74. Fôra, entretanto, para desejar que a essas titilações da penna do redactor do *Diario* se houvesse reunido um conhecimento pratico e real das cousas do paiz.—74-5. O sonho do sr. Araripe, o seu amor de macaca, condigna parrelha do do sr. Silvio, vae-se esbarrondando ..

Alencar fôra fadado para as altas posições, nas quaes aliás não soube aguentar-se, quiçá por via da sua empafia de vaidoso. O sr. Araripe, a proposito desta contradicção entre o gracioso dos seus escritos e a chateza das suas maneiras, o que demonstra a falsidade irrefragavel de toda a sua obra, pois que o aforismo—o estilo é o homem ha de ser eterno, expende estes conceitos:—Pude então ver quão amoravel era aquella criatura e de que recursos para cativar os outros dispunha o coração do poeta.—Pg. 3. Nesta epoca tinha Araripe os seus poeticos 11 annos. Depois mudou:—Podia registrar queixas de muitos que lhe soffreram as asperezas, senão os effeitos inconscientes das suas preoccupações. Mas isto *pouco* interessaria ao meu objectivo, e basta declarar que o fundo amoravel da sua alma nem sempre se mostrou na vida com a mesma intensidade que nas obras.—77. Até na propria intimidade tinha fama de grosseiro.—78. Se o sr. Araripe fosse critico a serio, e não de pechisbeque, como é, teria um meio facilimo, e devia applica-lo, para deslindar esse ponto:—a epistolografia de José de Alencar. Ai o veria inteiro,—a tratar com entranhas dos porcos, por exemplo, com um irmão de Minas e mil outras ninharias materiaes, em contravenção ao gracil dos seus poemetos.

Concorda em que *Luciola* e *Diva* são mostrengos.—84. (*Mostrengos*, como escreveu, é asneira, sr. estilista). Os seus tipos de mulher são sempre os mesmos. Lucia é feroz, *idiosincrásica*, denominação que se adivinha, como se tem de adivinhar muitos outros adjectivos deslocados. Recommendamos ao sr. Araripe o dicionário de Candido Figueiredo, afim de passar a rabiscar as suas historias com algum sentido.

Reflecte o sr. Araripe que poucas cousas ha no mundo comparaveis ás faceirices das caboclas do Ceará.—82. Estamos de perfeitissimo acordo. Já assim nós derretiamos, quando o sr. Araripe nada encontrava de melhor no dito mundo do que as mulatas da Bahia. O maganão pensa nisto comnosco e com aquelle D. Juan do *Sal e pimenta*:—Escolhe ambas, as caboclas e as mulatas. Não queremos disputas nesse terreno com o voluptuoso critico,—porque nós também *escolhemos* os dois especimens. Em alguma cousa se haviam de chocar os nossos paladares... E viva a pandega, camarada!

A pg. 92 sente tentações de receitar como se manipula um romance de capa e espada. Cá está outra ironia involuntaria! Ainda aguarda a reabilitação do romance historico.—96. Fia-te na virgem e não corras... Alencar nunca pòde coordenar as suas idéas artisticas. A sua poetica foi o seu temperamento.—105. O ponto de vista do indianismo era acanhado.—106. Alencar não compreendeu a filosofia politica ingleza, nas *Cartas de Erasmo*.—121. O *Sistema representativo* é somente curioso.—125. Estes pontos permanecem na sombra. O sr. Araripe não os elucida, nem sequer de leve. Foge de tocar no politico e no escravocrata.—A catastrophe é o final obrigado de todos os romances de Alencar.—143. Quando se lê *O gaúcho* fica-se sonnambulo—com pena dos disparates perpetrados.—148. Zola, na *Faute de l'abbé Mouret*, não fez melhor do que Alencar, no *Til*, ao tratar de cascaveis, bacorinhos, burros, gallinhas chocas, etc.—159. Os romances da ultima fase alencariana, como os da primeira, são derruidos pelo sr. Araripe, o qual nota em tudo escassez de psicologia, repetição de tipos, retratos de politicos pintados por despeito e vingança, as catastrofes da praxe...

Desde muito tempo que José de Alencar, por temperamento, alem de outros motivos que não cogito analisar, votava antipatia entranhada á colonia portugueza.—164. O portuguez aporta aqui com a ganancia do naufrago, a nevrose da fortuna e o sonho do judeu.—164. Estas expressões, que o sr. Araripe é incapacissimo de explanar documentalmente, põe-as elle *em pensamentos* de Alencar, que somente possuiu rivalidades literarias, justissimas e naturalissimas. Mas o sr. Araripe preliba a mania de architectar o que os outros pensavam e não ha que suste-lo. Já com Gregorio elle usou o mesmo processo de sonhos contra o gallego. Inconcebivel, para não dizer entredesco, este critico de sonhos! Antes elle petiscasse os ditos, saborosissimos, que em Portugal se confeccionam pelo carnaval. Ha correlação até. Mas estes comem-se e aquelles... digerem-se!

Alencar algumas vezes disse, relata o sr. Araripe, que a copia

servil e o plagio eram o apanagio dos autores portuguezes e que só concedia fóros de autor a Herculano. Mas como o mesino sr. Araripe nos relata da mesmíssima fórma que Alencar plagiou a sua melhor obra de Scott e Mary e mais que Alencar passou a vida a fazer variantes da sua primeira novella, copiando-a, não nos desgosta sobremodo o reparo ás nossas letras. O prosador do *Eurico*, observa o sr. Araripe, era provavelmente a unica estatura que se hombraava em Portugal com a sua.--165. Pareciam gêmeos, até, com tanta semelhança! Neste comenos solta este epiteto em José Castilho--«o estúpido autor da *Grinalda ovidiana*». A pag. 185, porém, acha que o irmão do poeta cego--«tinha uma grande illustração filologica». O sr. queria dizer certamente--*linguística*. Mas o seu alto saber não permitiu que operasse a distincção existente entre um e outro vocabulo. Cousas dos criticos profundos! Ambicionava ainda o sr. Araripe que se effectuasse contra José Castilho--*uma repulsa selvagem*. Isso é proprio da China, sr. amanuense! Nos paizes cultos, em cujo rol esplende o Brazil, a constituição garante a discussão livre, a liberdade de pensamento. O sr. Araripe, escrevendo aquillo, nivela-se aos Annibaes Mascarenhas e Deoclecianos Martires. Não se rebaixe em sentimentos, sr. Araripe, como se abaixa em criterio. Tenha coração, já que não tem alma! Acalme-se, leão! Num debate entre dois literatos, dando no momento razão a Castilho os srs. Franklin Tavora, Machado de Assis, Joaquim Nabuco e outros, em nada podem influir jacobinismos estultos... e selvagens!

Molesta-se, por não haverem festejado José de Alencar em Lisboa, quando por ali passou, a galope.--171. E' preciso objectar, em primeiro lugar, que o fecundo romancista não se demorou na capital portugueza e em segundo que Lisboa, no tempo do rancoroso Castilho, talvez tivesse afazeres urgentes. E tanto não ha lá resentimentos que, um pouco antes, Pinheiro Chagas tinha saudado o compositor da *Iracema* e um pouco mais tarde, na morte, Ramalho Ortigão teve para Alencar palavras sentidas. O sr. Araripe, no entanto, que aqui se irrita por não terem acclamado o autor das *Minas de prata*, accentua mais adiante que--*infelizmente* foi Pinheiro Chagas quem primeiro escreveu sobre *O guarani*, com resaios venenosos e adocicados encomios.--185. Se não espocâmos foguetes--somos umas bestas, se somos os primeiros a examinar uma obra brasileira--somos venenosos. E' de aparvalhar! Presos por ter cão e por não ter cão... O sr. Araripe avisado andaria em redigir as regras de um tratadozinho para um escriptor portuguez apreciar e receber um seu confrade brasileiro, cousa assim como aquella da receita para romances de capa e espada... Desta sorte não incorreremos mais nas suas iras de selvagem.

Paris, aduz o sr. Araripe, tambem foi indifferente a Alencar, em receções e em impressões. O nervoso romancista horrorisou-se de ver o povo parisiense.--172. Dilucida que a viagem á Europa, a patria da civilização, na sua frase, lhe foi imensamente pernicioso.--173. E porque esse tão fundo estrago? Responda o apologista:--Por-

que se via deante da terrifica visão de um movimento scientifico, que não sonhava —E' unico...de apologia ! Ficou entontecido, aterrado. O choque foi enorme e a deceção indefinivel.—173-75. Continuamos a julgar tudo isso apologetico de mais !

Alencar foi uma contradicção, disse José do Patrocínio, e o sr. Araripe subserve. Os seus escritos tem aberrações. Desde o seu estilo até ás suas maneiras tudo transpirava reserva e o *não-me-toques* do arminho.—179. A fase *Senio*, isto é, da *Pata de gazella* em diante, não passa de um caso teratologico.—181. Foi um enorme quiosque posto ao lado da corrente civilisadora. Muito influiram nelle Azevedo, Casimiro, Castro Alves, Fagundes Varella.—182. A modificação do seu character literario privou-o de continuar obras como *O guarani* e *Tracema*, mas por outro lado prometia abrir-lhe os diques da raiva, collocando-o na situação mental a mais apropriada para o ataque e a subversão das pretensões de alem-mar.—182. Tristissimo, o raciocínio dèste Araripe. Reconhece que Alencar, *aos 40 annos*, se surpreendia perante o avanço da Europa e se compenetrava da sua impotencia para o acompanhar—e, no assombro desta fraqueza, o sr. Araripe desejava que Alencar se enraivecesse e desembestasse contra as pretensões de alem-mar ! Isto dilacera-nos, com toda a sinceridade o affirmamos. E quaes são essas businadas--*pretensões de alem-mar* ? Confrange o ver o zangarreio deste pobresinho e dos pares Silvio e Bevilaqua, quando em alem-mar apenas se *pretende* ser João de Deus, Eça, Teofilo, Antero, Oliv. Martins, Ramalho, Gomes Leal, Junqueira, Teixeira de Queiroz, Simões Dias, Julio de Mattos, Teixeira Bastos, Silva Pinto, Abel Botelho, Fialho de Almeida...E' o que lá se pretende, modestamente, humildemente, com a bondosa licença dos srs. Araripe e Silvio. Façam vossorias o mesmo, amamentem as mesmissimas pretensões e deixem-se de enojar quem nenhum mal lhes fez, antes pelo contrario, porque os estudantes brazileiros nunca tiveram maior defensor nas gazetas de Paris do que Eça de Queiroz, nem o Brazil mais justiceiro critico literario do que Teofilo Braga, nem a independencia mais imparcial historiador do que Oliveira Martins ! Tende espirito, Araripes !...

«Só depois que Antonio Carlos lhes intimou o respeito è que se deixaram disto. Camillo quer, porém, renovar a chula». Só depois, cerziremos nós, que se faça a historia da campanha desse Andrada e se explicar por que è que se escolheu para conclamar o bravo grito--*Independencia ou morte* um principe portuguez e para cimentar a autonomia um estadista portuguez, José Clemente Pereira, è que o sr. Araripe ha de concordar em que, até nesse acto de brio, os *colonos* portuguezes se conjugaram aos patriotas brazileiros. Mas o senso dos Araripes móra longe da psicologia deste facto, unico na historia colonial de todos os povos, antigos e modernos, do qual se desprende a prova inconcussa duma larga fraternidade entre conquistado e conquistador. Felix Pacheco, um moço que vimos nascer para a literatura no Rio, ao nosso lado, uma criança, ensina os 50 annos do sr. Araripe, na vigorosa brochura *Um publicista da regencia*,

a penetrar os inderrubaveis motivos da alliança intensissima de Portugal e do Brazil,—confraternisação que os sebastianistas lusos, e muito menos os literatiços jacobinos, não conseguirão abalar. Nos traços dados sobre o calmo e sensatissimo Evaristo Ferreira da Veiga se apreende a filosofia da historia dèste lance. E de Camillo, se alguém deve carpir-se, são os *gallegos* de cá e os *brazileiros* de lá,—os portuguezes de torna-viajem. Um dia justificaremos isto por miudos, já que ninguem o fez ainda, estudando com pleno conhecimento experimentalos tão mal entendidos tipos dominantes de Camillo. E' esta uma individualidade que merece o carinho dum livro todo especial.

Arrepela-se o sr. Araripe, por não haverem conferido uma commenda a Alencar e não o terem criticado com minucia os do sua epoca. Já vimos que *infelizmente* foi Pinheiro Chagas o primeiro a referir-se lhe. Zacarias de Goes e Vasconcellos, estadista brasileiro, chamou a Alencar, com visível e pechosa invejinha, *escriptor mal-amanhado*. E Alencar respondeu victoriosamente, entrelinha o sr. Araripe, dizendo que ao ser romancista devia os seus dias mais felizes. Não será isto defeza, mas o innegavel é que hoje ninguem se entrelembra mais desse *politico* (?) e todos lêem o *romancista*.

Alencar, que annunciara um livro sobre glottologia,—que o sr. Araripe insiste em confundir com filologia—, e que ainda hoje esperamos, e esperaremos eternamente, entende o seu panegirista (!) que a resposta unica que tinha a enviar aos que o accusavam de abocanhar a syntaxe (e, entre outros, assim se manifestaram Henriques Leal, nas *Locubrações*, e Gonçalves Dias, de quem possuímos uma carta inedita, apoiando as censuras de Leal) era—que de facto não punha muito empenho em saber a lingua portugueza, que o seu proposito era concorrer para corrompe-la no maximo grau, recordando que só depois de algumas sortidas, como as que elle ia fazendo, se poderia dizer que no Brazil se falava alguma cousa parecida com lingua de gente,—considerando não existentes todos os tipos de linguagem até hoje apresentados como taes.—187. Ora diga-nos:—que *gente* é essa em que o sr. fala? Se é a branca, vosmecê ha de consentir que lhe apresentemos os exemplos do seu compatriota Bazilio da Gama, do qual só este verso vale um poema—*Tanto era bella no seu rosto a morte*. E mais Gonçalves Dias, e mais Garrett, para não citar Herculano e Castilho e Rebello da Silva e Latino, e mais Camillo e João de Deus. E ainda, se vossoria tolera, avivar-lhe-emos que, quando verborreou sobre a *quadratura* das palavras luziadas, em 1879 e na reedição de 94, já em 1876 se havia impresso *O crime do Jalre Amaro*, em 78 *O primo Bazilio* e em 1871 *As Farpas*. E' quanto temos a allegar, sr. juiz municipal. Não acoimamos Alencar de ter introduzido, em dialogos naturaes ou descrições, com propriedade, o vocabulario tupi-guarani. Mas daí ao extremo de forçarnos a crer que a massa brazileira era india, e assim se exprimia, vao uma distancia intransponivel. E somente lamentamos que o sr. Araripe, em vez de recolher num dictionario as locuções genuinamente

brazilicas, tão pinturescas e absolutamente diversas de Estado para Estado, dispenda o seu precioso tempo a encher-nos de tolices, deixando que, *infelizmente*, o gallego Candido Figueiredo as retivesse, *in primo loco*, no seu monumento lexicografico Somenté!

O ferrabraz Silvio, talvez para contrariar propositalmente os elogios tecidos pelo sr. Araripe ao caturra do *Abaneenga*, cujas investigações algo erroneas analisaremos noutra volume, escreve:—Baptista Caetano e outros fizeram poucos estudos sobre o que veio a chamar-se impropriamente dialecto brasileiro.—*Novos estudos*, 296. E João Ribeiro, que é autoridade em materia de glottica, expõe:—Que esse dialecto, porém, tenha fôros de lingua literaria e culta é o que de todo se torna inadmissivel, attendendo-se a que a dialectação brasileira não é sufficientemente caracterisada e intensa, de modo que torne possível a revolta contra a lingua pura e vernacula.—Em toda a parte as provincias e os dominios de qualquer lingua caracterisam-se por modos especiaes divergentes, que não destroem a unidade da lingua fundamental.—A emancipação do dialecto brasileiro, se não é de todo inexequível, é seguramente, pelo menos, prematura. A lingua classica não constitue obice de especie alguma para os brasileiros.—*Diccionario grammatical*, pg. 75. E' assim que discorrem os entendedores—de encontro ás gralhas!

Mais uma palhetada e concluamos. Ponhamo-lo em frente de Silvio:—Silvio Romero, em 73, no *Trabalho*, sob o influxo do positivismo, leu o que se havia escrito, com mais ou menos exaltação, sobre o romantismo, e procurou os pontos de contacto no Brazil.—195. Hoje vê-o com a serenidade de quem não precisa mais criar para gloria sua moinhos de vento iguaes aos que D. Quixote imaginou.—196. De maneira que o nosso amado Silvio, nos seus desconchavos a respeito de Alencar—e de todos os escriptores brasileiros, excepto Tobias, que por ultimo tambem foi arranhado—foi um Dom Quixote, hein?! E, o que é mais interessante, segundo Araripe, herdou esse quixotismo de Schopenhauer!... Por curiosidade reveja-se agora este trechosinho de Silvio, acerca de Araripe:—Araripe não tem iniciativa, porque não é este o seu temperamento.—127. E relativamente ás contradicções de Araripe (diz o tacho á sertã...) declama:—Ainda mais se me antolha o inconveniente, quando a doutrina artistica é uma innovação da ultima hora e vem pôr-se em desacordo com tudo quanto o escriptor tinha produzido. O que desagrada aqui não é a novidade, verdadeira ou não, é a confusão.—131. No livro *Novos estudos de literatura contemporanea*. Isto são amabilidades que se permutam os illustres corifeus.

Entim,—Alencar enriquecia se na primeira fase com um estilo amancirado e na segunda com uma fórmula enfatica e picaresca. Concentrou-se no gracil. Não era um artista de mil almas.—198-9. Assim termina o sr. Araripe a sua apologia de um dos obreiros espirituales a quem mais devem as letras do Brazil. E nós é que somos hostis e elles é que estimam as suas cousas e os seus homens!

Mas as lamurias estão prohibidas. Riâmo-nos, pois,—com a di-

visão dos capitulos da obrinha. Oram vejam o dedo:--*Genese, Explosão, Acção e reacção, O mesmo assunto, Declinio, O mesmo assunto, A critica.* Que tal?... E' ou não é da escola do outro --*Poetas, Mais poetas, etc.* ? Aquella da explosão é engraçadissima ! E a do declinio —mesmo assunto ? !—Fechemos com um agradecimento pelo qualificativo de *notavel* sobre a *Historia do romantismo em Portugal...*

Que Job nos favoreça. Prosigamos. Capitulo—*Araripe-mes no assunto.* Relanceemos o livrinho—*Literatura brasileira—Mortimento de 93--O crepusculo dos povos.* Todos estes nomes para umas escorropichadinhas 200 paginas !

Sobre o livro *Festas nacionaes*, de Rodrigo Octavio, com proemio de Raul Pompêa, dignou-se o sr. Araripe emittir esta advertencia: --As considerações, porém, que seguem no alludido prefacio ao que acabo de transcrever *deviam ser menos* aggressivas á colonia portugueza.--14. Tanto--não ! Bastava uma dósesinha... Pompêa, entantão, que pespegou em Portugal a mais desbragada e insolente das verrinas, num livro consagrado ás escolas, não nos repugna. Pagounos os seus tonitruosos desaforos com o magnifico livro *O Ateneu.* Mas os srs. Araripe e Silvio é que não nos indemnizaram com a minima parcella de talento. São chatinhos como uma taboa de bater bifés. Araripe só pinga disto:--A-ninguem terá passado despercebido, por exemplo, a deserção do mais conspicuo collaborador europeu da *Gazeta de Noticias.* Coincidindo esta deserção com o Quinze de Novembro, não é preciso muito esforço para chegar á conclusão de que o autor das *Farpas* deixou de remeter as suas ironias para a *Gazeta*, por ter presentido a hostilidade do meio brasileiro. Ora o meio brasileiro hoje não o aceita por uma razão contraria: justamente porque o escritor portuguez, achando-se anteriormente a seu gosto e nos seus dominios, sob o alto protectorado do jornal mais insinuante e popular do Rio de Janeiro, gosava de todo o prestigio e liberdade para propinar á mocidade, que lia a *Gazeta* com certa religião artistica, o contra-veneno do nacionalismo. (Como se mente com tanto descaramento !). Com effeito, durante o periodo por todos conhecido, não houve maior corruptor do espirito novo e literario do Brazil, (mas a nossa consolação é que todos lêem Ramalho e ninguem o compra a você, *seu* narcotico !) tanto mais pernicioso quanto a tribuna, que lhe tinham offerecido, era a mais simpatica e brilhante folha de que dispunha o jornalismo. O dogma de Ramalho Ostigão e de outros publicistas, então em moda, era o mais soberano desprezo pelas patrias. --15-6. Isto não se desfibra. Pergunte-se apenas aos belletristas brasileiros quem é que elles mais prezam, se não são precisamente esses dois conspirados--Eça e Ramalho.--Um parenthesis reinadio:--Nas *Festas nacionaes*, livro escolar, acima nomeado. Rodrigo Octavio dá curso á anedota de Mello Moraes, pae, de que a independencia do Brazil foi devida a uma disenteria de Pedro I, quarto de Portugal. E por esse modo se instrue civicamente a juventude... E salta depois um faça-

nhudo qualquer a berrar que Ramalho e Eça é que debilitam o sentimento nacionalístico brasileiro! Só apetece gritar ao criticante:— Ora bolas, *seu* Araripe!

Nós aqui, informa piedosamente o santo varão, não temos a rouquidão crónica e asmática dos cantores da outra banda; qualquer avinhado capadocio da Bahia, de violão na unha, tem mais doçura na cantiga do que o mais delicado verzejador do Tejo ou do Mondego.— 40. Infelizmente, porém, em vez de nos vir directamente de Paris, a nova escola escalou por Portugal, onde todas as delicadezas e todos esses subtis gracejos do engenho humano engrossam, deformam-se logo e tomam a feição do ridículo. Os decadistas portuguezes começaram pelas meias roxas, pelos sapatos de fivela e pela barba escanhoadá dos companheiros da *basoche*. Os seus livros padecem da molestia de que está atacado o proprio reino de Portugal: anemia em corpos que já foram gordos. João Toucinho embalde ensaia vilancetes; da banza escapam-lhe ruidos e grunhidos, em vez dos cantos deliquescentes de Verlaine ou mesmo abstrusos de Moréas.—88. Está na integra. *Isto* foi impresso primeiramente, assim como uma pasquinada em João de Deus, na revista fluminense *A Semana*, dirigida pelo sr. Valentim Magalhães, o qual Valentim, na sua visita á terra... enaltecida,—porque os insultos dum Araripe engrandecem o injuriado—, foi alvo das mais benevolas e estrondosas demonstrações de simpatia, como representante, que se inculcava, do Brazil mental.

E a proposito de quem vem esta diatribe? Positivamente dum dos maiores artistas que o Brazil tem procreado—Cruz e Souza, a quem o sr. Araripe, do cimo da sua burguezia mediocridade de amanuense da critica, joga esta, entre outras muitas:—*Poeta catarineta negro*. Nestor Victor, Frota Pessoa, Felix Pacheco, Oliveira Gomes, Collatino Barroso, Luiz Edmundo, toda essa legião de talentos que agora surge, aparelhada com garbo, que lhe responda. A nós bastanos esta desforra, que é ao mesmo tempo uma saborosa contradicta:—Virgilio Varzea imita Eça de Queiroz, *um grande mestre*.—121. E' que a verdade impõe-se e a luz entra sempre, afinal, nas retinas mais obscurecidas, nos cerebros mais obtusos...

Lamenta-se após de George Brandés, um critico de poder, haver levantado a fortissima ebulição literaria actual da Scandinavia—e de não succeder o mesmo no Brazil, com a sua mestrança e a do Silvio. Aprecie o leitor,—porque nós já não sabemos se havemos de rir, se de chorar, se dar cambalhotas ou fazer promessas a S. José de Ribamar... Estes diabos dão comnosco ainda na *Casa dos doidos*, da qual saíram impunemente!

Esqueçamos o folhetinho *Dirceu* e o *Silvio Romero polemista*, publicado na *Revista Brazileira*, e que ficará para outra empreitada, e respiguemos para o nosso canhenho mais estas lembranças:—O portuguez não tem o temperamento humorista. O genio da raça não conseguiu até hoje pôr nos versos dos seus poetas e nas divagações dos seus prosadores senão a alacridade tosca do jogral ou a ironia rebuscada do voltaireano.—*Revista Brazileira*, tomo I, de 1895, pg. 25.

No mesmo estudo, ou cousa que o valha:—E, se é verdade que em Portugal são dignos de lastima os dislates de um Guerra Junqueiro —*A velhice do Padre Eterno*—, não acontece assim no Brazil, onde a vivacidade, oriunda de novas condições mesológicas e etnicas, naturalmente inclinou o espirito dos seus escritores para o arguto, para o brilhante e para o imprevisito.—Estas cousas são proferidas a respeito de Machado de Assis, que Araripe alça como humorista sem competidor. Já vimos que Silvio pensa o inverso, afirmando que no Brazil só se lambia com as palmas de humorista... o Tobias! E agora consultemos o sr. José Verissimo, o mais sisudo porventura dos criticos brasileiros, mau grado os seus desvairamentos incidentaes:—E' opinião minha, talvez errada, mas profundamente arraigada, que assim como em filosofia e em sciencia somos inaptos para cogitações abstractas e generalisações fecundas, somos por igual improprios para as criações artisticas que demandem capacidades efficientes de observação, de analyse, de generalisação e de sintese.—*Revista Brasileira*, 15-maio-97. Estaes ruminando:—um affirma que todos são humoristas, e em especial Machado, outro abjura este e elege Tobias, e outro aventa que não ha geito para cousa nenhuma. São como as mulas do Alentejo, estes senhores criticos. Cada qual puxa para seu lado. Bifurcam-se em atomatações!

De Joaquim Nabuco pouco diremos. O simpatico orador não é tambem, de resto, um *profissional do jacobinismo*, como os srs. Silvio e Araripe e, numa intermittencia da sua vida litteraria, o sr. Clovis Bevilacqua. Accresce que o Brazil deve a Joaquim Nabuco reaes serviços, conquanto inspirados pelo sentimentalismo, sem vistas geraes critico-filosoficas. A sua obra—*A minha formação* é desmentida pela sua desnorteada acção, forçando-o a recopilar e rever os seus livros, na parte pretensamente doutrinarria, pelo menos. Ha um perfeito simile entre Joaquim Nabuco e Antonio Candido, o orador portuguez: ambos se dizem educados nas modernas teorias e ambos, couraçando o sistema monarchico, falsearam a sua missão e torceram quiçá as suas convicções intimas. Por isso é que nem um, nem outro exercem nos respectivos paizes a influencia activa que dos seus talentos poderia chispar, em tonificantes torrentes. Falharam, por falta de *character*, supondo ambos talvez que o inverso constitue a sua principal virtude...

Mas acheguemo-nos ao caso visado. Joaquim Nabuco, no discurso pronunciado na inauguração da Academia Brasileira, entre muitas outras cousas, dogmatisou:—Portugal, decerto, nunca tomaria nada essencial ao Brazil e a verdade é que elle tem *muito pouco*, de primeira mão, que lhe queiramos tomar. Uns e outros nos fornecemos—de idéas, de estilo, de erudição e pontos de vista—nos fabricantes de Paris, Londres ou Berlim... O sr. Nabuco regista, portanto, que Portugal tem *muito pouco*. A illação é que produz *alguma cousinha* em primeira mão, Já não é mau! Outra reflexão do secretario geral da

Academia:—O facto é que, falando a mesma lingua, Portugal e Brazil teem, de futuro, destinos literarios tão profundamente divididos como são os seus destinos nacionaes. Querer a unidade em taes condições seria um esforço vão.—Nesta meia duzia de frases ha um montão de calinadas. Se o sr. Nabuco tivesse conhecimento da historia litteraria das duas nações, penetrasse um nadinha as leis historicas e não fosse monarquista—as suas conclusões seriam profundamente diversas. O Brazil nunca se poderá separar de Portugal—e vice-versa. Haja vista aos Estados-Unidos, no apogeu da sua prosperidade, em face da Inglaterra. Ha aqui um nó vital, em que os srs. discursadores ainda não repararam,—e é que o portuguez é o *unico* emigrante que organisa familia, o *unico* igualmente que trabalha em toda a parte, em todas as variadissimas zonas climatericas brazileiras e o *unico* que se adapta aos costumes nacionaes, tornando-se ordinariamente mais papista do que o papa. Recordem-se os illustres retoricos da independencia, do Paraguai e, para não ir mais longe, da revolta de 6 de setembro.—em que Eduardo Salamonde era o articulista do orgão de Floriano, o capitão Leitão o instructor da guarda nacional, o alferes Malheiro o commandante dos alumnos da Escola Militar e um voluntario portuguez, um cabo artilheiro, o obstaculo ao desembarque das tropas de Saldanha e Custodio em Niteroi. São factos. O portuguez está ligado ao brazileiro pelo cordão umbilical. Mas o sr. Nabuco, como é (ou era?) restauracionista, guiou-se no aspecto politico pelo carrancismo dos sebastianistas portuguezes, cuidando que esses homens representam o futuro politico de Portugal, quando a verdade é que, na terra de Henriques Nogueira, dos generaes Souza Brandão, Gilberto Rolla, Latino Coelho e do coronel Elias Garcia, chefes republicanos, só é monarquico quem é empregado publico, (e nem todos), quer dizer, quem não tem coragem para mourejar na officina e dignidade para a luta. Estes sebastianistas da colonia, que sentem prazer em *esmolar* de cá a mãe patria e que não são varados lá pelas escorchações do imposto brigantino, nem pelas peias liberticidas dos seus ministros-bachareis, é que julgam Portugal no melhor dos mundos possiveis, causando embaraços ao livre desenvolvimento da Republica no Brazil. No dia em que os republicanos portuguezes se alliançarem aos brazileiros, mutuando as suas simpatias, a trave do sebastianismo subverter-se-á e o Brazil voltará a ser o collaborador altruistico de Portugal na continuação da sua gloriosissima tarefa,—que se resume em fazer de Angola e Moçambique novos Brazis e em vindicar para a lingua portugueza o primado que lhe compete na litteratura—após a Inglaterra, a Russia e a França. Medite o sr. Nabuco nisto. E, quanto ao destino propriamente literario, o seu collega José Verissimo que lhe responda, marcando as fases que se succederam á emancipação:—E' quasi certo que foi, sob a influencia do *Bosquejo* e da obra critica e litteraria de Garrett, que, fazendo violencia ao seu proprio genio, Domingos Magalhães e Porto Alegre entraram na corrente puramente romantica, que se devia caracterisar entre nós pelo segundo indianismo (o primeiro é o de Bazilio e Durão) e pelo nacio-

nalismo do fundo e da fôrma.—*Garrett e a literatura brasileira*, no *Jornal do Commercio*, 6-fevereiro-99. Escusado é acrescentar que Gonçalves Dias, para nós a primacial figura do romantismo, passou a sua juventude na Universidade de Coimbra. Sobre a mutação, seguinte, a da Escola do Recife, que corresponde á Escola de Coimbra, embora aqui se houvesse prolongado a fase dissolvente do protesto, constata o sr. José Verissimo:—Haveria ainda nella (a mocidade) a imitação do que em Portugal se passava pouco antes na revolta dos moços—então ainda se não dizia nada—contra o que um (Teófilo Braga) dos opusculos destes chamou as teocracias literarias. —*Jornal do Commercio*, n. 245, anno 80. Não quizemos refutar o sr. Nabuco com as nossas palavras, o que de sobra hemos timbrado em mostrar. Refutamos as accusações com as proprias palavras do accusador ou com as de compatriotas autorisados. O sr. José Verissimo é por certo, no geral, o critico mais sensato do Brazil e—a alma da Academia Brasileira de Letras. Voltemo-nos para o ultimo movimento—o decadista, hoje normalisado no simbolismo.—Atraz o sr. Araripe, junior,—jacobino que nega a Portugal o que o sr. Silvio nunca se atreveu a negar—documentou que esta nuance belletristica surgiu no Brazil, por intermedio do estupendo Cruz e Souza, com Eugenio de Castro.

Que maiores provas deseja o elegante sr. Nabuco de que os rumos literarios do Brazil e de Portugal não são dissemelhantes? Lamente, sim, que a monarquia portugueza mande representa-la ao Brazil vencidos da vida como o sr. Tomaz Ribeiro, que em seguida foi para as gazetas denegrir a União, saltimbancos como o sr. Antonio Ennes, que procedeu da mesma fôrma, e mudos como o honrado general Cunha, cuja simplicidade ficou acaçapada perante a eloquencia dos oradores e poetas brasileiros, quando muito bem nos poderia ter representado nas festas do centenario um tribuno da estatura de Antonio Candido ou de Bernardino Machado. E porventura este melhor do que aquelle,—o verdugo dos revolucionarios de janeiro.

O sr. José Verissimo, a quem aliás devemos pessoalmente uma honrosa má vontade, é de todos os criticos brasileiros, repetimos, o mais equilibrado e mais em condições de dirigir as edições critico-academicas dos passados escritores brasileiros, elaborando simultaneamente uma historia literaria imparcial (nos limites do possivel.) Tem lacunas de criterio, no entanto, como desnuda falhas de illustração, além de um pequenino senão de *colerie*. Mas a verdade é que algumas das suas *Revistas literarias*, no *Jornal do Commercio*, são notabilissimas de compreensão. Outras ha, a par, evidentissimas do facciosismo. Mas poucas. O seu equilibrio estabeleceu-se nos derradeiros quatro annos.

Anteriormente a esta purificação mental externou esta injustiça cruel:—José Castilho, um desses portuguezes que cá vieram explorar a literatura como outros exploram o café.—*Estudos brasileiros*, pg. 150, segunda serie. Apeteceria perguntar-lhe:—Que deseja o sr. Ve-

ríssimo que façam os portuguezes? Se uns laboram endemoninhadamente na cultura do café, da borracha, do assucar ou do arroz—são exploradores. Se outros, fartos de ouvir dizer que Portugal só remete para o Brazil carregadores e caixeiros, se entregam ao cultivo das letras—são exploradores tambem. Que ordena então vossoria que nós façamos—liricas á lua, que dancemos eternamente o maxixe, que pesquemos na Amazonia, que nos mascaremos de chéché entupidos?! .. A's suas ordens, alteza...

Esta apreciação da contenda de Castilho com Alencar recuma insultos. E, para nos capacitarmos do sizo critico do sr. Verissimo naquella epoca, transcrevamos um topico:—As fisionomias de Alencar não são os tipos de Balzac, *mas sim mais do que isso*—as criações de Alencar.—*Obr. cit.*, pg. 162. Acreditamos que o sr. Verissimo ainda não tivesse lido o colosso da *Comedia Humana*... Numa tangente mantem ainda os seus disparates e é sobre a poesia que elle chama *scientific*. Neste livro fornece-nos quatro paginas lamentaveis de inintelligencia. E ha pouco, no *Jornal do Commercio*, n.º de 21 de maio de 1900, testemunhou isto:—O sr. Teofilo Braga teima na sua poesia *scientific*, *historica* e *sociologica*, não como a sintese sentimental e emocional das convicções funda e intimamente encorporadas no poeta, mas como uma manifestação didactica da sua filosofia. Sob este aspecto, tal poesia é a negação mesma da poesia. E admira que com o seu positivismo esqueça o principio do mestre,—que a arte é *sintetica*, e ponha em versos a sua tese da superioridade de Bartomeu Dias sobre Vasco da Gama e da injustiça com que aquelle foi tratado por el-rei, isto é, de envolta com o descobrimento do Brazil, o assunto da sua monografia, quero dizer, do seu assunto.—Estas linhas veem a proposito do soberbo poemeto *Mais mundos*, publicado no Rio por occasião do Centenario Braziliario. Cada vocabulo dessa noticia, que o sr. Verissimo nos desculpe a rudeza, é uma redonda asneira. Não ha mesmo por onde pegar-lhe. Se quizessemos escabichar esse partosinho, por miudos, gastaríamos umas dez paginas. E o espaço não existe para folias, quando se está em frente da má fé e, o que é mais, duma escassez absoluta de senso poetico, conforme lhe demonstrou José Sampaio, no *Brazil Mental*. Cingir-nos-emos a pôr diante do encovados olhos do sr. Verissimo estes doutrinamentos de Teofilo Braga:—Nada menos poetico do que a sciencia em verso, como nos poemas didacticos da epoca alexandrina ou do pseudo-classicismo francez.—As noções *scientificas* não podem ser objecto de poesia, como não podem ser uma filosofia; mas com as noções *scientificas* constroem-se sinteses, ou conceções geraes do universo, que, segundo a sua forma racional ou emocional, abstracta ou pinturesca, assim são as bases de uma nova filosofia ou de uma nova poesia.—A sciencia e a arte acordam-se sobre o mesmo facto, podendo em rigor considerar-se a Epopéa da Humanidade como a expressão contemplativa da filosofia da historia.—*As modernas idéas na literatura portugueza*, tomo 2.º, pgs. 236, 243 e 254. Leia o sr. Verissimo todo o capitulo, para ficar sabendo o que é isso a que batiza de poesia sci-

entifica. Reforce depois a sua parca leitura, eleve-se ou desça ás idades mortas, tome em seguida um banho por dentro, como diria o João da Ega, a ver se lhe supura o sentimento da alta poesia,—e então, só então, manuseie o assombroso poema—*A Visão dos Tempos*. E diga-nos após, ainda, se nelle está ou não está executado o principio estético que Teófilo enunciou naquelles termos. Adivinhamos o sorriso interior do sr. José Verissimo e o seu soliloquio:—Este rapaz é um idolatra, um fanatico do *teimoso* Teófilo Braga. Illude-se. Nós somos apenas os reverenciadores humildes da maior individualidade que a nossa patria tem germinado,—talvez o unico homem que se adorna com a *teima* de sustentar opiniões a todo o transe, estéticas, scientificas, filosoficas e politicas, e não anda a borboletear, inda que aperfeçoando-se continuamente. Nós somos apenas admiradores modestos do vulto a quem cabem estas expressões de Ramalho:—*As Farpas*, pgs. 220-21, tomo VIII, como seu poderoso impulsor:—No romance, na poesia, na critica, na historia, na sistematização filosofica, na vulgarização scientifica, nos clubes, na imprensa, no professorado, o movimento dirigente dos espiritos é manifestamente adverso e hostile ao espirito das instituições vigentes. Do homem para quem ainda Ramalho sobrescreveu estas linhas,—*obr. cit.*, pg. 307, tomo XI:—Não é pela frase bem feita, mas sim—como qualquer outro cidadão—pela elevação das idéas, pela rectidão do juizo, pela integridade do character, que o escritor tem de ser classificado na gerarquia intellectual e moral do seu tempo. Nós somos simplesmente honestos, confessando o beneficio recebido. Ora o sr. José Verissimo deve a Teófilo o melhor da sua relativa saude cerebral como etnografo (*As fontes tradicionais da literatura portugueza*, cujos titulos primitivos são differentes), como critico e historiador literario (*Introdução e teoria e Curso da Hist. da Lit. Portug.*), como pedagogo (*Historia da Pedagogia em Portugal*, actualmente denominada *Historia da Universidade de Coimbra*), como senso historico (*Elementos da nacionalidade portugueza*, a entrar na proxima *Historia de Portugal*) e como senso filosofico (*Sistema de sociologia*). Nas primitivas *Scenas da vida amazonica*, não na recente reedição, nos *Estudos brasileiros*, na *Revista Brasileira*, nas suas revistas literarias e no magnifico, embora demasiado sintetico, livro *A educação nacional* e no relatório da instrucção paraense accusa-se nitidamente a orientação teofiliana. E, se duvidar, peça a prova... Eis ai a nossa obcecação—o proclamar os nossos mentores espirituacs. (Porque isto de independencias, afinal, á laia dos Silvios, dependentes de todos, num ecletismo torvo e desesperador, não passa de vaidosa e ridicula bobagem!). Ora ao sr. Verissimo não deshonra essa camaradagem. Resultam, pois, irritantes as suas entupidas linhas. E' tambem este aspecto *eminentemente suggestivo* da Obra de Teófilo Braga, escreve Teixeira Bastos, que tem provocado o odio cego que transpira em muitas criticas, na emulação de espiritos subalternos, que assim reagem contra uma manifesta supremacia.—*Teófilo Braga e a sua Obra*, pg. 425. O sr. Verissimo não abriga, como outros Fernandes, Silvios

e Coelhos, impotentes *odios cegos*. Mas exhibiu um caricato desdem, que repellimos, de corrida. Outras bernardiees poderíamos apontar nos processos criticos do sr. Verissimo, como aquelle de esquecer as alterações do meio fisico da Grecia, da sua climatologia e do seu ambiente social, na antiguidade e ao presente. Quanto ás condições climatericas, basicas na formação mental das sociedades, basta indicar-lhe um exemplo de casa, da sua terra--as modificações soffridas, no transecurso dos annos, pela região amazonica. Mas isto vive fóra do nosso programma.

Não queremos deter-nos com o pensar do sr. José Verissimo sobre Portugal, como não nos deteremos com as insolencias demagogicas do sr. Clovis Bevilaqua. E por um motivo obvio:--é que ambos, nos compartimentos intellectivos em que se fixaram, tem amado a sua patria e a sua profissão, o primeiro compondo as melhores criticas pedagogicas e literarias do Brazil e o segundo os mais apreciaveis livros concernentes á sciencia juridica. Clovis Bevilaqua, que temos o subido prazer de conhecer em pessoa, se a excessiva paixão ou a excessiva benevolencia lhe não obumbrassem a mente na critica litteraria, bem poderia ser um centro de simpatia social da literatura portuguez-brazileira. As suas outras qualidades prognosticavam-lhe esta missão altissima. Mas Bevilaqua deixou-se levar pelos cantos das sereias Silvio e Araripe e olvidou o bom senso da filosofia da historia. Foi neste momento de feticchismo por aquelles quixotescos salta-pocinhas que o sr. Clovis imprimiu em 1888 e reeditou em 1899 as suas tenuíssimas *Epocas e individualidades*.

Levantaremos, todavia, algumas das suas arguições. Diz o digno lente da faculdade de direito do Recife:--Quanto ao portuguez basta dizer que vinha ao Brazil degredado ou fazer fortuna--aventureiro ou calceta.--*Obr. cit.*, 27. Em que documentos se firma para avançar tão absoluta proposição? Já sorveu o pó das cronicas veraeruzenses, a historia abnegadissima da colonisação e da catequese? E só topou lá aventureiros e calcetas? Não encontrou Nobregas, Sás, Fernandes Viciras, etc.? E acaso vossoria poderá apresentar-nos um exemplo, um só, desde Roma e a Grecia, em que a colonisação governamental se não encetasse com os supracitados calcetas e aventureiros? Porque não alevanta antes vossoria a Historia social do Brazil, obra que não existe? Ah! Bem mais util seria isso do que remoer declamações estereis, contraproducentes...--O Brazil-colonia, amesquinhado embora por uma governação estúpida e ferrenha, esmagado embora sob a acção opressora de uma metropole ciosa e enfatuada, conseguiu dar á sua efflorescencia sentimental a fórma pujante de um lirismo superior, produzindo Gregorio, Bazilio, Gonzaga, Souza Caldas, etc.--34. Não seja tão mausinho, docil e meigo Clovis! Quem é que a metropole *esmagou*? Tiradentes, não? Mas o heroico mincio, em quem o sr. Silvio esgarra o emplastro de *heroezinho de hontem*, foi submetido a um julgamento e só depois justicado. A piedosa Ma-

ria I defendia-se, como ha annos se defenderam o imperio contra Nunes Machado e outros valentes, como ha dias se defendeu o riço, o ferreo Floriano contra os revoltosos. Mas com uma differencasinha: --Tiradentes respondeu a um inquerito e Moreira Cesar mandava degolar summariamente. --*Governação estúpida e ferrenha*, brame vossoria. Mas esses *estupidos* souberam traçar a federação republicana, concessão que o imperio denegou, fortalecendo-se em admiraveis *capitanias*, tão autonomas e liberaes como os actuaes Estados. Mas esses *ciosos* nunca cederam um palmo do Paraguai, nem das Missões, --antiga colonia do Sacramento--, nunca toleraram que a Inglaterra pousasse na ilha da Trindade, nunca deram azas ao *rapido francez* para crocitar por sobre o Amapá. Mas esses *enfatuados* souberam levar á bala e á coronhada o hollandez e o francez--e nunca admitiram que os visinhos se apoderassem do Rio Branco, como o inglez, do Purus, como o peruano, do Rio Acre, como o boliviano. Nunca! A estupidez, o cio e o enfatuamento dava-lhes para isto... Que corja, que alarves, --que broncos gallegos! Está-se vendo que naquelles tempos tenebrosos ainda não se distinguiam as individualidades das epochas... Quanto ao resto, está conforme, exceto no que se refere ao *grande* Gregorio. Larguem o pobre homem, que não lhes fez mal algum!

Esta attitude, a do romantismo, escreve o sr. Clovis, amarfanhou as pretensões lusas e a intrujice dos tortulhos literarios esparrinhou-se em iras grotescas. --48. Tenha dó da gente, doutor! Olhe que essa de intrujões é forte, *trop fort!* Era escusadissima, porque vossoria mesmo se encarrega de confutar o *engrossamento*:--O romantismo foi um caracteristico de incapacidade ou de impotencia por decrepitude precoce--um facto entristecedor. --36. E, aprazendo-lhe um reforço, faça um brando aceno ao seu companheiro dos bancos escolares e hoje do magisterio, o lucido Artur Orlando:--Pelo menos o campo da romantica brasileira assemelha-se a um vasto cemiterio: Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Macedo, junior, Casimiro de Abreu, Franco de Sá, todos morrem na idade alegre dos vinte annos. --*Filocritica*, pg. 85. E Clovis adianta, a respeito de Alvares de Azevedo:--Essa lugubre poesia *blasée*, de affectada descrença, de desapego ás estreitas conveniencias, donde quasi sempre reçumbra um calido vapor de orgias, de vicios baixos, encerrava em si, como numa caçoila, o germen purissimo da liberdade, embora indisciplinado. --55. E' interessante observar esta corrente:--o sr. Silvio quer que Gregorio de Mattos seja o fundador da literatura brasileira, por ser o mais desabusado; o sr. Araripe quer que Alencar seja um phenomeno, por ter pretendido esbodegar a linguagem; o sr. Bevilaqua quer que das orgias e vicios baixos venham sentimentos *purissimos*, incarnados no malogrado Alvares de Azevedo, «que se afogou em alcool», segundo um dito do sr. Verissimo -- e este sr. José, finalmente, quer que o sr. Silvio Romero seja o mais completo tipo representativo brasileiro, por ter herdado a chalaça portugueza, de pancada com a pacholice e a capadoçagem do negro e do indio. Pas-

mêso! E' o caso do proloquio—quanto mais se vive mais se aprende...

Não direi, obtempera Bevilaqua, que seja absolutamente espurio (tem pilhas de graça!) esse romance escultural—*O primo Basilio*.—Na *Reliquia* a parte mais apreciada, que é o sonho ou pesadello em que se revêem as scenas das attribuições de Cristo, é um assunto que, nas *Memorias de Judas*, eu leio com interesse maior. Quanto aos *Maías*, se contém (concede?) algum estudo e observação, desfazem-se a cada passo em verdadeiras incongruencias, que lembram os contos de fadas!!!...—161. Estes pontos de admiração e reticencias são nossos. E agora um favorzinho:—Podia servir-nos, por junto ou em dózes, o paralelo dos dois *sonhos*? Era uma fineza particularissima... Quanto ao seu gosto estetico, ao seu criterio sobre o intuito da belletristica, nada objectaremos. Basta que façamos esta transcrição:—Que nos importa a nós, leitores, seduzidos pela magia das descrições onde prima o estilo, que o mundo em que giram Peri, Ceci, Lucia, Carolina, seja um mundo absurdo, impossivel?!...—50. E cesse tudo quanto a antiga musa canta..

Nos *Esboços e fragmentos*, um bom volume de Clovis Bevilaqua, ha esta passagem:—Pois que Portugal não tinha filosofos, era natural que as nossas vistas se voltassem para outros paizes.—18. Isto é naturalissimo. Cada um come do que gôsta. Mas o que é peta é que em Portugal não haja filosofos. São poucos, em verdade. Mas os que existem chegam á maravilha para o consumo! E, já que estamos com este livro na mão, extraíamos esta piadinha no *mestre* Silvio:—Hoje, muitos, já desprendidos do espirito de escola, vão caminho de cousas mais novas, alargando o ambiente da sua mentalidade; *outros azoiam-nos os ouvidos com objurgatorias injustas ao comtismo*; mas, não obstante, força é confessar-lhe os meritos e, em relação a nós, devemos reconhecer a sua função na evolução do pensamento brasileiro e a sua influencia permanente em todos os actos da nossa vida intellectual.—*Obr. cit.*, pgs. 96-7. A seguir vem umas considerações acerca do genio portuguez, que nos dispensamos de analisar. Já se nos faz mais justiça, de par com infundadas asserções. Ficarà para outra sortida, assim como para outra palestra adiamos o resto das *Epocas e individualidades*, com toda a sua idolatria pela *portentosa* (é vocabulo de Clovis) *Historia da Literatura Brasileira*. O sr. Bevilaqua que confronte os seus exageros e miopia ou estrabismo com a nossa *primeira dóze*. O studiosissimo publicista, se abandonar o seu *parti-pris*, por um lado, e ler as *Lições praticas*, de Candido de Figueiredo, por outro, limando a sua estilistica farfalhuda, virà a ser um correcto escritor e um sociologo prestigioso.

Ainda um parenthesis. O sr. João Ribeiro, no seu *Diccionario grammatical*, pg. 277, doutrina aos seus consulentes o seguinte:—No Brazil, desde o periodo romantico, a literatura tem sido mais fecunda do que na metropole. (O distincto grammatico que se lembre de A. Orlando). A poesia actual, parnasiana, não tem representantes de nota em Portugal. Mas então o illustre professor, pelo simples

motivo de os livreiros portuguezes serem a relaxação em carne e osso e não enviarem para o Brazil todas as suas edições conclue immediatamente que por lá não ha parnasianos *de nota*? Que serão, não falando já em Gonçalves Crespo, um luzo-brazileiro, Simões Dias, Candido Figueiredo, Macedo Papança, João Penha, Duarte de Almeida, Cesario Verde, Narciso de Lacerda, José de Souza Monteiro, Jaime Ségurier, Joaquim de Araujo, Luiz Osorio, Souza Viterbo, conde de Sabugosa, Accacio Antunes e mil outros? Ora procure lê-los...

Passada essa tempestade, que é das taes feitas num copo de agua, porque não ecôam na massa dirigente nacional, e sim apenas em meia duzia de cabecinhas ôcas, que desconhecem por inteiro o objecto que se critica e o que se encomia, como perfectos irresponsaveis, refrigeremo-nos com algumas allusões justicieras. Que parta a primeira de Julio Ribeiro, o proeminente glottologo, que foi tambem um dos mais rispídos polemistas brazileiros. São do romancista da *Carne* estas palavras, escritas em 30 de dezembro de 1884, no prefacio da sua grammatica:—Ocioso seria confessar o muito que devo a Paulino de Souza, a Teofilo Braga e a outros grammaticografos portuguezes. Quem fôr versado em estudos da lingua vernacula verá de quanto me valeram esses mestres. Na dedicatória chama *eruditissimo poligrafo* a Teofilo, equivocando-se na qualificação de poligrafo, pois o historiador da civilisação luziada nada tem de commum com essa categoria de escritores, embora assim pareça aos que ignoram o nexo orientador dos seus trabalhos.—Mestre chamou igualmente a Souza Martins o venerando estadista Paes de Carvalho, esse tipo inexcusavel da bizzaria, educado em Lisboa, o qual não se pejou de apollidar os brazileiros de neo-portuguezes e de affirmar que a instrução superior haurida em Portugal rivalisa com a dos melhores institutos europeus,—ao passo que o sr. Medeiros Albuquerque, um dos mais ducteis talentos brazileiros, alumno dum internato lisboeta, se convergonhou de dizer que conhecia Portugal, ao retrazar um livrinho nosso...—Coelho Netto, o ardentissimo orador, o idealista por excellencia, o colorista adoravel, o novellista uberrimo do *Sertão*, o fantasista de tantas côres e tantissimas paisagens,—poeta, romancista, comediografo, dramaturgo e cronista—, por todos estes requisitos o indisputavel tipo representativo das tendencias generosas, civilisadoras e humanas do Brazil, exprimiu-se por este modo:—A arvore genealogica da familia brazileira tem, como semente, o luzitano, Tritão nas aguas, Centauro nos campos, fiel á Lei e á Crença—e aos ramos não fica bem revoltarem-se contra as raizes de onde brotaram, nem nos lustraria, em tempos tão claros e justos, o procedimento ingrato que tiveram os de Cartago contra os que lhes defenderam os muros da cidade.—*A literatura portugueza*, discurso, pgs. 8-9. Que remate—quem calculam?!...—esta serie de amabilidades o bilioso jacobinista sr. Silvio:—Aos portuguezes devemos as dadas principaes da nossa civilisação nascente; somos-lhes obrigados pelas idéas politicas e so-

ciaes que nos regem; ainda hoje a sua velha legislação civil é a nossa. A ordem religiosa, politica, juridica e social são entre nós obra europea. *E' inutil comentar a influencia da acção combinada destas instituições sobre o desenvolvimento de um povo.*—*Contos populares do Brazil*, 2.^a edição, pg. XIV. Que bello seria que se falasse sempre assim, sem abdições ou enxovalhos para os dois paizes inabalavelmente affins! Que bello seria!... E contudo, podendo lavrar tonificadamente essa concordia, homens como o encomiadissimo Tobias não trepidam em tonitruar que Herculano não sabia escrever portuguez!...

O nosso coração de portuguezes sangra, ao escutar tão banaes e tão dispensaveis aggressões. E a nossa alma, que bastas vezes tem pulsado com a brazileira, irmãmente, senão acalorando-se e formando na dianteira em algumas emergencias, amargura-se com as offensas dos srs. Silvio e Araripe, individuos innegavelmente lidos, mas tambem innegavelmente falhos de senso moral, desorientados. Ah! Bem melhor seria que tivessem patentes ao espirito estes dizeres de Ramalho Ortigão, um de *mens sana in corpore sano*:—O mais seguro meio de cada um amar verdadeiramente a patria é amar simplesmente a sua profissão. E que, ao redigirem a historia literaria do Brazil, merecessem da critica referencias eguaes ás que José Carracido, eminente catedratico da Universidade de Madrid, teve para a *Historia da Literatura Portuguesa*:—Dado o character eminentemente nacional da obra deste escritor, é de supôr que nella se manifeste certa hostilidade á Espanha, para se desligar de todos os liames e exhibir livremente a propria e una personalidade do organismo que se apresenta com caracteres bastantes para constituir uma especie social independente; mas não é assim, porque a recta consciencia do profundo e austero investigador suplanta o apaixonado sentimento do patriota, confirmando mais uma vez que nenhum culto pode competir com o das idéas, nem aspiração alguma comparar-se com a de alcançar a verdade pelo interesse scientifico, para que os intuitos generosos impulsionem a consciencia, encaminhando-a para a justiça, desprezadora de mesquinhos egoismos. Se é certo que o infatigavel reivindicador das glorias literarias de Portugal nos contesta muitas vezes o direito de prioridade de algumas obras, nunca nos abandona, truncando a communitade de origens e interrompendo as mutuas connexões, etc.—*Teofilo Braga e a sua Obra*, por Teixeira Bastos, pgs. 142-43.

Eis aí essa fonte inexaurivel de exemplos fecundantes! Prezae vós, srs. que nos apodaes e malsinaes aereamente, a justeza do raciocinio e a limpidez das vossas pennas—e assim tereis estremecido a vossa profissão e enaltecido a vossa patria!

6.º—Cá e lá

Com imenso pesar consignamos que as especialissimas circunstancias materiaes a que se deve restringir este volume nos obrigam

à reduzir este capítulo a um mais que ligeiro quadro sinoptico. Era esta a parte que mais tencionavamos e estimavamos desenvolver. As notas que respigámos, na leitura de escritores brasileiros e portuguezes, fornecer-nos-iam ainda cerca de 150 paginas do actual formato, sem exagero algum. Os apontamentos bio-bibliograficos, corrigindo o dictionario do sr. Sacramento Blake e o portuguez de Innocencio-Aranha, que se acha ha annos censuravelmente paralisado, constituem uma somma sensivel de buscas. A ellas procedemos com o fito de propagar a literatura portugueza no Brazil e a literatura brasileira em Portugal, para não se continuarem a dar casos semelhantes áquelle de Gomes Leal, o qual, ao fazer no seu descommunal *Fim de um mundo* a caricatura a carvão de Olavo Bilac, anota—*celebre poeta brasileiro*. E' para em Portugal se saber a que terra pertence o primorosissimo lirico!... Tristissima—esta ausencia de relações espirituacs, para evitar a qual nos esforçámos na *Mala da Europa*, primeira fase, aconselhando a Lorjô Tavares a fundação do *Brazil-Portugal*, fundando nós mesmos *A Revista*, do Pará, etc. Algo hemos conseguido. Não esmoreceremos na caminhada aberta...

Mas, como diziamos, temos que resumir-nos a uma exposição telegrafica. Alargámos a parte documental, o que aliás era indispensavel, sob pena de peccarem pela base as nossas replicas. Nisto, em vez de vibrarmos golpes no ar, á semelhança dos srs. Araripe e Silvio, seguimos á risca, além do nosso incombativel mestre, o exemplo dêsse ensaista excecionalissimo, o sr. Rui Barbosa, que nos seus estudos insertos n' *O papa e o concilio* e nas *Viajens de Gulliver*, illidindo Taine e Paul de Saint-Victor, se baseou exclusivamente em citações. Bem conhece o grande orador brasileiro que os jogos floraes são inuteis em taes assuntos.—O que se vae ler é menos do que um esboço concernente á literatura da lingua portugueza. Não passã de um lampejo. Numa segunda edição—resta-nos este consolo!—alongaremos consideravelmente este capítulo, em especial referente ao movimento derivado das Escolas de Coimbra e do Recife, e ao simbolismo, formando então a terceira parte deste livro de sinceridade e boa fê. Nella nos occuparemos larguissimamente dos menosprezados literatos brasileiros dos Estados, que nos desvanecemos de acompanhar com amor. E basta de choradeira! O trabalhinho cá fica na gaveta, redigido. Quem quizer que o imprima. E vamos ao gostosissimo Silvio, ao inefavel Romero!

De pg. 1037 a 1041 da *portentosa* Historia vceem cousas mirabolantes. Entre outras que Portugal, no tempo de Bazilio da Gama e de José Bonifacio, a epoca das Arcadias e do inicio da Academia das Sciencias, não possuia gente prestavel. Atráz vimo-lo assegurar isso mesmo e mais—que Portugal se orgulhava com uma forte pleiada scientifica. Façam o favor de conferir na devida altura.—Logo depois, diz Silvio, foram governados—os portuguezes—por nós desde 1808 a 1821 e continuaram ainda a se-lo de 1826 a 1831. E' este um

lapso ennuablado, na verdade. Mas um menino de escola está a par de que o luso chibatou o francez, após o inglez e em seguida o estroina Miguel. E tudo foi feito a intramuros da occidental praia luzitana, porque os srs. João VI e Pedro IV só voltaram a governar, quando v. Itaram ao ninho seu paterno.—Houve então prosperidades, á custa do Brazil. E' certo. Mas faltou accrescentar que todos nós vivemos á custa disto ou daquillo. O portuguez encontrou aqui uma *mina* e tratou de a escavar. Antes isso do que deixar as *minas* ao abandono, á espera dum regulamento...—Lisboa e Porto são inferiores ao Rio, sob todos os aspectos. *Todos* talvez seja demasia. E a prova é que vosmecê, passando ha semanas por Lisboa, chamou-lhe—uma *grande, bella, rica e admiravel cidade*, adjectivos que nunca atirou ao espantoso centro commercial fluminense.—Não teem estadistas como Bernardo Vasconcellos, Paraná, Uruguai, visconde do Rio Branco. Mas vossoria, nos *Ensaios de critica parlamentar*, pg. 8, com azeda injustiça para o sagaz e culto Rio Branco, escreve:—Fui tocado de um pronunciado tom elogiastico, empregado á conta de individuos *quasi nullos*, quaes são por certo *todos esses* de que se occupa este livro. E nelle occupa-se vossoria de José Bonifacio, o moço, Joaquim Nabuco, Sinimbú, Lafaiete, Ouro Preto, Cotegipe, Silveira Martins, Martinho Campos, João Alfredo e visconde do Rio Branco. Está-se observando que vosmecê é um *critico-realista*, segundo nos participa...—Portugal não tem militares como Caxias, Osorio e Porto Alegre. Citar-lhe-emos sómente o duque de Saldanha, o duque da Terceira e o marquez de Sá da Bandeira, sentindo bastante que não tivesse havido mais algumas guerrasinhas, afim de augmentar té ao infinito a lista dos heroes-chefes.—Portugal não tem mathematicos como Gomes de Souza, naturalistas como Freire Allemão, medicos como Torres Homem, Martins Costa, Moncorvo de Figueiredo, Domingos Freire e Baptista de Lacerda. (Esqueceu-lhe citar aqui Vicente Saboia, o reorganizador do ensino medico brasileiro, em 1881). Note-se que nos vamos circunscrevendo ás datas neste quadro comparativo, que só lembrava a um imbecil irritante da estulticia de Silvio. Não faremos estendal de nomes. De mathematicos apresentaremos Pedro de Amorim Vianna, Francisco Gomes Teixeira, Schiappa Monteiro, José Falcão, Rodolfo Guimarães; de naturalistas bastam dois—Barbosa du Bocage e Campos Henriques; de medicos Antonio Maria de Senna, Alvarenga, Souza Martins, Manuel Bento de Souza, Julio de Mattos, Bethencourt Rodrigues, Miguel Bombarda, Virgilio Machado—e Barbosa Romeu, residente no Rio. Os medicos portuguezes, como os brasileiros, só agora começam a publicar os seus estudos. Cá e lá más fadas ha. Os bachareis da mesma fórma. E foi ainda Teofilo o primeiro que, em portuguez, imprimiu teses de doutoramento.—Portugal não tem oradores como José Bonifacio, Silveira Martins, Joaquim Nabuco, Ferreira Penna e Rui Barboza. Aos tres primeiros já o sr. Silvio apellidou de *quasi nullos*, accrescendo que—Nabuco é a mais completa incarnação da mediania brasileira educada á fluminense.—Pg. 34 dos *Ensaios* alludidos. Lembraremos, para o

genero de Ferreira Penna, os finados Rodrigo da Fonseca e Lopo Vaz ou os vivos Mariano de Carvalho e Tomaz Ribeiro. Rui Barbosa é uma exceção deslumbrante na oratoria. Referiremos, todavia, Vieira de Castro, Alexandre Braga, Alves Mendes, Antonio Candido, João Arroio, Manuel de Arriaga, Eduardo Abreu, Magalhães Lima, Augusto Fusquini, esquecendo os fallecidos Malhão, José Estevão, Latino e Pinheiro Chagas,—a quem a imprensa franceza distinguui desta maneira—*mr. l'orateur*.—Portugal não tem pintores como Pedro Americo e Victor Meirelles. Desenrolaremos os nomes de Columbano Bordallo Pinheiro e Velloso Salgado, premiados com a medalha de ouro na exposição de Paris, Silva Porto, Condeixa, Malhõa, Souza Pinto, Carlos Reis, João Vaz, José de Brito, Luciano Freire, Antonio Ramalho, Conceição Silva, Galhardo, Gameiro, etc.—Portugal não tem musicos como Carlos Gomes, Mesquita, Miguez. Enunciaremos Alfredo Keil, Freitas Gazul, Philippe Duarte, Augusto Machado, Arneiro, Artur e Alfredo Napolcão, Frederico Nascimento, Oscar da Silva, Vianna da Motta, Tomaz Borba, etc.—Portugal não tem estatuarios como Bernardelli e Almeida Reis. Concorrem Soares dos Reis, Simões de Almeida, Tomaz Costa, Moreira Rato, Costa Motta, Alberto Nunes, Teixeira Lopes. (E, entre musicos, pintores e esculptores, onde poremos o genial Rafael Bordallo Pinheiro—e os caricaturistas Manuel Gustavo, Jorge Collaço, Julião Machado, Celso Herminio, Leal Camara?).—Portugal, continúa na ladainha o sr. Silvio, não tem juristas como Teixeira de Freitas, Ribas e Lafaiete. (Este nos *Ensaio*s é quasi nullo e no prefacio dos *Varios escritos* p. ssa a estar abaixo da critica. Variantes do coerente borrabotas!). Traremos á amostra Barjona de Freitas, José Dias Ferreira, José Braz de Mendonça Furtado, Alves de Sá, Vicente Monteiro, Tavares de Medeiros, Beirão, Temulo Rangel, Emidio Garcia, José Benevides, Affonso Costa.—Portugal não tem eruditos como Joaquim Caetano da Silva e Candido Mendes de Almeida. Descubramos Herculano, Latino Coelho, Martins Sarmiento, viscondes de Santarem e Juromenha, Camillo e Chagas, Teofilo Braga e Oliveira Martins, Luciano Cordeiro e Teixeira Bastos, José Sampaio e Joaquim de Vasconcellos, Gama Barros e João Bonança, Julio de Castilho e F. Ferraz de Macedo, Carlos Ribeiro e Ramos Coelho, Alberto Sampaio e Aires de Sá—e, se quizer um dictionario em peso, ai lhe remetemos o Innocencio!—Portugal não tem jornalistas como Justiniano Rocha, *o ganhador*, Firmino Silva e Quintino Bocaiuva, a quem um pouco atraz chamava amaneirado. Desfiaremos Antonio Rodrigues Sampaio, que fez revoluções com *O Espectro* e *A Revolução de Setembro*, Teixeira de Vasconcellos, Pinheiro Chagas, Joaquim Martins de Carvalho, Mariano de Carvalho, Emidio Navarro, Eduardo Coelho, Oliveira Ramos, José Caldas, mesmo Antonio Ennes, Silva Graça, Cecilio Souza, Silva Pinto, Alves Corrêa, João Chagas—e Eduardo Salamonde, domiciliado no Rio.

Inventa depois romantismo no Brazil em 1825, quando os *Suspiros e saudades*, de Domingos Magalhães, só em 1836 se imprimi-

ram. Mas, ainda assim, oporemos o *Camões*, de Garrett, publicado em 1824. Concede que seja *aceitavel* o merito relativo de Garrett e Herculano, progonos do romantismo. Segue-se um *claro de pasmosa esterilidade*, em que chorou Soares de Passos e se preparavam para *perpetuas lamurias* João de Deus, —que no vol. *Machado de Assis* sobe a um dos maiores liricos—, Tomaz Ribeiro e Pinheiro Chagas, quando *tardiamente* rebentou o *decantado* movimento modernissimo. O que o dana é não o decantarem a elle e ao Tobias, que madrugaram,.. em seguida aos de Coimbra, como já documentámos. Mas vamos á peta. Recordemos á ignorancia de Silvio que no tal claro *choraram* mais Castilho, Rebello da Silva, Mendes Leal, José Estevão, Faustino X. de Novaes, que veio dar termo á choramiga no Rio, Pereira da Cunha, João de Azevedo, Pizarro, João de Lemos, Gomes de Amorim, visconde de Santarem, Innocencio, Rodrigues Cordeiro, Biester, Tullio, Palmeirim, Lopes de Mendonça,—Camillo, Julio Diniz, Silva Gaio, Arnaldo Gama, Oliveira Marreca, Latino Coelho, Julio Cesar Machado, visconde de Ouguella, Rodrigues de Freitas, Bulhão Pato, Antonio de Serpa, etc. Olhem que todos estes Chorões, trabalhando com gosto, sempre enchem um igarapé! E, quanto ao *tardiamente* dos modernos, já frisámos que lá rompeu-se em 64-65 e aqui Silvio só em 69 deu um arzinho da sua graça.

Que é isto, interroga apocalipticamente Silvio, que vem a ser esta sovinaria de talentos em face do romantismo brasileiro, que teve cinco ou seis fases, cada qual mais variada, mais intensa, mais imponente? Logo na primeira fase, prosegue, tivémos Maciel Monteiro,—que não legou um unico livro, José Maria do Amaral,—idem, idem—, Octaviano,—idem, idem—, Domingos Magalhães,—de que o sr. Silvio somente deixou em pé a *Ole a Waterloo*—, etc. O leitor que veja na primeira parte o que Silvio resa desses e mais de Alvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, José Bonifacio, Casimiro, Varella, Castro Alves e até do inclito Gonçalves Dias, que agora convém arremear ás faces de Portugal. Este Silvio—ou é historico ou maluquinho! Ora para estes doentes ha mui confortaveis hospitaes. Todos nesta passagem são superiores aos seus similares de Portugal, até Varnhagen a Herculano, que Silvio respeita muitissimo, quando no prefacio dos *Novos ideaes*, de Mucio Teixeira, a sciencia official de Varnhagen é manca; até Luiz Delfino, que na historia portentosa cuidava zelosamente dos cabedaes, aqui *fala alto* e grosso. E assim se fez a Historia... do Silvio!

Mente de novo nas referencias ao positivismo. Já liquidámos esse ponto. Diz que Portugal não possui uma illustração como Teixeira Mendes. Vimos mais tarde, no *Doutrina contra doutrina*, que o profundo matematico era um superficial. Seria o caso de effectuar progressos de caranguejo, se Teixeira Mendes, como aliás a maioria dos insultados por este Rosalino, não pairasse uma região superior áquella em que se esborcina este doido!—Não é para admirar, segundo este Jaime José critico, se ainda hoje o melhor dicionario é o do brasileiro Moraes. Atráz demonstrámos esta outra erronia. Mas

calha aproveitar o ensejo para elucidar que, publicado na sua primeira edição em 1789, em 2 volumes, nasceu como abreviação ou resumo do extenso *Vocabulario Portuguez e Latino*, de D. Rafael Bluteau, em 8 vols., saídos de 1718 a 1721. Moraes apenas limpou ao tealino os vocabulos latinos e narrativas historicas. A 2.^a edição, 1813, revela a mesma deficiencia e em 1823 é que melhorou um pouco. No proprio prologo da 1.^a edição Moraes constata que consultou o dictionario da Academia, o Elucidario de Viterbo e Bluteau. A iniciativa de Moraes, louvavel contudo, conta simplesmente a precedencia de 62 annos de Bluteau. Mais atraz—pg. 64—dissera tambem Silvio que José da Silva Lisboa, a quem Ferreira Borges admirava, foi quem primeiro escreveu sobre economia politica em lingua portugueza. Ora em 1803 publicou-se na imprensa regia a obra *Memorias sobre as verdadeiras bases da grand-za das nações, principalmente de Portugal*, 3 vols. in 4.^o, pelo dr. Joaquim José Rodrigues de Brito. Neste campo poderiamos determinar ainda trabalhos anteriores de numerosos judeus portuguezes.—As melhores grammaticas, allega Silvio, são as de Julio Ribeiro, João Ribeiro, Pacheco, junior, e Lameira de Andrade. Não offereceremos para confronto a de Epifanio, por exemplo. Satisfaz-nos o confessar que a mais erudita é a de Julio Ribeiro e que o autor das *Cartas sertanejas* declara dever muito o seu herculeo esforço aos *mestres* Teofilo Braga, Ad. Coelho, etc.—Os melhores estudos de folk-lore são igualmente os de Varnhagen e Lopes Moura. Comparem-se estas minguadas investigações com os *oito* volumes de Teofilo.

Onde o atrazo é de assombrar, esbraveja o Silvio, é em idéas provenientes da Allemanha. Ninguem conhece Schopenhauer, Hartmann, Hæckel. Tal a ausencia ali dum Tobias. Isto é que é de assombrar, *seu* palurdio! Já o corpo docente da universidade de Berlin falava nos fautores da Escola de Coimbra, quando nem você, nem Tobias, sonhavam que a Allemanha existia! Vosmecê e o mano apanharam a papinha feita em lingua portugueza—e vieram depois bafosfiar a enorme descoberta, como na devida altura provámos, com da'as e livros, não com artiguinhos, nem compras de grammaticas, á sua moda.—Portugal não possui dois criticos como Clovis Bevilacqua e Artur Orlando. Basta dizer que de critica o 1.^o publicou as *Epocas e individualidades* e o 2.^o o opusculo *Filocritica*, aliás muito estimavel.—Portugal não acolhe nos seus muros um filologo americanista como Baptista Caetano, o qual Caetano em outro tomo, conforme Silvio, realisou tão somente *parcos estudos*. Mude vosmecê para Portugal a America, *seu* pascacio, e verá como borbulham por lá os *logos americanistas*. Faça-nos esta fineza, a única que lhe pedimos, pelas suas bentas almas!

«Quem já se lembrou de afirmar,—ouvi, ouvi!—, *exempli gratia*, a superioridade do *Homem*, de Aluizio Azevedo, sobre *A reliquia*, de Eça de Queiroz? Pois já o deviam ter feito ha muito e assegurar o mesmo do *Mulato* e da *Casa de pensão*, que são reveladores de mais talento e aptidões do que *O primo Basilio* e *O crime do padre*

Amaro. Estes tiveram apenas mais reclamo». O proprio Aluizio, em que a influencia eganiana se palpa, deve lastimar que o chauvinismo d'este cretino o leve a tão irrisorios extremos. Contra aquillo não ha argumentação, nem pillheria possível. Tem-se compaixão!

Finalisou-se a lenga-lenga. Contrafeitos registámos tudo, porque não ha nada mais escabroso e sensaborão do que uma comparação, seja ella qual fôr. Não era muito melhor que este *historiador* narrasse imparcialmente a vida literaria do seu paiz, fazendo ao menos justiça aos seus compatriotas, já que aos estranhos a nega sistematicamente? Não era muito mais sensato que, tanto neste como nos livros que tem publicado durante a Republica, elle proclamasse que um Lauro Sodré, um Paes de Carvalho, um Prudente de Moraes, um Barbosa Lima, um Benedicto Leite, um Bernardino Campos valem por todos os pollicantes da dinastia brigantina? Que o Rio Grande do Sul dá lições de organização administrativa a qualquer nação européa e será dentro de pouco o estado a que todos os estadistas da União Brasileira irão beber ensinamento, devido ao cerebro potentissimo de Julio de Castilhos? Que o commercio se rege por praxes muito mais adiantadas? Que a arte pura e a belletristica brazileiras, quando se fizer a historia linguistica, a historia literaria e a historia social, ultrapassarão o limitado e antigo reino? Para que falsificou tudo, emporcalhando-se miserriamente?!...

Tenha juizo, homenzinho, —ou então vá pintar monos! Outro officio, alcatruz!...

Faltam ao Maranhão, presentemente, as condições sociaes que lhe outorgaram a sua função hegemonica no Brazil. Daí a sua decadencia literaria local, quiçá passageira, porque vemos entre os moços gratas esperanças. E se esses novos, após as excursões escolasticas, se domiciliarem no torrão natal —é bem provavel que S. Luiz readquirira a sua hegemonia, praticabilizando o preceito de que á autonomia administrativa deve corresponder a descentralisação intellectual. O Rio vae perdendo as suas velleidades de sorvedouro literario. Que a terra de João Lisboa recimpunhe o sceptro de claviculario da pureza linguistica do Brazil, principalmente, —eis os nossos votos. —Francisco Guimarães, um moço amantissimo do seu torrão, marcava ha tempos suspicazmente as raizes da superioridade maranhense na União: —O passado do Maranhão, a sua quasi preponderancia na historia da civilisação brazileira, facilmente explicada e justificada pela critica, impõe-nos uma responsabilidade maior do que a dos demais Estados irmãos da federação. Não é uma simples questão de regionalismo, de *bairrismo*, a que nos preoccupa. E' a razão historia, uma especie de lei atavica, que nos obriga a procurar estar sempre á frente dos movimentos intellectuaes. A occupação franceza de 1594 a 1615, quando Maria de Medicis, a regente de Luiz XIII, nos mandava um contingente da sua côrte para fundar a França Equinoxial, a invasão hollandeza, que durou tres annos, ensinando-nos a lutar com

inimigos poderosos, a colonização portugueza, feita com um nucleo de oradores notaveis, historiadores, a *élite* da Companhia de Jesus e da fidalguia do tempo, e os fastos da nossa agitada historia constitucional, são elementos para a explicação da *hegemonia* maranhense.— Daqui é que partia effectivamente o verbo crepitante, o periodo luzentissimo, a linha rediviva do vocabulo irreprochavel. Aqui é que ecoavam as paginas frementes de Gil Vicente e Sá de Miranda, de João de Barros e Fernão Lopes, de Camões e Damião de Goes, do ironista Francisco Manuel de Mello e do regrado Antonio Vieira, dos desgraçados Garção e Antonio José da Silva. Aqui é que repercutiam as lutas de José Agostinho e Bocage, de Filinto e Tolentino, as estrofes cantantes de Bazilio da Gama e de José Durão, os brados entusiasticos dos incondidentes, substanciados no ardor de Alvarenga Peixoto, fluidificados nas endeixas de Gonzaga e nos sonetos de Claudio Manuel da Costa. Nesta hospitaleira terra se accenderam os fachos do romantismo, á voz de Garrett e de Herculano, os luminares dessa resplendorosa alvorada, secundados no Rio por Domingos Magalhães e Porto Alegre. Aqui retiniram os sons plangentes de Castilho e Soares de Passos, as composições de Rebello da Silva e Mendes Leal, o canhonear de Camillo, esse espelho da alma portugueza, nas suas coleras e nas suas justas, no revolto das vagas e no fragor das batalhas. Até cá chegaram as producções de Macedo e Alencar, de Azevedo e Varella, de Bernardo Guimarães e Franklin Tavora, de Castro Alves e Luiz Guimarães, de Agrario Menezes e Martins Penna.— Do Maranhão é o maior lirico-amoroso brasileiro, Gonçalves Dias, autor do melhor drama—*Leonor de Mendonça*. Daqui é João Lisboa, o critico da melhor *Vida do padre Antonio Vieira* existente em portuguez, publicista unico no seu genero—*Jornal de Timon*, e vernaculista exemplarissimo. Daqui é Odorico Mendes, o presidente da Sociedade Defensora da Regencia, o devotado companheiro de Evaristo. Daqui é Sotero dos Reis, o primitivo organisador dos estudos grammaticaes brasileiros. Daqui é *O gueza*, de Souza Andrade, o maior dos poemas brasileiros, e pela conceção um dos primaciaes da America. Daqui é o primeiro cantor dos escravos—Trajano Galvão. Daqui é Celso Magalhães, o instituidor da poesia com intuito social no Brazil, do romance e do drama modernos, o inaugurador das investigações ethnograficas e um dos primeiros applicadores da hodierna teoria do direito. Daqui é Teixeira Mendes, a primeira capacidade mathematica e filosofica do Brazil. Daqui são os introductores do parnasianismo—Teofilo Dias e Raimundo Corrêa. Daqui é Artur Azevedo, o primeiro comediografo brasileiro de todos os tempos, que realisou, na comedia, na opereta e na revista, o mais extenso inquerito aos costumes brasileiros. Daqui é José Antonio de Freitas, o mais douto annotador do lirismo brasileiro, o que primeiro empregou na critica literaria os metodos impessoalmente scientificos, o maior interpretador de Shakespeare. Daqui é o encorporador do naturalismo, o maior romancista—Aluizio Azevedo. Daqui é Coelho Netto, o autor das mais brasileiras collectaneas—o *Sertão* e o

Romanceiro—, o bizarro fantasista, o fautor do grande Livro Brasileiro futuro, em que se retrate toda a vida nacional, no mar, na caserna, na finança, na politica, na literatura, na arte, na burocracia e de que seja eixo central o Maranhão. Daqui são finalmente, esses robustos representantes das sciencias medica e juridica—José da Silva Maia, Nina Rodrigues, Viveiros de Castro e Graça Aranha.—A geração de Gonçalves Dias e João Francisco Lisboa, Odorico e Sotero, Henriques Leal e Souza Andrade seguia-se a que trazia por portabandeiras Joaquim Serra e Gentil Braga, Candido Mendes e João Mendes de Almeida, Trajano Galvão e Franco de Sá. Terra grande, terra bella—esta!

Lá do outro lado lidavam os transitorios Gomes de Amorim e Lopes de Mendonça, os atticos Latino Coelho e visconde de Ouguella, o resuscitador Arnaldo Gama e o bucólico Julio Diniz.—O indianismo e o sertanejismo, no auge com Alencar, Guimarães e Tavora, fenecia tristemente,—permanecendo Manuel de Almeida isolado—, por terem os autores apartado o selvicola e o inatuto da communhão brasileira, que se constitue e movimenta com tres rodizios—o portuguez, o indio e o africano, já sem contar o mestiço, o caboclo, e esconjurando o multiforme viver das cidades, do litoral. Foi errado o ponto de mira, mas vibrante a intenção, porque visava á erecção da verdadeira belletristica braziliense, cujos dramas devem ser bebidos nas lendas e nas tradições, girando o romance na planura da observação e exprimindo a poesia os eternos sentimentos ou os eternos anseios da humanidade, dês que se eleve ao prisma historico-philosophico. Mas Alencar, o primaz dos campeões, nem sequer se havia internado nos sertões da patria dos verdes mares e burilara *O gaúcho* sobre as notas de um parente. O escritor afastava-se do povo, supondo que se aproximava. Elle não via, nem sentia as scenas que descrevia. As criações fantasiadas, que se apartam da experimentação e da verdade, podem colher semanas, mesmo annos de applauso, mas nunca daguerreotyparão as sensações e os habitos da sua epoca. E esta é, afinal, a missão social da literatura, seja nas bellas letras, seja na sciencia, seja na philosophia. O indianismo caiu, como caiu mais tarde o sertanejismo, como caiu recentemente o orientalismo. O publico, repetimos, quer sentir, quer ver o que lê. Pintem o que elle autenticamente é, nos nos seus defeitos e nas suas qualidades, impessoalmente, como concorda Brunetiére que seja a grande Arte, e elle adorar-vos-á, como estremece Zola, Turgueff, Bourget, D'Amumzio, Eça, Aluizio.

Surgia pouco depois a Escola de Coimbra, com repercussão no Recife. Com os que morriam viam-se lá Camillo, Julio Cesar Machado, João de Lemos, Pinheiro Chagas, Tomaz Ribeiro, Bulhão Pato, etc. Entre os que nasciam contemplavamos João de Deus, Ramalho Ortigão, Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz, Teofilo Braga,—Gomes Leal, Luciano Cordeiro, Guerra Junqueiro, Simões Dias, Teixeira de Queiroz, Silva Pinto, João Bonança, Joaquim de Vasconcellos, Julio de Mattos, Alves de Sá, Guilherme Braga, Guilherme Azevedo, Alexandre da Conceição, Fernando Caldeira,

Maria Amalia Vaz de Carvalho, Candido Figueiredo, Macedo Papança, Duarte de Almeida, José Sampaio, Teixeira Bastos, Abel Botelho, H. Lopes de Mendonça, Joaquim de Araujo, Marcelino Mesquita, Augusto Coelho, Silva Cordeiro, Fialho de Almeida, João da Camara, Cael, etc.

No Brazil não houve o mesmo combate. Os criticados não acudiram ao cartel do desafio. Pode até asseverar-se que o primeiro periodo, o do protesto, se tornou em Pernambuco mais dissolvente e anarquizador do que propriamente demolidor. Tobias, Silvio e Arrape nada construíram. O marco divisorio, nesta arregimentação, só se effectua pela analyse das tendencias de cada individualidade. Dessa fase negativa excluimos Castro Alves, Luiz Guimarães, Gonçalves Crespo, que consideramos absolutamente brasileiro, pelo seu nascimento e pela sua estetica, Celso Magalhães, Julio Ribeiro, Teofilo Dias, Hugo Leal, mortos. Dos tipos de transição destacaremos, além dos tres acima, Pereira da Silva e visconde de Taunay, mortos, Souza Andrade, Teixeira de Mello, Corrêa de Almeida, Mello Moraes, filho.—Machado de Assis, Rui Barboza, Eunapio Deiró, Ramiz Galvão, barão do Rio Branco, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Carlos de Lact, Capistrano de Abreu, Ferreira de Araujo, José Carlos Rodrigues, etc.

Em Coimbra—o espirito critico, o novo decalogo poetico e o naturalismo no romance (interpretação de Balzac, em 1839) affirmaram-se com varias personalidades immorredouras,—1834-65—, tendo á sua frente o dr. Teofilo Braga. Antero de Quental viverá pelos seus estranhos e magistraes sonetos; Oliveira Martins pela sua admiravel *Vida de Nunalvares* e pelos seus tomos de vulgarisação scientifica; Eça de Queiroz exuberou-se o maior prosador da lingua, e um dos maiores do universo, o inexcédível romancista d' *O primo Bazilio* e mordente contornador do constitucionalismo portuguez n' *Os Muias*; Ramalho, com *As Farpas*, titulo que é um simbolo, operou uma tremenda barreira na sociedade lusitana official. Nesta collecção deveria reunir tudo quanto traz disperso, o relativo á terra portugueza, porque ella é que o levará á posteridade e não *A Hollanda*, como os fraseologos creem.—Nem sequer uma pagina nos sobra para mencionar, com estes mesmos traços rapidissimos, os epigonos da Escola de Coimbra. Já nos desculpamos em relação a esta omissão e muito especialmente pelo que concerne ao desarrollo dos talentos da Escola do Recife. Agora mesmo nos estão occorrendo as deficiencias de José Sampaio e do joven Joaquim Leitão. Que Magalhães Azeredo, o simpatico e talentosissimo academico brasileiro, creia na vontade que temos de cumprir, embora debilmente, os desejos que manifestou no *Jornal do Commercio*, de 1 de setembro de 1898, ao falar do *Brazil Mental*. Com o magnifico poeta renovamos os dizeres da sua carta a Eça de Queiroz.

A' fase orientadora da Escola do Recife desdobrada em S. Paulo, afóra os maranhenses citados, pertencem Pereira Barreto, um dos mais nobres doutrinadores brasileiros, o autor das *Soluções positivas*

da politica brasileira; Alberto Salles, um publicista de summo valor, autor da *Sciencia politica*, florão da mentalidade paulista; Miguel Lemos, o severo apostolo, o sobrio critico do *Luiz do Camões*; Izidoro Martins, junior, o poeta e pensador vigoroso das *Visões de hoje*; Clovis Bevilacqua, o mais reputado e fecundo jurista brasileiro moderno; Artur Orlando, um talento de multiplos quilates, que pena é deixar á revelia os seus numerosos estudos; Fausto Cardoso, um crador eloquente, o filosofo da *Concepção monistica do universo* e da *Taxinomia social*; Faria Brito, o neo-metafisico da *Finalidade do mundo*; Lauro Sodré, o estadista immaculado, autor eruditissimo das *Crêncas e opiniões*; Assis Brazil, por certo um dos mais lucidos publicistas, autor de quatro livros expositivos de primeira ordem; José Verissimo, o *conteur* das *Scenas da vida amazonica*, o perspicuo pedagogista da *Educação nacional* e norteado critico literario do colossal *Jornal do Commercio*, do Rio; Felisbello Freire, um escriptor de talento; Oliveira Lima, o critico dos *Aspectos da literatura colonial brasileira* e do notavel tomo *Nos Estados-Unidos*, que recorda as bellissimas *Cartas da Inglaterra*, do fenomenal Rui Barboza; João Ribeiro, o eminente grammatico; Generino Santos, o cultissimo poeta; Medeiros Albuquerque, um distincto poeta e excellente contista *doublé* dum apreciavel critico; Luiz Murat, o grandiloquo poeta das *Ondas* e da *Tarantula*; Olavo Bilac, o lirico adoravel das *Poesias*; Guimarães Passos, o lavorador dos *Versos dum simples*; Mucio Teixeira, o vate dos *Novos ideaes*; Alberto de Oliveira, o fidalgo parnasiano; Affonso Celso, o miniaturista da *Lupe*; Bê Lopes, o bizarro poeta dos *Brazões* e de tantos outros invulgares volumes; Dario Velloso, um poeta e prosador de brilho. No romance vemos, alem de Raul Pompêa, o impecavel d'*O Ateneu*, e de Adolfo Caminha, o pujantissimo romancista d'*O bom crioulo* e d'*A normalista*, Inglez de Souza, o compositor destacavel d'*O missionario* e dos *Contos amazonicos*; Marques de Carvalho, o elegante narrador dos *Contos do norte* e realista da *Hortencia*; Domicio Gama, um contista distinctissimo; Antonio Papi, junior, o possante romancista d'*O Simas*; Faria Neves, o autor do revelador *Morbus*; Gonzaga Duquestrada, o autor porventura do mais notavel livro de prosa do ultimo lustro, aparte umas leves incorrecções,—*Mocidade morta*. E que de aptidões espalhadas e transviadas pelo jornalismo—Alcindo Guanabara, Alcedo Marrocos, Clodoaldo Freitas, Aloizio Carvalho, Pereira da Costa, filho, Teotonio Freire, Celso Vieira, Dunshee Abranches,—Felix Bocaluiva, Artur Lemos, Enéas Martins, Barbosa Rodrigues, Eduardo Saboia, Paulo Maranhão, Eladio Lima, Heliodoro de Brito, etc., etc.!!

E os *Novos*?

Lá—Antonio Nobre, Trindade Coelho, Manuel Gaio, Albert Oliveira, Eugenio de Castro, Julio Brandão, Raul Brandão, Julio Dantas, João Barreira, Carlos Malheiro, João de Castro, Maier Garção, Alberto Pinheiro, Affonso Lopes Vieira, Teixeira de Pascoaes, Martinho Brederode, Affonso Gaio, Delfim Guimarães, Eduardo Peres, Manuel Peateado, Luiz Gallardo, Alfredo Serrano, Guedes Teixeira,

Antero Figueiredo, Arnaldo Fonseca, Caldas Cordeiro, Antonio de Oliveira, Dias de Oliveira, Alfredo Mesquita,—Faustino Fonseca, Abel Andrade, Fernando Martins de Carvalho, Samuel Maia, Alfredo Magalhães, Anselmo Vieira, Silva Mendes, José de Lacerda, José de Magalhães, Silva Telles, Carneiro de Moura, José Sarmento, Domingos Guimarães, Amadeu Freitas, etc. Quantos desses resistirão?

Cá—Cruz e Souza, Affonso Arinos, Magalhães Azeredo, Virgilio Varzea, Xavier Marques, Pethion de Villar, Artur Lobo, Nestor Victor, Frota Pessoa, Antonio Salles, Felix Pacheco, Oliveira Gomes, Collatino Barroso, Antonio Zilo, Alfonsus Guimarães, Orlando Teixeira, Deodato Maia, Luiz Edmundo, Jansen Tavares, Jonas Silva, Mario Artagão, França Pereira, Rodrigues Carvalho, Alvaro Martins, Figueiredo Pimentel, Emilio Menezes, Castro Pinto, Virgilio Lemos, Venceslau Queiroz, Luiz Pistarini, Cunha Mendes, Cardoso, junior, Solferi Albuquerque, Paula Santos, Henrique Castriciano, Teodoro Magalhães, Joaquim Vianna, Emilio Kemp, Gervasio Fioravanti, Antonio de Carvalho, João de Deus do Rego, Mario e Raul Pederneiras, Silveira Netto, Acrisio Motta, Teodoro Rodrigues, Barroso Rebello, Antonio Lobo, Gustavo Santiago, Alvaro Telfé, Artur Vianna, Cantidiano Nunes, Eustaquio Azevedo, Julio Cesar da Silva, Azevedo Cruz, Manuel Bomfim, Henrique Marinho, etc., etc. Quantos chegarão ao fim da jornada?

Como quer que seja, sossobrem muitos ou sobrevivam muitissimos, nos dois paizes, á vista desse catalago de nomes, o certo é que as duas literaturas se avivam, pletoricas de seiva. E' tempo de as Academias Portugueza e Brasileira, se acaso para alguma cousa servem, se entenderem e acordarem nisto—a factura duma grammatica e dum dicionario fundamentaes, regularisando a ortografia, afim de que o estrangeiro possa estudar os livros luzo-brazileiros. Collaborem nessa tarefa um grammatico, um lexicografo, um linguista e um filologo, tomem para padrão de edição critica os volumes de estilistica mais perfeita—Machado de Assis e de Queiroz,—divulguem-se aos milhões as *Lições practicas*, de Candido de Figueiredo e o esplendido livro didactico *Pratica da lingua portugueza*, de Manuel Bomfim e Olavo Bilac, podados o classicismo da construcção e os brazileirismos, conforme os define João Ribeiro,—e abracemos-nos cordealmente, esquecendo os araripes e os silvios!

7.º—A pá de cal

Enterremo-lo, com todas cerimoniaes liturgicas que se devem a um fiel catolico. E resemos-lhe uns consoladores responsos!

Nos *Estudos sobre a poesia popular brasileira*, pg. 156, atroou Silvio:—Hoje todos somos de acordo em que o juizo de Portugal sobre um assunto ou sobre um autor não passa de um divermento ou de uma cousa innocente. Neste ponto não existem duas opiniões: o Brazil timbra por afastar-se do velho reino, para aprender com as nações cultas. Agora leiam esta primeira pagina da *Historia do Direito Na-*

cional:—E' mister começar pelo principio. Escrever hoje uma historia qualquer da cultura portugueza, por limitada que seja a uma só das manifestações espirituacs desse povo illustre, sem partir das mais afastadas populações que iniciaram ali a vida humana seria um absurdo.—A prehistoria portugueza é já agora, depois dos luminosos trabalhos de Carlos Ribeiro, Neri Delgado, Pereira da Costa, Philippe Simões, Vilella, Gabriel Pereira, Martins Sarmiento, Possidonio da Silva, Pereira Cabral, Leite de Vasconcellos e outros, terreno em que se pode pisar com certa firmeza. Ora se Silvio não timbrasse em afastar-se do velho reino, esse *bello paiz*, termos seus, saberia que todos aquelles sabios e as suas obras existiam muito antes de sua senhoria vir á luz da publicidade, com o primeiro opusculo. O *já agora* é de ignorante relapso. Mais uma vez fica provado que as leis da historia são indefectíveis e que o afastamento preconizado equivale a um truncamento.

Nos *Cantos populares*, 2.^a edição, diz—que lhe parece exagerado o affirmarem escritores portuguezes que as *modinhas* brasileiras influíram na literatura portugueza.—Pg. XX. Aqui, como se trata de contrariar uma asserção de Teofilo Braga, espanca o Brazil e defende Portugal, com a mesma sem-razão de sempre. Nos *Cantos populares*, sobre as modificações do conto *O macaco e o rabo*:—E' um grande abuso dos escritores portuguezes o falarem sempre das tradições e costumes do seu povo, como se elle nunca houvesse estado em contacto com outras raças nas terras das conquistas e sido influenciado por ellas.—Pode, entretanto, bem ser que o conto de que falamos seja de origem européa e não fazemos disso grande questão.—Pg. VIII. E' o inverso, como notaes, e para chegar á conclusão de que—*pode ser que sim e pode ser que não*. Não ha ouro que pague este Silvio!

Nos *Novos estudos de literatura contemporanea* refere-se, pela decima millionessima vez, á descompostura de regateira *Uma espartezza*. Mas no prefacio dos *Novos ideaes*, de Mucio, repetido n.^o 1 *literatura brasileira e a critica moderna*, acha que—Teofilo tem mais senso critico do que o geral dos seus compatriotas, porque foi o primeiro a discriminar as características do lirismo brasileiro, no *Parnaso portuguez moderno*, em 1877.—Pgs. VIII e 184. No mesmo livro:—Tenho a petulancia de dizer que ainda não encontrei aqui—no Rio—cousa que me admirasse, nem gente que me infundisse respeito.—Pg. 148. Ainda neste volume aventa que Gregorio de Matt s teve o presentimento da abolição e da republica—pg. 261—e dá um a tunda em Araripe, a proposito da *Historia Constitucional da Republica*, de Felisbello Freire—pg. 195. Mais dos *Novos estudos*:—Uma das maiores tolices que são ai diariamente repetidas é a da pujança, do audacioso vôo da imaginação no povo brasileiro. E' um erro, oriundo da nossa incuravel pacholice. A imaginação do nosso povo é, ao contrario, pedestre, rasteira e, quando vôa, varia entre o surto da *enta* e o do *gavião*. Não temos a aguia, nem o condor. Quer a literatura popular, quer a literatura culta estão cheias de provasdêste sa-

serto.—Pg. 45. E esta nota preciosissima *dos editores*:—Este trabalho, escrito em 75, é a dissertação que o *eminente critico* brasileiro, sr. dr. Silvio Romero, apresentara à Faculdade de Direito do Recife.—Pg. 69. Mais dos *Novos estudos*:—Portugal é completamente deixado de lado. Apenas alguns ignorantes, retardatarios ou preguiçosos, incapazes de ler as produções do grande mundo culto, perdem ainda o tempo e atrofiam o espirito, mastigando a prosa de Ramalho ou Eça e os versos de Junqueiro ou Quental.—25. A inexperiencia de alguns poetas noveis do Brazil, pelos annos de 74 em diante, leva-os á poesia martelante, enfatica, bombastica do portuguez Junqueiro, com indizivel escandalo das patrias musas. Moços de muito mais talento do que o vistoso declamador da *Velhice* andaram ai a restolhar naquelle deserto.—Pg. 42

No *Doutrina contra doutrina*:—Os operarios são a gente mais prospera e satisfeita de todo o Brazil.—Pg. L. No mesmo volume:—A pobreza é a regra generalizada. O povo não tem recursos para comprar o alimento diario, o amarissimo pão.—Pg. 287. E nos *Ensaio de critica parlamentar*:—Paiz seveciado pelo mais medonho pauperismo.--47. E mais adiante:--É uma triste figura a do proletario brasileiro, abatido, desgrenhado, anemico, roto, subjugado, como um *felah* do Egipto.--183. Nestes *Ensaio*s ainda, exalçando o depois cuspidado Comte:--Augusto Comte é um dos mais alentados fenomenos mentaes dèste seculo. Comte deu uma fórma segura á filosofia e á critica de Hume e Kant; encontrou apropriado clima na Inglaterra, na Allemanha, nos Estados-Unidos e na Italia.--45. E sobre o vilipendiado Teixeira Mendes:--Teixeira Mendes é um dos bons espiritos da moderna geração nacional; gosa de merecida nomeada, por seus talentos e caracter.--116. Mais dos *Ensaio*s:--No Brazil, por uma destas extravagancias oriundas da nossa insensatez, todos os nossos senadores, ministros da corôa, conselheiros... todos são grandes homens!... Temos algumas duzias da especie. Não resta a menor duvida,--nós somos a primeira nação do mundo. Os nossos rios são os mais gigantes, as nossas estrellos as mais brilhantes, as nossas montanhas as mais elevadas, as nossas matas as mais seculares, o nosso monarca o mais sabio, os nossos ministros os mais illustres e até os pés das nossas bellas passam pelos mais pequenos e mimosos da terra!...--144. Isso que lêstes é do sr. Silvio Romero e mais isto:--Procuremos adoçar os nossos costumes; tudo quanto fôr uma barreira, que se oponha ao pleno desenvolvimento do estrangeiro, derroquemos.--P. 169.

No prefacio dos *Estudos de direito*, de Tobias:--Depois da publicação da *Historia da Literatura Brasileira* (a portentosa!) o pensamento nacional modificou-se. Já não se despreza Tobias, nem se occulta o autor destas linhas -tem feito o favor de o não esquecer. XVI. Este elogio em boca propria, que atravessa todos os volumecos de Silvio, enternece-nos. Em nota a esta pagina cita os livros em que selhe referem. Acrescente mais este--e lavre dois tentos ali... á preta!--Uma amostrinha do tom silviano, num volume intitulado

A filosofia no Brazil, a respeito da obra *La science et les systèmes*, de Pedro Americo:—Sentem-se impetos de retrucar ao digno pintor—*Eh! Monsieur, pourquoi tant de travail! Ça n'en vaut pas la peine!*—Pg. 57.—No prologo dos *Varios escritos*, tambem de Tobias Barreto, promete ajustar contas um dia—*com a familia de Lafaiete Rodrigues Pereira*, por causa de uma critica literaria. De Araripe, o mano dos *Lucros e perdas*, diz que o atordoou com artigos na *Revista Brasileira*. «Elle, sim, elle é que é o critico, o critico *accompli*, que vê tudo». Zanga-se por os companheiros em critica o zurzirem com demasiada sem-ceremonia e enumera os encomios que tem tecido aos collegas. Pede paz—o valentão! Não deseja romper com Medeiros Albuquerque. Mas dana-se com o contista da *Mãe tapuia*, por via delle ter asseverado que Silvio já descobriu dois ou tres primeiros poetas. «Se fosse entre os 20 e os 30 annos, arqueja Romero, era occasião de uma surriada a valer. O tempo passou e é preciso ser comedido». Estas laudas incrustam um perfeito acto de contricção. Por um triz não implora perdão... Mas o que espanta é que elle se encrepe com as ligeiras allusões de Medeiros,—de quem é velho amigo, mais do pae, e professor de filosofia! Descarna em seguida as mazellas dos confrades. Fala estabanadamente da Escola do Recife, ofuscada pela agitação doutrinaria e frutificante de S. Paulo, sem duvida superior e de mais conspectos, collocando sempre Celso Magalhães em lugar secundario, quando o espirito do malogrado maranhense é que adejava na região serena dos principios esteticos, scientificos e filosoficos. Repete-nos que consagrou artigos a diversos, entre elles ao sollemnissimo asneirão Leonidas e Sá, patrono do gago Janjão Barreto. Da Academia dos srs. Lucio Mendonça e Valentim Magalhães consigna:—Singular corporação ecletica e amorfa, chamada Academia Brasileira, cujas sessões não frequenta e da qual faz parte por honra da firma. Arenga que o seu periodo de *pacificação* é representado principalmente pela *Historia da Literatura Brasileira*—e communiça-nos que Viveiros de Castro descreveu o dito periodo *magistralmente*. Faz lembrar o João da Ega, sobre uma folha que o elogiava:—Não é mausinho, este jornal!... Compara-se modestamente com Silveira Martins. Conta com o futuro. Fia-te na virgem, e não corras! Para os rivaes em critica—«não me queiram mal, entretanto, e acabemos como bons amigos».—*Teria-lhe...* é da grammatica silviana, como um repetido *al* quinhentista.

Relativamente a José Sampaio exgrega estes mimos:—Serie de babosciras de um tal sr. J. Pereira Sampaio, que costuma disfarçar-se sob o pseudonimo de *Bruno*. Trapalhão emerito. Paspalhão. Gaia-to. Demonio. Impagavel. Ainda um dia—daqui a quantos annos?—ha de submeter a uma analyse rigorosa, pagina por pagina, o regabofe *O Brazil Mental*. Etc. Silvio, do alto da sua sabedoria, solta esta:—Ora já se viu maior filaucia e maior desproposito? Esse sujeito a querer ensinar-nos quem foi Vacherot?... Riam-se um pouco do titere e virem-se para cá depois. Isto liquida-se em duas pennadas. José Sampaio assegurou, n' *O Brazil Mental*, que Tobias havia chamado a Vacherot

positivista, e pasmou da calinada. Prova:—Devo aqui, entretanto, prevenir um engano. Não se pretenda deduzir deste meu modo de ver que eu esteja de acordo com a tese positivista da *provisoriedade* das religiões. (Em 1888 ainda não havia completado a leitura de Comte, o fundador da Religião da Humanidade). *Ha dezoito annos que protestei contra ella, combatendo as idéas de Vacherot, cuja filiação no positivismo não me passou então despercebida: demonstrei a cabalmente.*—*Estudos allemães*, pg. 553. Silvio, respondendo ao erro de critica notado em Tobias por José Sampaio, desata se em molecagens e garante que Tobias conhecia *perfeitamente* Comte e Vacherot. Abram-se os *Estudos allemães* e leia-se esta apostilla de Silvio:—O autor (Tobias) dá, em varios topicos deste escrito, como uma tese positivista, a *provisoriedade das religiões*. Releva ponderar que assim realmente pensava A. Comte no *Cours de philosophie positive*, referindo-se ás religiões teologicas. Mais tarde, na *Politique positive*, no *Cathecisme positiviste*, tratou de reconhecer o caracter perpetuo do sentimento religioso, etc.—Pg. 573 Que é della então a *perfeição* dos conhecimentos de Tobias? As suas mais perfeições são do mesmo teor, como esmiuça Nina Rodrigues, quanto aos *Menores e loucos* e aos *Estudos de direito*, no seu trabalho *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brazil*. Mas sigamos. Silvio é orelhudo e quer á força demonstrar que José Sampaio foi injusto nesta admoestação. Transcreve adrede um trecho de Tobias, no qual trecho Tobias chama a Comte o *grande chefe* de Vacherot e insiste em que, na maneira de julgar o intimo religioso do homem, Vacherot é *positivista*, devendo o illustre *metafisico-positivo*—ser mais justo e mais reconhecido ao pae do positivismo. E' certo que, por outro lado, Tobias escreve—«não é que nós queiramos fazer de Vacherot um discipulo de A. Comte». Mas esta afirmativa que fotografa? Nada mais, nada menos do que isto:—que Tobias pede meças em incoerencias ao Silvio. Jeovah os fez e o diabo os ajuntou—para a cabeçada! E' engula o seu aranzel contra *Bruno*, que sabe mais a dormir do que você a madrugar ha 50 annos. No *Brazil Mental* ha falhas de disciplina intellectual e injustiças para com o Brazil. Mas os dizeres alludidos são adequadissimos. A critica ao positivismo, por exemplo, é infelicíssima, basicamente falsa e desnorteada; a fórma atenaza-se nuns propositaes resaihos classicos; muitos pedaços poderiam tirar-se para *O Brazil Social*; regista-se extemporaneamente a nossa morte—ai de nós!—e faz-se uma exaggeradissima apotéose de amigo a Guerra Junqueiro, que a estas horas está pondo o Novo Testamento em redondilha. Dizem as más linguas que o indignado epico da *Patria*, a sua mais significativa obra, já encontrou Deus!... Acerca da demonstração mathematica da existencia do Padre Eterno, beco sem saída em que se immiscuiu José Sampaio, perdendo uma erudição inapreciavel, sufficiente será lembrar as palavras de Faguet sobre Scherer:—Ninguém possuiu mais *provas* para *provar* que nada estava *provado*. Bruno que se dedique antes á continuação da *Geração nova*, fase da Escola de Coimbra, ou seja o *naturalismo*, nas bollas-letras, na

sciencia e na philosophia, segundo Zola. E' de justiça proclamar, todavia, que o autor da *Geração nova*, das *Notas do exilio* e anotador da *Historia de Portugal*, de Schaeffer, merece os nossos calorosos respeitos admirativos.

Outra obreia de Silvio, em que ainda não tocámos—os *Ensaios de philosophia do direito*. Clovis Bevilaqua, um timido amigo de Silvio, fala assim:—Não recuso a minha franca adesão a essa schematisação da actividade humana. (E' uma classificação admirabilissima de Silvio). Mas dois reparos me acodem ao espirito, ao considera-la.—*Juristas filosofos*, pg. 135. Discreteia a proposito e empós faz outro áparte sobre um detalhe secundario. E depois:—Tambem não me acho de pleno accordo com S. R. nos conceitos que elle apresenta a respeito do phenomeno do direito e da moral.—137. Diverge após na definição de direito. E por este modo vae esbandalhando tudo, com a sua proverbial meiguice! Lafaiette R. Pereira, um insigne jurista, é menos docil:—Em philosophia o sr. Romero é um fantasista: não tem consciencia clara das doutrinas que aceita e não lhes mede as consequencias.—Mata a metafisica e continúa a fazer metafisica! Isto não é uma simples contradicção—é uma contradicção de inconsciente.—*Vindicie*, 66-7. Na verdade o sr. Romero muitas vezes é a negação de si mesmo.—93. Eis aí o que é a classificação das sciencias do sr. Romero—uma sintese de dislates.—101. Não é o sr. Romero versado nas nossas leis, não sabe do direito estrangeiro. Sem o conhecimento dos factos, como poderia fazer generalisações, elaborar sinteses ou entende-las com clareza, profundidade e segurança, quando tomadas, de segunda mão, dos escritores que se teem occupado do assunto? A carencia destes conhecimentos se faz sentir no pouco que aventura no seu livro sobre as generalisações do Direito.—199 200. A introducção filosofica, a qual toma dois terços da obra, é um mistiforio em que fragmentos e destroços de todas as philosophias, violentamente arrancados, revôam ás tontas, cruzam-se e abalrôam, produzindo como resultado final uma desordem e confusão indescriptivel de idé s.—251. E assim por diante, com cordura, esfarrapa-se mais este productosinho daquella incandescente cerebração. Araripe, junior, manifestou-se algures:—O novo livro do critico sergipano—*Presidencialismo e parlamentarismo*—denota que no seu espirito houve a intercurrencia de qualquer preconceito ou superstição momentanea, alguma cousa que se possa comparar ao capricho de um dispeptico; e para firmar este juizo basta attender á fluctuação dos argumentos produzidos e á contradicção dèsses mesmos argumentos com a doutrina dos autores, que o illustrado polemista conduz até ao meio da praça e obriga a apoiar as suas opiniões.—*O movimento literario de 1893*, pg. 33. E até Tobias, o protector Tobias, acoima o confrade:—O que eu, pois, bem quizera não encontrar no livro de Silvio—*A philosophia no Brazil*—era essa rotavel preponderancia do polemista sobre o critico.—*Estudos allemães*, 707. Do sr. Valentim Magalhães:—Gonçalves Dias, Alencar, Magalhães, Varella, Moniz Barreto Machado de Assis, Luiz Delfino, todos os escritores modernos, á excepção

de tres ou quatro, que lhe pedem prologos,—no Brazil; e fóra daqui:—Zola e todos os naturalistas francezes, Eça, Ramalho, Junqueiro, outrora tambem Teofilo Braga e muitos outros, cujos nomes não me occorrem, teem sido honrados com a atrabilis critica de Silvio.—*Notas á margem*, 66-7.

Desejariamos ainda esclarecer a conducta de Silvio para com Celso Magalhães. O mais passavel dos trabalhos silvianos, diremos mesmo o unico soffrivel dos 24 volumes do traga-balas, zoilo risivel, é o intitulado *Estudos sobre a poesia popular brasileira*. Pois este livro foi filado, na sua maxima parte, ao talentosissimo etnografo maranhense! «Celso foi meu condiscipulo na Academia do Recife, escreve Silvio, e eu costumei-me a ver nelle o espirito mais eminente daquelle lustro escolar».—*Estudos*, pg. 113. Celso iniciou as suas pesquisas em 73, no *Trabalho*, do Recife. Silvio rebateu a orientação do bello poeta. Em 1879 penitenciou-se, sorriprou-lhe os estudos criticos realizados e os cantos recolhidos—e na *Hist. da Lit.* passa por Celso como gato por lebre e nos *Novos estudos*, pg. 126, tem o arrojo de assobiar que não deve cousa alguma a Celso Magalhães! Estamos trabalhando, com Antonio Lobo, o intelligentissimo director da biblioteca publica do Maranhão, na reunião dos escritos do lucilante critico. Então se rehabilitará a memoria do romancista de *Um estudo de temperamento*.

Toda a obra de Silvio não vale uma critica de Celso. E, como jurista e publicista, longe está de topar os calcantiares dum João Vieira ou dum Amaro Cavalcanti.

Lancemos ferro. Os srs. Silvio Romero e Araripe, em particular aquelle, foram parvós de grosseria para com Portugal e a literatura portugueza. Os destrambelhos *individuaes* de lá, aliás efemeramente polemisticos, não justificavam os de cá—e vice-versa. Portugal, que alicerceou a era industrial moderna; que estripou o poderio castelhano, «quando o sol não se punha nos seus dominios»; que foi o iniciador da expulsão dos jesuitas e da secularisação do ensino no occidente europeu; que com os seus soldados derrotou Napoleão; que ainda ha mezes, tendo guerra em todas as possessões ultramarinas ao mesmo tempo, vendo a derrota do espanhol em Cuba, do italiano na Abissinia, do francez no Sudão, conseguiu triunfar de tantas difficuldades—e que ha semanas, se a dinastia brigantina não fosse formula de Albion, teria dissimulado o cumprimento do tratado anglo-luso e auxiliado os boers, contra as illusões pedinchonas de quatro salarizados, promovendo por esta maneira a ruina da Inglaterra.—Portugal, repetimos, não é tão misero e mesquinho como os srs. Araripe e Silvio imaginam. O espirito de revolta bate em todos os corações e não tardará o dia da renascença moral portugueza, conculcada pelos Braganças. Ai teem, nessa colonia honradissima, inda que alheada ás cousas politicas da patria, a demonstração protuberante das velhas qualidades luzitanas. Ai teem, em Souza Pinto e Filinto de Almeida, Ernesto Cibrão e Cunha Vasco, Luiz Gomes e Zeferino Candido, Bar-

bosa Romeu e Silva Lima, Eduardo Salamonde e Leite Velho, Cunha e Costa e Armando Erse, Accacio Antunes e Machado Corrêa, Veridiano Gonçalves e Luciano Fataça, Julião Machado e Vasco Abreu, José Barbosa e Eduardo Victorino, Carlos de Mello e João Lucio de Azevedo, Barjona de Freitas e Augusto Taveira, Azevedo Barranca e Tito Martins, intellectuaes portuguezes disseminados por todo o Brazil, alguns exemplares, alguns testemunhos de que a mente luziada, lá como cá, paira num plano superior á bacharellice indecorosissima do regimen ali vigente. Que o Brazil são e generoso distinga isto—Portugal não é a monarchia portugueza, mas sim o povo portuguez, que tem sabido resistir, no correr dos tempos, ao mouro, ao jesuita, ao castelhano, á inquisição, ao frade, ao bacharel, e sempre ao inglez e á realza. Com Passos Manuel entraram em Portugal a liberdade politica e a liberdade mental, ambas com apreciavel plenitude. Em 1837 reformou esse estadista o ensino superior, descentralizando o privilegio universitario. Nesse arrojamento do espirito consumiram-se 28 annos, sem manifestações externas, até que em 1865 surgiu a *poesia do direito*. E o autor desta obra, primeira revelação das tendencias scientificas modernas, em quem revive a alma de Camões, incarnação da patria, impõe depois á gente occidental a consciencia da sua missão, promovendo a celebração do 3.º centenario da morte do Epico. 1880 marca a data da resurreição. A breve trecho repelliam-se as pretensões da Inglaterra á bahia de Lourenço Marques. Em 1882 festejava-se o nome do adversario do jesuitismo—Pombal. Em 1889 saudava-se clamorosamente a Republica Brasileira. Em 1890 vociferava-se ardentemente contra o *ultimatum* da Inglaterra e começava-se a emigrar para a nossa Africa, defendendo-a assim com o melhor dos baluartes—a colonisação. Em 1891 rebenta no Porto uma revolução republicana, que teve o condão de cercear os viveres á dinastia, cortando-lhe os abusos do credito. E assim por diante. O povo, escoados tres seculos de relativa prostração, gerada pelas escolas jesuiticas e pelas fogueiras inquisitoriaes, em que só se altearam alguns dos seus escritores, muitos delles foragidos, volta á posse de si proprio. De 1580 a 1880 dormitou. A comprehensão de Camões deu-lhe vida. E hoje, concentrando-se no continente, no Brazil e nas colonias, pois toda a restante emigração será perdida, criando no ultramar a sua independencia economico-financeira immediata e abrindo um campo á expansão da sua actividade scientifica, procedendo autonomicamente em tudo, alheio á perversão asfixiante da ignavia governamental, á semelhança do que estão pratibilizando o commercio e algumas companhias exploradoras, equilibrando por este modo a balança commercial, quando a monarchia trabalha ha um seculo para equilibrar o orçamento e inatar o *deficit*, demonstra á saciedade que a decadencia, agora mais do que nunca, é do restricto mundo constitucional, dos roedores dinasticos e não de Portugal. O servilismo que bajule «a mais formosa das rainhas, a sr.ª d. Amelia» Mas os homens serios e rectos que vejam nas filantropias teatraes dessa Orleans o ultimo recurso do passado, —englobado na corôa, na aristo-

eracia e na clerezia. Com estes elementos, que querem engodar a pobreza analfabeta e a vadiagem inhabil com caldos de portaria, não pactua felizmente a multidão viril e trabalhadora, a massa republicano-federal-socialista, que ha vinte annos constitue a maioria da nação. E' este o grandissimo valor dos imarcessiveis livros do mystico, fidalgo e monarchico Eça de Queiroz—o de ter focado essa sociedade à parte, banal, chata, no meio da qual o povo não apparece. O sr. Filho não viu isto e asneou grossamente. São as lições da historia portugueza—que o *mestre* Herculano, o *mestre* Castilho, o *mestre* Camillo, o *mestre* Chagas, o *mestre* Anthero, o *mestre* Oliveira Martins e outros, mais ou menos *mestres*, não nos ensinaram, porque a não souberam entender—que nos ditam este proceder. Pouco nos importa que caiam homens, se desalentem, se esfacelem em questiunculas ou se transviem. A nossa crença assenta em idéas. Um portuguez nunca poderá aplaudir quem o vendeu em 1580 e quem em 1640 nada se interessou pela sua restauração administrativa. O povo portuguez, se quizer prestar culto á verdade e á justiça, terá que anatematizar eternamente os reis, a fidalguia e os jesuitas, porque foram elles que o opiaram em pleno esplendor e o entregaram á Inglaterra. E' esta a nossa historia perante o Brazil de hoje e de sempre—e perante o mundo inteiro! Resurgimos collectivamente. E não envergonhamos, não envergonhámos nunca, os companheiros que se nos adiantaram na realisação da formula politica.

Curvavamo nos a esse odio, se os srs. Silvio e Araripe fossem indios. Haveria a justificativa do tragico odio da raça, como nas colonias espanholas, onde o cruzamento com o branco foi diminutissimo. Mas os srs. Silvio e Araripe são filhos ou netos de portuguezes. Os seus fureres, portanto, são apenas para inglez ver,—não veem lá de dentro! Tenham patente o principio de Scherer—de que um homem só se deve servir da penna pela idéa e da idéa em prol da verdade. O sr. Silvio mentiu, quando escreveu:—Devemos a verdade ao paiz e *diremo-la*... Mentiu e envenenou a grammatica! Silvio que reconsidere nos seus flagrantes carapetões. Lance um olhar ao trajecto percorrido e concordará connosco em que, alem da sua amizade respeitavel a Tobias, a unica em que tem sido constante e que multi-simo é para louvar, mau grado os seus desmandos, da *Introdução á Historia da Literatura Braz.*, errada basilaramente, aliás, e dos *Estudos sobre a poesia popular brasileira*, extorquidos,—revestidos e harmonisados estes pequenos volumes ainda assim, sem teorias de mestiçagem, nada mais ficará de pé. A geração que rompe, a geração educada na Republica, a qual nada lhe deve, porque a profissão de fé de Silvio data de 1889, essa geração está no direito de lhe mostrar que vosmeccê é um escritor á força, por solidariedade com Tobias, e um cabolino que nos andou a apregoar germanismos, sem ler uma palavra de allemão! E, quanto ao papel que Portugal deve representar ante os seus sentimentos e a sua razão, medite e execute estas suas palavras:—Cumpramos o nosso dever para com aquelles que nos amamentaram, isto é, *honremos*, por nossa grandeza, os portu-

guezes, porque devemos enxergar nelles, antes de tudo, os concidadãos do Gama, os compatriotas de Camões.—*Estudos sobre a poesia popular brasileira*, pg. 364.

Silvio !

Ha semanas aportaste a Lisboa, com passaporte para as aguas do Gerez. A terra dos alfacinhas recebeu-te amoravelmente, com boas noticias e melhores agapes. Bem haja. Conta-se que o *terribil* Albuquerque, ao proporem-lhe na India o suborno de um refem, indicando um canhão, retorquira:—E' nesta moeda que el-rei de Portugal paga aos seus rebeldes ! Os tempos mudaram. Hoje ha civilisação—e civilidade. Não fôra isso, e os jornalistas lisboetas diriam a Silvio, ao *toast*:—E' assim que Portugal responde ás injurias do sr. Silvio Romero,—banqueteando-o e curando-o !

E adeusinho, immortal pateta ! Considera-te um puro mito, se quizeres extinguir-te em paz ! Ou então, se teimas em sobrenadar, melhor é suicidares-te na santa paz das alturas!...

8.º—Uma carta de Teófilo Braga

A FRAN PAXECO:

Por alguns *compte-rendu*, publicados em revistas francezas e italianas, em 1887, é que soube da existencia do livro do sr. Silvio Romero—*Uma esperteza—Os Cantos e Contos populares do Brazil e o sr. Teófilo Braga. Protesto*. Sendo eu accusado, era dever de accusador dar-me conhecimento do seu libello, para defender-me ou justificar-me; não o fez, e com tanto maior agravo que esse opusculo pouco circulou no commercio. Só em 1900 é que logrei ler *Uma esperteza*, por favor especial do meu amigo. Já decorridos treze annos, era tarde para responder a uma questão morta; mas, pela sua carta de 14 de junho dêste anno, diz-me:—«Não me poderia mandar uma linha sobre cada uma das proposições do Silvio, na pasquinada *Uma esperteza* ? Acredite na minha lealdade e criterio».

Para satisfazer o seu empenho, envio-lhe as seguintes explicações, afim de lhe dar a publicidade que entender, na certeza de que nunca é tarde para a verdade e justiça.

§ 1.º «Alem da costumada carta de Carrilho, uma do sr. Teófilo Braga. Pediam-me ambos para lhes enviar, afim de serem por elles editados, os trabalhos sobre a literatura popular do Brazil, que, em uma das notas da *Introducção á Historia da Literatura Brasileira*, eu dizia possuir. Tal parecia a gentileza da offerta, por tal modo se mostravam desinteressados os dois cavalheiros, que eu cai no laço».—*Uma esperteza*, pg. 7.

Em 1882 chegou a Portugal o volume *Introducção á Historia da Literatura Brasileira*, ofrecido por Silvio Romero a Teófilo

Braga; lia-se aí, em uma nota, a pg. 55:—«O autor deste livro possui uma vasta collecção inédita dos nossos Cantos e Contos anônimos. *Está cansado de offerece-la gratuitamente a livreiros e editores para a publicarem.* Achou-os sempre avessos a esta ordem de trabalhos...».

Esta confissão de desalento do sr. Silvio Romero não podia passar despercebida para aquelle que, em 1877, iniciou no *Parnaso portuguez moderno* a publicação dos Cantos populares brasileiros, entre os quaes veem a *Xacara do cego* (Ceará), a *Xacara de D. Jorge* (Ceará), a *Xacara da Flores-Bella*, e Lundus, Modinhas, Chulas e Baiuques. Já em 1881 me interessava pelos estudos da tradição poética brasileira, que descrevo na *Teoria da Literatura Portuguesa*, pgs. 57-59, citando a *Revista Brasileira*, pelas suas valiosas informações. Compreende-se o empenho de ver que só ia completando a vasta informação das tradições poeticas de Portugal na sua continuação do Brazil; mas este empenho só iniquamente pode confundir-se com uma especulação mercantil. O livreiro Carrilho Videira, lendo tambem essa nota supracitada, julgou que era bom ensejo para exercer a sua rasgada iniciativa e offereceu-se—«para salvar da traça esta collecção, que foi repellida pelos livreiros e editores brasileiros com o mesmo horror com que se foge da peste». Isto escreve o sr. Silvio Romero, no prologo dos *Cantos populares do Brazil*, em novembro de 1882, cheio de reconhecimento.

E' natural que o livreiro Carrilho me consultasse sobre a sua empreza e que, apesar de estar em relações com o sr. Silvio Romero, pedisse a minha interferencia junto do colleccionador, e que lhe escrevesse. A' offerta generosa feita por Carrilho, que perdeu 500\$000 réis na edição, correspondeu o sr. Silvio Romero dizendo que *caiu no laço!* Só escreveu isto em 1887, depois de ter saboreado o prazer quatro annos e de ter visto a seu contento impressos os *Cantos populares do Brazil*, em 2 volumes, 1883. E tanto lhe satisfizeram o prologo e as Notas sobre os Cantos populares que, em 1884, quando se tratava de imprimir o volume dos *Contos populares do Brazil*, escrevia ao editor Carrilho Videira:—«Bote-lhe aí o Braga um pequeno prologo e um punhado de Notas e está a coisa feita». (Carta de 8 de abril de 1884). Não se lembrando disto, que escrevera, o sr. Silvio Romero bóisa na sua *Espertesa*, pg. 10:—«Logo aí o outro, o sr. Braga, havia entendido de se offerecer para lhe ajuntar um prologo e notas, cousas de que me não falaram nas cartas em que pediram o manuserito. Accedi, contra os meus habitos, para não parecer vaidoso». Mas, se o sr. Silvio Romero tivesse consciencia da importancia do serviço que lhe prestei, não escreveria assim: tive de apartar o texto dos *Cantos do Brazil*, porque o colleccionador confundia romances diversos em um mesmo ditado, como aconteceu com os romances *D. Branca* e *Casamento malogrado*, pgs. 18 e 20, que formavam um só. O colleccionador não conhecia os temas tradicionaes e caia nestes erros, que eu evitei sem ruido. Ampliei o campo dos *Cantos populares do Brazil* com os romances do Ceará, que eu publicara

em 1877; o sr. Silvio Romero também gostou dêste melhoramento; só mais tarde, em 1887, queixando-se do livreiro ter publicado a obra em dois volumes, serve-se da seguinte imprecação:—Para isto lhe meteram ali uma tal *Decima grande do Firmamento*, que nada tem de popular.—Pg. 10 da *Esperteza*. Diz isto o sr. Silvio Romero, no seu azedume; mas o dr. Francisco Ferraz de Macedo, consumado antropologista, que a colligira, escreve na nota que lhe appensámos, a pg. 215:—«Como tradição oral, a semente desta longa cantilena ao Divino corre por muitas bocas no Brazil, em estrofes deturpadas, alteradas, mutiladas...». A fórma estrofica é popular, como se vê na Queixa de uma Freira e na Canção do Marujo, da tradição portugueza. Depois queixa-se de que Leite de Vasconcellos notara varias quadras repetidas:—«Veiu sobre mim. Os meus dois amigos meteram-se na moita».—Pg. 11.

As quadras que formaram o 2.º volume dos Cantos populares vieram todas em folhetins impressos em um jornal do Rio Grande do Sul pelo dr. Carlos Koseritz; assim foram para a imprensa, cortando nas provas tipograficas as numerosas repetições. É natural que escapasse alguma quadra repetida; mas este trabalho deveria ter sido feito pelo sr. Romero, quando entendeu apoderar-se da collecção de Koseritz. Por fim diz:—Sobre os Cantos não tenho observação alguma a fazer-lhe, alem da que está consignada nas paginas precedentes.—*Esperteza*, pg. 14.

Tenho eu uma observação capital e que annulla todos os agravos do sr. Silvio Romero. No tomo I dos *Cantos populares do Brazil*, pg. XXII, consignei categoricamente a quem pertencia a teoria etnica pela primeira vez apresentada na *Revista Brasileira*:—«Silvio Romero compreendeu que a poesia popular do Brazil não seria bem conhecida na sua origem e desenvolvimento nacional sem o estudo dos seus elementos etnicos; foi este o lado original dos seus estudos, pela primeira vez apresentados na *Revista Brasileira*. Os tres elementos etnicos do povo brasileiro, o europeu, da primeira colonisação e das emigrações subsequentes, o africano, dos trabalhadores escravos, e o indigena ou tupi, aproximado pela catequese, cruzaram-se em proporções diferentes, produzindo uma mestiçagem com aptidões novas, segundo a orientação de cada um dos elementos preponderantes».—Silvio Romero procurou na poesia popular do Brazil a expressão destes elementos: avaliando a situação especial em que se achava, escrevia:—«Temos a *Africa* em nossas cosinhas, a *America* em nossas selvas e a *Europa* em nossos salões». Como não repeti esta declaração no volume dos Cantos, terceiro da collecção, gritou logo o sr. Silvio Romero, na *Esperteza*, a pg. 11, que Braga,—«com o mais escandaloso abuso de confiança, quiz apoderar-se dessa divisão etnografica—e da-la como uma producção original sua». Deblatera em 1887, sem já se lembrar de que estava por mim lealmente proclamada em 1883. E assim desata em alarido:—«Sabe todo o Brazil que ha quasi vinte annos applico-me ao estudo critico da literatura nacional, manejaudo como base fundamental da minha analyse o criterio etno-

grafico. Se me tiram isto, o meu trabalho reduz-se a metade do seu valor. E o sr. Braga não trepidou em fazê-lo, tanto mais malevolamente quanto vinha com pés macios e zumbaias de camarada...—Pg. 16. As reticencias são de Romero, para effeito sobre os ingenuos. Pelo que escrevera em 1883, a contento do etnologo brasileiro, vê-se que é disparatada a inerepação de que eu tentasse tirar-lhe a sua teoria etnica. E, para confessar a plena verdade, eu acho essa teoria degradante para o povo brasileiro, em que apenas ha camadas de mestiços de preto e de selvagem, mas sem acção directa na cultura e na sociedade do Brazil. O sr. Silvio Romero, como mestiço, faz etnologia brazilica para seu uso. Como é que eu podia tirar-lhe esse prazer?! Pelo contrario convem-me que alguém aceite a responsabilidade dessa teoria etnica.

§ 2.º—Depois do sr. Silvio Romero—«agradecer especialmente aos srs. Teofilo Braga e Carrilho Videira, que *tão galhardamente* se offereceram para salvar das traças esta collecção, que foi sempre repellida pelos livreiros e editores brasileiros com o mesmo horror com que se foge da peste»—nov. de 1882—, tratou Carrilho Videira de imprimir a collecção dos *Contos populares do Brazil*, a qual saiu á luz em 1885.

Para comprazer com Carrilho Videira, e honrar o pedido do sr. Silvio Romero, intervim na publicação dos Contos brasileiros. Passados dois annos, o sr. Silvio Romero vem com o folheto *Uma esper-teza*, em fôrma enfática, dar explicações ao seu paiz, «tanto mais desassombradamente, quanto o sr. Teofilo Braga, *por um abuso de confiança*, cortou de uma vez os tenuissimos fios que um momento nos ligaram».—Pg. 6 O sr. Silvio Romero não sabe a proporção que existe entre as palavras e os factos. Frases estupendas para meras insignificancias; prova isso um disequilibrio mental ou cegueira moral.

Vamos aos factos. O texto dos *Contos populares do Brazil* não dava um volume in-8.º para se ligar á collecção, e o livreiro Carrilho Videira escreveu ao sr. Silvio Romero, pedindo-lhe que mandasse mais algumas versões. O sr. Silvio Romero, porém, em carta de 8 de abril de 1884, respondia-lhe:—«Quanto ao enviar-lhe novos Contos populares, acho isto inutil; por oitenta razões. Entre ellas são de peso as seguintes:—1.º Nestas publicações o principal é a qualidade e não a quantidade, e aquelles são irrevogavelmente, absolutamente os principaes Contos populares do Brazil; eu os colligi com diabolico trabalho, quasi palavra por palavra, eu mesmo, directamente. 2.º Aqui tenho sobre a mesa a collecção, etc.» (Cita os Contos de Grimm, os colligidos por Pitré e outros, para justificar a exiguidade da collecção brasileira). E prosegue:—«Ora eu lhe mandei uns 70 ou 70 e tantos Contos (antes fossem contos de réis!...) e ainda o amigo acha pouco!! *Bote-lhe ai o Braga um pequeno prologo e um punhado de notas*, e está a cousa feita. Aquillo dá 300 paginas em mão de gente que saiba fazer render o que possui. Deixemo-nos de historias; eu não lhe mando mais *historias* novas. Como—materiaes para a *Histo-*

ria da *Literatura Brasileira*, o que lhe mandei de Cantos e Contos e critica é mais que sufficiente. Peço-lhe que atire o volume ao mundo quanto antes. O amigo sabe como são estas cousas. *Aqui no Brazil ninguem se importa com a poesia e contos populares*. Havia um ou outro pequeno artigo de jornal e nada mais. Agora com a publicação aí da minha collecção a *canalha letrada* está-se mordendo de inveja e já se preparam alguns burros para publicarem collecções de Cantos e Contos. Se tal fizerem, vamos ter uma terrivel concorrência commercial. E' andar ligeiro e ter paciência. Foi o que aí aconteceu ao Teofilo Braga. *Esses bestalhos* daí não tinham a menor idéa da importancia dos Contos populares; foi o Braga falar na cousa e logo surgiu uma *sucia de illuminados* a publicar Contos e mais Cantos. . . Para mim a unica collecção de merito é a de Teofilo. As outras podem ir para o fogo; são productos de pedanteria e nada mais. Por isso veja o amigo o que faz; trate de botar para fóra os *Contos*, taes, quaes lhe foram e está tudo feito». Na continuação da mesma carta diz:—«A saída dos *Cantos* vae bem aqui, ao que me tem dito o sr. Iino. Por ora já tres artigos saíram sobre elles—um do Serra, um do Felix Ferreira, um do Valle Cabral, rapazes brasileiros intelligentes. Logo lhe mandarei tudo isto».

Como se vê pelo extracto desta carta, Silvio Romero estava com o maximo empenho em que se publicassem os *Contos populares do Brazil* e mostra-se contente com a saída dos *Cantos*. Depois entendeu que *caiu num laço!* E dispendo da minha pessoa, sem uma attenção preliminar, para eu fornecer um prologo e notas á collecção exigua, chama ao acto generoso da minha aquisição um *abuso de confiança* e entretece um libello desvairado, com o titulo, *Uma es- perteza*. Antes de dar largas a objurgatorias estranhas ao assunto, formúla os seguintes quesitos, com que me incrimina:—«1.º Cortar um trecho da Advertencia preliminar do livro, em que dava eu conta da divisão deste». Essa divisão referia-se a quatro series de Contos: I, de origem portugueza; II, de origem africana; III, de origem americana; IV, contos em que se nota accentuada transformação recente.

Todas estas categorias estavam vagamente ou hipoteticamente representadas; a designação de *origem portugueza* era estúpida, porque quasi todos os Contos desta categoria acham-se repetidos nas republicas espanholas da America, como provei nas minhas notas comparativas; preferi a fórmula mais geral de *origem européa*. No que se referia á *origem africana* eram exclusivamente as Fabulas que caracterisavam esta categoria; como muitas destas Fabulas se repetem em Portugal, como provei nas minhas notas comparativas, por isso as considereei de origem africana e não de origem tupi, sabendo-se como desde o seculo XVI se espalharam em Portugal alluções de pretos. Contos de *origem americana* estavam apenas representados por algumas fabulas tupis, supondo que estavam assimilados pelo povo brasileiro.

Deixando a formula *origem americana*, como prestando-se a

equivocos, preferimos a de *elemento indigena* e alargamos esta serie, incluindo as fabulas e contos tupis colligidos pelo dr. Couto de Magalhães, não só porque o livreiro exigia a ampliação do volume, mas porque esse contacto do brasileiro com o tipo selvagem se manifesta em todo o campo tradicional: «as danças cantadas, como o *Catereté* e *Carurú*, vieram dos tupis encorporar-se nos habitos nacionaes; em S. Paulo, Minas, Paraná e Rio de Janeiro ha canções em que se alternam versos portuguezes e tupis; na vida domestica entraram contos e lendas, como a historia de *Saci-Sararé*, *Botaitá* e *Curupira* e muitas fabulas foram colligidas do ditado de soldados indigenas, servindo na guarnição do Rio de Janeiro». Isto confessa Couto de Magalhães; e, encorporando esses contos indigenas, seguimos em parte a indicação do sr. Silvio Romero, que só admitia «os contos tupis que—passaram ás populações actuaes do imperio». E como entendemos que importa conhecer as tradições indigenas, mesmo quando não seja através da população branca, com plena franqueza e probidade o confessámos em nota:—«Modificamos neste ponto o plano do collecter, completando a representação dos elementos etnicos do Brazil com o que actualmente se conhece de tradições dos indigenas». Diz neste ponto o sr. Silvio Romero que devera então completar a serie com os mitos e contos colligidos por Hartt e Barbosa Rodrigues. De facto, se eu tivesse logrado encontrar esses subsidios, com certeza seriam encorporados. Eis aqui em que se resumem as alterações de classificação, justificadas pelas notas comparativas. (1)

Na advertencia dos *Contos populares do Brazil* traz o sr. Silvio Romero:—«O brasileiro é o resultado das tres almas que se reuniram».—Pg. VI. Como é que eu, tres paginas adiante, me vou—apoderar dessa divisão etnografica dos Contos brasileiros e da-la como producção original minha? Tendo-se lido a teoria das tres *almas fundidas* no brasileiro, o facto de escrever, a pg. IX,—«foi sob este aspecto que ligámos uma singular importancia aos *Cantos populares do Brazil*», não póde significar que me apropriei da teoria antropológica do literato brasileiro... Na sua advertencia preliminar escreve elle:—«Consideramos o indio puro como estranho á nossa vida presente. O mesmo pensamos do negro da costa. O portuguez, o *emboaba*, o reinol, está nas mesmas condições».—Pg. VI. Era por isso que eu insistia, a pg. IX, pela coordenação etnológica sobre estes tres elementos, que o sr. Silvio Romero só admitia na fusão ou *resultado das tres almas*.

Eis o pequeno equivoco que suscitara 166 paginas de coleras (de *kole*, o intestino) ao sr. Silvio Romero, no folheto remetido a

(1) Teofilo Braga, quando nos enviou esta esmagadora resposta, ainda não tinha visto a reedição dos «Cantos e Contos populares do Brazil», effectuada em 1897 pelo sr. Silvio Romero. Pois nessa reimpressão o sr. Silvio adota inteiramente as emendas de Teofilo, reproduz somente Couto de Magalhães, como f z o seu benfeitor... e no posfacio da edição continua trombetcar que o caridoso anotador lhe estropeou o trabalho! O leitor que julgue tanto cabolinismo.—*Fran.*

todos os sabios da Europa, accusando-me de ter *abusado da sua confiança e pegado em flagrante delicto de charlataneria literaria*. Verdadeiramente—as frases extremas de increpação sobre cousas que se reduzem a differenças doutrinarias revelam um cerebro anormal e um caracter de degenerado.

§ 3.º—O grosso do folheto impresso em 1887 é aproveitado para demonstrar a minha completa incapacidade mental, pondo em estilo faceto um amplo vocabulario de chascos. E' um aspecto do momento de azedume; porque, em horas menos pessimistas, o sr. Silvio Romero via-me a outra luz. O livreiro Carrilho Videira tinha publicado, em 1880, a minha *Historia do romantismo em Portugal*; como editor entendia que, para os livros subirem, era preciso falar delles, em bem ou em mal; assim sobre os *Traços geraes da philosophia positiva* suscitou artigos de Cunha Seixas contra esse livro e contra a minha *Historia universal* artigos de Fernandes Costa. Com tanto que se falasse, e aguçasse a curiosidade sobre o livro por elle editado, era-lhe indifferente o louvor ou a censura, porque tudo lhe promovia a venda. Foi neste intento que o livreiro enviou ao sr. Silvio Romero a *Historia do romantismo em Portugal*. Em carta de 29 de setembro de 1882, escrevia-lhe o sr. Silvio:—«Tenho lido os primeiros capitulos e brevemente irei ao fim. Como v. s. sabe não se pôde escrever aí ao correr da penna sobre obra de tanto valor. E'-me necessario reler o 1.º volume, que li ha dois annos, e ainda mais—é por certo preciso reler o Teofilo Braga nas seis categorias diversas da sua actividade mental: a poesia, as colleções de tradições, a historia literaria, a politica, a philosophia e, finalmente, a historia universal. E' um escritor, cuja evolução intellectual é complicada e larga, dando aberturas para avenidas varias do pensamento, e, portanto, elle não se analisa sem muito cuiado. Se tiver tempo farei um trabalho vasto e completo sobre elle. Se não, não. E' um lutador que deve ser tratado muito ao serio e com elle a peleja deve ser collocada numa altura muito fóra do commum na literatura dos dois paizes onde se fala o portuguez. Em Portugal ninguem o pôde julgar conscientemente. Outros assuntos:—Muito de acordo estou com o que me diz do charlatanismo de Oliveira Martins e das incongruencias de Ramalho Ortigão. Os livreiros com quem aqui poderá v. s. abrir relações são... Os mais são ladrões de estrada e eu sei bem disto».

Em 1884 o sr. Silvio Romero ainda mantinha este aspecto optimista; e, em carta de 8 de abril dêsse anno, ao referido livreiro, e em que fala *do nosso Teofilo*, escreve em um post-scriptum:—«Diga ao Braga que elle é um homem ás direitas. Vejo completo o seu monumento como *poeta*, o seu monumento como *folk-lorista*, o seu monumento como *historiador da Literatura Portugueza*. As *Miragens seculares*, os *Contos tradicionaes do povo portugue* e a *Historia do romantismo* ultimaram estes tres monumentos. Deve elle acabar a *Historia universal*. Acabada esta, meter hombros á *Historia geral de Portugal*. Acabada esta, pôde quebrar a penna, porque foi um homem.—S. Romero».

O critico apaixonado não se esqueceu destas palavras, quando em 1887 mudou de prisma; e, querendo concilia-las com a opinião palinodica, em nota a pags. 8 da sua *Esperteza*, declara que as escrevera — por *politesse française*. (1) Uma opinião não perde o seu valor moral ao capricho das impressões do individuo; elle é que dá um deploravel documento de character, e só degradando-se moralmente é que póde invalidar o seu primeiro juizo. Não é este o primeiro caso que encontro na minha vida literaria; estes desconcertos, porém, justificaram-se sempre por fórmulas de alienação e de degenerescencias patologicas.

Theophilo Braga.



(1) Carrilho Videira forneceu este fragmento da carta de 1884, e renegada em 1887, ao dr. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, que o publicou no « Instituto », de Coimbra, em 1890, vol. 37, a pg. 141. Teixeira Bastos tambem o transcreveu no estudo sintetico que publicou em 1893.

UMA NOTA FINAL

Mandámos as folhas desta correntia chacota, á medida que iam saindo, a um talentoso moço brasileiro, que muitissimo prezamos, pela sua hombridade e pelo seu criterio. Do Rio, á hora de fechar esta epopéa do riso e da galhofa, recebemos as suas impressões. E, não obstante um nosso amigo maranhense, a quem mostrámos o manuscrito, levados pelo mesmo fervor de camaradagem, nada achar que denotasse chauvinismo da nossa parte, mas sim um justissimo preito á literatura portugueza, de par com uma homenagem convicta ás personalidades marcantes da literatura braziliã, apesar disso, reiteramos, aquelloutro nosso amigo, após umas frases amabilissimas, objecta-nos:—«Vocè mantém uma attitude hostile ao Brazil, que mal se disfarça. Não foi habil, positivamente». Concordamos aqui: nós não somos habeis! Temos o defeito de revelar-nos francamente, com franqueza demasiada até. Entendemos que o melhor dos respiraculos da verdade é a rudeza, uma vez documentada. Desde-nhamos os rodcios,—os amavios hermafroditas. E, ao escaqueirar o sr. Silvio Romero, que, em livros de *historia* emprega o estilo de panfleto, zargunhando os seus patricios e o seu paiz com a mesma versatilidade com que enlameia Portugal, os seus homens e as suas cousas, servimo-nos das expressões espontaneas dum sincero. Não se confundam, porém, os nossos comentarios provadissimos com as afirmações anti-escrupulosas de Silvio. Nós, usando o mais que pleno direito de contradizer os refalsados confrontos do mentecapto, restringimo-nos á linha preserita aos livros de combate, sem presunções graves de critico ou historiador, empregando o vocabulario inerente, ao passo que aquella «sumidade mentab», consoante escreve eu com a veseira complacencia o poderoso estilista Abel Botelho, não duvidou amarrar a sua patria, em volumes de *historia*, e portentosa, repisamos, a um poste de incapacidade e de ignominia—uma recua de mesliços, *moraes e fisicos*. Alguns conselheiros estranharão, talvez, por outro lado, que nós puzessemos em fogo uma linguagem panfletaria, como se o assunto, redizemos, não requeresse exactamente a propriedade legitima dessa fórma. Mas aplaudiram que *historiadores*, no disfrute dos 40, 50 e 60 annos, se arremangassem em improprios estilisticos de a-pedido, essa linda criação unica, donde jorraram para as sciencias e para a filosofia os silvios. Estamo-los ouvindo—a esses censores duma figa!

Rosnam esses Accacios: quem tem a razão da sua banda não precisa de insultar. (Elles mascararão esta represalia natural, documentadissima, por causa da sua adjectivação sacudida, com o sainete de *insulto*). São cristãos—esses conceituados apreciadores. Professam a moral do Cristo: receber numa face a bofetada e offerecer a outra para a segunda. Não adotamos essa moral. Quem nos dê um pontapé ha de apanhar outro e, se possivel fôr, mais seguro e mais forte, bem apontado ás nadegas. Tudo consiste em não errar o alvo! Teria graça que, ao recebermos um safanão, retrucassemos

com ponderações ordeiras, dogmaticas, pacatas. Mas nós conhecemos a primor esses refinadissimos sensatos. Bulam com qualquer delles, embora com razão—e te-lo-eis respondendo nas secções livres á laia das marafonas, argumentando com os calotes dos vossos avós e as relações das vossas comadres. A isso é que não recorreremos. Ha na zarzuella espanhola *Los africanistas* uma personagem que pergunta á outra :—*Usted nunca se ha comprimido ?!*... E o outro responde-lhe que não. Assim estamos nós. Viemos cá ao planeta para desenvolver-nos e dizer o que e como pensamos—e não para engelhar-nos, para comprimir-nos. Esse habito quadra bem aos velhos e aos hypocritas. Somos latinos,—da civilisação dos taes decadentes... Repudiamos as virtudes apregoadissimas dos anglo-saxonios e nada queremos de commum com o santissimo Leão XIII, que por um lado préga socialismo e por outro, em manifesto publico, infirma todas as resoluções papaes contrarias aos jesuitas, confirmando-lhes todas as regalias concedidas pela curia e leuando-lhes o zelo apostolico !...

A ligeira observação do nosso bom amigo proporciona-nos o ensejo de narrar uma sintetisadora anedota, prevenindo o que de futuro nos assaquem os malevolos. Um maniaco das letras, italiano, tinha por habito engrandecer Ariosto, sempre que na sua frente se elogiava Dante. Expoz-se em duello varias vezes e á sexta ou setima, gramnou uma estocada que o ia virando. Padeceu horrores no leito. E, quando já estava em via de restabelecimento, ao aconselhar-lhe o medico que nunca mais se envolvesse em semelhantes pugnas, o ardoroso campeão de Ariosto e figadal adversario do Dante retorquiulhe, em tom plangente :—*E, no entanto, sr. doutor, eu nunca os li, nem um, nem outro !...* É o caso. Leiam se com calma as nossas repetidissimas citações das blasfemias de Silvio e verificar-se-á que elle é que é hostii ao Brazil e ás suas lidimas glórias. Nós empenhámo-nos em resalvar as letras portuguezas, e particularmente a pessoa e a Obra de Teofilo Braga,—de que o sr. Silvio não compreendeu patavina, e em especial a *teoria dos mosarabes* e a *turana*, (1) ha muito esclarecidissimas scientificamente—, o gigantesco historiador da literatura portugueza e por certo a mais complexa e alta personalidade intellectual de Portugal, em todos os tempos,—«o genial architecto da civilisação portugueza integral», segundo insculpe Alice Pestana (*Caíel*), a primeira escritora luziada, ao offerir-lhe os seus alentadores *Comentarios á vida*,—um dos «poucos homens dotados

(1) Permíta-se-nos ainda aqui, a proposito, uma apostilla, para demonstrar mais uma das inacabaveis contr dicções de Silvio, pois que elle não cessa de businar, nos seus livrecos, que foi o primeiro a combater o «tu anismo», de encontro a Teofilo, orientação em que levemente foi seguido por Martins, junior, no seu proveitoso «Compendio de Historia geral do direito». Escutem o palmado :—«Tão longe quanto é pos ivel subir na corrente dos tempos, logo que os hellenos, os latinos, os celtas, os germanos, etc., aparecem na historia, ja se nos antolham com os seus caracteres distinctivos». O mesmo podemos dizer das velhas raças semificas «e turanas».—«Estudos de literatura contemporanea», pg. 211. Infere-se daqui que Silvio nesta data acreditava no turanismo, sem todavia referir o autor da teoria, como sempre!

de tanto talento e de tantos talentos», na opinião do malogrado indiano Moniz Barreto,—um nome que é um simbolo, na frase de Izidoro Martins, junior,—o mais forte, o mais rijo, o mais energico temperamento que eu tenho conhecido, no dizer de Ramalho Ortigão. o qual frisa mais que a Obra do autor do *Sistema de sociologia*—«é o trabalho de uma geração inteira,—a tarefa de uma academia provida de todos os grandes instrumentos de trabalho».—*Os homens de hoje*, n. 1, 1880. Por igual nos esforçámos em defender os nomes de Gonçalves Dias, «o talento mais completo da literatura brasileira», no justissimo juizo do sr. José Verissimo, os de João Lisboa, Fagundes Varella, Souza Andrade, Celso Magalhães, Escragnolle Taunay, Machado de Assis, Teixeira Mendes, Luiz Delfino, a quem o sr. Silvio na *Hist. da literatura brasileira* chama «o mais acabado tipo do volantin das letras» e na soberbamente divertida *memoria* do *Livro do centenario*, pg. 71,—na qual vem tambem uma archi-pagodial classificação literaria—, sagra «o maior poeta do Brazil», etc., etc.

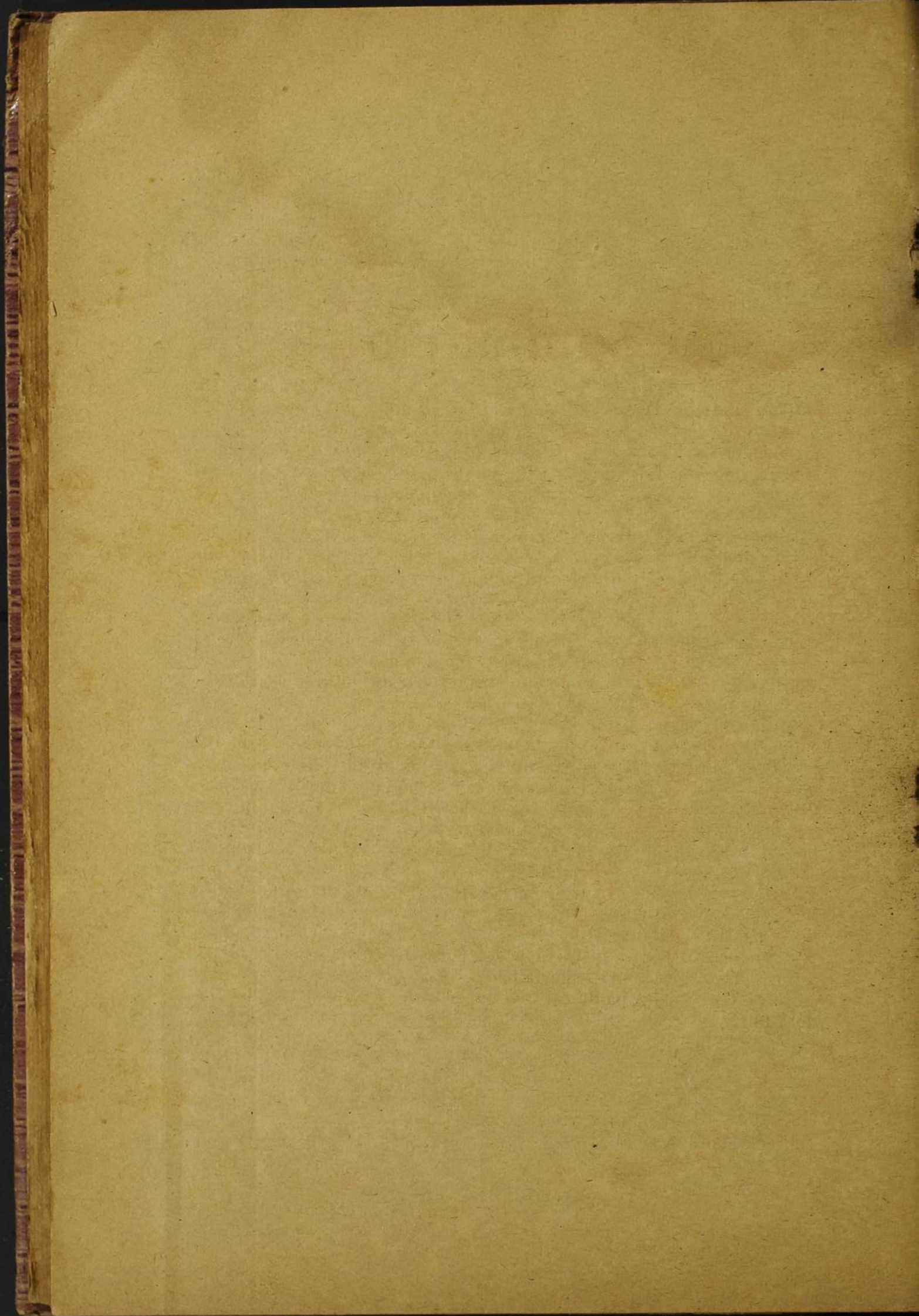
Atirem-nos os inconscientes e os perversos tudo—canalha, aventureiro, mercenario, ladrão, bebedo, etc. Já houve um que nos desfechou isso. E, perguntando-lhe um nosso amigo se nós eramos assim tão patifes, o bilhostre gaguejou incontinentemente:—*Qual! Fantasiei aquillo, porque não sabia o que lhe havia de responder!*... Digam tudo, sim, os pobres de espirito, os deslavados. Mas não coquem os sensatos uma bestificante questão de nacionalidades no que apenas se condensa num arranque de pundonor literario—e num esca-beche do fendido moinho Silvio! Isto, cremos, não significa hostilidade ao Brazil,—antes pelo contrario.

Porque não é, não póde ser, hostil ao Brazil quem, dois mezes depois de chegada a estas paragens, em 1895, promovia no Rio, com Teodoro Magalhães, Felix Pacheco, Daltro Santos e outros moços, o centenario de José Basilio da Gama! Não póde ser hostil ao Brazil quem, primeiro que ninguem, alvitrou na Capital Federal a idéa da celebração do Centenario Brasileiro! Não póde ser hostil ao Brazil quem intitulou e fundou, com Adolfo Caminha, Oliveira Gomes e Frota Pessoa, o mensario *A Nova Revista*! Não póde ser hostil ao Brazil quem estimulou Lorjô Tavares a instituir o *Brazil-Portugal* e alvitrou a execução do Numero Extraordinario do Centenario, feito por este luxuoso magazine! Não póde ser, não é, hostil ao Brazil quem não se cança de propagar em Portugal os literatos brasileiros e, no proprio Brazil, os escriptores dos Estados!

Não! Se nós fossemos adversos á Republica Brasileira, não faríamos este livro, nem nos preocupariamos com taes manigancias:—encheríamos o sacco e ir-nos-íamos embora caladinhos, dando energicas e mudas bananas para o grandioso centro da civilização futura, na previsão de Humboldt, como fazem outros povos—e ainda ha pouco fez, da pépa dum navio, depois de desgraçar o seu Estado natal, o sr. José Ramalho, ex-governador do Amazonas!...

Façam-nos justiça e acreditem-nos leaes, sincerissimos e sem vãos preconceitos.

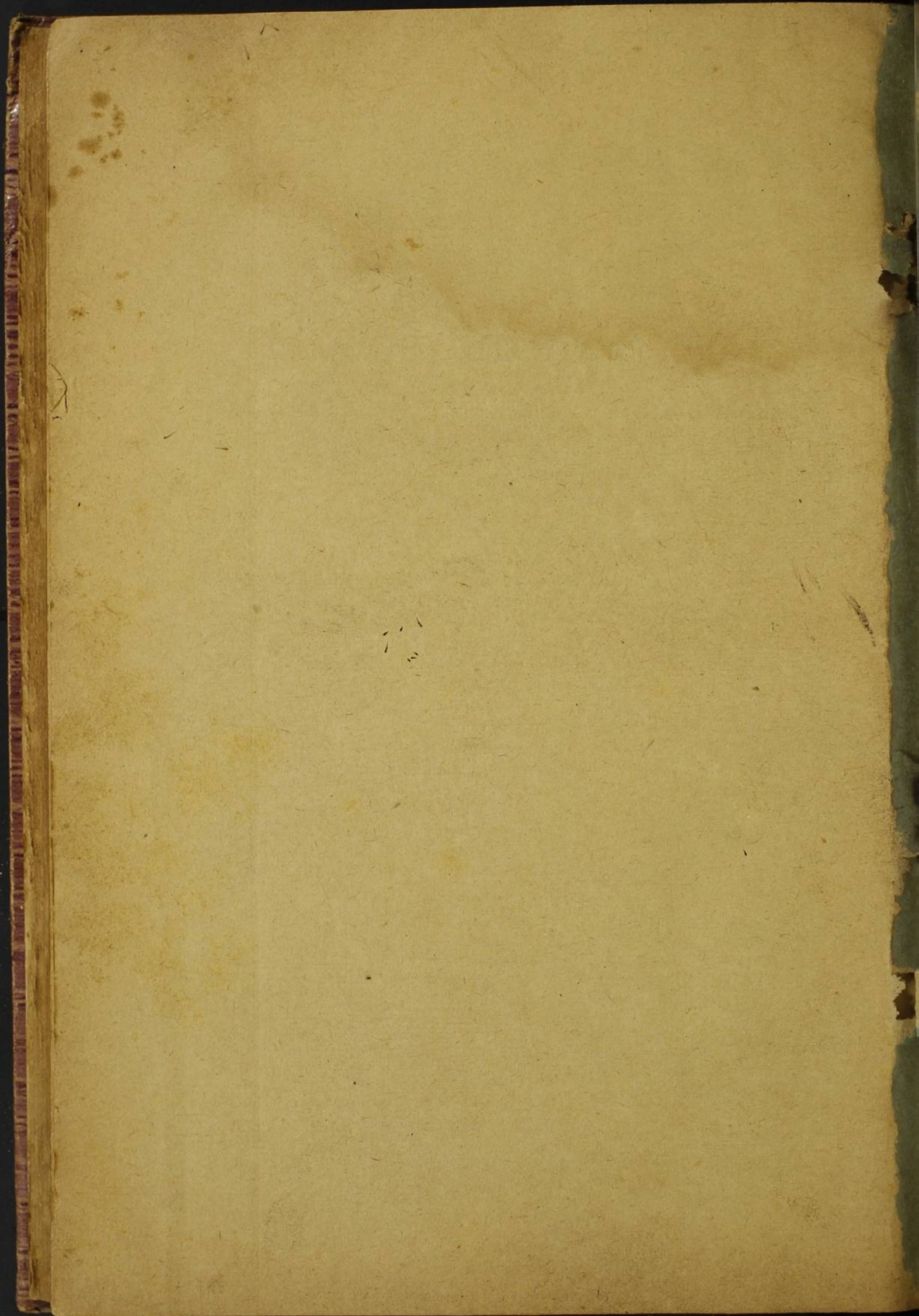
F. P.

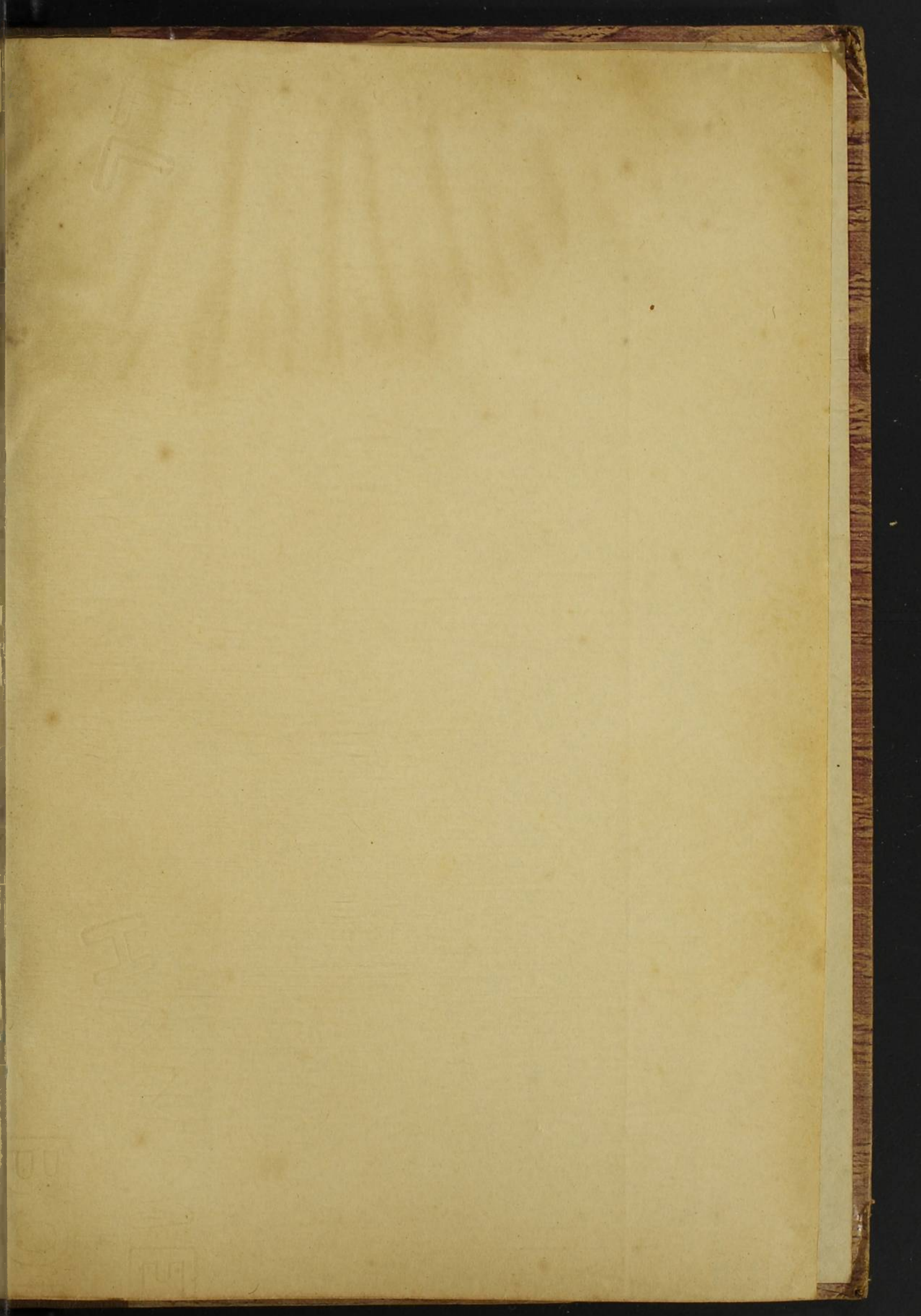


Summario

Primeira dóze:—Os motivos desta epopéa.—A primeira cabaça.—Pelo dedo se conhece o gigante!—De como o Brazil deve tudo a Portugal, devendo porisso corre-lo a pau!—De como uma historia tão grande se tornou em pequeninas historias da carochinha!—De como os verdadeiros brasileiros são os ignorantes, os garotos e os desbragados!—Quem foi o fundador—o mestre-escola ou o amante das mulatas?...—De como os humildes Esquecidos passam a geniaes Lembrados.—O Judeu—coitado!—feito bobo!...—As pitadas do Pitta.—Os inconfidentes foram tudo e não foram cousa alguma!—A's modinhas do Caldas, xentes!—Em que ficamos? Diz-se ou não se diz mal dos homens?!...—Os patriarcas, a sua sciencia, Buffon e o córte das madeiras.—De como Queiroga podia muito bem ter sido Victor Hugo, se Silvio o prevenisse a tempo...—Elle a dar-lhe e a burra a fugir-lhe!—Prova-se que Baltazar foi grande e pequeno e que Leopoldo não foi Disraeli, nem Gladstone, nem Guizot!—Ainda na grande época!—Mais café, nhá Maria!—Arrancam ou não arrancam?!...—Considera-te extinto, ó Gonçalves Dias!—Azevedo e os respeitos retrospectivos.—Ai de vós, ó tristes companhias de navegação!—O Bernardo, 3.ª incarnação, e a collocação dos pronomes.—Os pés das bellas e o garrote!—As mortes a proposito ou a nova peste bubonica e os charlatães nacionaes.—As maravilhas de Sergipe.—Verdes e maduros.—Cesse tudo quanto a antiga musa, porque Tobias se alevanta!—Que conterà aquella cabaça, minhocas, pevides, massa de fosforo ou pó de sapato?!...—De como um escritor imparcial e maduro conclue as suas historias com imparcialissimas e madurissimas gaiatices!

Segunda trepa:—Os manos siamezes.—A raposa e as uvas.—Silvio contra Silvio.—O espertalhão.—O sr. Araripe e os seus parceiros.—Cá e lá.—A pá de cal.—Uma carta de Teófilo Braga.—Uma nota final.





18177

